

Agatha Christie

A MALDIÇÃO DO ESPELHO

L&PMROCKET



Agatha Christie

**A MALDIÇÃO DO
ESPELHO**

Tradução de PETRUCIA FINKLER

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

*Para
Margaret Rutherford
com admiração*

Foi-se a rede, esvoaçante saiu;
O espelho inteiro se partiu;
“A maldição se abateu sobre mim”, bramiu
A Lady de Shalott^[1]
Alfred Tennyson

^[1] Out flew the web and floated wide; / The mirror crack'd from side to side; / “The curse is come upon me”, cried / The Lady of Shalott (N.T.)

CAPÍTULO 1



I

Miss Jane Marple estava sentada junto à janela. Da poltrona, avistava o jardim que um dia já fora uma fonte de orgulho para ela. Já não era mais assim. Agora se retraía ao olhar para fora. Estava proibida de fazer atividades de jardinagem há algum tempo. Nada de se abaixar, nada de cavoucar, nada de plantar — no máximo, poderia podar de leve alguma coisa. O velho Laycock vinha três vezes por semana e, sem dúvida, dava o melhor de si. Porém, esse melhor, na prática (que não era lá grande coisa), era apenas o melhor do ponto de vista dele, e não daquele de sua patroa. Miss Marple sabia exatamente o que e quando queria que cada coisa fosse feita e o instruía de acordo. O velho Laycock, por sua vez, procedia conforme sua particular capacidade de concordar com entusiasmo primeiro, para não cumprir com o combinado depois.

— Isso mesmo, dona. A primeira coisa que vamos fazer na semana que vem é botar as papoilas lá e as campânulas junto do muro, como a senhora diz.

As desculpas usadas por Laycock eram sempre razoáveis e apresentavam uma forte semelhança com aquelas usadas pelo Capitão George, personagem de *Três homens em um barco*[\[1\]](#), quando desejava evitar sair ao mar. No caso do capitão, o vento nunca estava certo, ou soprava do alto-mar, ou era costeiro, ou vinha do oeste inconstante, ou, ainda pior, daquele leste traiçoeiro. A de Laycock era o tempo. Estava muito seco, molhado demais, encharcado, ou havia um quê de geada no ar. Ou então, algo de grande importância precisava ser feito antes (em geral ligado a repolhos ou couves-de-bruxelas, que ele gostava de plantar em quantidades excessivas). Os princípios de jardinagem de Laycock eram singelos, e nenhum empregador, por mais inteligente que fosse, conseguiria mudar os hábitos dele.

Eles consistiam em um vasto número de xícaras de chá, bem forte e doce, para encorajá-lo ao serviço, uma boa varrida nas folhas secas no outono e o plantio de certa quantidade de mudas de suas flores favoritas, praticamente só ásteres e sálvias; para “ficar bem bonito”, como ele dizia, no verão. Era totalmente a favor de borrifar as rosas para protegê-las dos pulgões, mas demorava-se em dar conta disso e, ao pedido para que preparasse valetas mais

profundas para as ervilhas-de-cheiro, respondia que a patroa precisava ver as ervilhas dele! Ficaram uma beleza no ano passado, e não precisaram de nenhum melindre na preparação.

Para ser justo, ele era apegado a seus padrões, satisfazia as vontades deles em matéria de horticultura (contanto que elas não envolvessem nenhum trabalho pesado de fato), mas sabia que as verduras eram a base da vida, como um bom repolho ou uma boa couve-crespa; as flores eram um negócio sofisticado que as madames faziam questão de cultivar por não terem nada melhor com que ocupar o tempo. Demonstrava sua afeição presenteando-as com os já mencionados ásteres, sálvias, com flores de lobélia e crisântemos de verão.

— Andei fazendo uns serviços naquelas casas novas lá do Loteamento. Querem os jardins bem ajeitados, querem mesmo. Como tinham mais mudas do que precisavam, então trouxe umas para cá e já botei no lugar daquelas roseiras antigas que não andam mais tão bem.

Pensando nessas coisas, Miss Marple desviou o olhar do jardim e apanhou o tricô.

Era preciso encarar os fatos: St. Mary Mead já não era mais o lugar de sempre. De certo modo, claro, nada era o que já fora um dia. Seria possível culpar a guerra (as duas) ou a nova geração, ou as mulheres que agora saíam para trabalhar, ou a bomba atômica, ou simplesmente o governo; mas tudo isso apenas atestava o simples fato de que a pessoa estava ficando velha. Miss Marple, que era uma senhora sensata, sabia disso muito bem. Só que, estranhamente, sentia isso de modo mais intenso em St. Mary Mead, por já ser o seu lar há tanto tempo.

St. Mary Mead, o antigo núcleo medieval do povoado, permanecia lá. O Blue Boar continuava lá, a igreja, a casa do vigário e também o pequeno reduto de casas no estilo Queen Anne e georgiano, do qual fazia parte a dela. A casa da srta. Hartnell ainda estava lá, bem como a própria srta. Hartnell, lutando com todas as forças contra o progresso. A srta. Wetherby falecera, e a casa agora era ocupada pela família do gerente do banco e recebera uma boa reforma na fachada, teve as portas e janelas pintadas em um tom de azul-royal. Havia novos moradores na maior parte das casas antigas, mas as construções em si haviam mudado muito pouco em termos de aparência, já que as pessoas que as compravam o faziam por gostar do que o pessoal da imobiliária chamava de “charme medieval”. Apenas acrescentavam mais um banheiro e gastavam um bom dinheiro com encanamento, fogões elétricos e máquinas de lavar louça.

No entanto, embora as casas mantivessem a mesma aparência de sempre, o mesmo não se poderia dizer da rua principal. Quando as lojas mudavam de mãos, era porque já se tinha em vista uma modernização imediata e destemperada. A peixaria estava irreconhecível, com suas novas supervitrines, onde cintilavam os peixes refrigerados. O açougueiro se mantivera conservador; carne boa é sempre carne boa, para os que podem pagar. Quem não puder que

leve os cortes menos nobres, a carne de pescoço, e dê-se por satisfeito! A mercearia do sr. Barnes ainda estava lá, sem nenhuma modificação, o que fazia a srta. Hartnell, Miss Marple e algumas outras darem graças aos céus todos os dias. Tinha umas cadeiras tão convidativas e confortáveis para se sentar junto ao balcão, além das conversas acolhedoras para debater os cortes de bacon e as variedades de queijo. Ao final da rua, entretanto, onde em outros tempos o sr. Toms tivera sua loja de cestos, encontrava-se um supermercado novo e reluzente; o anátema das senhoras idosas de St. Mary Mead.

— Embalagens e mais embalagens de coisas que ninguém nunca nem sequer *ouviu* falar — exclamava a srta. Hartnell. — Todas aquelas caixas de cereal para o café da manhã, em vez de se cozinhar para uma criança uma refeição decente de bacon com ovos. E ainda se espera que a própria cliente carregue a cesta *consigo* e saia pelos corredores procurando as coisas; chega-se a levar uns quinze minutos, às vezes, para achar tudo o que se procura e, geralmente, ainda vem empacotado em tamanhos inconvenientes, grandes ou pequenos demais. E, depois, há uma fila enorme esperando para pagar na hora de sair. Uma coisa das mais cansativas. É claro que está tudo muito bem para os moradores do Loteamento...

E ali ela cortava o assunto.

Porque, como já se tornara costume, a frase encerrava ali. O Loteamento, ponto, como diriam em linguagem moderna. Tratava-se de uma entidade própria, com direito a inicial maiúscula.

II

Miss Marple deixou escapar uma exclamação aguda de aborrecimento. Mais uma vez deixara cair um ponto. Não só isso: como devia tê-lo deixado escapar já há um bom tempo. E só então percebeu o fato, quando teve de diminuir para fazer a gola e precisou contar os pontos. Apanhou uma agulha sobressalente, segurou o trabalho em tricô de lado contra a luz e examinou com ansiedade. Nem mesmo os óculos novos pareciam colaborar com ela. E isso, refletiu, era porque, obviamente, chegava um momento na vida em que os oculistas, apesar das salas de espera luxuosas, dos equipamentos de última geração, das luzes brilhantes que jogavam nos olhos das pessoas e dos preços altíssimos que cobravam, já não poderiam fazer mais nada pelo paciente. Miss Marple lembrou saudosa do quanto sua visão ainda era boa há poucos (bem, talvez não tão *poucos* assim) anos. Daquela vista privilegiada que tinha do jardim, uma localização formidável para se ver tudo que se passava em St. Mary Mead, tão pouco escapara ao seu olhar observador! E, com a ajuda de seu binóculo para observar aves (como era *útil* aquele interesse pelos passarinhos!), tivera a oportunidade de testemunhar... Aqui ela começou a divagar e deixou seus pensamentos lhe transportarem de volta ao passado. Ann Protheroe com seu vestido de verão indo passear no jardim da paróquia. E o coronel Protheroe — pobre coitado —, um homem muito fastidioso e desagradável, isso é certo... mas morrer assassinado daquele jeito... Balançou a cabeça e passou a se lembrar de Griselda, a esposa jovem e bonita do pastor. A estimada Griselda... uma amiga tão leal... enviava um cartão de Natal todos os anos. Aquele bebê lindo dela agora se transformara em um rapaz musculoso, e com um ótimo emprego. Engenharia, não era isso? Sempre gostara *de fato* de desmontar seus trenzinhos mecânicos. Para além da paróquia, ficavam a escadaria e a trilha pelo campo, com o gado do fazendeiro Giles logo adiante nas clareiras, onde agora, agora...

Era o Loteamento.

E por que não? Miss Marple perguntou-se com firmeza. As coisas tinham de ser dessa forma. As casas eram necessárias e muito bem construídas, ao menos foi o que lhe disseram. “Urbanismo” ou como quer que chamavam aquilo. Agora, o motivo por que tudo tinha de se chamar travessa, isso ela não conseguia entender. Travessa Aubrey, Travessa Longwood, Travessa Grandison e ainda todas as outras. Na verdade, não eram travessas de jeito nenhum. Miss Marple sabia perfeitamente o que era uma travessa. Seu tio fora cônego da catedral de Chichester. Quando criança, fora visitá-lo e conhecera uma travessa.

Igual a Cherry Baker, que sempre insistia em chamar a antiga e abarrotada sala de visitas de “estar social”. Miss Marple a corrigia com delicadeza: “É a sala de visitas, Cherry”. E

Cherry, porque era mais jovem e muito gentil, se esforçava para lembrar, mas era óbvio que, para ela, “sala de visitas” era uma expressão muito engraçada de se usar; e “estar social” saía muito mais naturalmente. Ultimamente, no entanto, concordara em dizer “sala de estar”. Miss Marple gostava muito de Cherry. Era conhecida como sra. Baker e morava no Loteamento. Fazia parte do destacamento de jovens esposas que faziam compras no supermercado e rodavam os carrinhos de bebê pelas ruas calmas de St. Mary Mead. Elas eram todas desenvoltas e bem-vestidas. Os cabelos eram arrumados e cacheados. Riam, conversavam e telefonavam umas para as outras. Eram como um alegre bando de passarinhos. Dada a insidiosa tentação das compras a prazo, estavam sempre precisando de dinheiro na mão, embora os maridos todos ganhassem bons salários, e então saíam para fazer algum trabalho doméstico ou cozinhar. Cherry era uma cozinheira rápida e eficaz, era uma moça inteligente, anotava direitinho os recados e era ligeira em descobrir erros de cobrança nas cadernetas dos comerciantes. Não era muito dada a virar os colchões e, quanto ao jeito de lavar louça, Miss Marple agora passava pela porta da copa virando o pescoço para evitar enxergar o método usado por Cherry, que se resumia em jogar tudo dentro da pia ao mesmo tempo e largar uma enxurrada de detergente em cima. Miss Marple, discretamente, tirara seu antigo aparelho de chá de Worcester de circulação, guardando-o num canto do armário, de onde só emergia em ocasiões especiais. Como substituto, comprara um jogo moderno com uma estampa cinza e nenhum detalhe folheado a ouro que pudesse ser destruído ao ser lavado na pia.

Como fora tudo tão diferente em outros tempos... A fidelíssima Florence, por exemplo, fora uma criada exemplar; também passaram por ali Amy, Clara e Alice, umas “mocinhas muito boas”, que chegavam do orfanato de St. Faith para serem “treinadas” e dali seguirem para empregos com salários melhores em outros lugares. Algumas delas haviam sido tão simplórias, com frequência eram fanhas, e Amy, claramente “lerdinha”. Fofocavam e bisbilhotavam com as outras empregadas do vilarejo e, no fim, terminavam se envolvendo com o assistente da peixaria, ou o aprendiz de jardineiro da prefeitura, ou um dos inúmeros funcionários da mercearia do sr. Barnes. Miss Marple relembra tudo com afeto, pensando em cada um dos casaquinhos de lã que tricotara para a prole que se seguiu. Nenhuma delas fora muito boa com o telefone e todas eram péssimas na matemática. Por outro lado, sabiam lavar louça e arrumar uma cama. Tinham habilidades em vez de educação. Era estranho que, nos tempos atuais, fossem as moças estudadas que se oferecessem para fazer as tarefas domésticas. Estudantes estrangeiras, as mocinhas au pair, estudantes universitárias em férias, jovens casadas como Cherry Baker, que moravam nas falsas travessas dos novos empreendimentos imobiliários.

Ainda havia, é claro, pessoas como a srta. Knight. Esse último pensamento lhe ocorreu no instante em que os passos da srta. Knight, no andar de cima, fizeram tilintar os castiçais sobre a lareira do andar inferior. A srta. Knight, era óbvio, já concluía seu descanso da tarde e sairia então para sua caminhada vespertina. Em alguns instantes, viria perguntar se Miss Marple precisava de qualquer coisa do centro. Pensar na srta. Knight causou a reação de sempre em Miss Marple. É claro que era muita generosidade do seu querido Raymond (seu sobrinho), e não havia ninguém mais gentil do que a srta. Knight, claro que aquele ataque de bronquite *deixara-a* de fato muito fraca, e o dr. Haydock fora incisivo ao declarar que ela não poderia continuar dormindo sozinha naquela casa contando apenas com as companhias diurnas, mas... Interrompeu-se ali, pois de nada adiantava continuar com aquela ideia de: “Se pelo menos fosse alguma outra pessoa que não a srta. Knight”. Mas as senhoras de idade não tinham muita escolha nos dias de hoje. Governantas dedicadas estavam fora de moda. Em caso de doença séria, era possível conseguir uma enfermeira profissional, mas a um custo imenso e depois de procurar muito; ou a pessoa poderia ir para um hospital. Porém, passada a fase crítica da doença, restavam as senhoritas Knight.

Não havia, considerou Miss Marple, nada de errado com as senhoritas Knight, a não ser pelo fato de que eram insuportavelmente irritantes. Eram cheias de gentilezas, preparadas para sentirem ternura pelos pacientes, para alegrá-los, serem joviais e simpáticas com eles e, em geral, tratá-los como se fossem crianças com leves problemas mentais.

“Mas eu”, pensou consigo Miss Marple, “embora seja velha, *não* sou uma criança com retardo mental.”

Naquele momento, ofegante como de costume, a srta. Knight surgiu saltitante na sala. Era uma mulher grande, um tanto flácida, de 56 anos, com os cabelos grisalhos amarelados presos com cuidado, óculos, um nariz longo e fino e, logo abaixo, uma boca afável e um queixo discreto.

— Aqui estamos! — exclamou com uma espécie de intempestividade radiante que tinha como objetivo alegrar e animar o tristonho crepúsculo dos velhos. — Espero que *nós* tenhamos tirado nosso soninho da tarde?

— *Eu* estava tricotando — respondeu Miss Marple, procurando enfatizar o pronome — e deixei — continuou ela, confessando sua inépcia com desgosto e vergonha — cair um ponto.

— Ah não, minha querida — disse a srta. Knight. — Bem, logo, logo vamos consertar isso, não vamos?

— Você vai — respondeu Miss Marple. — *Eu*, infelizmente, não tenho capacidade de fazê-lo.

A leve acidez do tom de voz passou despercebida. A srta. Knight, como sempre, estava ansiosa para ajudar.

— Aí está — disse depois de alguns instantes. — Pronto, querida. Já está tudo resolvido.

Embora Miss Marple estivesse perfeitamente de acordo em ser chamada de “querida” (ou mesmo de “flor”) pela mulher do verdureiro ou a moça da papelaria, ficava bastante incomodada em ser chamada de “querida” pela srta. Knight. Mais uma das coisas que as senhoras de idade têm de suportar. Agradeceu à srta. Knight com polidez.

— E, agora, estou de saída para minha caminhadinha — anunciou a srta. Knight, fazendo graça. — Não vou me demorar.

— Por favor, nem sonhe em se apressar — disse Miss Marple com educação e sinceridade.

— Bem, não gosto de deixá-la sozinha por muito tempo, querida, para que não fique abatida.

— Posso lhe assegurar que estou muito feliz — afirmou Miss Marple. — Provavelmente vou tirar — ela fechou os olhos — uma sonequinha.

— Faça isso mesmo, querida. Gostaria que lhe trouxesse alguma coisa?

Miss Marple abriu os olhos e ponderou.

— Poderia ir ao Longdon's e ver se as cortinas ficaram prontas. E talvez mais um novelo de lã azul da sra. Wisley. E uma caixa de pastilhas de cassis do boticário. E troque meu livro na biblioteca; mas não deixe que lhe entreguem algum que não esteja na minha lista. Este último era terrível. Nem consegui ler.

Ela estendeu a mão devolvendo *O despertar da primavera*.

— Minha nossa, minha querida! A senhora não gostou? Achei que iria adorar. É uma história tão bonita.

— E, se não for muito longe para você, talvez não se incomodasse em dar uma passadinha na Halletts e ver se eles têm um daqueles batedores para ovos com movimento de baixo para cima; *não* daqueles de girar a manivela — ela sabia muito bem que não tinham nada do tipo, mas a Halletts era a loja mais distante dali. — Se não for pedir demais... — murmurou.

Porém a srta. Knight respondeu com evidente sinceridade.

— De modo nenhum. Será um prazer.

A srta. Knight adorava ir às compras. Era o que dava sentido à vida dela. Encontrava as pessoas conhecidas e podia bater papo, fuxicava com as balconistas e tinha a oportunidade de examinar vários artigos em lojas diferentes. E era possível passar boa parte do dia envolvida com essas agradáveis ocupações, sem nenhum sentimento de culpa com relação à hora de

voltar para casa.

Sendo assim, a srta. Knight partiu alegremente, depois de olhar uma última vez para a frágil velhinha, descansando tão plácida junto à janela.

Após aguardar alguns minutos, para caso a srta. Knight decidisse voltar para apanhar uma sacola de compras, uma bolsa, ou um lenço (tinha o costume de esquecer coisas e retornar várias vezes), e também para se recuperar da leve fadiga mental induzida por ter de pensar em tantas coisas desnecessárias para pedir a ela, Miss Marple levantou-se cheia de energia, abandonou o tricô e atravessou a sala decidida em direção ao hall. Tirou do gancho o seu casaco de verão, apanhou a bengala do cabide e trocou os chinelos por um par de sapatos reforçados, próprios para caminhar. Em seguida, saiu de casa pela porta lateral.

“Ela vai levar pelo menos uma hora e meia”, estimou Miss Marple consigo. “Sem dúvida... com toda aquela gente do Loteamento fazendo compras.”

Miss Marple visualizou a srta. Knight na Longdon's fazendo perguntas infrutíferas sobre as cortinas. Suas suposições foram excepcionalmente acertadas. Naquele mesmo instante, a srta. Knight estava exclamando:

— É claro, eu mesma tinha quase certeza de que ainda não estariam prontas. Mas lógico que me prontifiquei a passar aqui para verificar quando a velhinha comentou. Pobres desses velhinhos, eles têm tão pouco com que se ocupar. A gente deve fazer as vontades deles. E é uma senhora tão doce. A cabeça já está falhando um pouco agora, o que é natural; as faculdades deles vão diminuindo. Mas que tecido bonito aquele ali. Tem também em outras cores?

Passaram-se agradáveis vinte minutos. Quando a srta. Knight enfim saiu dali, a atendente mais antiga comentou com uma fungadela:

— A cabeça já está falhando, ah é? Só acredito quando enxergar com meus próprios olhos. A velha Miss Marple sempre teve uma mente perspicaz, e eu diria que ainda tem. Então foi dar atenção a uma moça com calças justas e uma blusa de lona em busca de um tecido plastificado com estampa de caranguejo para fazer cortinas de banho.

“Emily Waters, eis quem ela me lembra”, Miss Marple falava consigo com a mesma satisfação que sempre demonstrava ao conseguir comparar a personalidade de alguém com outra pessoa que conhecera no passado. “O mesmo cérebro de passarinho. Vejamos, o que aconteceu com Emily?”

Nada de mais, foi a conclusão a que chegou. Num dado momento quase noivou com um cura, mas, depois de se darem tão bem por tantos anos, o romance arrefeceu. Miss Marple tirou a auxiliar de enfermagem da cabeça e prestou atenção em seu entorno. Havia atravessado

o jardim depressa, reparando apenas, pelo canto do olho, que Laycock podara as roseiras tradicionais de um jeito que convinha mais a uma roseira híbrida-de-chá, mas não permitiu que aquilo a perturbasse ou a distraísse do delicioso prazer de ter escapado para um passeio por conta própria. Tinha uma feliz sensação de aventura. Dobrou à direita, entrou pelo portão da paróquia, pegou o atalho do jardim e desembocou numa passagem. Onde antes ficava uma escadaria, agora havia um portão de ferro que dava entrada para uma estrada de asfalto bem preto. Aquele caminho levava a uma bonita pontezinha sobre o córrego e, do outro lado deste, onde em outros tempos se via um clarão e vacas pastando, agora se encontrava o Loteamento.

[1]Three Men in a Boat, romance do escritor britânico Jerome K. Jerome. (N.T.)

CAPÍTULO 2



Com a mesma sensação de Cristóvão Colombo ao zarpar para descobrir o novo mundo, Miss Marple atravessou a ponte, continuou seu caminho e, em quatro minutos, chegou à Travessa Aubrey propriamente dita.

Claro que Miss Marple já havia visto o Loteamento ao passar pela Market Basing Road, ou seja, vira de longe as suas travessas e fileiras de casas jeitosas e bem construídas, com antenas de televisão e portas e janelas pintadas de azul, rosa, amarelo e verde. Mas até aí, o empreendimento imobiliário tivera apenas a mesma concretude de um mapa. Não havia estado nem morado lá. No entanto, agora se encontrava ali, observando o admirável mundo novo que desabrochava, um mundo que não se assemelhava em nada ao que ela já conhecia. Lembrava uma maquete bem-feita construída com tijolinhos de brinquedo. Sequer parecia real para Miss Marple.

As pessoas também não pareciam reais. As moças vestindo calças compridas, os rapazes e meninos de aparência bastante sinistra, as meninas de quinze anos com bustos exuberantes. Miss Marple não conseguia deixar de pensar que tudo dava a impressão de ser terrivelmente depravado. Ninguém reparava muito ao vê-la passar. Saiu da Travessa Aubrey e chegou à Travessa Darlington. Caminhava devagar e, ao passar, ouvia com avidez os fragmentos das conversas entre as mães que empurravam carrinhos, as moças que falavam com os rapazes e os jovens rebeldes de aspecto assustador (supunha que fossem jovens rebeldes) que faziam comentários cruéis uns para os outros. As mães apareciam na soleira das portas chamando por seus filhos, que, como sempre, estavam ocupados em fazer todas as coisas que os pais haviam proibido. “Os filhos”, refletiu Miss Marple com sentimento de gratidão, “não mudam nunca.” E, com isso, começou a sorrir e passou a anotar mentalmente sua usual série de identificações.

“Aquela mulher é igual a Carry Edwards... e a morena é igualzinha à filha dos Hooper; vai causar um estrago no seu casamento, bem como Mary Hooper fez. Aqueles garotos logo ali; o moreno é igual a Edward Leeke, fala bastante bobagem, mas não faz mal a ninguém, no fundo é um bom menino, o loirinho é o Josh da sra. Bedwell escrito. Bons meninos, os dois. O outro

com a cara de Gregory Binns não vai se acertar na vida, receio eu. Suponho que tenha o mesmo destino da mãe...”

Dobrou a esquina na Travessa Walsingham, e seu humor melhorava a cada segundo.

Aquele mundo novo era igual ao antigo. As casas eram diferentes, as ruas se chamavam travessas, as roupas eram diferentes, as vozes eram diferentes, mas os seres humanos continuavam os mesmos. E, embora usassem uma terminologia um pouco incomum, os assuntos das conversas eram os de sempre.

Como resultado de ter dobrado tantas esquinas enquanto explorava o local, Miss Marple perdera um pouco o seu senso de direção e chegara ao limite da região imobiliária. Estava agora na Travessa Carrisbrook, metade da qual ainda estava “em obras”. Na janela do primeiro andar de uma casa que estava quase terminada, havia um jovem casal. As vozes fluíam até ela enquanto os dois debatiam amenidades.

— Você tem de admitir que é uma boa localização, Harry.

— A outra era tão boa quanto.

— Esta tem dois quartos a mais.

— E você precisa pagar por eles.

— Bem, eu *gosto* desta.

— Só podia!

— Ai, não seja um estraga prazeres. Você sabe o que a mamãe disse.

— Sua mãe nunca para de falar.

— Não vá falar mal da minha mãe. O que seria da minha vida sem ela? E ela poderia ter sido muito mais severa. Poderia ter colocado você na Justiça.

— Ah, pare com isso, Lily.

— É uma vista ótima para os morros. Quase dá para ver... — ela se inclinou para fora da janela torcendo o corpo para a esquerda. — Quase dá para ver o reservatório...

Inclinou-se ainda mais, sem perceber que estava apoiando o peso em tábuas soltas que foram dispostas sobre o peitoril. Escorregaram com a pressão do corpo dela, deslizando para fora, arrastando a moça com elas. Ela gritou, tentando recobrar o equilíbrio.

— Harry...

O rapaz ficou parado sem se mexer; pouco mais de meio metro atrás dela. Ele deu um passo para trás...

Desesperada, agarrando-se à parede, a moça conseguiu se endireitar.

— Ufa! — ela suspirou assustada. — Quase que despenco lá embaixo. Por que não me segurou?

— Foi tudo tão rápido. De qualquer jeito, você está bem.

— Isso é o que você acha. Quase me fui, estou dizendo. E olhe só o meu vestido, está todo amassado.

Miss Marple seguiu um pouco adiante, mas, num impulso, voltou atrás.

Lily estava no meio da rua, esperando que o rapaz terminasse de trancar a casa.

Miss Marple foi até ela e falou rapidamente em voz baixa.

— Se fosse você, minha querida, não me casaria com aquele rapaz. É melhor ter alguém em quem possa confiar quando estiver em perigo. Deve me perdoar por lhe dizer isso... mas sinto que precisa estar prevenida.

A velhinha virou-se para ir embora, e Lily foi atrás dela.

— Bom, de toda a...

O noivo dela se aproximou.

— O que ela estava falando com você, Li?

Lily abriu a boca, porém decidiu fechá-la outra vez.

— Ficou me dando uns conselhos de cigana, se quer mesmo saber.

A moça observou o rapaz com bastante atenção.

Miss Marple, por conta da ansiedade de sair logo dali, dobrou a esquina, tropeçou em umas pedras soltas e caiu.

Uma mulher saiu correndo de uma das casas.

— Minha nossa, que queda feia! Espero que a senhora não tenha se machucado.

Com uma boa vontade quase excessiva, colocou os braços ao redor de Miss Marple e deu um puxão para colocá-la de pé.

— Não quebrou nenhum osso, espero... Agora, sim. Imagino que esteja se sentindo bastante abalada.

A voz dela era alta e simpática. Era uma mulher de uns quarenta anos, rechonchuda, de ossatura grande, cabelos castanhos — começando a ficar grisalhos —, olhos azuis e uma boca grande e generosa que, para o olhar muito abalado de Miss Marple, parecia estar demasiado cheia de dentes brancos e brilhantes.

— Seria melhor se a senhora entrasse e sentasse um pouco para descansar. Vou preparar uma xícara de chá.

Miss Marple agradeceu. Permitiu que lhe conduzisse pela porta pintada de azul até uma salinha cheia de sofás e poltronas revestidos de cretone colorido.

— Chegamos — anunciou sua protetora, acomodando-a sobre uma poltrona. — Fique aí quietinha, vou colocar a chaleira no fogo.

Saiu apressada da sala, que pareceu tomada de uma calma repousante depois que a mulher se foi. Miss Marple inspirou profundamente. Não estava de fato machucada, mas a queda a deixara abalada. Na sua idade, quedas não eram nada recomendáveis. Entretanto, com um pouco de sorte, pensou ela com sentimento de culpa, a srta. Knight jamais precisaria ficar sabendo. Moveu os braços e as pernas com todo o cuidado. Não quebrara nada. Se ao menos conseguisse chegar bem em casa. Quem sabe, depois de uma xícara de chá...

A xícara de chá chegou enquanto Miss Marple contemplava aquele pensamento. Chegou sobre uma bandeja, acompanhada de quatro biscoitos doces em um pratinho.

— Aqui está.

A bandeja foi depositada sobre a mesinha em frente.

— Posso servir para a senhora? É melhor que tome com bastante açúcar.

— Sem açúcar, obrigada.

— A senhora precisa tomar açúcar. O choque, sabe. Estive no exterior com as ambulâncias durante a guerra. O açúcar é maravilhoso para casos de choque.

Ela adicionou quatro torrões na xícara e mexeu vigorosamente.

— Agora beba tudo e vai se sentir novinha em folha.

Miss Marple aceitou sua sentença.

“Uma mulher gentil”, pensou. “Ela me lembra alguém... agora, quem?”

— Está sendo muito gentil comigo — disse, sorrindo.

— Ah, isso não é nada. Um anjinho ajudante, essa sou eu. Adoro ajudar as pessoas.

Olhou pela janela ao ouvir o ruído da tranca do portão se fechando.

— Meu marido acaba de chegar em casa. Arthur... temos visita.

Foi até o corredor e retornou com Arthur, que parecia um tanto desorientado. Era um homem magro e pálido, que falava bem devagar.

— Esta senhora levou um tombo bem em frente ao nosso portão, então, é claro, eu a trouxe para dentro.

— Sua esposa é muito gentil, sr...

— Badcock.

— Sr. Badcock, temo que tenha causado muito transtorno para ela.

— Ora, não é nenhum transtorno para a Heather. Ela gosta de fazer coisas pelas pessoas.

Ele examinou Miss Marple com curiosidade:

— Estava a caminho de algum lugar em especial?

— Não, estava apenas dando uma caminhada. Moro em St. Mary Mead, na casa do outro lado da paróquia. Meu nome é Marple.

— Ora, quem diria! — exclamou Heather. — Então a senhora é a Miss Marple? Já ouvi falar da senhora. É a mulher de todos os assassinatos.

— Heather! O *que* é que está...

— Ora, sabe o que estou dizendo. Não quem de fato *comete* os assassinatos, mas desvende tudo sobre eles. É isso mesmo, não é?

Miss Marple resmungou com modéstia que ela *estivera* envolvida uma ou duas vezes em casos de assassinatos.

— Ouvi dizer que aconteceram assassinatos aqui, neste vilarejo. Estavam falando disso na outra noite no Clube de Bingo. Aconteceu um em Gossington Hall. Não compraria uma propriedade onde tivesse ocorrido um assassinato. Acharia com certeza que o lugar é assombrado.

— O assassinato não foi cometido em Gossington Hall. Um cadáver foi encontrado lá.

— Encontrado na biblioteca, sobre o tapete, foi isso mesmo que disseram?

Miss Marple assentiu com a cabeça.

— Imagine só! Talvez eles façam um filme dessa história. Talvez seja por isso que Marina Gregg tenha comprado Gossington Hall.

— Marina Gregg?

— Foi. Ela e o marido. Não lembro o nome dele... ele é produtor, acho, ou diretor... Jason alguma coisa. Mas Marina Gregg, ela é adorável, não é? Claro que nos últimos anos já não tem feito mais tantos filmes; esteve doente por um bom tempo. Mas ainda acho que não há ninguém igual. A senhora a viu em *Carmenella*? E em *O preço do amor*, e em *Maria da Escócia*? Não é mais tão jovem, mas sempre será uma atriz maravilhosa. Sempre fui uma fã incondicional dela. Quando era adolescente, costumava sonhar com ela. A maior emoção da minha vida foi quando houve um grande espetáculo para ajudar a St. John Ambulance^[1] nas Bermudas, e Marina Gregg foi fazer a abertura. Fiquei enlouquecida de tão empolgada, mas então, naquele mesmo dia, fiquei de cama com febre, e o doutor disse que eu não poderia ir. Mas não me daria por derrotada. Não me sentia de fato muito mal. Então, me levantei, passei bastante maquiagem no rosto e fui igual. Fui apresentada a ela, que conversou comigo por uns bons três minutos e me deu um autógrafo. Foi maravilhoso. Jamais esqueci aquele dia.

Miss Marple olhava fixamente para ela.

— Espero que não tenha havido nenhuma... consequência desagradável? — falou ansiosa.

Heather Badcock riu.

— Nenhuma mesmo. Nunca me senti melhor. É o que eu digo, se você quer alguma coisa, é preciso arriscar. Sempre me arrisco.

Riu de novo, uma risada feliz e estridente.

Arthur Badcock disse cheio de admiração:

— Não há nada que possa segurar Heather. Sempre consegue o que quer.

— Alison Wilde — murmurou Miss Marple com um aceno de cabeça cheio de satisfação.

— Perdão? — perguntou o sr. Badcock.

— Nada. Apenas alguém que eu conhecia.

Heather ficou olhando inquisitiva para ela.

— Você me lembrou essa pessoa, só isso.

— Lembrei? Espero que ela seja boa pessoa.

— Era muito boa pessoa de fato — afirmou Miss Marple devagar. — Bondosa, saudável, cheia de vida.

— Mas tinha lá seus defeitos, imagino — riu Heather. — Eu tenho.

— Bem, Alison sempre enxergava seu próprio ponto de vista com tamanha clareza que nem sempre entendia a impressão que as coisas causavam, ou como afetavam as outras pessoas.

— Como na vez que você acolheu aquela família que fora evacuada de uma cabana prestes a ser demolida, e eles levaram todas as nossas colheres de chá — disse Arthur.

— Mas, Arthur!... Eu não poderia ter negado abrigo a eles. Não teria sido nada bondoso.

— Eram herança de família — lamentou o sr. Badcock tristonho. — Da época georgiana. Pertenceram à avó da minha mãe.

— Ah, esqueça aquelas colheres velhas, Arthur. Fica sempre lembrando isso.

— Receio que não tenha talento para esquecer as coisas.

Miss Marple olhou para ele pensativa.

— Por onde anda sua amiga agora? — Heather perguntou para Miss Marple com afável interesse.

Miss Marple parou um instante antes de responder.

— Alison Wilde? Ah... ela morreu.

CAPÍTULO 3



I

— Estou feliz em estar de volta — afirmou a sra. Bantry. — Embora, é claro, tenha sido tudo maravilhoso.

Miss Marple aquiesceu apreciativa e aceitou a xícara de chá da mão da amiga.

Quando seu marido, coronel Bantry, morreu alguns anos antes, a sra. Bantry vendeu Gossington Hall e a considerável extensão de terra junto à casa, mantendo para si o que havia sido o Alojamento Leste, uma pequena construção muito charmosa, com um pórtico e cheia de inconvenientes, onde até um jardineiro se recusara a morar. A sra. Bantry acrescentou ao lugar os itens essenciais da vida moderna, como uma cozinha embutida do último tipo, um novo encanamento conectado ao reservatório, eletricidade e um banheiro. Tudo isso tinha custado um bom dinheiro, mas nem se comparava ao prejuízo que teria caso tentasse morar em Gossington Hall. Também mantivera o que era essencial à sua privacidade, uns três quartos de acre de pátio cercado de árvores, de modo que, como ela explicava: “Não importa o que façam com Gossington, não serei obrigada a ver ou me preocupar com isso”.

Nos últimos anos, passara boa parte do tempo viajando pelo mundo, visitando filhos e netos em várias partes do planeta, e voltando de tempos em tempos para desfrutar da privacidade de sua própria casa. A própria Gossington Hall havia mudado de mãos uma ou duas vezes. Fora administrada como uma hospedaria, que faliu, fora comprada por quatro pessoas que dividiram a casa em quatro apartamentos mal demarcados e que, conseqüentemente, acabaram brigando. Por fim, o Ministério da Saúde comprara o local para usar em algum propósito obscuro, do qual eventualmente desistiu. O Ministério agora acabara de revender a mansão... e era dessa venda que as duas amigas estavam falando.

— Ouvi boatos, é claro — disse Miss Marple.

— O que é natural — comentou a sra. Bantry. — Chegaram a afirmar que Charles Chaplin estava vindo morar ali com todos os filhos. Teria sido muitíssimo divertido; infelizmente não

há um pingo de verdade nessa história. Não, definitivamente é Marina Gregg.

— Como ela era linda — disse Miss Marple com um suspiro. — Sempre recordo aqueles primeiros filmes dela. *Pássaro de passagem*, com aquele bonitão do Joel Roberts. E o filme sobre Maria, a rainha da Escócia. E, é claro, por mais sentimental que fosse, ainda assim gostei de *Atravessando o campo de centeio*. Minha nossa, isso faz tanto tempo.

— Verdade — concordou a sra. Bantry. — Ela deve estar com uns... o que você acha? Quarenta e cinco? Cinquenta?

Miss Marple achava que estava mais para cinquenta.

— Ela tem feito alguma coisa ultimamente? Claro que hoje não vou mais com tanta frequência ao cinema.

— Só uns papéis menores, eu acho — respondeu a sra. Bantry. — Faz bastante tempo que não é mais considerada uma estrela. Teve aquela crise nervosa terrível. Depois de um dos divórcios dela.

— Todas essas atrizes têm tantos maridos — exclamou Miss Marple. — Deve ser muito cansativo.

— Para *mim* não serviria — disse a sra. Bantry. — Depois de me apaixonar por um homem, casar com ele, me acostumar com o jeito, as manias, e estabelecer um lar confortável... decidir jogar tudo isso para o alto e começar de novo! Parece loucura para mim.

— Quem sou eu para dizer alguma coisa — falou Miss Marple dando uma tossidinha de solteirona —, já que nunca me casei. Mas, sabe, acho uma pena.

— Suponho que, na realidade, elas não tenham muito como evitar isso — declarou a sra. Bantry com ar um pouco vago. — Com o tipo de vida que são obrigadas a levar. Uma vida tão pública, sabe. Cheguei a conhecê-la — acrescentou. — Estou falando de Marina Gregg, quando eu estive na Califórnia.

— E como ela é? — Miss Marple perguntou com interesse.

— Encantadora — respondeu a sra. Bantry. — Bem natural e nada presunçosa.

Depois de pensar um pouco, acrescentou:

— Na verdade, é como se aquilo virasse uma máscara.

— O quê?

— O ar despojado e natural. Você aprende a fazer isso e, então, precisa continuar agindo desse jeito o tempo todo. Pense só no inferno que deve ser... jamais poder chutar nada para o alto e dizer: “Ai, pelo amor de Deus, pare de me amolar!”. Diria que, por absoluto mecanismo de defesa, é necessário dar umas festas de arromba e fazer umas orgias.

— Ela teve cinco maridos, não teve? — perguntou Miss Marple.

— No mínimo. O primeiro não conta, então ela se casou com um príncipe ou conde estrangeiro, depois, com outro ator de cinema, Robert Truscott, não era? Aquilo estava se anunciando como um grande romance. Mas durou apenas quatro anos. Daí foi Isidore Wright, o dramaturgo. Aquele foi um casamento sério e calmo, e ela teve um bebê, aparentemente sempre desejara ter um filho, até meio que adotou alguns pelo caminho... enfim, aquela seria a verdadeira experiência. Foi muito divulgado. Era maternidade com M maiúsculo. E, depois, acredito, foi um imbecil, ou um esquisito, algo assim... e foi depois disso que teve aquela crise nervosa e começou a tomar remédios e tudo o mais e abandonou todos os papéis.

— Parece saber muito sobre ela — disse Miss Marple.

— Bem, naturalmente — falou a sra. Bantry. — Quando ela comprou Gossington, fiquei interessada. Casou-se com o atual marido faz uns dois anos, e dizem que está bem tranquila agora. É um produtor... ou seria diretor? Sempre confundo os dois. Foi apaixonado por ela quando eram bem jovens, mas ele não era grande coisa naquela época. Mas, agora, acredito, se tornou bem famoso. Como é o nome dele mesmo? Jason... Jason alguma coisa... Jason Hudd, não, Rudd, é isso. Compraram Gossington porque a localização é conveniente para... — hesitou — Elstree? — arriscou ela.

Miss Marple balançou a cabeça em sinal negativo.

— Acho que não — disse. — Elstree fica ao norte de Londres.

— São aqueles estúdios bem recentes. Hellingforth, é isso! Soa tão finlandês, sempre achei. Ficam a uns nove quilômetros de Market Basing. Ela vai fazer um filme sobre Elisabeth da Áustria, acho eu.

— Sabe de tanta coisa — comentou Miss Marple. — Sobre a vida privada das estrelas de cinema. Aprendeu tudo isso na Califórnia?

— Na verdade, não — respondeu a sra. Bantry. — Na realidade, aprendo tudo com aquelas revistas extraordinárias que leio no meu cabeleireiro. A maioria das estrelas eu sequer conheço pelo nome, mas, como já disse, porque Marina Gregg e o marido compraram Gossington, passei a me interessar. Francamente, as coisas que dizem naquelas revistas! Imagino que nem metade daquilo seja verdade... é provável que nem um quarto. *Eu* não acredito que Marina Gregg seja uma ninfomaníaca, *não* acho que ela bebe, é possível que nem tome drogas e é bem possível que tenha apenas se recolhido para repousar bastante e nem sequer chegou a ter uma crise nervosa!... Porém, é verdade que está vindo morar aqui.

— Na semana que vem, ouvi dizer — afirmou Miss Marple.

— Já tão rápido? Soube que está emprestando Gossington para uma grande festa no dia 23, em auxílio à organização St. John Ambulance Corps. Imagino que tenham mexido bastante na

casa?

— Praticamente em tudo — disse Miss Marple. — Sem dúvida teria sido muito mais simples, e provavelmente mais barato, ter derrubado tudo abaixo para construir uma casa nova.

— Banheiros, suponho?

— Uns seis banheiros novos, ouvi dizer. E um salão de chá. E uma piscina. E o que acredito que estão chamando de janelões de vidro fixo. E transformaram o escritório do seu marido e a biblioteca numa coisa só e fizeram ali a sala de música.

— Arthur vai se revirar no túmulo. Você se lembra do quanto ele odiava música. Não tinha sensibilidade nenhuma para ritmos, coitadinho. A cara que fazia quando algum amigo muito gentil nos levava para a ópera! Ele é capaz de voltar para assombrar os moradores.

Ela se deteve e, então, perguntou de maneira brusca:

— Alguém alguma vez insinuou que Gossington poderia ser assombrada?

Miss Marple balançou a cabeça negativamente:

— Não é — afirmou com toda segurança.

— Isso não impediria ninguém de dizer que é — assinalou a sra. Bantry.

— Ninguém jamais disse uma coisa dessas.

Miss Marple fez uma pausa e então continuou:

— As pessoas não são de fato tão tolas, sabe. Não nos vilarejos.

A sra. Bantry olhou para ela de relance:

— Sempre defendeu isso, Jane. E não vou dizer que não tem razão.

Sorriu de repente.

— Marina Gregg me perguntou, de maneira muito doce e delicada, se eu não acharia muito doloroso ver a minha antiga casa ocupada por estranhos. Garanti a ela que não sofreria nem um pouco. Não acho que tenha conseguido convencê-la. Mas, enfim, como sabe, Jane, Gossington nunca foi nosso lar. Não havíamos sido criados ali desde pequenos; isso é o que conta de verdade. Era apenas uma casa, com uma boa área agregada para caçar e pescar, que compramos quando Arthur se aposentou. Na época, achávamos que seria uma casa simples e boa de cuidar! De onde foi que nós tiramos isso, nem imagino! Com todos aqueles corredores e escadarias. E só quatro empregados! *Só quatro!* Bons tempos aqueles, ah, ah!

Acrescentou de súbito:

— Que história é essa de você ter levado um tombo? Aquela senhora Knight não poderia ter permitido que saísse sozinha.

— Não foi culpa da pobre srta. Knight. Eu a enchi de compras para fazer e então...

— Fugiu dela de propósito? Entendo. Bem, não deveria fazer isso, Jane. Não na sua idade.

— Como foi que ficou sabendo?

A sra. Bantry abriu um sorriso.

— É impossível guardar segredos em St. Mary Mead. Você mesma me repetia isso com frequência. A sra. Meavy me contou.

— A sra. Meavy? — Miss Marple pareceu perdida.

— Vem aqui todos os dias. Ela é do Loteamento.

— Ah, do Loteamento.

Ocorreu a pausa habitual.

— O que estava fazendo no Loteamento? — perguntou a sra. Bantry com curiosidade.

— Queria só conhecer. Ver que cara as pessoas tinham.

— E que cara achou que elas tinham?

— Exatamente a mesma de todo mundo. Não sei dizer se isso foi decepcionante ou reconfortante.

— Decepcionante, eu diria.

— Não. Acho que é reconfortante. Bem, ajuda a reconhecer certos tipos; de modo que, quando acontece qualquer coisa, a gente é capaz de compreender muito bem a razão e o motivo.

— Está falando de assassinato?

Miss Marple pareceu ficar chocada.

— Não sei por que deveria pressupor que penso em assassinatos o tempo todo.

— Deixe de ser boba, Jane. Por que não se assume de forma corajosa e começa a dizer que é criminologista de uma vez por todas?

— Porque não sou nada desse tipo — declarou Miss Marple com veemência. — Simplesmente tenho um certo conhecimento sobre a natureza humana; o que é muito natural depois de ter passado a vida inteira num pequeno povoado.

— É possível que tenha razão nisso — disse a sra. Bantry pensativa —, embora a maioria das pessoas não fosse concordar, claro. Seu sobrinho Raymond costumava repetir que este lugar era um atraso só.

— O meu querido Raymond — falou Miss Marple com indulgência. — Sempre tão gentil. É ele quem está pagando pela srta. Knight, sabia? — acrescentou.

Pensar na srta. Knight induziu uma nova linha de raciocínio. Miss Marple se levantou e disse:

— Acho que seria melhor voltar para casa agora.

— Não fez todo o caminho até aqui a pé, fez?

— Claro que não. Vim de Inch.

Aquele pronunciamento um tanto enigmático foi totalmente compreendido. Em épocas passadas, o sr. Inch fora proprietário de dois táxis, que aguardavam os trens na estação local e também eram contratados pelas senhoras do lugar para levá-las em suas “visitas”, chás e, em certas ocasiões em que acompanhavam suas filhas, a recreações frívolas como os bailes. Com o passar do tempo, Inch, um homem de rosto alegre e vermelho, com setenta e poucos anos, entregara o posto ao filho, conhecido como “Inch filho” (que já tinha então seus 45 anos) — embora o velho Inch ainda continuasse levando algumas senhoras idosas que consideravam seu filho irresponsável e jovem demais. Para acompanhar os novos tempos, o jovem Inch trocou as charretes puxadas a cavalo por carros motorizados. Não entendia muito de mecânica e, num dado momento, um certo sr. Bardwell tomou conta do negócio. O nome Inch persistia. O sr. Bardwell, depois de um tempo, vendeu tudo para o sr. Roberts, porém, no guia telefônico, o nome *Inch Serviço de Táxi* ainda se mantinha como nome oficial, e as senhoras mais idosas da comunidade continuavam a se referir às corridas como se estivessem indo a algum lugar “num Inch”, como se elas fossem Jonas, e Inch, a baleia.

II

— O dr. Haydock telefonou — comunicou a srta. Knight com ar reprovador. — Disse a ele que a senhora havia ido tomar chá com a sra. Bantry. Falou que telefonaria de novo amanhã.

Ajudou Miss Marple a tirar o xale.

— E, agora, imagino que estejamos exaustas — afirmou em tom acusatório.

— Pode ser que você esteja — respondeu Miss Marple. — Eu não.

— A senhora venha se acomodar quentinha junto ao fogo — disse a srta. Knight, sem prestar atenção, como de costume. “Não é preciso dar muita importância ao que os velinhos dizem. Apenas tentar agradá-los.” — E será que gostaríamos de uma bela xícara de Ovomaltine? Ou quem sabe de Horlicks, para variar um pouco?

Miss Marple agradeceu à acompanhante e disse que preferia um cálice de xerez seco. A srta. Knight olhou para ela com desaprovação.

— Não sei o que o doutor diria de uma coisa dessas, não sei mesmo — reclamou ao retornar com a taça.

— Vamos nos certificar de perguntar a ele amanhã cedo — completou Miss Marple.

Na manhã seguinte, ao encontrar-se com o dr. Haydock no hall de entrada, a srta. Knight cochichou tudo de maneira bem agitada.

O doutor já idoso entrou na sala esfregando as mãos, pois era uma manhã fria.

— Aqui está nosso médico que veio nos ver — anunciou a srta. Knight exultante. — Posso guardar suas luvas, doutor?

— Elas ficarão bem aqui — respondeu Haydock, jogando-as descuidado sobre uma mesa. — Esta manhã está glacial.

— Uma tacinha de xerez, quem sabe? — sugeriu Miss Marple.

— Ouvei dizer que a senhora está tomando gosto pela bebida. Bem, não deveria jamais beber sozinha.

O decanter e as taças já estavam sobre uma pequena mesa próxima a Miss Marple. A srta. Knight saiu da sala.

O dr. Haydock era um amigo de longa data. Estava praticamente aposentado, mas aceitava atender certos pacientes antigos.

— Ouvei dizer que anda levando tombos por aí — disse ao terminar a taça. — Assim não vai dar, sabe, não na sua idade. Estou lhe avisando. E ouvi dizer que não quis mandar chamar Sandford.

Sandford era colega de Haydock.

— Essa sua srta. Knight mandou chamá-lo mesmo assim; e fez muito bem.

— Tive apenas umas contusões e fiquei um pouco abalada. O dr. Sandford confirmou. Poderia muito bem ter esperado até o senhor voltar.

— Agora escute bem, minha querida. Não posso continuar trabalhando para sempre. E Sandford, permita que o diga, tem mais qualificações do que eu. É um profissional de primeira.

— Os médicos jovens são todos iguais — disse Miss Marple. — Tiram nossa pressão e, qualquer que seja o problema, nos mandam tomar algum desses comprimidos novos produzidos em massa. Tem os cor-de-rosa, os amarelos, os marrons. A medicina hoje é igual a um supermercado: tudo em embalagens.

— Então a senhora ficaria feliz se eu lhe receitasse sanguessugas e biotônico e esfregasse seu peito com óleo canforado?

— Eu mesma faço isso quando tenho uma tosse — respondeu Miss Marple com ímpeto —, e é muito revigorante.

— Não gostamos é de ficar velhos, essa é a verdade — disse Haydock com delicadeza. — Eu detesto.

— Comparado a mim, é um homem bem jovem — disse Miss Marple. — Não me importo mesmo de envelhecer, não me importo com a velhice em si. Para mim, o pior são as indignidades.

— Acho que sei do que está falando.

— Nunca me deixam sozinha! A dificuldade que é sair por alguns minutos sem companhia. E até o meu tricô... sempre foi um consolo tão grande, e sou de fato uma ótima tricoteira. Agora, deixo escapar pontos o tempo todo... e muitas vezes sequer percebo que os deixei cair.

Haydock olhou para ela pensativo.

Então, seus olhos brilharam.

— Sempre existe o contrário.

— Ora, o que quer dizer com isso?

— Se não consegue tricotar, que tal desfazer umas tramas para variar? Penélope fazia isso.

— Minha situação não é nada parecida.

— Mas desfiar tramas é algo bem na sua linha, não é?

Ele levantou-se.

— Preciso ir. O que receitaria para a senhora é um assassinato daqueles bem suculentos.

— Que coisa mais afrontosa de se dizer!

— Não é? Entretanto, sempre pode contentar-se em observar a profundidade com que a

salsa afundou na manteiga num dia de verão. Sempre questionei isso. O bom e velho Holmes. Hoje, suponho, não passa de um personagem de época. No entanto, jamais será esquecido.

A srta. Knight apressou-se em entrar assim que o doutor se foi.

— Aí está — disse —, estamos *muito* mais animadinhas. O doutor recomendou algum tônico?

— Recomendou que me interessasse por assassinatos.

— Uma boa história de detetives?

— Não — respondeu Miss Marple. — Na vida real.

— Minha nossa — exclamou a srta. Knight. — Mas é bem difícil que aconteça um assassinato num lugar tão calmo assim.

— Os assassinatos — afirmou Miss Marple — podem acontecer em qualquer lugar. E acontecem.

— No Loteamento, quem sabe? — ponderou a srta. Knight. — Vários daqueles garotos com cara de rebelde andam com canivetes.

Porém, o assassinato, quando aconteceu, não foi no Loteamento.

CAPÍTULO 4



A sra. Bantry deu uns passos para trás, conferiu sua imagem refletida no vidro, ajustou de leve o chapéu (não estava acostumada a usar chapéus), vestiu um par de luvas de couro de boa qualidade e deixou o chalé, fechando a porta atrás de si com cuidado. Tinha as mais agradáveis expectativas quanto ao que a ocasião lhe reservava. Haviam se passado umas três semanas desde sua conversa com Miss Marple. Marina Gregg e o marido tinham chegado a Gossington Hall e estavam agora mais ou menos instalados lá.

Haveria um encontro no local naquela tarde para reunir os principais envolvidos nos preparativos da festa beneficente em prol da St. John Ambulance. A sra. Bantry não estava entre as pessoas do comitê, mas recebera um bilhete de Marina Gregg convidando-a para tomar um chá antes do início da reunião. O bilhete lembrava o encontro das duas na Califórnia e na assinatura dizia: “Cordialmente, Marina Gregg”. Fora escrito à mão, não à máquina. Não havia como negar que a sra. Bantry estava contente e lisonjeada. Afinal de contas, uma célebre estrela de cinema era uma célebre estrela de cinema, e as senhoras de idade, embora possam ter alguma importância local, têm consciência de sua completa insignificância no mundo das celebridades. Portanto, a sra. Bantry sentia a mesma alegria de uma criança prestes a receber um presente especial.

Enquanto subia a rampa de entrada, os olhos atentos da sra. Bantry iam de um lado a outro, registrando suas impressões. O local fora transformado desde o período em que passara de mão em mão. “Não economizaram em nada”, pensou consigo a sra. Bantry, balançando o queixo em sinal de satisfação. Da rampa de entrada não se enxergava o jardim de flores, e isso também deixou a sra. Bantry satisfeita. O jardim de flores, com sua exclusiva aleia de plantas herbáceas, era sua fonte de deleite particular naqueles tempos longínquos quando vivera em Gossington Hall. Deixou aflorarem algumas memórias pesarosas e nostálgicas de suas queridas íris. Era o melhor jardim de íris do país, afirmou para si mesma com um orgulho feroz.

Diante de uma nova porta de entrada, reluzente e recém-pintada, apertou a campainha. A

porta foi aberta com uma presteza gratificante por um mordomo, sem a menor sombra de dúvida, italiano. Foi conduzida diretamente para a sala que um dia fora a biblioteca do coronel Bantry. A peça, como já ouvira dizer, fora emendada com o escritório. O resultado era impressionante. As paredes foram revestidas, o piso era de parquê. Em uma das pontas, havia um piano de cauda e, na metade da parede, se encontrava um toca-discos magnífico. Na ponta oposta da sala, ficava um pequeno recanto, por assim dizer, composto de tapetes persas, uma mesa de chá e algumas poltronas. Sentada junto à mesa de chá estava Marina Gregg e reclinado contra a moldura da lareira estava um homem que, num primeiro momento, lhe pareceu ser o mais feio que já vira na vida.

Há poucos instantes, enquanto a mão da sra. Bantry estava prestes a tocar a campainha, Marina Gregg estivera dizendo ao marido em uma voz suave e entusiasmada:

— Este lugar é perfeito para mim, Jinks, simplesmente perfeito. É o que eu sempre quis. *Sossegado*. Sossegado à moda inglesa e do interior da Inglaterra. Consigo me ver morando aqui, vivendo aqui a vida inteira se for preciso. E vamos adotar o modo de vida inglês. Tomaremos o chá da tarde todos os dias, com chá chinês e meu adorável aparelho de chá georgiano. E, das janelas, contemplaremos os gramados e aquela aleia de plantas herbáceas bem inglesa no jardim. Finalmente estou *em casa*, é assim que estou me sentindo. Sinto que posso me estabelecer aqui, posso viver sossegada e feliz. Este lugar será um lar. É isso que sinto. Um *lar*.

E Jason Rudd (chamado de Jinks pela esposa) sorriera para ela. Fora um sorriso aquiescente, complacente, mas que mantinha algumas reservas porque, afinal de contas, já ouvira a mesma coisa várias vezes antes. Quem sabe, dessa vez fosse verdade. Quem sabe *este* seria mesmo o lugar onde Marina Gregg se sentiria em casa. Mas conhecia tão bem aquele entusiasmo inicial. Ela sempre demonstrava aquela imensa certeza de que enfim encontrara exatamente o que estava procurando. Disse com sua voz profunda:

— Isso é ótimo, meu bem. Isso é mesmo ótimo. Fico feliz que esteja gostando.

— Gostando? Estou adorando. Você também não está?

— Claro — respondeu Jason Rudd. — Claro.

Não era de todo mau, refletiu consigo. Uma casa boa, construída de maneira muito sólida, em um estilo vitoriano um tanto feio. Transmitia, admitiu, uma sensação de solidez e segurança. Agora que a pior parte de suas inacreditáveis inconveniências já havia sido resolvida, oferecia um conforto bastante razoável para se morar. Não era um mau lugar para se voltar de tempos em tempos. Com sorte, pensou, Marina não passaria a desgostar da casa pelos próximos dois a dois anos e meio. Tudo dependia.

Marina declarou, suspirando com suavidade:

— É tão maravilhoso me sentir bem outra vez. Bem e forte. Capaz de lidar com as coisas.

E ele, mais uma vez, concordou:

— Claro, querida, claro.

E foi naquele instante que a porta se abriu, e o mordomo italiano trouxe a sra. Bantry.

A recepção por parte de Marina Gregg foi das mais encantadoras. Foi receber a visita com os braços estendidos, dizendo o quanto estava feliz em encontrar a sra. Bantry mais uma vez. E comentou a coincidência de terem se conhecido naquela ocasião em São Francisco e de, dois anos mais tarde, ela e Jinks acabarem comprando a casa que um dia pertencera a ela. E tinha esperanças, torcia de verdade para que a sra. Bantry não se importasse tão terrivelmente com o modo com que mexeram na casa e reformaram tudo, e esperava que a outra não achasse que eles eram uns intrusos horrorosos morando lá.

— Sua mudança para cá é uma das coisas mais excitantes que já aconteceu a este lugar — respondeu com alegria a sra. Bantry e olhou na direção da cornija, o que acabou lembrando Marina Gregg de fazer as devidas apresentações:

— A senhora não conhece meu marido, conhece? Jason, esta é a sra. Bantry.

A sra. Bantry olhou para Jason Rudd com algum interesse. Sua primeira impressão, de que aquele era um dos homens mais feios que havia visto, se confirmou. Ele tinha olhos interessantes. Eram, pensou ela, mais fundos e enterrados na cabeça do que quaisquer olhos que um dia já vira. Eram como duas piscinas calmas e profundas, pensou consigo, e sentiu-se como uma escritora romântica. O restante da face era de um contorno peculiar, quase grotescamente desproporcional. O nariz, projetado para cima e com um pouco de tinta vermelha, com facilidade se transformaria num nariz de palhaço. Tinha também uma bocarra triste de palhaço. Se acaso encontrava-se naquele momento num estado de fúria, ou se sempre aparentava aquele estado de fúria, ela não saberia dizer. A voz dele, quando falou, soou inesperadamente agradável. Profunda e lenta.

— O marido — ele afirmou — é sempre uma lembrança posterior. Mas permita-me concordar com minha esposa de que estamos muito contentes em recebê-la aqui. Espero que não sinta como se os papéis precisassem se inverter.

— Vocês precisam tirar isso da cabeça — declarou a sra. Bantry —, essa ideia de que fui afastada do meu antigo lar. Aqui nunca *foi* meu antigo lar. Estou me parabenizando desde que consegui vender a propriedade. Era uma casa difícilima de administrar. Eu gostava do jardim, mas a casa foi se transformando cada vez mais em uma preocupação constante. Passei temporadas maravilhosas desde que comecei a viajar para o exterior e decidi visitar minhas

filhas casadas, os netos e os amigos em diversas partes do mundo.

— Filhas — disse Marina Gregg —, a senhora tem filhas e filhos?

— Dois filhos e duas filhas — respondeu a sra. Bantry —, e bem espalhados pelo mundo. Um no Quênia, outro na África do Sul. Uma perto do Texas e a outra, graças a Deus, em Londres.

— Quatro — contou Marina Gregg. — Quatro... e netos?

— Nove até o momento — respondeu a sra. Bantry. — É muito divertido ser avó. Não temos a menor preocupação com a responsabilidade materna. Podemos mimá-los do jeito mais desenfreado...

Jason Rudd a interrompeu.

— Receio que o sol esteja batendo nos seus olhos — disse e foi até a janela para ajustar as cortinas. — Precisa nos contar tudo sobre este vilarejo encantador — completou ao retornar.

Entregou a ela uma xícara de chá.

— Aceita um biscoito ainda quente, um sanduíche, ou quem sabe este bolo? Temos uma cozinheira italiana, e ela prepara os melhores doces e bolos. Como pode ver, aprendemos a apreciar o seu chá da tarde inglês.

— E o chá está delicioso — disse a sra. Bantry, saboreando a fragrante bebida.

Marina Gregg sorriu e pareceu satisfeita. O súbito movimento nervoso de seus dedos, que o olhar de Jason Rudd percebera um ou dois minutos antes, também se acalmara. A sra. Bantry olhava para sua anfitriã com grande admiração. O período áureo de Marina Gregg fora anterior à suprema importância dada ao culto corporal. Não teria sido possível descrevê-la como “a Encarnação do Sexo”, “o Busto”, ou “o Torso”. Era longilínea, esbelta e esguia. A anatomia dos ossos da face e da cabeça partilhava um pouco da mesma beleza associada a Greta Garbo. Ela imprimira personalidade em seus filmes, em vez de mero sexo. O movimento brusco com a cabeça, o abrir dos olhos lindos e profundos, o quase imperceptível tremor nos lábios, todos esses detalhes eram responsáveis por causar nas pessoas, de repente, aquele sentimento de beleza de tirar o fôlego, que vem não da harmonia dos traços, mas da repentina magia da carne que apanha o espectador de surpresa. Ela ainda tinha essa qualidade, embora não fosse mais tão aparente. Como tantas atrizes de teatro ou cinema, tinha o que parecia ser o hábito de desligar a personalidade quando quisesse. Podia ficar ensimesmada, quieta, doce, distante, desapontando assim algum fã mais ardoroso. Mas, então, inesperadamente, bastava um gesto com a cabeça, o movimento das mãos, o súbito sorriso, e a magia estava de volta.

Um de seus maiores sucessos fora *Maria, Rainha da Escócia*, e era daquela atuação no

filme que a sra. Bantry lembrava agora ao observar Marina. O olhar da sra. Bantry passou para o marido. Ele também observava Marina. Tendo baixado a guarda por um momento, o rosto dele expressava seus sentimentos com toda a clareza. “Ai, nosso Senhor”, pensou consigo a sra. Bantry, “esse homem tem adoração por ela.”

Não sabia por que teria ficado tão surpresa. Talvez porque as estrelas de cinema tivessem seus casos de amor e suas devoções tão divulgados pela imprensa que ninguém esperaria se deparar com aquela realidade diante dos próprios olhos. Num impulso, ela disse:

— Espero mesmo que vocês gostem daqui e que possam ficar por um tempo. Acham que vão manter a casa por um bom período?

Marina arregalou os olhos de surpresa enquanto virava a cabeça.

— Quero ficar aqui para sempre — declarou. — Oh, não estou dizendo que não vá ter de me ausentar muito. Terei, é claro. Existe a possibilidade de fazer um filme no Norte da África no ano que vem, embora nada esteja decidido. Não, mas esta será a minha casa. Voltarei para cá. Sempre poderei voltar para cá.

Ela suspirou.

— Isso é o mais maravilhoso de tudo. Ter encontrado finalmente um *lar*.

— Entendo — disse a sra. Bantry enquanto pensava consigo: “Entretanto não acredito nem por um segundo que isso vá acontecer *mesmo*. Não creio que seja do tipo que consiga um dia se acomodar”.

Mais uma vez, lançou um olhar furtivo para Jason Rudd. Não estava mais carrancudo. Estava na verdade sorrindo, um sorriso repentino, muito doce e inesperado, mas triste. “Ele também sabe disso”, pensou a sra. Bantry.

A porta se abriu e uma mulher entrou:

— Bartletts quer falar com você no telefone, Jason — disse.

— Peça para ligarem depois.

— Disseram que era urgente.

Ele suspirou e levantou-se.

— Deixe-me apresentá-la para a sra. Bantry — falou. — Ella Zielinsky, minha secretária.

— Tome uma xícara de chá, Ella — convidou Marina, enquanto Ella tomava conhecimento da apresentação com um sorridente “Prazer em conhecê-la”.

— Aceito um sanduíche — disse Ella. — Não gosto de chá chinês.

Ella Zielinsky dava a impressão de ter uns 35 anos. Usava um tailleur bem cortado e uma blusa de babados e aparentava exalar autoconfiança. Tinha cabelos curtos e pretos e uma testa larga.

— A senhora morava aqui, foi o que me disseram — falou para a sra. Bantry.

— Foi há muito tempo — respondeu a sra. Bantry. — Depois da morte do meu marido, vendi a casa, e ela passou por várias mãos desde então.

— A sra. Bantry garante que não detestou as mudanças que fizemos na casa — disse Marina.

— Ficaria terrivelmente desapontada se não tivessem mexido em nada — falou a sra. Bantry. — Cheguei aqui toda curiosa. Posso lhes dizer que estão correndo no vilarejo os boatos mais esplêndidos.

— Nunca imaginei como seria difícil conseguir encanadores neste país — disse a srta. Zielinsky, devorando um sanduíche com total profissionalismo. — Não que esse seja de fato meu trabalho — continuou.

— Tudo faz parte do seu trabalho — disse Marina –, e você sabe disso, Ella. A criadagem doméstica, o encanamento e as discussões com os empreiteiros.

— Parece que nunca ouviram falar de um janelão de vidro fixo neste país.

Ella olhou para a janela.

— É uma bela vista, devo confessar.

— Uma adorável paisagem rural inglesa à moda antiga — disse Marina. — Esta casa tem *atmosfera*.

— Não pareceria tão rural se não fosse pelas árvores — comentou Ella Zielinsky. — Aquele bairro residencial lá embaixo está crescendo a olhos vistos.

— Isso surgiu depois da minha época — disse a sra. Bantry.

— Está dizendo que não havia nada, a não ser o vilarejo, quando a senhora morava aqui?

A sra. Bantry assentiu.

— Devia ser difícil fazer as compras.

— Não acho que era — disse a sra. Bantry. — Acho que era tremendamente fácil.

— Compreendo as pessoas terem um jardim de flores — disse Ella Zielinsky –, mas vocês aqui parecem produzir também todos os vegetais que comem. Não seria muito mais fácil comprá-los... já existe um supermercado?

— Um dia vai acontecer isso — respondeu a sra. Bantry com um suspiro. — Mas não têm o mesmo sabor.

— Não acabe com a atmosfera, Ella — disse Marina.

A porta se abriu e Jason olhou para dentro.

— Querida — disse para Marina –, detesto incomodá-la com isso, mas se importaria? Eles só querem saber sua opinião sobre o assunto.

Marina suspirou e levantou-se. Foi a passos lânguidos em direção à porta.

— Sempre alguma coisa — resmungou. — Sinto muito, sra. Bantry. De fato não acho que vá levar mais de um ou dois minutos.

— Atmosfera — repetiu Ella Zielinsky, enquanto Marina saía e fechava a porta. — Acha que a casa tem atmosfera?

— Não posso dizer que a via dessa forma — declarou a sra. Bantry. — Era só uma casa. Bastante inconveniente por um lado, mas muito gostosa e acolhedora por outro.

— Eu teria pensado a mesma coisa — disse Ella. Deu uma olhada rápida e direta para a sra. Bantry. — Falando em atmosfera, quando foi que aconteceu aquele assassinato aqui?

— Nunca aconteceu nenhum assassinato aqui — afirmou a sra. Bantry.

— Ah, convenhamos. Ouvi tantas histórias. Sempre há histórias, sra. Bantry. No tapete em frente à lareira, bem ali, não foi? — perguntou a srta. Zielinsky, indicando a lareira com o queixo.

— Sim — respondeu a sra. Bantry. — Aquele foi o lugar.

— Então houve um assassinato?

A sra. Bantry balançou a cabeça.

— O assassinato não se deu aqui. A garota que mataram foi trazida para cá e colocada nesta sala. Não tinha nenhuma relação conosco.

A srta. Zielinsky pareceu interessada.

— Possivelmente a senhora teve um bocado de dificuldade em fazer as pessoas acreditarem nisso... — ressaltou.

— Tem toda a razão nisso — concordou a sra. Bantry.

— Quando foi que descobriu?

— A copeira entrou na sala pela manhã — disse a sra. Bantry — com o primeiro chá do dia. Tínhamos copeiras naquela época, sabe.

— Sei — disse a srta. Zielinsky —, usando vestidos estampados que farfalhavam.

— Não me lembro de nenhum vestido estampado — disse a sra. Bantry. — Podem muito bem ter sido aventais longos naquela época. De todo modo, entrou assustada e avisou que havia um corpo na biblioteca. Eu disse: “bobagem”; depois acordei meu marido e descemos para conferir.

— E lá estava — falou a srta. Zielinsky. — Nossa, o jeito que as coisas acontecem.

Virou a cabeça para olhar subitamente para a porta:

— Não fale sobre isso com a srta. Gregg, se não se importa — disse. — Não faz bem para ela esse tipo de coisa.

— Claro, não direi uma palavra — falou a sra. Bantry. — Nunca falo sobre isso, para dizer a verdade. Aconteceu há tanto tempo. Mas será que ela não vai... a srta. Gregg, digo... não vai ficar sabendo disso de qualquer jeito?

— Ela não entra muito em contato com a realidade — garantiu Ella Zielinsky. — As estrelas de cinema podem levar uma vida bastante isolada, sabe. Na verdade, com muita frequência, os outros têm de cuidar para que elas vivam assim. Certas coisas as deixam aborrecidas. Certas coisas *a* deixam aborrecida. Esteve seriamente doente nos últimos dois anos, sabe. Só começou a melhorar um ano atrás.

— Ela parece ter gostado da casa — disse a sra. Bantry — e acha que pode ser feliz aqui.

— Imagino que vá durar um ano ou dois — disse Ella Zielinsky.

— Não mais do que isso?

— Bem, duvido muito. Marina é uma daquelas pessoas, sabe, que está sempre achando que encontrou o que mais queria no mundo. Mas a vida não é tão fácil assim, é?

— Não — respondeu a sra. Bantry com veemência —, não é.

— Vai fazer muito bem para ele se ela for feliz aqui — disse a srta. Zielinsky.

Comeu mais dois sanduíches de um jeito absorto, meio glutão, no mesmo estilo de alguém que se empanturra de comida como se precisasse sair correndo para não perder o horário de partida do trem.

— Ele é um gênio, sabe — continuou ela. — Já viu algum dos filmes que ele dirigiu?

A sra. Bantry sentiu-se um pouco constrangida. Era o tipo de mulher que quando ia ao cinema o fazia inteiramente pelo filme. As longas listas com elenco, diretores, produtores, fotografia e todo o resto passavam despercebidas por ela. Com muita frequência, de fato, sequer reparava no nome das estrelas. Porém, não se sentia ávida por chamar a atenção para aquela falha pessoal.

— Eu me confundo — declarou.

— Lógico que ele tem que administrar tantas coisas — afirmou Ella Zielinsky. — Tem a esposa além de todo o resto, e ela não é fácil. É preciso mantê-la feliz, a senhora entende, e não é realmente muito simples, suponho, manter as pessoas felizes. A menos que... digo... que... elas sejam... — hesitou.

— A menos que já sejam do tipo feliz — sugeriu a sra. Bantry. — Algumas pessoas — acrescentou depois de refletir — gostam de “bançar a vítima”.

— Ah, a Marina não é desse jeito — disse Ella, balançando a cabeça. — O problema são os altos e baixos, que são tão violentos. Sabe... um excesso de felicidade em um dado momento: ela fica contente demais com tudo, encantada com tudo e se sente maravilhosamente

bem. Depois, claro, acontece alguma coisa, por menor que seja, e lá se vai ela morro abaixo, para o extremo oposto.

— Suponho que seja uma questão de temperamento — considerou a sra. Bantry hesitante.

— Tem razão — disse Ella Zielinsky. — Temperamento. Todas as estrelas têm um gênio difícil, umas mais, outras menos, mas Marina Gregg é mais temperamental do que a maioria das pessoas. E então eu não sei! As histórias que poderia contar para a senhora!

Ela comeu o último sanduíche.

— Graças a Deus, sou apenas a secretária para assuntos sociais.

CAPÍTULO 5



A abertura dos portões da propriedade de Gossington Hall para a festa beneficente em prol da St. John Ambulance foi acompanhada por um número sem precedente de pessoas. O valor de um xelim para a entrada acumulava-se de maneira altamente satisfatória. Um dos motivos foi que o tempo estava bom, era um dia claro e ensolarado. Mas a atração predominante era, sem dúvida, a enorme curiosidade local para verificar exatamente o que aquela “gente de cinema” tinha feito em Gossington Hall. As pessoas andavam fazendo as suposições mais inusitadas. A piscina, em particular, causou uma grande sensação. A imagem que a maioria tinha das estrelas de Hollywood estava relacionada a banhos de sol ao lado da piscina, num ambiente extravagante e com companhias também exóticas. O fato de o clima de Hollywood ser mais favorável aos banhos de piscina do que o de St. Mary Mead não era levado em consideração. Afinal de contas, a Inglaterra sempre podia contar com uma bela semana de muito calor durante o verão e, em algum momento, os jornais de domingo sempre publicavam artigos sobre “Como se manter refrescado”, “Como preparar jantares mais leves para o calor” e “Como preparar bebidas refrescantes”. A piscina era quase idêntica ao que todos haviam imaginado. Era grande, a água era azul, tinha uma espécie de construção exótica que servia de vestiário e era circundada por um jardim demasiado artificial de sebes e arbustos. A reação das multidões era tal e qual se esperava e variava dentro de um amplo leque de comentários.

— Aaah, mas não é encantador?!

— Uns centavinhos de gabarolice, isso sim!

— Me faz lembrar aquela colônia de férias que fui.

— Uma luxúria imoral, é o que eu digo. Deveria ser proibido.

— Olhe só para todo aquele mármore requintado. Deve ter custado uma fortuna!

— Não entendo por que essas pessoas acham que podem vir para cá gastar todo o dinheiro que quiserem.

— Talvez isso apareça na TV um dia. Seria divertido.

Até o sr. Sampson, o homem mais velho de St. Mary Mead, que se vangloriava por ter 96 anos, embora a família insistisse com firmeza que ele tinha apenas 86, chegara cambaleante, apoiando suas pernas reumáticas com uma bengala, para ver de perto toda a agitação. Teceu os maiores elogios:

— Ah, vai ter muita imoralidade aqui, não duvido nada. Homens e mulheres nus, bebendo e fumando aquela coisa que os jornais chamam de baseado. Imagino que vá acontecer tudo isso. Ah, sim — afirmou o sr. Sampson com imenso prazer —, vai haver todo tipo de devassidão.

Todos sentiram que o selo de aprovação final fora dado ao entretenimento da tarde. Por um xelim a mais, as pessoas podiam entrar na casa, conhecer a nova sala de música, a sala de visitas, a sala de jantar — agora irreconhecível, reformada com carvalho escurecido e couro espanhol —, entre outras alegrias.

— Jamais diria que isso era Gossington Hall, diria? — comentou a nora do sr. Sampson.

A sra. Bantry chegou ali bem atrasada e observou com satisfação que o dinheiro estava entrando bem e o número de visitantes era fenomenal.

A grande varanda onde era servido o chá estava abarrotada de pessoas. A sra. Bantry esperava que houvesse bolinhos suficientes. Parecia haver, no entanto, algumas mulheres muito competentes supervisionando tudo. Ela própria pegou um atalho para espiar a aleia de plantas herbáceas no jardim e admirou com um olhar de inveja. Não fizeram nenhuma economia na aleia, ficou aliviada ao constatar, e era uma aleia muito correta, bem planejada, distribuída e com espécies bem dispendiosas. Nenhum esforço pessoal fora empregado ali, tinha certeza disso. Alguma boa empresa de jardinagem fora contratada, sem dúvida. E, com a ajuda de uma *carte blanche* e o tempo bom, o trabalho resultou excelente.

Olhando ao redor, sentiu que a cena continha um quê de uma festa nos jardins do Palácio de Buckingham. Todos estavam se esgueirando para enxergar tudo o que podiam e, de tempos em tempos, alguns poucos escolhidos ganhavam acesso a algum dos recantos mais secretos da casa. Ela mesma acabava de ser abordada por um rapaz esguio com longos cabelos ondulados.

— Sra. Bantry? A senhora é a sra. Bantry?

— Sou a sra. Bantry, sim.

— Hailey Preston.

Apertaram as mãos.

— Trabalho para o sr. Rudd. Pode me acompanhar até o segundo andar? O sr. e a sra. Rudd estão convidando alguns amigos especiais para subirem até lá.

Devidamente lisonjeada, a sra. Bantry seguiu o rapaz. Passaram pelo que, na época dela, funcionava como porta dos fundos. Uma corda vermelha isolava o acesso à escadaria principal. Hailey Preston desenganchou a corda, e ela passou. Logo à frente, observou o conselheiro e a sra. Allcock. Esta, que era gorda, respirava com dificuldade.

— Maravilhoso o que fizeram com a casa, não acha, sra. Bantry? — perguntou uma arfante sra. Allcock. — Devo confessar que gostaria de dar uma olhada nos banheiros, mas suponho que não terei a oportunidade.

A voz soava desejosa.

No alto da escadaria, Marina Gregg e Jason Rudd estavam recepcionando aquela elite especialmente selecionada. O que um dia fora um quarto adicional agora estava aberto para o patamar, criando um efeito amplo que lembrava um salão. Giuseppe, o mordomo, era o responsável pelas bebidas.

Um homem rechonchudo de uniforme anunciava os convidados.

— Conselheiro e sra. Allcock — entoou.

Marina Gregg, conforme a sra. Bantry havia descrito para Miss Marple, estava se comportando com completo charme e naturalidade. Quase podia ouvir a sra. Allcock alardeando mais tarde: “...e não é nada *convencida*, sabe, apesar de ser tão famosa”.

Como era gentil da parte da sra. Allcock ter vindo, e também da do conselheiro, e ela esperava que apreciassem aquela tarde.

— Jason, por favor, fique à disposição da sra. Allcock.

O conselheiro e a sra. Allcock foram encaminhados aos cuidados de Jason com os drinques.

— Ah, sra. Bantry, *quanta* gentileza ter vindo.

— Não teria perdido por nada no mundo — disse a sra. Bantry e seguiu adiante, com toda a determinação, em direção aos coquetéis.

O rapaz chamado Hailey Preston acomodou-a de maneira muito afetuosa e, então, partiu, consultando a listinha que tinha em mãos, sem dúvida em busca de mais alguém entre os eleitos que encontrariam os donos da casa. Tudo estava sendo muito bem gerenciado, pensou a sra. Bantry, voltando-se, de coquetel em punho, para observar quem estava chegando. O vigário, um homem magro e ascético, tinha o olhar perplexo e um pouco aturdido. Disse a Marina Gregg com toda a sinceridade:

— Muita gentileza sua em me convidar. Receio que, entenda, eu não tenha um aparelho televisor, mas é claro que eu... hã... bem... é claro, os jovens da paróquia me mantêm atualizado.

Ninguém entendeu o que ele quis dizer. A srta. Zielinsky, que também estava trabalhando na festa, lhe serviu uma limonada com um sorriso gracioso. O sr. e a sra. Badcock foram os próximos a surgir no alto da escada. Heather Badcock, ruborizada e triunfante, andava um pouco à frente do marido.

— Sr. e sra. Badcock — bradou o homem de uniforme.

— Sra. Badcock — disse o vigário, voltando-se com sua limonada na mão —, a infatigável secretária da associação. É uma das nossas funcionárias mais dedicadas. Na verdade, não sei o que seria da St. John sem ela.

— Tenho certeza de que tem feito um trabalho maravilhoso — disse Marina.

— Não se lembra de mim? — perguntou Heather impositiva. — Como poderia, com todas as centenas de pessoas que lhe são apresentadas. E, de qualquer forma, foi há muitos anos. Nas Bermudas, o mais inimaginável dos lugares. Eu estava lá trabalhando em uma das unidades da organização. Ah, mas já faz tanto tempo.

— Ah, sim — disse Marina Gregg, mais uma vez sorrindo com todo o charme.

— Lembro de tudo tão bem — afirmou a sra. Badcock. — Estava emocionada, sabe, totalmente emocionada. Era apenas uma menina na época. E pensar que havia uma chance de conhecer Marina Gregg em pessoa... ai! Sempre fui uma fã enlouquecida sua.

— É muito gentil da sua parte, realmente muito gentil — agradeceu Marina com doçura, os olhos começando a pairar para além dos ombros de Heather, em busca dos próximos convidados que chegavam.

— Não quero lhe prender — disse Heather —, mas preciso...

“Pobre Marina Gregg”, pensou a sra. Bantry consigo. “Suponho que esse tipo de coisa sempre aconteça com ela! Precisa ter tanta paciência!”

Heather continuava contando sua história com toda a determinação.

A sra. Allcock respirava com dificuldade por cima do ombro da sra. Bantry.

— As mudanças que fizeram aqui! Impossível de acreditar até vermos com nossos próprios olhos. O que deve ter *custado*...

— Não... não me sentia de fato doente... e achei que precisava apenas...

— Isto aqui é vodca — a sra. Allcock examinava o copo cheia de desconfiança. — O sr. Rudd perguntou se eu gostaria de experimentar. O nome soa tão russo. Não acho que esteja gostando muito...

— ...disse para mim mesma: “Não vou me dar por vencida!”. Passei bastante maquiagem no rosto...

— Suponho que seria indelicado caso simplesmente abandonasse o copo em algum lugar

— a sra. Allcock parecia desesperada.

A sra. Bantry a tranquilizou com delicadeza:

— De modo algum. A vodca de fato precisa ser ingerida de um só gole — a sra. Allcock pareceu assombrada —, mas isso requer prática. Deixe esse na mesa e pegue um dos coquetéis daquela bandeja que o mordomo está carregando.

Virou-se a tempo de escutar a conclusão triunfal de Heather Badcock.

— Jamais esqueci o quanto estava maravilhosa naquele dia. Digo mil vezes que valeu a pena.

A resposta de Marina, desta vez, não foi tão automática. Os olhos, que haviam se alternado entre Heather e o espaço acima do ombro dela, pareciam agora firmes na parede na metade da escadaria. Olhava tão fixamente, e havia algo tão aterrorizante na expressão dela, que a sra. Bantry quase deu um passo adiante. Será que a mulher iria desmaiar? Que diabos estaria enxergando para ficar com um olhar tão petrificado? Mas, antes que pudesse chegar perto de Marina, esta já havia se recomposto. Os olhos vagos e desfocados pousaram mais uma vez em Heather, e os trejeitos charmosos foram reativados, talvez com ar um pouco mecânico.

— Que historinha simpática. Diga, o que vai beber? Jason! Um coquetel?

— Bom, na verdade, geralmente só tomo limonada ou suco de laranja.

— Precisa tomar algo melhor do que isso — disse Marina. — Hoje é um dia de festa, lembre-se disso.

— Permita que a convença a provar um daiquiri americano — sugeriu Jason, surgindo com um par de taças nas mãos. — É, aliás, o drinque favorito de Marina.

Entregou um para a esposa.

— Eu não deveria beber mais — disse ela. — Já tomei três.

Porém, aceitou o copo.

Heather recebeu seu drinque de Jason. Marina virou-se para recepcionar o próximo convidado que estava chegando.

A sra. Bantry incitou a sra. Allcock:

— Vamos dar uma olhada nos banheiros.

— Oh, acha que podemos? Não pareceria indelicado?

— Tenho certeza de que não — afirmou a sra. Bantry. — Gostaríamos de visitar seus magníficos novos banheiros, sr. Rudd — pediu ela a Jason Rudd. — Podemos satisfazer essa curiosidade puramente doméstica?

— É claro — respondeu Jason, abrindo um sorriso. — Podem se divertir, meninas. Preparem um banho se quiserem.

A sra. Allcock seguiu a sra. Bantry pelo corredor.

— Foi tão gentil de sua parte, sra. Bantry. Devo confessar que eu mesma não teria coragem.

— Precisamos ser aventureiras se quisermos chegar a algum lugar — disse a sra. Bantry.

Seguiram pelo corredor, abrindo várias portas. Em seguida, suspiros de “ahs” e “ohs” começaram a escapar dos lábios da sra. Allcock e de duas outras mulheres que se juntaram ao grupo.

— Gosto muito do cor-de-rosa — declarou a sra. Allcock. — Ah, gosto demais do cor-de-rosa.

— Gosto daquele com os azulejos de golfinhos — disse uma das outras mulheres.

A sra. Bantry fez o papel de anfitriã com total satisfação. Por um instante realmente chegara a esquecer que a casa já não lhe pertencia mais.

— Todos aqueles chuveiros! — exclamou a sra. Allcock admirada. — Não que de fato *goste* de chuveiros. Nunca sei como poderia evitar molhar o cabelo.

— Seria ótimo dar uma espiada nos quartos — disse uma das outras mulheres sôfrega –, mas suponho que seria um pouco indiscreto *demais*. O que *vocês* acham?

— Ah, acho que não poderíamos fazer *isso* — falou a sra. Allcock.

Ambas olharam esperançosas para a sra. Bantry.

— Bem — anunciou a sra. Bantry –, não, imagino que não deveríamos fazer isso — então, se compadeceu das outras –, mas... também não acho que ficariam sabendo se déssemos apenas uma espiadinha.

Ela pôs a mão sobre uma maçaneta. Porém, os donos da casa não se descuidaram daquele detalhe. Os quartos estavam trancados. Todas ficaram muito decepcionadas.

— Suponho que tenham direito a alguma privacidade — disse a sra. Bantry com a voz mansa.

Refizeram seus passos ao longo dos corredores. A sra. Bantry espiou para fora de uma das janelas. Reparou, lá embaixo, na sra. Meavy (do Loteamento), incrivelmente elegante em seu vestido de organdi com pregas. Acompanhando a sra. Meavy, observou que estava aquela moça Cherry, de Miss Marple, cujo sobrenome a sra. Bantry não conseguia se lembrar naquele momento. Pareciam estar se divertindo, estavam rindo e conversando.

Subitamente, a casa lhe pareceu velha, desgastada e intensamente artificial. Apesar da nova pintura brilhante, de todas as modificações, era no fundo uma mansão vitoriana já combalida.

“Ir embora foi uma decisão sábia”, pensou a sra. Bantry. “As casas são como todas as

outras coisas. Chega um momento em que ficam ultrapassadas. Esta aqui está ultrapassada. Foi renovada, mas não acho que realmente tenha melhorado muita coisa.”

De repente, uma ligeira elevação no burburinho geral chegou aos seus ouvidos. As duas mulheres que a acompanhavam apertaram o passo.

— O que está acontecendo? — indagou uma delas. — Parece que aconteceu alguma coisa.

Voltaram caminhando pelo corredor em direção à escada. Ella Zielinsky se aproximou rapidamente e passou por elas. Tentou abrir a porta de um dos quartos e disse apressada:

— Ah, droga. Claro que trancaram todas as portas.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou a sra. Bantry.

— Alguém passou mal — foi a resposta curta da srta. Zielinsky.

— Minha nossa, sinto muito. Posso ajudar em alguma coisa?

— Suponho que haja algum doutor aqui em algum lugar?

— Não vi nenhum dos nossos médicos do povoado — disse a sra. Bantry —, mas é quase certo que tem de haver algum médico aqui.

— Jason está telefonando — disse Ella Zielinsky —, mas ela parece estar muito mal.

— Quem é? — perguntou a sra. Bantry.

— Uma tal sra. Badcock, acho.

— Heather Badcock? Mas ela parecia tão bem ainda agora.

Ella Zielinsky falou impaciente:

— Teve um ataque epilético, ou uma síncope, ou alguma coisa. Sabe se ela tem algum problema no coração ou algo parecido?

— Não sei nada sobre ela — respondeu a sra. Bantry. — Mudou para cá não faz muito, não é do meu tempo. Mora no Loteamento.

— No Loteamento? Ah, está se referindo ao bairro residencial. Não sei nem onde encontrar o marido dela, nem como ele é.

— De meia-idade, loiro, discreto — disse a sra. Bantry. — Chegou com ela, então deve estar por aí.

Ella Zielinsky entrou num dos banheiros.

— Francamente não sei o que dar para ela — disse. — Sal amoníaco, a senhora acha, algo assim?

— Está desmaiada? — perguntou a sra. Bantry.

— Mais do que isso — disse Ella.

— Vou ver se há algo que eu possa fazer — declarou a sra. Bantry. Virou-se e caminhou depressa em direção ao alto da escada. Ao fazer uma curva, chocou-se contra Jason Rudd.

— A senhora viu Ella? — perguntou ele. — Ella Zielinsky?

— Foi por ali e entrou em um dos banheiros. Estava procurando por algo, sal amoníaco, algo assim.

— Não precisa mais se dar ao trabalho.

Algo no tom de voz dele chamou a atenção da sra. Bantry. Ela olhou para cima num movimento brusco.

— É tão ruim assim? — perguntou. — Péssimo mesmo?

— Podemos dizer que sim — declarou Jason Rudd. — A pobre mulher está morta.

— Morta!

A sra. Bantry estava chocada de verdade. Repetiu o que acabara de dizer há pouco:

— Mas ela parecia tão bem ainda agora.

— Eu sei. Eu sei — disse Jason. E ficou ali parado, carrancudo. — Que coisa!

CAPÍTULO 6



I

— Aqui vamos nós — disse a srta. Knight, depositando a bandeja do café da manhã na mesa de cabeceira ao lado de Miss Marple. — E como estamos na manhã de hoje? Vejo que já abrimos nossas cortinas — acrescentou com um leve ar de desaprovação na voz.

— Acordo cedo — disse Miss Marple. — Você provavelmente também fará isso, quando tiver a minha idade — completou.

— A sra. Bantry telefonou — informou a srta. Knight –, faz uma meia hora. Queria falar com a senhora, mas eu disse que seria melhor ligar de novo depois que você tomasse seu café da manhã. Não iria perturbá-la assim tão cedo, antes mesmo de tomar uma xícara de chá ou comer alguma coisa.

— Quando minhas amigas telefonam — disse Miss Marple –, prefiro que me avisem.

— Sinto muito, compreendo — falou a srta. Knight –, mas me pareceu uma falta tão grande de consideração. Quando já tiver tomado seu chá direitinho, comido seu ovo cozido e a torrada com manteiga, conversaremos.

— Meia hora atrás — disse Miss Marple pensativa –, isso teria sido... deixe-me ver... oito da manhã.

— Cedo demais — reiterou a srta. Knight.

— Não creio que a sra. Bantry teria me ligado naquela hora a menos que fosse por algum motivo especial — disse Miss Marple reflexiva. — Não costuma telefonar nas primeiras horas da manhã.

— Ah, bem, querida, não force a cabeça pensando nisso — falou a srta. Knight para confortá-la. — Imagino que vá telefonar de novo em seguida. Ou gostaria que eu ligasse para a senhora?

— Não, muito obrigada — disse Miss Marple. — Prefiro comer enquanto a comida está quente.

— Espero que não tenha me esquecido de nada — disse a srta. Knight com alegria.

Mas nada fora esquecido. O chá fora preparado da maneira correta com água fervente, o ovo fora fervido precisamente por 3 minutos e 45 segundos, a torrada estava tostada por igual, a manteiga estava servida numa bolinha bem-feita e o potinho de mel se encontrava ao lado. Por vários motivos, era inegável que a srta. Knight valia ouro. Miss Marple tomou seu café da manhã e apreciou tudo. Em seguida, o ronco de um aspirador de pó começou a zunir no andar de baixo. Cherry havia chegado.

Competindo com o ronco do aspirador, ouvia-se uma voz jovial e afinada cantando alguma música que era o sucesso do momento. A srta. Knight, chegando para apanhar a bandeja do café, balançou a cabeça.

— Queria tanto que aquela moça não ficasse cantando pela casa inteira — declarou. — Não considero respeitoso.

Miss Marple sorriu um pouco.

— Jamais passaria pela cabeça de Cherry que deveria ser respeitosa — assinalou. — E por que deveria?

A srta. Knight fungou e disse:

— Muito diferente de como as coisas eram.

— Naturalmente — disse Miss Marple. — Os tempos mudam. Precisamos nos conformar com isso. Quem sabe você telefona para a sra. Bantry agora e descobre o que ela queria comigo? — acrescentou.

A srta. Knight saiu alvoroçada. Um ou dois minutos mais tarde, ouviu-se uma batida na porta, e Cherry entrou. Estava com uma aparência radiante e animada, extremamente bonita. Um avental de plástico com uma divertida estampa de marinheiros e emblemas navais estava amarrado ao redor de seu vestido azul-marinho.

— Seu cabelo está bonito — disse Miss Marple.

— Fiz permanente ontem — disse Cherry. — O cabelo ainda está um pouco duro, mas vai melhorar. Vim ver se a senhora está sabendo das novidades...

— Que novidades? — perguntou Miss Marple.

— Aquilo que aconteceu em Gossington Hall ontem. Sabe que houve uma grande festa lá em prol da St. John Ambulance?

Miss Marple assentiu.

— O que houve? — perguntou.

— Uma pessoa morreu no meio da função. Uma tal sra. Badcock. Mora muito perto da nossa casa. Não imagino que a conheça.

— Sra. Badcock? — Miss Marple pareceu bem alerta. — Mas conheço essa senhora. Acho que... foi, sim, esse era o nome dela... saiu e veio me ajudar quando caí na rua outro dia. Foi muito gentil.

— Ah, Heather Badcock é gentil, sim, isso é certo — disse Cherry. — Até demais, dizem alguns. Dizem que é intrometimento. Bem, enfim, ela estava ótima e de repente morreu. Bem assim mesmo.

— Morreu! Mas de quê?

— E eu sei lá — respondeu Cherry. — Foi convidada a entrar na casa por ser a secretária da St. John Ambulance, suponho. Ela, o prefeito e um bando de outras pessoas. Tudo que ouvi dizer foi que tomou um copo de alguma coisa e, uns cinco minutos depois, passou mal e morreu mais rápido que um piscar de olhos.

— Que acontecimento aterrador — disse Miss Marple. — Ela sofria de problemas do coração?

— Saúde de ferro, é o que dizem — afirmou Cherry. — É claro, nunca se sabe, não é? Imagino que a pessoa possa ter algum problema no coração e ninguém ficar sabendo. De qualquer jeito, posso lhe dizer uma coisa. Não mandaram ela para casa.

Miss Marple pareceu perplexa.

— Como assim não mandaram ela para casa?

— O corpo — disse Cherry com sua ótima disposição ainda intacta. — O doutor disse que teriam que fazer uma autópsia. Um *post mortem*... ou como quer que se chame aquilo. Afirmou que nunca a atendera por motivo algum e que não havia nada que indicasse a causa da morte. Achei engraçado — acrescentou ela.

— Diga, como assim engraçado? — inquiriu Miss Marple.

— Bem — considerou Cherry. — Engraçado. Como se houvesse alguma coisa por trás disso.

— O marido dela está sofrendo muito?

— Está branco como um papel. Nunca vi um homem ficar tão abalado, basta olhar... melhor dizendo.

Os ouvidos de Miss Marple, já há muito sintonizados para perceber as mínimas nuances, a levaram a inclinar a cabeça um pouco para o lado, como um passarinho inquisitivo.

— Ele era tão devotado assim?

— Fazia o que ela mandava e satisfazia todas as vontades — disse Cherry —, mas isso nem sempre quer dizer que a pessoa é devotada, quer? Pode significar que você não tem coragem de se impor.

— Você não gostava dela? — perguntou Miss Marple.

— Mal a conheço realmente — disse Cherry. — Conhecia, digo. — Não é que não goste... gostasse... dela. Apenas não faz meu tipo. É muito inconveniente.

— Está dizendo intrometida, abelhuda?

— Não, não estou — respondeu Cherry. — Não é isso que quero dizer mesmo. Era uma mulher muito gentil e estava sempre fazendo coisas para os outros. E estava sempre segura de que tinha a melhor solução para tudo. O que os outros achavam não importava. Tive uma tia assim. Adorava bolos com cominho e costumava preparar esses bolos para as pessoas e dava de presente, nunca se preocupou em saber se gostavam ou não. Tem pessoas que não aguentam, não suportam o gosto. Bem, Heather Badcock era um pouco assim.

— Era — comentou Miss Marple pensativa —, sim, tinha um jeito muito parecido. Conheci uma pessoa um pouco assim. Essas pessoas — acrescentou — vivem de maneira perigosa... embora não se apercebam disso.

Cherry ficou olhando fixo para ela.

— Que coisa engraçada de se dizer. Não sei se estou entendendo direito o que está falando.

A srta. Knight entrou apressada.

— Parece que a sra. Bantry deu uma saída — disse. — Não avisou para onde ia.

— Já posso adivinhar para onde — falou Miss Marple. — Está vindo para cá. Está na hora de eu levantar — acrescentou.

II

Miss Marple havia acabado de se abrigar na sua poltrona favorita junto à janela quando a sra. Bantry chegou. Estava levemente sem ar.

— Tenho tanto para lhe contar, Jane — declarou.

— Sobre a festa? — perguntou a srta. Knight. — A senhora foi à festa ontem, não foi? Eu mesma estive lá por um breve período no começo da tarde. A tenda de chá estava muito lotada. Parece que um número assombroso de pessoas compareceu. Porém, não vi nem sombra de Marina Gregg, o que foi muito frustrante.

Espanou um pouco de pó da mesa e disse com entusiasmo:

— Bom, estou certa de que vocês duas querem ter uma boa conversa a sós — e saiu da sala.

— Ela não parece saber nada sobre o que aconteceu — disse a sra. Bantry. Lançou um olhar penetrante para a amiga. — Jane, acredito que *you* já saiba.

— Está falando da morte que aconteceu ontem?

— Você sempre sabe de tudo — falou a sra. Bantry. — Não consigo imaginar como.

— Bem, na verdade, minha cara — disse Miss Marple –, do mesmo jeito que todo mundo sempre fica sabendo das coisas. A minha diarista, Cherry Baker, trouxe as novidades. Suspeito que o açougueiro vá relatar os fatos para a srta. Knight em seguida.

— E o que achou disso? — perguntou a sra. Bantry.

— O que achei de quê? — contestou Miss Marple.

— Não seja irritante, Jane, sabe perfeitamente bem do que estou falando. Essa mulher... qualquer que seja o nome dela...

— Heather Badcock — disse Miss Marple.

— Chega lá toda alegre e cheia de vida. Eu estava lá quando ela chegou. E quinze minutos mais tarde, senta-se em uma cadeira, diz que não está se sentindo bem, fica um pouco ofegante e morre. O que você acha *disso*?

— Não devemos tirar conclusões precipitadas — disse Miss Marple. — A questão é, claro, o que foi que o homem da medicina achou de tudo?

A sra. Bantry assentiu.

— Vai haver um inquérito e uma autópsia — disse. — Isso demonstra o que eles acharam de tudo, não é?

— Não necessariamente — disse Miss Marple. — Qualquer um pode passar mal e ter uma morte súbita, e eles precisam fazer uma autópsia para descobrir a causa.

— É mais do que isso — garantiu a sra. Bantry.

— Como sabe? — perguntou Miss Marple.

— O dr. Sandford foi para casa e ligou para a polícia.

— Quem contou uma coisa dessas? — inquiriu Miss Marple com grande interesse.

— O velho Briggs — respondeu a sra. Bantry. — Bem, não contou para mim. Sabe que ele vai lá à tardinha, depois do expediente, para dar uma olhada no jardim do dr. Sandford. Então, ele estava podando alguma coisa bem perto do escritório quando ouviu o doutor telefonando para a delegacia de polícia em Much Benham. Briggs contou para a filha dele, e a filha comentou com a mulher do correio, e ela contou para mim — confessou a sra. Bantry.

Miss Marple sorriu.

— Estou vendo — falou Miss Marple — que St. Mary Mead não mudou nada com o passar dos anos.

— O disse me disse continua o mesmo — concordou a sra. Bantry. — Bem, e então Jane, me diga o que pensa disso.

— A gente pensa, claro, no marido — refletiu Miss Marple. — Ele estava lá?

— Sim, estava. Você não acha que seria suicídio? — Perguntou a sra. Bantry.

— Com certeza não foi suicídio — declarou Miss Marple decidida. — Ela não fazia o tipo.

— Como foi que a conheceu, Jane?

— Foi no dia em que saí para dar minha caminhada no Loteamento e caí na rua perto da casa dela. Ela era a gentileza em pessoa. Era uma mulher muito gentil.

— Chegou a ver o marido? Tinha cara de quem gostaria de envenená-la? Entende o que estou dizendo — emendou a sra. Bantry, assim que Miss Marple demonstrou sinais discretos de estar prestes a reclamar. — Ele lhe lembrou o Major Smith ou Bertie Jones, ou alguém que conheceu anos atrás e envenenou a esposa, ou pelo menos tentou?

— Não — disse Miss Marple —, não me lembrou de ninguém que tenha conhecido.

E acrescentou:

— Mas ela, sim.

— Quem... a sra. Badcock?

— Foi — falou Miss Marple. — Ela me lembrou uma mulher chamada Alison Wilde.

— E como era essa Alison Wilde?

— Não fazia a mínima ideia — explicou Miss Marple devagar — de como o mundo funcionava. Não tinha noção de como as pessoas eram. Nunca parou para pensar sobre elas. E, portanto, entenda, não tinha como se proteger para evitar que certas coisas acontecessem.

— Acho que na realidade não estou entendendo nenhuma palavra do que está me dizendo — confessou a sra. Bantry.

— É muito difícil de explicar com precisão — declarou Miss Marple, desculpando-se. — É uma consequência de ser egocêntrico, mas isso não quer dizer que a pessoa seja egoísta — acrescentou. — Você pode ser gentil, altruísta e até atencioso. Mas, se for como Alison Wilde, nunca sabe de fato o que pode estar causando. E, portanto, nunca desconfia do que pode acontecer com você.

— Pode ser mais clara? — pediu a sra. Bantry.

— Bem, suponho que possa lhe dar um exemplo hipotético. Não se trata de algo que realmente tenha acontecido, é apenas algo que estou inventando.

— Continue — disse a sra. Bantry.

— Bem, suponha que você entrou em uma loja, digamos, e sabe que a proprietária tem um filho do tipo vagabundo e delinquente juvenil. Ele fica lá escutando tudo enquanto você conta para a mãe dele sobre um dinheiro que guarda em casa, ou alguma joia ou prataria. Alguma coisa sobre a qual estivesse animada, contente, e querendo conversar. E talvez também mencionasse uma determinada noite em que fosse sair. Chega até a comentar que jamais tranca a casa. Você está interessada no que está dizendo, no que está contando, porque é algo muito presente na sua cabeça. E, depois, digamos, naquela determinada noite, volta para casa porque esqueceu alguma coisa, e lá está esse menino bandido. Pego em flagrante, ele se vira e espanta você.

— Isso poderia acontecer praticamente com qualquer um hoje em dia — falou a sra. Bantry.

— Não é bem assim — argumentou Miss Marple —, a maioria das pessoas tem um senso de proteção. Elas percebem quando não é inteligente dizer ou fazer alguma coisa por conta de quem está absorvendo o que você diz e por causa do caráter dessas pessoas. Mas, como eu digo, Alison Wilde nunca pensava em ninguém além de si mesma... Era daquele tipo de pessoa que conta tudo o que fez e viu, o que sentiu e ouviu. Nunca menciona o que alguma outra pessoa disse ou fez. É como se a vida fosse uma via de mão única para ela... diz respeito apenas a seu próprio progresso ao longo da estrada. É como se os outros fossem apenas como... como o papel de parede numa sala.

Ela fez uma pausa e então falou:

— Acho que Heather Badcock era desse tipo de pessoa.

A sra. Bantry perguntou:

— Acha que era do tipo que pode ter se esbarrado em algo importante sem perceber o que

estava fazendo?

— E sem compreender que estava fazendo algo perigoso — afirmou Miss Marple. — É a única razão que posso imaginar para ela ter sido morta. Se é que, claro — acrescentou ela —, estamos corretas em presumir que um assassinato foi cometido.

— Não acha que ela estaria chantageando alguém? — sugeriu a sra. Bantry.

— Ah, não — Miss Marple garantiu à amiga. — Era uma mulher bondosa e gentil. Jamais faria nada desse tipo.

Acrescentou com ar contrariado:

— A coisa toda me parece muito improvável. Suponho que não possa ter sido...

— Diga? — pressionou a sra. Bantry.

— Estava apenas considerando se não seria o caso de um assassinato equivocado — disse Miss Marple pensativa.

A porta se abriu, e o dr. Haydock entrou despreocupado, a srta. Knight papagaiando atrás dele.

— Ah, pelo que vejo, já estão compenetradas — falou o dr. Haydock, olhando para as duas senhoras. — Vim para saber como anda sua saúde — disse para Miss Marple —, mas nem preciso perguntar. Estou vendo que já deu início ao tratamento que recomendei.

— Tratamento, doutor?

O dr. Haydock apontou o dedo para o tricô que estava na mesa ao lado dela.

— Desenredando — respondeu. — Acertei, não foi?

Miss Marple piscou muito de leve, num gesto discreto, à moda antiga.

— Vou lhe conceder sua piadinha, dr. Haydock — disse.

— Não pode tapar o sol com a peneira, cara senhora. Já lhe conheço há tempo demais para isso. Há uma morte repentina em Gossington Hall, e todas as línguas de St. Mary Mead se põem a trabalhar. Não é mesmo? A hipótese de assassinato já é sugerida muito antes de qualquer um sequer descobrir o resultado do inquérito.

— Quando é que vão fazer o inquérito? — perguntou Miss Marple.

— Depois de amanhã — respondeu o dr. Haydock —, e até lá — disse — vocês duas já terão esmiuçado a história toda, dado seus vereditos e decidido também uma série de outros pontos, imagino eu. Bem — acrescentou —, não vou mais perder meu tempo aqui. Não vale a pena desperdiçar tempo com uma paciente que não precisa das minhas prescrições médicas. Suas bochechas estão coradas, os olhos, brilhantes, e já voltou a se divertir. Nada como ter algum interesse na vida. Estou de saída.

Deixou a sala a passos firmes.

— Prefiro mil vezes ele ao Sandford — disse a sra. Bantry.

— Eu também — concordou Miss Marple. — Além disso, é um bom amigo — acrescentou pensativa. — Acho que veio para me dar o sinal para ir em frente.

— Então *foi* um crime — disse a sra. Bantry. As duas se entreolharam. — Pelo menos, é o que os médicos estão achando.

A srta. Knight entrou trazendo as xícaras de café. Pela primeira vez na vida, ambas estavam muito impacientes para receber bem tal interrupção. Assim que a srta. Knight saiu, Miss Marple imediatamente começou.

— Então, vejamos, Dolly, você estava lá...

— Praticamente vi tudo acontecer — declarou a sra. Bantry com falsa modéstia.

— Esplêndido — exclamou Miss Marple. — Digo... bem, sabe o que quero dizer. Portanto pode me contar em detalhes o que aconteceu a partir do momento em que ela chegou.

— Fui convidada para entrar na casa — começou a sra. Bantry. — Puro esnobismo.

— Quem a levou?

— Ah, um rapazinho alto e esguio. Acho que ele é o secretário de Marina Gregg ou algo assim. Ele me levou lá para dentro, subiu comigo as escadas. Estava acontecendo uma espécie de recepção, reunião ou comitê no alto da escadaria.

— No patamar? — perguntou Miss Marple surpresa.

— Ah, eles mudaram tudo aquilo. Derrubaram o vestiário e o quarto, então ficou uma espécie de grande alcova; é praticamente uma sala. Ficou muito bonito.

— Entendo. E quem estava lá?

— Marina Gregg, sempre muito natural e cheia de charme, lindíssima em um vestido meio esvoaçante verde-acinzentado. E o marido, é claro, além daquela mulher, Ella Zielinsky, de quem lhe falei. É a secretária social deles. E havia umas... ah, oito ou dez pessoas, eu diria. Algumas eu conhecia, outras não. Acho que algumas eram dos estúdios... as que eu não conhecia. Estavam lá o vigário e a esposa do dr. Sandford. Ele próprio só chegou lá mais tarde, o coronel com a sra. Clittering e o oficial do condado. E acho que havia alguém da imprensa lá. E uma mocinha com uma câmera imensa tirando fotos.

Miss Marple assentiu com a cabeça.

— Prossiga.

— Heather Badcock e o marido chegaram logo depois de mim. Marina Gregg conversou amenidades comigo e, depois, com mais alguém, ah, sim, com o vigário... e logo Heather Badcock e o marido chegaram. Ela era secretária, sabe, da St. John Ambulance. Alguém falou alguma coisa sobre isso, de como era dedicada e do quanto era valiosa para a organização. E

Marina Gregg fez alguns comentários gentis. Depois, a sra. Badcock, que me deu a impressão, preciso confessar isso, Jane, de ser uma mulher muito enfadonha, deu início a uma ladainha de como anos atrás encontrara Marina Gregg em algum lugar. Não teve o menor tato ao falar daquilo, porque fez questão de mencionar exatamente quanto tempo havia se passado e que ano foi e tudo o mais. Tenho certeza de que as atrizes, essas estrelas e gente de cinema não gostam muito de ser lembradas da idade exata delas. Ainda assim, ela não me pareceu fazer ideia disso.

— Não — disse Miss Marple —, não era o tipo de mulher que teria pensado em uma coisa assim. E?

— Bom, nada de especial nisso, exceto pelo fato de que Marina Gregg não respondeu como de costume.

— Quer dizer que ficou incomodada?

— Não, não estou dizendo isso. Para dizer a verdade, não tenho certeza de que ela ouviu uma só palavra. Estava com o olhar fixo, sabe, por cima do ombro da sra. Badcock e, quando a sra. Badcock terminou aquela história tão boba, de como havia saído da cama, na qual estava doente de repouso, e da forma como escapara furtivamente de casa para conhecer Marina e pegar um autógrafo, houve um silêncio um pouco estranho. E, então, vi a expressão dela.

— A expressão de quem? Da sra. Badcock?

— Não. De Marina Gregg. Foi como se ela não tivesse ouvido uma única palavra do que a dona Badcock estava dizendo. Estava olhando fixamente por cima do ombro da outra, direto para a parede do outro lado. Olhava com... não consigo explicar...

— Mas tente, Dolly — instigou Miss Marple —, porque acho que talvez isso possa ser importante.

— Tinha uma expressão meio petrificada — disse a sra. Bantry, demonstrando dificuldade com as palavras —, como se tivesse visto algo que... ai, minha nossa, como é difícil descrever as coisas. Você se lembra daquele poema “Lady de Shalott”? “*O espelho inteiro se partiu;/ ‘A desgraça se abateu sobre mim’, bramiu/ A Lady de Shalott*”. Bem, foi essa a cara que ela fez. As pessoas hoje riem dos poemas de Alfred Tennyson, mas a Lady de Shalott sempre mexeu comigo quando eu era jovem e ainda mexe.

— Tinha a expressão petrificada — repetiu Miss Marple pensativa. — E estava olhando por cima do ombro da sra. Badcock para a parede em frente. O que havia na parede?

— Ah! Uma pintura de algum tipo — disse a sra. Bantry. — Sabe, italiana, acho que era uma réplica da Madonna de Bellini, mas não tenho certeza. Uma imagem da Virgem segurando

uma criança sorridente.

Miss Marple franziu o cenho.

— Não consigo entender como uma *pintura* causaria aquela expressão nela.

— Principalmente uma que ela vê todos os dias — concordou a sra. Bantry.

— Ainda havia mais pessoas subindo as escadas, imagino.

— Ah, sim, havia.

— Quem eram elas, você se lembra?

— Está sugerindo que ela poderia estar olhando para uma das pessoas que estavam subindo a escada?

— Bem, é possível, não é mesmo? — perguntou Miss Marple.

— Sim, é claro... agora, deixe-me ver. Havia o prefeito, todo bem-vestido, usando distintivos e tudo, a mulher dele e também um homem de cabelos compridos com uma daquelas barbas engraçadas que agora estão usando. Um rapaz bem moço. E havia a menina com a câmera. Ela se posicionara na escada para poder tirar fotos das pessoas chegando e apertando a mão de Marina e... deixe-me ver, duas pessoas que eu não conhecia. Acho que eram gente do estúdio, e os Grice, lá de Lower Farm. Pode ter havido mais alguém, mas são esses que consigo lembrar agora.

— Não soa muito promissor — disse Miss Marple. — O que aconteceu depois?

— Acho que Jason Rudd deu um cutucão nela, ou algo do tipo, porque, de repente, ela pareceu se recompor e sorriu para a sra. Badcock, daí começou a falar todas as coisas de costume. Você sabe, todos aqueles comentários doces, nada afetados, naturais, encantadores, os artificios de sempre.

— E depois?

— Depois, Jason Rudd serviu drinques para elas.

— Que tipo de drinques?

— Acho que eram daiquiris. Disse que era a bebida favorita da esposa. Entregou um para ela e outro para aquela dona Badcock.

— Isso é interessantíssimo — comentou Miss Marple. — Muito interessante mesmo. E o que aconteceu depois?

— Não sei, porque levei um grupo de mulheres para dar uma olhada nos banheiros. E, quando dei por mim, lá estava aquela secretária correndo de um lado para outro, dizendo que alguém estava passando mal.

CAPÍTULO 7



O inquérito que fizeram foi curto e decepcionante. O marido deu testemunho de identificação, e a única evidência posterior foi a médica. Heather Badcock morrera devido à ingestão de 250 miligramas de dietildexilbarboquindoloritato, ou, para sermos francos, algum nome parecido. Não havia nenhum indício de como a droga fora administrada.

O inquérito foi suspenso por quinze dias.

Após a conclusão, o detetive-inspetor Frank Cornish encontrou-se com Arthur Badcock.

— Posso dar uma palavrinha com o senhor, sr. Badcock?

— É claro, é claro.

Arthur Badcock parecia mais abatido do que nunca.

— Não consigo entender — balbuciava. — Simplesmente não consigo entender.

— Estou de carro — disse Cornish. — Vou levá-lo até a sua casa, pode ser? É melhor e mais reservado.

— Obrigado, senhor. Sim, claro, tenho certeza de que seria muito melhor.

Encostaram junto a um simpático portãozinho pintado de azul da Travessa Arlington, número três. Arthur Badcock indicou o caminho, e o inspetor o seguiu. Ele tirou sua chave, mas, antes que pudesse inseri-la na fechadura, a porta foi aberta por dentro. A mulher que abriu deu um passo para trás com ar um pouco constrangido. Arthur Badcock sobressaltou-se.

— Mary — ele disse.

— Estava agora mesmo lhe preparando um chá, Arthur. Achei que iria precisar depois que voltasse do inquérito.

— É muita gentileza sua, tenho certeza disso — disse Arthur Badcock com gratidão. — Hã... — hesitou. — Este é o inspetor Cornish, esta é a sra. Bain. Ela é uma vizinha minha.

— Entendo — disse o inspetor Cornish.

— Vou apanhar mais uma xícara — disse a sra. Bain.

Ela desapareceu e, titubeante, Arthur Badcock levou o inspetor até a sala de estar

revestida de cretone colorido, que ficava à direita no corredor.

— Ela é muito gentil — comentou Arthur Badcock. — Sempre muito gentil.

— Já a conhece há muito tempo?

— Ah, não. Apenas desde que nos mudamos para cá.

— Mora aqui há dois anos, creio, ou já são três?

— Está fazendo bem uns três — respondeu Arthur. — A sra. Bain chegou apenas uns seis meses atrás — explicou. — O filho dela trabalha perto daqui, portanto, depois da morte do marido, veio de mudança para cá, e o filho faz as refeições com ela.

A sra. Bain apareceu naquele momento trazendo uma bandeja da cozinha. Era uma mulher morena, com um ar bastante intenso, de mais ou menos quarenta anos. Tinha uma cor meio cigana que combinava com os olhos e cabelos escuros. Havia alguma coisa levemente estranha no olhar dela. Tinha um ar vigilante. Colocou a bandeja sobre a mesa, e o inspetor Cornish fez algum comentário agradável e descompromissado. Algo nele, algum instinto profissional, estava em alerta. O ar vigilante dos olhos da mulher e o leve susto que ela levou quando Arthur o apresentara não passaram despercebidos. Conhecía bem aquela leve inquietação na presença da polícia. Havia dois tipos de inquietação. Uma era aquela espécie de alarme e desconfiança naturais, demonstrados por quem pode ter cometido alguma ofensa desavisada contra a soberania da lei, mas havia um segundo tipo. E era este segundo tipo que ele sentia estar presente ali. A sra. Bain, pensou, tivera em algum momento qualquer conexão com a polícia, algo que a deixara cautelosa e desconfortável. Anotou mentalmente que precisava descobrir um pouco mais sobre Mary Bain. Depois de acomodar a bandeja de chá e se recusar a tomar uma xícara, dizendo que precisava voltar para casa, ela partiu.

— Parece uma boa pessoa — disse o inspetor Cornish.

— Sim, de fato. É muito gentil e é uma ótima vizinha, uma mulher muito bondosa — falou Arthur Badcock.

— Era uma amiga muito próxima de sua mulher?

— Não. Não diria isso. Eram conhecidas e se tratavam com cordialidade. Entretanto, nada de especial.

— Sei. Agora, sr. Badcock, queremos todas as informações que puder nos fornecer. As descobertas do inquérito foram um choque para o senhor, estou certo?

— Ah, se foram, inspetor. Claro que percebi que vocês deviam achar que algo estava errado, e eu mesmo quase cheguei a pensar isso porque a Heather sempre foi uma mulher tão saudável. Praticamente não ficava um dia doente. Disse a mim mesmo: “Deve haver alguma coisa errada”. Mas parece tão incrível, se é que me entende, inspetor. De fato, tão

inacreditável. O que é esse negócio, esse dietildexilbarbo... — ele estancou.

— Tem um nome mais fácil para esse composto — afirmou o inspetor. — É vendido sob um nome comercial, o nome comercial é Calmo. Alguma vez o senhor já viu isso?

Arthur Badcock meneou a cabeça perplexo.

— É mais usado nos Estados Unidos do que aqui — disse o inspetor. — Costumam prescrevê-lo livremente por lá, pelo que entendi.

— E para que serve?

— Ele induz, ou ao menos assim entendi, a um estado de espírito feliz e tranquilo — respondeu Cornish. — É receitado para quem está sob muita pressão; sofrendo de ansiedade, depressão, melancolia, insônia e um bom número de outras moléstias. A dose prescrita de modo adequado não é perigosa, mas o exagero não é recomendado. Tudo indica que sua esposa tomou algo como seis vezes a dose normal.

Badcock arregalou os olhos.

— Heather nunca tomou nada desse tipo na vida — disse. — Tenho certeza. Nunca foi do tipo que gosta de se medicar. Nunca esteve deprimida ou preocupada. Era uma das mulheres mais alegres que o senhor pode imaginar.

O inspetor aquiesceu.

— Entendo. E nenhum médico havia prescrito nada nessa linha para ela?

— Não. Com certeza que não. Não tenho dúvidas disso.

— Quem era o médico dela?

— Tinha uma ficha com o dr. Sim, mas acho que não chegou a se consultar com ele nenhuma vez desde que chegamos aqui.

O inspetor Cornish perguntou com especial atenção:

— Então ela não parece ser do tipo de mulher que possivelmente precisaria de algo assim, ou que teria tomado algo assim?

— Não tomava, inspetor. Tenho certeza de que não tomava. Deve ter tomado por engano.

— É um engano muito difícil de imaginar — afirmou o inspetor Cornish. — O que ela comeu e bebeu durante aquela tarde?

— Bem, deixe-me ver. No almoço...

— Não precisa recuar até o horário de almoço — interrompeu Cornish. — Ministrada naquela quantidade, a droga agiria de forma rápida e súbita. Chá. Volte apenas até a hora do chá.

— Bem, fomos até o barracão lá mesmo na propriedade. Estava uma confusão danada, mas conseguimos por fim comer um bolinho cada um e tomar uma xícara de chá. Terminamos o

mais rápido possível porque estava muito quente embaixo da tenda e saímos logo de lá.

— E isto foi tudo que ela consumiu, um bolinho e uma xícara de chá lá mesmo?

— Correto, senhor.

— E, depois disso, vocês entraram na casa. Foi isso?

— Foi. A mocinha veio e disse que a srta. Marina Gregg adoraria falar com a minha esposa, perguntou se ela concordaria em entrar na casa. É claro que minha esposa ficou encantada. Estivera falando por dias sobre Marina Gregg. Todo mundo estava animado. Ah, bem, o senhor sabe disso inspetor, como todo mundo.

— Sim, sei — disse Cornish. — Minha esposa estava empolgadíssima também. Ora, gente de toda parte estava pagando seu xelim para entrar e conhecer a Gossington Hall e a reforma que fizeram lá, esperando conseguir ver, ao menos de relance, a própria Marina Gregg.

— A mocinha nos levou para dentro da casa — continuou Arthur Badcock — e subiu a escada conosco. Era lá que a festa estava acontecendo. No patamar acima da escadaria. Mas disseram que está muito diferente do que costumava ser. Era mais como se fosse uma sala, um lugar escavado e amplo, com cadeiras e drinques sobre as mesas. Havia umas dez ou doze pessoas ali, imagino.

O inspetor Cornish balançou o queixo.

— E foram recebidos lá... por quem?

— Pela própria srta. Marina Gregg. O marido estava com ela. Esqueci o nome dele agora.

— Jason Rudd — assinalou o inspetor.

— Ah, sim, não que tenha reparado nele logo na chegada. Bem, enfim, a srta. Gregg cumprimentou Heather com muita educação e parecia muito contente em vê-la, e Heather estava falando e contando uma história de como ela uma vez tinha conhecido a srta. Gregg anos antes, nas Índias Ocidentais, e tudo parecia estar indo muito bem.

— Tudo parecia estar indo muito bem — repetiu o inspetor. — Mas então?

— Então, a srta. Gregg perguntou o que gostaríamos de beber. E o marido dela, o sr. Rudd, serviu para Heather um tipo de coquetel, um daiquiri, ou algo parecido.

— Um daiquiri.

— É isso mesmo, senhor. Trouxe dois. Um para ela e outro para a srta. Gregg.

— E o senhor, o que o senhor bebeu?

— Tomei um xerez.

— Sei. E vocês três ficaram ali bebendo juntos?

— Bem, não foi bem assim. O senhor pode imaginar que tinha mais pessoas chegando pela escada. Por exemplo, tinha o prefeito e algumas outras pessoas... um cavalheiro americano e

uma senhora, acho... então fomos um pouco para o lado.

— E sua esposa tomou o daiquiri dela, então?

— Bem, não, não naquele momento, não tomou.

— Bem, se não tomou naquele momento, quando foi que tomou?

Arthur Badcock franziu a testa se esforçando para lembrar.

— Acho que ela deixou a bebida em uma daquelas mesas. Viu alguns amigos que estavam lá, acho que era um grupo ligado à St. John Ambulance que tinha vindo de Much Benham ou algum lugar assim. De qualquer jeito, ficaram conversando.

— E quando foi que ela tomou o coquetel?

Arthur Badcock franziu a testa mais uma vez.

— Foi um pouco depois daquilo — disse. — Estava ficando mais e mais tumultuado então. Alguém deu um esbarrão no braço de Heather, e o copo derramou.

— Como é que é? — o inspetor ergueu o olhar bruscamente. — O copo derramou?

— Sim, é disso que eu me lembro... Ela ergueu o copo e acho que tomou um golinho, fazendo uma careta. Não gostava muito de coquetéis, sabe, mas mesmo assim não ia desistir com facilidade. Enfim, enquanto estava lá parada, alguém esbarrou no cotovelo dela e o copo derramou todo. Escorreu pelo vestido, e acho que caiu no vestido da srta. Gregg também. A srta. Gregg não poderia ter sido mais educada. Disse que não tinha problema nenhum, que não iria manchar, emprestou a Heather o lenço dela para secar o vestido e, depois, passou o drinque que ela mesma estava segurando, dizendo: “Tome este, nem cheguei a encostar nele”.

— Ela passou adiante o drinque que era dela, foi isso? — perguntou o inspetor. — O senhor tem certeza do que está dizendo?

Arthur Badcock parou por um momento enquanto pensava.

— Sim, tenho certeza absoluta disso — disse.

— E sua esposa aceitou o drinque?

— Bem, primeiro ela não queria. Disse: “Ah, não, não poderia aceitar”, e a srta. Gregg riu e falou: “Eu já bebi demais por hoje”.

— Então sua esposa aceitou o copo e fez o que com aquilo?

— Virou um pouco para o lado e bebeu, até que bem rápido, acho. E depois demos uns passos pelo corredor para admirar alguns quadros e as cortinas. Uma cortina muito bonita que tinha ali, nunca havia visto nada parecido. Daí, encontrei um colega meu, o conselheiro Allcock, e estava no meio de uma boa conversa com ele quando olhei para o lado e vi que Heather estava sentada numa cadeira, com uma aparência muito estranha, em seguida fui até ela e perguntei: “Aconteceu alguma coisa?”. Disse que estava se sentindo um pouco esquisita.

— Esquisita como?

— Não sei, senhor. Não deu tempo de nada. A voz dela soava muito estranha e embargada, e a cabeça estava pendendo um pouco para o lado. De repente, arquejou alto, e a cabeça caiu para a frente. Estava morta, senhor, morta.

CAPÍTULO 8



I

— St. Mary Mead, o senhor disse? — o inspetor-chefe Craddock ergueu rapidamente o olhar.

O comissário-assistente ficou um pouco surpreso.

— Sim — confirmou ele —, St. Mary Mead. Por quê? Tem algo a...

— Nada de mais, na verdade — afirmou Dermot Craddock

— É um lugarejo bem pequeno, que eu saiba — continuou o outro. — Embora, é claro, exista um bom número de novos empreendimentos imobiliários sendo construídos por lá agora. Pelo que entendi, praticamente se estendem de St. Mary Mead até Much Benham. Os estúdios Hellingforth — acrescentou — ficam do outro lado de St. Mary Mead, para os lados de Market Basing.

Ele seguia observando o outro com o olhar um pouco curioso. Dermot Craddock sentiu que talvez fosse melhor explicar.

— Conheço alguém que mora lá — disse. — Em St. Mary Mead. Uma senhora de idade. Agora deve estar bem velhinha. Talvez até já tenha morrido, não sei. Mas se não tiver...

O comissário-assistente entendeu onde seu subordinado queria chegar, ou, pelo menos, achou que tivesse entendido:

— Sim — falou — poderia ajudar vocês com informações internas, de certa forma. Sempre é importante saber dos mexericos locais. A função toda foi um negócio muito estranho.

— O Condado mandou nos chamar? — perguntou Dermot.

— Mandou. Tenho aqui a carta do chefe de polícia. Dá a entender que não acham que seja necessariamente um caso de âmbito local. A maior casa daquelas redondezas, Gossington Hall, foi recentemente vendida para servir de residência para Marina Gregg, a estrela de cinema, e o marido. Estão rodando um filme nos estúdios novos deles, em Hellingforth, que terá Marina no papel principal. Uma grande festa foi organizada na propriedade para arrecadar fundos para a St. John Ambulance. A mulher assassinada, seu nome é sra. Heather

Badcock, era a secretária local da organização e fora responsável pela maior parte dos preparativos administrativos para o evento. Parece ter sido uma pessoa competente e sensata, muito benquista pela população local.

— Uma mulher do tipo mandona? — sugeriu Craddock.

— É bem possível — disse o comissário-assistente. — Ainda assim, pela minha experiência, as mulheres mandonas raramente são assassinadas. Não entendo bem o porquê. Se pararmos para pensar nisso, chega a ser uma pena. O evento teve um recorde de público, parece, o tempo estava bom, tudo estava correndo de acordo com o planejado. Marina Gregg e o marido estavam tendo uma pequena recepção privada em Gossington Hall. Em torno de umas trinta a quarenta pessoas compareceram. As personalidades locais, várias pessoas ligadas à Associação de St. John Ambulance, amigos da própria Marina Gregg e uns poucos ligados aos estúdios. Tudo muito tranquilo, agradável e feliz. Mas o mais fantástico e improvável aconteceu, Heather Badcock foi envenenada ali.

Dermot Craddock declarou pensativo:

— Um lugar estranho para quem escolheu fazer isso.

— O chefe de polícia compartilha da mesma opinião. Se alguém quisesse envenenar Heather Badcock, por que escolheria aquela tarde e aquelas circunstâncias em particular? Há centenas de maneiras mais simples de se fazer isso. De todo jeito, foi um negócio arriscado, sabe, meter uma dose de veneno mortal em um coquetel com vinte ou trinta pessoas circulando por ali. Alguém teria visto alguma coisa.

— Foi comprovado que estava na bebida?

— Sim. Temos os detalhes específicos quanto a isso. Um daqueles nomes inexplicáveis que os médicos adoram, mas é na verdade um medicamento bastante receitado nos Estados Unidos.

— Nos Estados Unidos. Compreendo.

— Ah, neste país também. Mas esses compostos são distribuídos com muito mais facilidade do outro lado do Atlântico. Tomados em pequenas doses, são benéficos.

— Vendidos com receita médica ou podem ser comprados por qualquer um?

— Não. Você precisa de receita.

— Sim, é estranho — disse Dermot. — Heather Badcock tinha alguma conexão com essas pessoas de cinema?

— Nenhuma.

— Algum membro da família dela estava presente na ocasião?

— O marido.

— O marido — repetiu Dermot pensativo.

— É, sempre costumamos pensar assim — concordou o oficial de cargo superior –, mas o encarregado local, Cornish, acho que é o nome dele... não parece achar que há algo aí, embora tenha informado que Badcock parecia irrequieto e nervoso, mas concorda que cidadãos respeitáveis com frequência ficam assim quando são interrogados pela polícia. Parece que os dois eram um casal muito devotado um ao outro.

— Em outras palavras, a polícia de lá não acha que o problema é deles. Bem, vai ser interessante. Pelo que entendi, estou sendo mandado para lá, senhor?

— Está. Melhor chegar lá o quanto antes, Dermot. Quem quer levar com você?

Dermot ponderou por alguns instantes.

— Tiddler, acho — disse pensativo. — É um homem bom e, o que é mais importante, um ator de cinema. Isso pode ser útil.

O comissário-assistente assentiu.

— Boa sorte para vocês — disse.

II

— Ora! — exclamou Miss Marple enrubescida de alegria e espanto. — Isto é mesmo uma surpresa. Como vai você, meu adorado rapaz... embora agora não seja mais um rapaz. O que é... um inspetor-chefe ou esta novidade que estão chamando de comandante?

Dermot explicou sua atual posição hierárquica.

— Suponho que eu nem precise perguntar o que está fazendo por aqui — disse Miss Marple. — Nosso assassinato local foi considerado digno da atenção da Scotland Yard.

— Passaram o caso para nós — falou Dermot — portanto, naturalmente, assim que cheguei aqui, já decidi vir até o quartel-general.

— Está dizendo que... — Miss Marple teve uma palpitação.

— Sim, titia — disse Dermot, faltando com respeito. — Estou falando da senhora.

— Receio — disse Miss Marple, pesarosa — que esteja muito por fora das coisas hoje em dia. Não tenho saído muito.

— Sai o suficiente para levar um tombo e ser socorrida por uma mulher que seria assassinada dez dias depois — disse Dermot Craddock.

Miss Marple fez um ruído que um dia teria sido descrito como “tsc-tsc”.

— Não sei de onde você tira essas coisas — declarou.

— Deveria saber — provocou Dermot Craddock. — A senhora mesma me disse que num vilarejo todo mundo sabe de tudo. E, que fique entre nós — continuou —, mas a senhora achou que ela seria assassinada assim que colocou os olhos nela?

— É claro que não, é claro que não — exclamou Miss Marple. — Que ideia!

— Não viu nenhuma expressão no olhar do marido que a lembrou de Harry Simpson ou David Jones, ou qualquer outro que tenha conhecido anos atrás e acabou empurrando a mulher de um precipício?

— Não, eu *não* vi! — insistiu Miss Marple. — Tenho certeza de que o sr. Badcock jamais faria uma maldade dessas. Pelo menos — acrescentou cautelosa —, tenho quase certeza.

— Mas a natureza humana sendo como é — murmurou Craddock com um toque de perversidade.

— Exato — disse Miss Marple. Depois completou: — Arriscaria dizer que depois do luto inicial ele não vai sentir muita falta dela...

— Por quê? Ela maltratava o marido?

— Ai, não — falou Miss Marple —, mas não acho que ela... bem, não era uma mulher atenciosa. Gentil, sim. Atenciosa... não. Devia ser carinhosa, cuidava dele quando estava

doente, preparava as refeições e cuidava bem da casa, mas não acho que algum dia... bem, que algum dia sequer chegaria a saber o que o marido estava pensando ou sentindo. Isso deixa a vida de um homem muito solitária.

— Ah — disse Dermot —, e a vida dele tem chances de ser menos solitária no futuro?

— Imagino que vá se casar de novo — falou Miss Marple. — Talvez muito em breve. E provavelmente, o que é uma pena, com uma mulher do mesmo tipo. Melhor dizendo, vai se casar com alguém que tem uma personalidade mais forte do que a dele.

— Já tem alguém em vista? — perguntou Dermot.

— Não que eu saiba — respondeu Miss Marple. E acrescentou contrita: — Mas não sei mais quase nada.

— Bem, e o que a senhora *acha*? — pressionou Dermot Craddock. — Jamais deu para trás no que diz respeito à lógica das coisas.

— Acho — sugeriu Miss Marple de modo inesperado — que você deve fazer uma visita à sra. Bantry.

— Sra. Bantry? Quem é ela? Alguém da equipe de filmagem?

— Não — disse Miss Marple —, ela mora no Alojamento Leste, em Gossington. Estava na festa naquele mesmo dia. Antigamente era a proprietária de Gossington. Ela, o marido, o coronel Bantry.

— Ela estava na festa. E viu alguma coisa?

— Acho que ela mesma tem de contar ao senhor aquilo que viu. Pode não chegar a concordar sobre quem tem alguma relação com o ocorrido, mas acho que pode ser... pode ser ao menos... inspirador. Diga-lhe que fui eu quem o mandou falar com ela e... ah, sim, talvez fosse bom se mencionasse a Lady de Shalott.

Dermot Craddock olhou para ela com a cabeça um pouco inclinada para o lado:

— A Lady de Shalott — disse. — Trata-se de um código secreto, é isso?

— Não sei se poderíamos dizer isso — respondeu Miss Marple —, mas ela vai saber do que estou falando.

Dermot Craddock levantou-se.

— Voltarei aqui — advertiu.

— Muito simpático de sua parte — disse Miss Marple. — Quem sabe, se tiver tempo, poderia vir tomar um chá comigo um dia desses. Se é que ainda bebe chá — acrescentou bastante ansiosa. — Sei que tantos jovens hoje em dia saem apenas para tomar drinques e coisas assim. Acham que o chá da tarde é um hábito muito *démodé*.

— Não sou tão jovem assim — mencionou Dermot Craddock. — Sim, virei tomar chá com

a senhora um dia desses. Vamos beber chá e fazer fofocas e comentários sobre o povoado. A senhora, a propósito, conhece alguma das estrelas do filme ou alguém do pessoal dos estúdios?

— Ninguém mesmo — respondeu Miss Marple — só o que escuto falar — completou.

— Bem, a senhora geralmente escuta muita coisa — assinalou Dermot Craddock. — Adeus. Foi um prazer revê-la.

III

— Ah, e como vai? — perguntou a sra. Bantry, deixando transparecer uma leve surpresa ao ouvir Dermot Craddock se apresentar e explicar quem ele era. — É uma emoção conhecê-lo. Não trazem sempre sargentos com vocês?

— Tenho um sargento aqui comigo, sim — disse Craddock. — Mas está ocupado.

— Fazendo interrogatórios de rotina? — perguntou a sra. Bantry esperançosa.

— Algo parecido — respondeu Dermot com sobriedade.

— E Jane Marple mandou que viesse falar comigo — disse a sra. Bantry, enquanto o acompanhava até sua pequena sala de estar. — Estava agora mesmo arrumando as flores — explicou. — É um daqueles dias em que as flores não se comportam como gostaríamos. Ou ficam caindo, ou espetadas para cima quando não devem, ou decidem não baixar quando queremos que fiquem deitadinhas. Portanto, fico contente de encontrar uma distração, sobretudo uma assim tão emocionante. Então, de fato, foi um assassinato, hein?

— A senhora achou que foi um assassinato?

— Bem, poderia ter sido um acidente, suponho — respondeu a sra. Bantry. — Ninguém falou nada em definitivo, em termos oficiais, digo. Só aquela bobagem sobre não terem encontrado pistas que apontassem por quem e de que maneira o veneno fora administrado. Mas, é claro, todo mundo está tratando do assunto como se fosse um assassinato.

— E falam de quem é o culpado?

— Essa é a parte estranha da coisa — confessou a sra. Bantry. — Não falamos. Porque, na realidade, não vejo *quem* poderia ter feito aquilo.

— Está falando em termos da proeza específica do fato ou não sabe quem *desejaria* fazê-lo?

— Não, não é isso. Suponho que seria difícil, mas não impossível. Não, digo, não consigo pensar em ninguém que *desejaria* fazê-lo.

— A senhora acha que não há ninguém que poderia ter desejado matar Heather Badcock?

— Bom, francamente — disse a sra. Bantry —, não consigo imaginar *ninguém* querendo matar Heather Badcock. Vi aquela senhora algumas poucas vezes, em eventos da cidade, entende. Com as bandeirantes, a St. John Ambulance e várias junções na paróquia. Na minha opinião, era uma mulher bem difícil. Muito entusiasmada sobre tudo, um pouco dada a exageros e só um pouquinho falastrona. Mas não se tem vontade de matar uma pessoa por conta disso. Era do tipo de mulher que, em outras épocas, se qualquer um a visse se aproximando da sua porta da frente, correria até os fundos para avisar a empregada, que, além

de serem uma instituição que tínhamos naqueles tempos, eram também muito úteis, e mandar dizer que “não tem ninguém em casa”, ou que “não estávamos para visitas”, caso a moça tivesse muitos escrúpulos para com a verdade.

— Está dizendo que as pessoas poderiam fazer de tudo para evitar a sra. Badcock, mas não teriam o impulso de se livrar dela para sempre.

— Muito bem colocado — disse a sra. Bantry, balançando o queixo em sinal de aprovação.

— Não tinha somas em dinheiro que chamassem a atenção — ponderou Dermot —, portanto ninguém sairia lucrando com a morte dela. Ninguém parece ter detestado a mulher a ponto de chegar a odiá-la. Não imagino que ela estivesse chantageando alguém, não é?

— Ela não sonharia em fazer uma coisa dessas, estou certa disso — disse a sra. Bantry. — Fazia o tipo consciencioso, com os mais nobres preceitos morais.

— E o marido não estaria tendo um caso com outra mulher?

— Acho que não — respondeu a sra. Bantry. — A única vez que o vi foi naquela festa. Aparentava ser um molenga. Bonzinho, mas frouxo.

— Isso não abre espaço para muitas possibilidades, não é? — disse Dermot Craddock. — Voltamos à hipótese de que ela sabia de alguma coisa.

— Sabia de alguma coisa?

— Que pudesse prejudicar outra pessoa.

A sra. Bantry meneou a cabeça de novo:

— Duvido — declarou. — Duvido muito mesmo. Passava a impressão de ser o tipo de mulher que, se acaso soubesse de alguma coisa sobre qualquer pessoa, não teria como evitar falar do assunto.

— Bem, e lá se vai outra possibilidade — disse Dermot Craddock. — Então voltemos, se me permite, aos motivos que me trouxeram até aqui. Miss Marple, por quem tenho grande admiração e respeito, me pediu que perguntasse à senhora sobre a Lady de Shalott.

— Ah, *aquilo!* — exclamou a sra. Bantry.

— Isso — disse Craddock. — *Aquilo!* O que quer que aquilo seja.

— As pessoas não leem mais Tennyson hoje em dia — lamentou a sra. Bantry.

— Tenho uma vaga lembrança de alguns versos — disse Dermot. — Ela olhou para Camelot, não olhou?

Foi-se a rede, esvoaçante saiu;

O espelho inteiro se partiu;

“A maldição se abateu sobre mim”, bramiu

A Lady de Shalott

— Exatamente. Olhou — afirmou a sra. Bantry.

— A senhora me desculpe. Quem? Quem fez o quê?

— Olhou com a mesma cara — disse a sra. Bantry.

— Quem olhou com a mesma cara de quem?

— Marina Gregg.

— Ah, Marina Gregg. Quando foi isso?

— Jane Marple não lhe contou nada?

— Não me contou nada. Mandou que eu viesse procurar a senhora.

— Que desagradável da parte dela — disse a sra. Bantry —, porque ela sempre consegue contar as coisas melhor do que eu. Meu marido sempre costumava dizer que eu era tão sucinta que ele não sabia do que eu estava falando. Enfim, pode ter sido apenas fantasia da minha cabeça. Mas, quando vemos alguém fazendo uma cara daquelas, é impossível não lembrar depois.

— Por favor, me conte — incitou Dermot Craddock.

— Bem, foi durante a festa. Chamo aquilo de festa porque senão como é que vamos chamar as coisas? Mas era apenas uma espécie de recepção no alto da escadaria, onde fizeram um tipo de recanto. Marina Gregg estava lá com o marido. Mandaram chamar alguns de nós lá para cima. Mandaram me chamar, suponho, porque antigamente a casa era minha e mandaram chamar Heather Badcock e o marido porque ela cuidara de todos os preparativos para o evento e tomara todas as providências. E aconteceu que subimos as escadas mais ou menos ao mesmo tempo, então, eu estava lá parada, entende, quando percebi.

— Entendo bem. Quando percebeu o quê?

— Bem, a sra. Badcock começou uma lenga-lenga, tal e qual as pessoas fazem quando são apresentadas a celebridades. O senhor sabe, falam de como está sendo maravilhoso, do quanto estão emocionadas e que sempre desejaram conhecê-las de perto. E deu início a uma longa história de como havia conhecido Marina anos atrás e do quanto ficara empolgada. E pensei cá comigo, sabe, como deve ser entediante para essas pobres celebridades terem de responder sempre do jeito mais correto. E então percebi que Marina Gregg não estava repetindo as coisas de sempre. Estava apenas fitando.

— Fitando... a sra. Badcock?

— Não, não... foi como se ela tivesse esquecido a sra. Badcock por completo. Digo, não creio que ela sequer tenha ouvido o que a sra. Badcock estava dizendo. Ficou apenas olhando fixo para o espaço, com uma cara de Lady de Shalott, como se tivesse acabado de ver uma

coisa horrenda. Algo assustador, algo que mal podia acreditar que havia visto e do qual não podia suportar a visão.

— A maldição se abateu sobre mim? — sugeriu Dermot.

— Isso, exatamente isso. Por esse motivo digo que lembra a cara da Lady de Shalott.

— Mas para o *que* ela estava olhando, sra. Bantry?

— Bom, bem que eu gostaria de saber — respondeu a sra. Bantry.

— Ela estava no topo da escadaria, foi o que a senhora disse?

— Estava olhando por cima da cabeça da sra. Badcock... não, mais como se fosse por cima do ombro, acho.

— Direto para o meio da escadaria?

— Pode ser que tenha sido um pouco mais para o lado.

— E havia pessoas subindo as escadas?

— Ah, sim, diria que umas cinco ou seis pessoas.

— Ela estava olhando para alguma dessas pessoas em particular?

— Não tenho condições de afirmar nada — disse a sra. Bantry. — O senhor entende que eu não estava voltada para aquele lado. Estava olhando para ela. Estava de costas para a escada. Achei que talvez ela estivesse olhando para alguma das pinturas.

— Mas ela deve conhecer as pinturas em detalhe se está morando naquela casa.

— Sim, isso, é claro. Pois é, suponho que estivesse olhando para alguma das pessoas, me pergunto qual delas.

— Temos de tentar descobrir — disse Dermot Craddock. — Consegue recordar quem eram as pessoas?

— Bem, sei que o prefeito era uma delas, junto com a esposa. Havia alguém que acho que era um repórter, de cabelos ruivos, porque fui apresentada a ele depois, mas não me lembro do nome. Nunca escuto os nomes das pessoas. Galbraith... algo parecido com isso. Atrás havia um homem grande e preto. Não digo um negro... apenas que era muito escuro, com um jeito ameaçador. E uma atriz vinha com ele. Do tipo loira exagerada, coberta de peles. O velho general Barnstaple de Much Benham. Está praticamente gagá agora, pobrezinho. Não acho que ele poderia anunciar a ruína de qualquer pessoa. Ah! E os Grice da fazenda.

— Essas são todas as pessoas de que a senhora lembra?

— Bem, pode ter havido muito mais gente. Mas o senhor vê que eu não estava... bem, não estava prestando muita atenção. Sei que o prefeito, o general Barnstaple e os americanos chegaram em torno daquela hora. E havia pessoas tirando fotografias. Uma delas eu acho que era um homem daqui, e havia uma moça de Londres, com um jeito de artista, de cabelos longos

e uma câmara imensa.

— E acha que foi uma dessas pessoas que causou a expressão de espanto no rosto de Marina Gregg?

— Não achei nadinha — declarou a sra. Bantry com absoluta franqueza. — Só fiquei me perguntando o que afinal poderia ter causado aquela expressão nela e, então, não pensei mais no assunto. Porém, mais tarde a gente fica relembrando as coisas. Mas, é claro — acrescentou a sra. Bantry com honestidade —, posso ter *imaginado* aquilo. Afinal de contas, ela pode ter tido uma dor de dente súbita, ou sentido uma pontada, ou uma cólica violenta e repentina. O tipo de coisa que a pessoa tenta proceder com naturalidade, sem demonstrar nada, mas a expressão do rosto fica difícil de disfarçar.

Dermot Craddock riu.

— Fico aliviado em ver que a senhora é realista, sra. Bantry — falou. — Como disse, pode ter sido algo desse tipo. Mas é com certeza um pequeno detalhe interessante que pode indicar uma pista.

Ele meneou a cabeça e partiu para apresentar suas credenciais oficiais em Much Benham.

CAPÍTULO 9



I

— Então, em âmbito local, você não conseguiu nada? — disse Craddock, oferecendo sua cigareira para Frank Cornish.

— Absolutamente nada — respondeu Cornish. — Nenhum inimigo, nenhuma briga, uma boa relação com o marido.

— Não há indícios de alguma outra mulher ou outro homem?

O outro balançou a cabeça.

— Nada do tipo. Nenhuma pontinha de escândalo em lugar nenhum. Ela não era o que se poderia chamar de sensual. Participava de uma série de comitês e coisas assim, e havia algumas pequenas rivalidades locais, mas nada além disso.

— Não havia nenhuma outra pessoa com quem o marido desejaria casar? Ninguém no escritório onde ele trabalha?

— Ele trabalha para a Biddle & Russel, os avaliadores e agentes imobiliários. Lá tem a Florrie West, que é fanha, e a srta. Grundle, que tem pelo menos cinquenta anos e é feia como um cão... não há nada lá que se considere excitante para um homem. Embora, mesmo levando tudo isso em consideração, eu não ficasse surpreso se ele acabasse se *casando* de novo em seguida.

Craddock pareceu interessado.

— Uma vizinha — explicou Cornish. — Uma viúva. Quando o acompanhei até em casa no fim do inquérito, ela havia entrado e estava preparando um chá para ele, cuidando dele em geral. Ele pareceu surpreso e agradecido. Se quer saber a minha opinião, ela já decidiu que vai se casar com ele, mas ele ainda não sabe disso, o pobre-diabo.

— E que tipo de mulher ela é?

— Bonita — admitiu o outro. — Não é jovem, mas charmosa, com um estilo meio cigano. Vistosa. Tem olhos escuros.

— E qual o nome dela?

— Bain. Sra. Mary Bain. Mary Bain. É uma viúva.

— O que o marido dela fazia?

— Não faço nem ideia. Tem um filho que trabalha perto dali e mora com ela. Parece uma mulher discreta, respeitável. Mesmo assim, tenho a sensação de já ter visto ela antes.

Consultou o relógio.

— Dez para o meio-dia. Marquei um horário para você em Gossington Hall ao meio-dia. É melhor partirmos.

II

Os olhos de Dermot Craddock, que pareciam sempre um pouco desatentos, estavam, na realidade, colhendo mentalmente todos os detalhes da mansão de Gossington Hall. O inspetor Cornish o levava até ali, o encaminhara para um rapaz chamado Hailey Preston e saíra com diplomacia. Desde aquele momento, Dermot Craddock passara a assentir gentilmente com o queixo para o sr. Preston. Hailey Preston, ele concluiu, era uma espécie de relações-públicas de Jason Rudd, ou assistente pessoal, ou secretário particular, ou, o que era mais provável, uma mistura dos três. Ele falava. Falava à vontade e sem parar, sem muita modulação, e conseguia, quase que por milagre, não se repetir demais.

Era um jovem agradável, ansioso para que suas opiniões — que faziam lembrar o dr. Pangloss, acreditando que tudo era sempre para o melhor dentro das melhores circunstâncias possíveis — fossem compartilhadas por qualquer um que estivesse em sua companhia. Ele exprimira diversas vezes e de maneiras distintas o quanto aquilo era uma vergonha terrível, o quanto todos estavam preocupados, como Marina ficara absolutamente prostrada, como o sr. Rudd estava tão mais aborrecido do que ele poderia expressar, o quanto era de todo inacreditável que uma coisa dessas fosse acontecer, não é mesmo? Não seria possível que talvez fosse algum tipo de alergia a alguma substância específica? Estava apenas levantando uma hipótese... alergias eram algo extraordinário. O inspetor-chefe Craddock poderia contar com total cooperação por parte dos estúdios Hellingforth e de qualquer dos funcionários deles. Poderia fazer todas as perguntas que quisesse e teria acesso a todos os lugares a que desejasse ir. Se houvesse algo com que pudessem ajudar, eles o fariam. Todos tinham o maior respeito pela sra. Badcock e apreciavam muito a preocupação social e o valioso trabalho que ela desenvolvera através da St. John Ambulance.

Depois, ele recomeçava, não com as mesmas palavras, mas usando os mesmos temas. Ninguém estaria mais ansioso a cooperar. Ao mesmo tempo, se esforçava para expressar o quanto essa realidade era distante do mundo dos holofotes dos estúdios; e o sr. Jason Rudd e a srta. Marina Gregg, ou qualquer outra pessoa da casa, todos certamente dariam o máximo de si para ajudar de todas as formas que pudessem. Então, assentiu com delicadeza umas 44 vezes. Dermot Craddock aproveitou a pausa para dizer:

— Muito obrigado.

As palavras foram pronunciadas baixinho, mas com um caráter tão definitivo que causaram um susto no sr. Hailey Preston e o deixaram em alerta. Ele disse:

— Então... — e fez uma pausa com ar de indagação.

— Disse que eu poderia fazer perguntas?

— Claro. Claro. Fique à vontade.

— Foi este o local onde ela morreu?

— A sra. Badcock?

— A sra. Badcock. Foi este o local?

— Sim, foi. Bem aqui. Pelo menos, bem, na verdade posso lhe mostrar a cadeira.

Os dois estavam parados no recanto do patamar da escada. Hailey Preston deu uns passos adiante no corredor e apontou para uma poltrona de carvalho de gosto duvidoso.

— Estava sentada bem ali — afirmou. — Disse que não estava se sentindo bem. Alguém foi procurar algum remédio para ela e, então, ela simplesmente morreu, bem ali.

— Entendo.

— Não sei se ela estava indo ao médico ultimamente. Se fora avisada de que havia alguma coisa errada com o coração...

— Não havia nada de errado com o coração dela — afirmou Dermot Craddock. — Era uma mulher saudável. Morreu com uma dose seis vezes maior do que o máximo permitido de uma substância cujo nome oficial não me arrisco a pronunciar, mas que, conforme compreendo, é comumente conhecida como Calmo.

— Sei, conheço — disse Hailey Preston. — Eu mesmo tomo às vezes.

— É mesmo? Isso é muito interessante. Acha que o efeito é positivo?

— Maravilhoso. Maravilhoso. Ele dá uma animada e acalma a gente, se é que me entende. Lógico que — completou — tem de ser tomado na dose certa.

— Existem estoques dessa substância aqui na casa?

Ele sabia a resposta para a pergunta, mas indagou como se não soubesse. A resposta de Hailey Preston não poderia ter sido mais franca.

— Toneladas, eu diria. Deve ter um vidro disso na maioria dos armários dos banheiros.

— O que não facilita em nada o nosso trabalho.

— Lógico que — sugeriu Hailey Preston — ela mesma pode ter usado o negócio, tomado uma dose e, como eu disse, ter tido uma alergia.

Craddock não pareceu convencido disso; Hailey Preston suspirou e disse:

— O senhor está decidido quanto à dosagem?

— Ah, sim. Foi uma dose letal, e a sra. Badcock não costumava tomar nenhum remédio desse tipo. Até onde pudemos apurar, as únicas coisas que ela tomava na vida eram bicarbonato de sódio e aspirina.

Hailey Preston meneou a cabeça e falou:

— Isso com certeza nos ocasiona um problema. É, com certeza.

— Onde o sr. Rudd e a srta. Gregg estavam recebendo os convidados?

— Bem aqui.

Hailey Preston foi até o local no alto da escadaria.

O inspetor-chefe Craddock se pôs ao lado dele. Olhou para a parede oposta. Na posição central estava uma madona italiana com um menino. Uma cópia bem-feita, presumiu, de algum quadro conhecido. A madona de manto azul erguia o menino Jesus com as mãos, e ambos, a mãe e criança, estavam sorridentes. Nas duas laterais, havia pequenos ajuntamentos de pessoas, contemplando a criança. Uma das madonas mais bonitas que já vira, pensou Dermot Craddock. À direita e à esquerda do quadro, havia duas janelas estreitas. O efeito do conjunto era muito encantador, mas lhe parecia que, seguramente, não havia nada ali que fosse causar em uma mulher a expressão de horror da Lady de Shalott quando a desgraça se abateu sobre ela.

— Naturalmente, as pessoas estavam chegando pela escada? — perguntou.

— Isso. Elas vinham em conta-gotas, entende. Apenas umas poucas de cada vez. Fui cicerone de algumas; Ella Zielinsky, a secretária do sr. Rudd, trouxe as outras. Queríamos dar um ar agradável e informal.

— Você estava aqui em cima no momento em que a sra. Badcock subiu?

— Fico envergonhado de lhe dizer, inspetor Craddock, que simplesmente não consigo lembrar. Tinha uma lista de nomes, eu saía e buscava as pessoas para dentro da casa. Apresentava-as, pedia as bebidas, depois saía e retornava com o próximo grupo. Naquela ocasião, não conhecia a sra. Badcock de vista, e não era um dos nomes na minha lista para acompanhar até aqui em cima.

— E uma tal sra. Bantry?

— Ah, sim, ela é a antiga dona desta casa, não é? Creio que ela e a sra. Badcock, acompanhada do marido, subiram *sim* ao mesmo tempo.

Ele se deteve.

— E o prefeito veio logo em seguida. Estava usando uma corrente larga e vinha com a esposa, de cabelos loiros, ela usava uma roupa azul-royal com babados. Lembro-me de todos. Não servi drinques para nenhum deles porque tive de descer para buscar a próxima turma.

— Quem serviu os drinques?

— Ora, não saberia dizer ao certo. Havia uns três ou quatro de nós de prontidão. Sei que desci as escadas enquanto o prefeito estava subindo.

— Quem mais estava nas escadas quando desceu, consegue se lembrar?

— Jim Galbraith, um dos meninos do jornal que estava cobrindo o evento, três ou quatro outras pessoas que eu não conhecia. Havia um par de fotógrafos, um era morador daqui, não lembro o nome dele, e uma moça meio artista de Londres que é especialista em fazer fotos de ângulos estranhos. A câmera dela estava montada bem naquela ponta, para pegar o enfoque da srta. Gregg recebendo os convidados. Ah, vamos ver se me lembro, estou achando que foi naquela hora que o Ardwyck Fenn chegou.

— E quem é Ardwyck Fenn?

Hailey Preston ficou chocada.

— Ele é um figurão, inspetor-chefe. Um tremendo figurão do mundo da televisão e do cinema. Nós mesmos não sabíamos que ele estava no país.

— Foi uma surpresa ele ter aparecido?

— Diria que sim — afirmou Preston. — Muito simpático da parte dele ter vindo e bastante inesperado.

— É um antigo amigo da srta. Gregg e do sr. Rudd?

— Era um amigo próximo de Marina há muitos anos, quando ela estava casada com o segundo marido. Não sei o quanto Jason e ele são próximos.

— Enfim, a chegada dele foi uma surpresa agradável?

— Com certeza. Estávamos todos embevecidos.

Craddock assentiu e prosseguiu com outros assuntos. Fez perguntas meticolosas sobre as bebidas, seus ingredientes, como estavam sendo servidas, quem as servia, quem eram os criados e os empregados contratados que estavam trabalhando. As respostas confirmaram o que o inspetor Cornish já havia suspeitado que fosse o caso: embora qualquer um entre os trinta presentes *pudesse* ter envenenado Heather Badcock com a maior facilidade, ao mesmo tempo, qualquer um dos trinta poderia ter sido pego fazendo isso! Era tremendamente arriscado, refletiu Craddock.

— Muito obrigado — disse ele, por fim. — Agora, se me permite, gostaria de falar com a srta. Marina Gregg.

Hailey Preston balançou a cabeça em sinal negativo.

— Sinto muito — disse. — Sinto muito de verdade, mas isso está fora de questão.

As sobrancelhas de Craddock ergueram-se.

— É mesmo?!

— Ela está prostrada. Absolutamente prostrada. Está sob os cuidados de seu médico particular. Ele preparou um atestado. Está aqui comigo. Vou lhe mostrar.

Craddock apanhou o papel e leu.

— Compreendo — disse. E perguntou: — Marina Gregg sempre tem um médico de plantão?

— Todos esses atores e atrizes vivem sob muita pressão. É uma vida muito estressante. É considerado recomendável, no caso das celebridades, que tenham à disposição um médico que entenda a constituição e o estado nervoso delas. Maurice Gilchrist tem uma ótima reputação. Faz muitos anos que ele trata da srta. Gregg. Ela passou por uma série de problemas de saúde nos últimos quatro anos, como o senhor deve ter lido a respeito. Esteve hospitalizada por um período bastante longo. Faz apenas mais ou menos um ano que conseguiu recobrar suas forças e a saúde.

— Compreendo.

Hailey Preston pareceu aliviado por Craddock não ter dado continuidade aos protestos.

— Vai querer falar com o sr. Rudd? — sugeriu. — Ele vai... — consultou o relógio de pulso — vai chegar dos estúdios dentro de dez minutos, se o senhor estiver de acordo.

— Isso seria ótimo — respondeu Craddock. — Enquanto aguardo, o dr. Gilchrist está?

— Está.

— Então eu gostaria de falar com ele.

— Pois certamente. Vou buscá-lo agora mesmo.

O rapaz saiu apressado. Dermot Craddock ficou parado, pensando, no alto da escadaria. É claro que a expressão petrificada que a sra. Bantry descreveu poderia ter sido apenas imaginação dela. Era uma mulher que tiraria conclusões precipitadas, pensou ele. Ao mesmo tempo, achou muito provável que a conclusão a que ela chegara fosse justificada. Sem ir ao extremo de parecer a Lady de Shalott ao ver a maldição se aproximando, Marina Gregg pode ter visto algo que a irritou ou incomodou. Algo que fez com que fosse negligente com a convidada com quem estava conversando. Alguém que estivesse subindo aquelas escadas, talvez, que poderia ter sido considerado um convidado inesperado... um convidado indesejável?

Virou-se ao ouvir passos. Hailey Preston retornara e trazia consigo o dr. Maurice Gilchrist. O dr. Gilchrist não se parecia em nada com a imagem que Dermot Craddock havia feito dele. Não tinha trejeitos sofisticados, tampouco aparência histriônica. Olhando para ele, aparentava ser um homem direto, cordial e prático. Estava vestindo um tweed, um tweed um pouco florido demais para o gosto inglês. Tinha uma cabeleira castanha e os olhos escuros e penetrantes.

— Doutor Gilchrist? Sou o inspetor-chefe Dermot Craddock. Posso dar uma palavrinha com o senhor em particular?

O doutor aquiesceu. Virou-se para o corredor e foi caminhando quase até o final, quando então abriu uma porta e convidou Craddock para entrar.

— Ninguém vai nos perturbar aqui — disse.

Era, sem dúvida alguma, o quarto do próprio médico, bem decorado e muito confortável. O dr. Gilchrist ofereceu uma cadeira e, em seguida, sentou-se.

— Entendi que a srta. Marina Gregg — começou Craddock —, de acordo com o senhor, está impossibilitada de prestar depoimento. O que há de errado com ela, doutor?

Gilchrist ergueu os ombros bem devagar.

— Nervos — disse. — Se o senhor começasse a fazer perguntas agora, ela entraria num estado à beira da histeria em questão de dez minutos. Não posso permitir uma coisa dessas. Se quiser enviar o médico da polícia para falar comigo, estou disposto a compartilhar a minha opinião médica com ele. Ela foi impossibilitada de estar presente no inquérito pelo mesmo motivo.

— Por quanto tempo — perguntou Craddock — esse estado dela deve permanecer assim?

O dr. Gilchrist olhou para ele e sorriu. Era um sorriso cativante.

— Se quer saber minha opinião — falou —, quero dizer, minha opinião humana, não a médica, a qualquer momento nas próximas 48 horas, e ela não estará apenas disposta, mas pedindo para falar com o senhor! Ela mesma vai querer perguntar coisas. Vai querer respostas às suas dúvidas. Elas são assim!

Inclinou-se para a frente:

— Se eu pudesse, inspetor-chefe, adoraria conseguir fazê-lo entender um pouco o que faz com que essas pessoas ajam da forma como agem. A vida do cinema é uma vida de estresse contínuo, e, quanto mais sucesso a pessoa tem, maior o estresse. Vivem constantemente, dia e noite, sob a mira do público. Quando estão nos locais de filmagem, quando estão trabalhando, é um trabalho duro e monótono, sem hora para terminar. Chegam pela manhã, sentam e esperam. Fazem a sua pequena participação, a cena que está sendo filmada e repetida inúmeras vezes. Se estiverem ensaiando em um palco, o mais provável é que estejam ensaiando um ato inteiro ou, de qualquer modo, parte de um ato. O negócio todo seria em ordem cronológica, seria mais ou menos humano e verossímil. Mas, quando se está fazendo cinema, tudo é filmado fora de ordem. É um trabalho monótono e maçante. É exaustivo. Você vive com luxo, é claro, toma calmantes, toma banhos especiais, usa cremes e pomadas, tem constante atenção médica, tem momentos relaxantes, festas e está cercado de pessoas, mas está sempre sob o olhar do público. Não consegue divertir-se com tranquilidade. *Nunca* consegue, de fato... relaxar.

— Isso eu posso compreender — disse Dermot. — Sim, posso compreender.

— E há outra coisa — continuou Gilchrist. — Se escolhe uma carreira dessas, sobretudo se for bom nisso, é porque você tem uma certa personalidade. É uma pessoa... ao menos foi o que constatei com minha experiência... com tudo à flor da pele... uma pessoa que é atormentada o tempo todo por insegurança. Um sentimento terrível de inadequação, uma apreensão por achar que não tem condições de fazer o que estão lhe exigindo. As pessoas dizem que atores e atrizes são vaidosos. Isso não é verdade. Eles não são *presunçosos*; são *obcecados* por si mesmos, é verdade, mas precisam de aprovação o tempo inteiro. *Precisam* ser continuamente assegurados pelos outros. Pergunte ao Jason Rudd. Vai lhe dizer a mesma coisa. Precisa fazer com que eles sintam que são capazes, garantir-lhes que são capazes, repetir a mesma coisa milhares de vezes, encorajando-os o tempo inteiro, até obter o efeito desejado. Mas eles, por si só, estão sempre duvidando de si mesmos. E isso os torna, usando uma expressão humana corriqueira e nada profissional: destemperados. Insuportavelmente nervosos! Uma pilha de nervos. E, quanto pior o estado nervoso, melhores eles são no que fazem.

— Que interessante — comentou Craddock. — Interessantíssimo.

Fez uma pausa e acrescentou:

— Embora não consiga entender muito bem por que o senhor...

— Estou tentando fazer com que compreenda Marina Gregg — disse Maurice Gilchrist. — Já viu fotos dela, não tenho dúvidas.

— É uma atriz maravilhosa — comentou Dermot —, maravilhosa. Tem muita personalidade, muita beleza e simpatia.

— Pois é — disse Gilchrist —, ela tem todas essas qualidades e teve que trabalhar duríssimo para chegar aonde chegou. No processo, os nervos dela ficaram em frangalhos, e na verdade não é uma mulher forte em termos físicos. Não tão forte quanto precisaria ser. Tem um daqueles temperamentos que oscilam entre o enlevo e o desespero. Não consegue evitar. Faz parte da constituição dela. Sofreu muito já na vida. Boa parte do sofrimento foi por culpa dela mesma, mas outra parte não foi. Não teve nenhum casamento feliz, exceto, diria, este último. Está casada agora com um homem que a ama muitíssimo e que a ama há muitos anos. Está se abrigando nesse amor e está feliz ali. Pelo menos, no momento está feliz. Não se pode dizer quanto tempo isso vai durar. O problema com ela é que ou acha que finalmente chegou a um ponto, lugar, ou momento da vida em que tudo é como um conto de fadas que se materializou, que nada mais vai dar errado, que jamais será infeliz de novo, ou então está no fundo do poço, é uma mulher cuja vida está em ruínas, que jamais conheceu o amor ou a felicidade e jamais

terá a chance de viver isso.

Completo com um tom seco:

— Se ela pudesse achar um meio-termo entre os dois estados, seria maravilhoso para ela; mas o mundo perderia uma grande atriz.

O doutor fez uma pausa, mas Dermot Craddock não falou nada. Estava se perguntando por que motivo Maurice Gilchrist estava fazendo questão de dizer tudo aquilo. Por que essa análise íntima e detalhada de Marina Gregg? Gilchrist seguia olhando para ele. Era como se estivesse ansioso para que Dermot fizesse uma pergunta em especial. Dermot refletiu muito sobre que pergunta seria essa. Por fim, falou devagar, como quem estivesse tateando no escuro:

— Ela está muito chateada com a tragédia que ocorreu aqui?

— Sim — afirmou Gilchrist —, está.

— De uma forma quase anormal?

— Isso depende — disse o dr. Gilchrist.

— Depende do quê?

— Do motivo dela para estar tão incomodada.

— Suponho — testou Dermot, sondando o terreno — que tenha sido um choque uma morte súbita acontecendo daquele jeito no meio de uma festa.

Quase não obteve resposta na expressão facial diante dele.

— Ou seria talvez — arriscou — algo além disso?

— Não há como saber, é claro — respondeu o dr. Gilchrist —, como as pessoas vão reagir. Não se pode prever, não importa o quanto se conheça a pessoa. Sempre podem nos surpreender. Marina poderia ter reagido de forma muito pessoal. É uma criatura de coração mole. Poderia dizer: “Ah, pobre daquela mulher, que tragédia. Como é que uma coisa assim pôde acontecer”. Poderia ter sido compreensiva sem de fato se importar. Afinal, vez ou outra alguém morre em uma festa de estúdio. Ou, poderia, se não estivesse acontecendo mais nada de interessante, optar, optar inconscientemente, que fique bem claro, por uma reação dramática. Poderia decidir fazer uma cena. Ou poderia ter ainda um motivo bem diferente.

Dermot decidiu partir para o ataque:

— Gostaria — disse — que o senhor me dissesse o que de fato pensa.

— Não sei — declarou o dr. Gilchrist. — Não sei se posso.

Fez uma pausa, então anunciou:

— Há uma ética profissional, sabe. Existe uma relação entre o médico e o paciente.

— Ela revelou algo ao senhor?

— Não diria que chegou a tanto.

— Marina Gregg conhecia essa mulher, Heather Badcock? Já a conhecia antes disso?

— Acho que nunca a tinha visto — disse o dr. Gilchrist. — Não. Não é esse o problema. Se quiser saber o que acho, não tem nada a ver com Heather Badcock.

Dermot perguntou:

— Esse negócio, esse tal Calmo. Marina Gregg já usou alguma vez?

— Basicamente não vive sem — declarou o doutor. — Bem como todo mundo nesta casa — arrematou. — Ella Zielinsky toma, Hailey Preston toma, metade da turma toma... é a onda do momento. Essas coisas são todas muito parecidas. As pessoas se cansam de uma marca, experimentam uma nova que acabou de ser lançada e acham que é maravilhosa, que faz toda a diferença do mundo.

— E faz toda a diferença do mundo?

— Bem — argumentou Gilchrist —, faz *alguma* diferença. Funciona. Acalma ou talvez anime a pessoa, faz com que se sinta capaz de fazer coisas que de outro modo consideraria além do seu alcance. Não receita mais do que o necessário, mas não são perigosos se tomados de acordo com as recomendações. Ajudam aqueles incapazes de ajudarem a si mesmos.

— Gostaria de entender — confessou Dermot Craddock — o que é que está tentando me dizer.

— Estou tentando decidir — falou Gilchrist — qual é a minha obrigação. Estou entre dois deveres. Há minha obrigação de médico para com o paciente, que aquilo que o paciente me diz é confidencial e precisa ser mantido como tal. Mas há outro ângulo possível. Podemos considerar se há algum perigo para o paciente. É meu dever então tomar as precauções para evitar tal perigo.

Ele se deteve. Craddock olhou para ele e esperou.

— É — disse Gilchrist. — Acho que sei o que devo fazer. Preciso lhe pedir, inspetor-chefe Craddock, para manter a confidencialidade do que vou lhe dizer. Não com relação a seus colegas, é claro. Mas no que diz respeito ao mundo lá fora, sobretudo os moradores desta casa. O senhor aceita?

— Não posso me comprometer — declarou Craddock. — Não sei o que pode resultar disso. Em termos gerais, concordo. Ou seja, imagino que qualquer informação que o senhor vá me fornecer eu preferiria manter entre mim e meus colegas.

— Agora escute — alertou o médico —, isso pode não ter significado nenhum. As mulheres falam qualquer coisa quando estão no estado de nervos em que Marina Gregg se encontra. Vou lhe contar o que falou para mim. Pode não fazer sentido algum.

— O que foi que ela disse? — indagou Craddock.

— Teve uma crise nervosa depois do ocorrido. Mandou me chamar. Dei a ela um sedativo. Fiquei na cama ao lado dela, segurando sua mão, pedindo para se acalmar, dizendo que tudo ficaria bem. Então, logo antes de se entregar ao sono do sedativo, disse: “O veneno era para *mim*, doutor”.

Craddock arregalou os olhos.

— Ela disse isso, foi? E depois... no dia seguinte?

— Não mencionou mais nada. Levantei a questão em certo momento. Ela esquivou-se. Falou: “Ah, o senhor deve ter se confundido. Tenho certeza de jamais ter dito qualquer coisa assim. Imagino que estivesse meio dopada naquela hora”.

— Mas acha que ela falou sério?

— Falou sério, isso é certo — respondeu Gilchrist. — O que não quer dizer que seja verdade — acrescentou com um alerta. — Se alguém teve a intenção de envenená-la ou envenenar Heather Badcock não sei dizer. Provavelmente o senhor vai saber isso melhor do que eu. Tudo que estou dizendo é que Marina Gregg definitivamente achou e acreditou que a dose fora destinada a ela.

Craddock ficou em silêncio alguns instantes. Então falou:

— Obrigado, dr. Gilchrist. Agradeço muito por ter me contado e compreendo seus motivos. Se o que Marina Gregg lhe disse tiver algum fundamento, isso pode indicar, não é mesmo, que ainda existe perigo para ela.

— Esse é o ponto — disse Gilchrist. — Essa é a questão.

— Tem algum motivo para acreditar nessa possibilidade?

— Não, não tenho.

— Não faz ideia de que motivos ela teria para pensar assim?

— Não.

— Obrigado.

Craddock levantou-se.

— Só mais uma coisa, doutor. Sabe se ela repetiu a mesma coisa para o marido?

Gilchrist balançou a cabeça bem devagar.

— Não — afirmou —, tenho quase certeza disso. Ela não contou ao marido.

Os olhos dele encontraram os de Dermot por alguns segundos, depois ele fez um leve aceno com a cabeça e disse:

— Não precisa mais de mim? Pois bem. Vou voltar e dar uma olhada na minha paciente. Poderá conversar com ela assim que for possível.

Saiu do quarto e Craddock permaneceu ali, apertando os lábios e assobiando muito suavemente com o fôlego que tinha.

CAPÍTULO 10



— Jason acaba de chegar — anunciou Hailey Preston. — Pode me acompanhar, inspetor-chefe, vou levá-lo até a sala dele.

A sala que Jason Rudd utilizava fazia as vezes de escritório e sala de estar e ficava no andar de cima. Era mobiliada com conforto, mas sem nenhum luxo. Era uma sala com pouquíssima personalidade e não continha nenhuma indicação dos gostos ou predileções de seu ocupante. Jason Rudd levantou-se da escrivaninha e foi receber Dermot. Era totalmente desnecessário, refletiu Dermot, que a sala tivesse alguma personalidade; coisa que seu ocupante tinha de sobra. Hailey Preston revelara-se um linguarudo volúvel e eficiente. Gilchrist transmitia força e magnetismo. Mas ali, Dermot teve de admitir instantaneamente, estava um homem que não seria fácil de ler. Ao longo de sua carreira, Craddock conhecera e fora capaz de sintetizar muita gente. Chegara a um ponto em que estava plenamente capacitado para avaliar o potencial e, com frequência, ler os pensamentos da maioria das pessoas com quem tinha contato. Porém percebeu de imediato que alguém só conseguiria aferir a parcela de pensamentos de Jason Rudd que ele próprio permitisse. Os olhos profundos e pensativos captavam, mas não revelavam nada com facilidade. A cabeça rude e feia sugeria um intelecto excelente. Os traços de palhaço poderiam causar atração ou repulsa. Aqui, pensou Dermot Craddock consigo, é onde me sento, escuto e anoto tudo com muita atenção.

— Perdão, inspetor-chefe, se o deixei esperando. Fiquei preso por conta de algumas pequenas complicações lá nos estúdios. Aceita um drinque?

— Não no momento, obrigado, sr. Rudd.

O rosto de palhaço de repente franziu-se em uma expressão de hilariante ironia.

— Não é a casa mais confiável para se aceitar um drinque, é nisso que está pensando?

— Para dizer a verdade, não era nisso que estava pensando.

— Claro, não, imagino que não. Bem, inspetor-chefe, o que deseja saber? O que posso lhe contar?

— O sr. Preston respondeu de maneira muito adequada a todas as perguntas que fiz.

— E foram úteis para o senhor?

— Não tanto quanto gostaria.

Jason Rudd olhou com ar curioso.

— Também conversei com o dr. Gilchrist. Ele me informou que sua esposa ainda não está em condições de ser interrogada.

— Marina é muito sensível — disse Jason Rudd. — Está sujeita, para ser sincero, a ter ataques de nervos. E um assassinato numa proximidade tão grande, como há de concordar, é passível de desencadear um ataque de nervos.

— Não é uma experiência agradável — concordou Dermot Craddock em tom sucinto.

— De qualquer forma, duvido que haja alguma coisa que a minha esposa possa lhe contar que também não possa ouvir de mim. Eu estava ao lado dela quando tudo aconteceu e, para ser franco, lhe garanto que sou muito mais observador do que minha mulher.

— A primeira pergunta que gostaria de fazer — começou Dermot —, e é uma pergunta que provavelmente já deve ter respondido, mas mesmo assim gostaria de fazer de novo: o senhor ou sua esposa já conheciam Heather Badcock?

Jason Rudd balançou a cabeça em sinal negativo.

— De modo nenhum. Eu com certeza jamais havia visto aquela mulher antes. Recebi duas cartas assinadas por ela em nome da St. John Ambulance, mas não a conhecia pessoalmente até mais ou menos cinco minutos antes da morte dela.

— Mas ela alegava ter conhecido sua esposa?

Jason Rudd assentiu.

— Sim, há uns doze ou treze anos, pelo que entendi. Nas Bermudas. Em alguma grande festividade ao ar livre em prol das instituições de caridade. Marina fizera a abertura, acho, e a sra. Badcock, assim que foi apresentada, se pôs a relatar uma ladainha de como, embora estivesse acamada com gripe, havia se levantado e conseguido chegar até a tal festa e pedido um autógrafo à minha esposa.

Mais uma vez o sorriso irônico enrugou o rosto dele.

— Isso, posso dizer que é uma ocorrência muito comum, inspetor-chefe. Multidões constantemente fazem fila para conseguir um autógrafo de minha mulher, e é uma lembrança que as pessoas guardam com carinho. É bastante compreensível, é um acontecimento na vida delas. Também é da mesma forma natural que minha esposa dificilmente se lembraria de um entre mil caçadores de autógrafos. Ela, sejamos bastante francos, não tinha qualquer memória de já ter visto a sra. Badcock antes.

— Isso posso entender muito bem — disse Craddock. — Agora fui informado, sr. Rudd, por uma testemunha, de que sua esposa estaria um pouco *absorta* durante os poucos instantes em que Heather Badcock estava falando com ela. O senhor concordaria que foi esse o caso?

— É bem possível — respondeu Jason Rudd. — Marina não é particularmente forte. Claro, estava acostumada ao que posso descrever como seu trabalho social com o público e poderia dar continuidade a essas obrigações de modo quase automático. Porém, chegando ao fim de um longo dia, ela tende a apresentar falhas ocasionais. Aquele poderia ter sido um desses momentos. Se me permite, eu mesmo não observei nada parecido. Não, espere, isso não é bem verdade. Lembro, sim, que ela estava um pouco lenta ao responder à sra. Badcock. De fato, acho que dei uma leve cutucada nela.

— Alguma coisa teria distraído sua atenção talvez? — indagou Dermot.

— É possível, mas pode muito bem ter sido apenas um lapso momentâneo em razão da fadiga.

Dermot Craddock ficou em silêncio por alguns minutos. Olhou pela janela e reparou na vista um tanto sombria por sobre o bosque que cercava Gossington Hall. Observou os quadros nas paredes e, por fim, voltou o olhar para Jason Rudd. A expressão deste era atenta, mas nada além disso. Não havia nenhuma indicação de seus sentimentos. Aparentava ser cortês e despreocupado, mas poderia, pensou Craddock, não ser nada daquilo. Aquele era um homem de altíssimo calibre mental. Ninguém conseguiria, pensou, arrancar nada que já não estivesse preparado para dizer, a menos que colocasse todas as cartas na mesa. Dermot tomou uma decisão. Faria exatamente isso.

— Já ocorreu ao senhor, sr. Rudd, que o envenenamento de Heather Badcock pode ter sido inteiramente acidental? Que o verdadeiro alvo era a sua esposa?

Houve um silêncio. O rosto de Jason Rudd não mudou de expressão. Dermot esperou. Por fim, Jason Rudd deu um suspiro profundo e pareceu relaxar.

— Já — confessou baixinho —, tem toda a razão, inspetor. Tive certeza disso o tempo todo.

— Mas não comentou nada a esse respeito, nem com o inspetor Cornish, nem durante o inquérito?

— Não.

— Por que não, sr. Rudd?

— Poderia lhe responder de modo muito correto dizendo que era uma mera suspeita da minha parte, sem nenhuma prova que sustentasse a hipótese. Os fatos que me levaram a essa conclusão são fatos que estão também à disposição dos representantes da lei, que provavelmente têm mais condições do que eu para tomar essa decisão. Pessoalmente não sei

nada sobre a sra. Badcock. Poderia ter inimigos, alguém que decidiu administrar a dose fatal naquela ocasião específica, embora fosse uma decisão muito curiosa e improvável. Mas é concebível que poderiam ter escolhido aquela ocasião justamente porque, sendo um acontecimento público, as circunstâncias ficariam todas mais confusas, haveria um número considerável de pessoas estranhas, e só por esse motivo já seria mais difícil atribuir à pessoa em questão a responsabilidade pelo crime. Tudo isso é verdade, mas vou ser franco com o senhor, inspetor-chefe. Esse não foi o motivo pelo qual me calei. Vou lhe confessar minhas razões. Não queria que minha esposa suspeitasse, nem por um momento, que fora ela quem havia escapado por um triz de morrer envenenada.

— Muito obrigado por sua franqueza — disse Dermot. — Não que eu compreenda muito bem seu motivo por ter se calado.

— Não? Talvez seja um pouco difícil de explicar. Teria de conhecer bem Marina para entender. É uma pessoa com uma necessidade atroz de felicidade e segurança. Obteve muito sucesso em termos materiais. Conquistou reconhecimento artístico, mas a vida pessoal dela tem sido de profunda infelicidade. Por reiteradas vezes, pensou ter encontrado a felicidade, ficou excessiva e indevidamente exultante e teve suas esperanças jogadas por terra. É incapaz, sr. Craddock, de ter uma visão racional e prudente da vida. Em seus casamentos anteriores, esperava sempre, como uma criança lendo um conto de fadas, viver feliz por toda a eternidade.

De novo o sorriso irônico transfigurou a feiura do rosto do palhaço com uma doçura estranha e repentina.

— Mas o casamento não funciona assim, inspetor-chefe. Não há como o arrebatamento continuar para sempre. Somos na verdade muito afortunados se conseguirmos atingir uma vida de calmo contentamento, afeição e uma felicidade sóbria e serena.

Completo:

— Talvez o senhor seja casado, inspetor-chefe?

Dermot meneou a cabeça.

— Até agora não tive o prazer de experimentar essa sorte, ou azar — murmurou.

— No nosso universo, o universo do cinema, o casamento é um risco ocupacional. As estrelas se casam com frequência. Às vezes são casamentos felizes, às vezes desastrosos, mas é raro que sejam permanentes. Com base nisso, não poderia dizer que Marina estaria reclamando por razões indevidas, mas, para alguém com o temperamento dela, coisas desse tipo têm um efeito muito profundo. Ela se imbuíu da ideia de que é azarada, nada jamais vai dar certo para ela. Passou a vida procurando desesperadamente pelas mesmas coisas: amor,

felicidade, afeto, segurança. Tinha uma ansiedade desenfreada para ter filhos. De acordo com a opinião de alguns médicos, a própria fúria dessa ansiedade acabou frustrando o objetivo. Um médico muito reconhecido a aconselhou a adotar uma criança. Afirmou que era bastante comum que, quando um desejo intenso de maternidade era suavizado pela adoção de um bebê, logo em seguida, a mãe concebia naturalmente. Marina adotou nada mais nada menos do que três crianças. Por um tempo ela obteve certa dose de felicidade e serenidade, mas não era a mesma coisa. Imagine a alegria dela quando, onze anos atrás, descobriu que estava grávida de um bebê. O prazer e a alegria que sentiu eram quase indescritíveis. Sua saúde estava boa, e os médicos asseguraram que os indícios levavam a crer que daria tudo certo. Talvez o senhor saiba, ou não, mas o resultado foi trágico. A criança, um menino, nasceu com deficiência mental, retardado. O resultado foi desastroso. Marina teve um colapso completo e ficou seriamente doente por anos, confinada em um sanatório. Embora de maneira lenta, ela se recuperou. Logo depois disso, nos casamos, e ela mais uma vez passou a se interessar pela vida e a sentir que talvez pudesse ser feliz. Foi difícil para ela, a princípio, conseguir um contrato de filme que valesse a pena. Todos estavam inclinados a duvidar que a saúde dela resistisse à pressão. Tive de brigar por ela.

Os lábios de Jason Rudd se fecharam com firmeza.

— Bem, a batalha rendeu frutos. Começamos a rodar um filme. Nesse meio-tempo, compramos esta casa e iniciamos a reforma. Há menos de quinze dias, Marina estava me dizendo o quanto estava feliz e como sentia que, enfim, conseguiria se estabilizar e viver uma vida doméstica feliz, deixando os problemas para trás. Fiquei um pouco nervoso porque, como sempre, as expectativas dela eram otimistas demais. Mas não restavam dúvidas de que estava feliz. Os sintomas nervosos desapareceram, havia uma calma e uma tranquilidade nela que eu jamais havia visto. Tudo estava indo tão bem até que...

Ele estancou. O tom, de repente, tornou-se amargurado.

— Até que aconteceu isso! Aquela mulher tinha que morrer... aqui! Isso em si já foi um choque tremendo. Eu não poderia arriscar... estava determinado a não arriscar... se Marina descobrisse que a tentativa de assassinato havia sido contra a vida *dela*... teria sido um segundo choque, talvez fatal. Poderia ter precipitado outro colapso mental.

Ele olhou diretamente para Dermot.

— Agora o senhor... entende?

— Compreendo seu ponto de vista — respondeu Craddock —, mas, perdoe-me, não estaria negligenciando um aspecto importante? O senhor afirma com convicção que houve uma tentativa de envenenamento contra sua mulher. Esse perigo não continua existindo? Se um

envenenador não obtém sucesso, não existe a possibilidade de uma nova tentativa?

— Naturalmente estou levando isso em consideração — disse Jason Rudd —, mas estou confiante de que, estando de sobreaviso, digamos, posso tomar todas as devidas precauções para a segurança de minha mulher. Vou ficar de guarda e pedir que outros a protejam também. O mais importante, para mim, é que ela mesma não desconfie que sofreu qualquer ameaça de perigo.

— E acha — prosseguiu Dermot com cautela — que ela *não* desconfia?

— Claro que não. Não faz ideia.

— Tem certeza?

— Absoluta. Uma ideia dessas jamais passaria pela cabeça dela.

— Mas passou pela sua — assinalou Dermot.

— Isso é muito diferente — disse Jason Rudd. — É lógico que era a única explicação possível. Mas minha esposa não é lógica e, para começo de conversa, não poderia imaginar que alguém fosse querer acabar com ela. Tal possibilidade jamais lhe ocorreria.

— Pode ser que tenha razão — falou Dermot devagar —, mas isso agora nos deixa com várias outras perguntas. Mais uma vez, me permita colocar isto de forma direta. De quem o senhor suspeita?

— Não posso lhe dizer.

— Desculpe-me, sr. Rudd, está dizendo que não pode ou que não quer?

Jason Rudd falava depressa.

— Não posso. Não sei mesmo. Parece tão impossível para mim quanto para ela que alguém teria ódio suficiente... teria um rancor suficiente contra ela... para fazer uma coisa dessas. Por outro lado, pela simples e objetiva evidência dos fatos, foi exatamente isso o que aconteceu.

— Poderia recapitular os fatos do modo como os vê?

— Como quiser. As circunstâncias são muito claras. Eu sirvo dois coquetéis de daiquiri de uma jarra que já estava preparada. Levo os dois para Marina e a sra. Badcock. O que a sra. Badcock fez não sei dizer. Ela seguiu adiante, presumo, foi falar com alguém que conhecia. Minha esposa ficou com o drinque dela na mão. Naquele momento, o prefeito e a esposa estavam se aproximando. Ela deixou o copo de lado, ainda intocado, e foi cumprimentá-los. Depois vieram mais cumprimentos. Um velho amigo, que não víamos há anos, outros moradores daqui e uma ou duas pessoas dos estúdios. Durante aquele tempo, o copo que continha o coquetel ficou na mesa que estava então atrás de nós, já que havíamos dado uns passos à frente para ficarmos mais próximos da escada. Tiraram uma ou duas fotografias de

minha esposa conversando com o prefeito, o que nós achamos que fosse agradar à população local e foi um pedido especial dos representantes do jornal daqui. Enquanto isso acontecia, trouxe novos drinques para alguns de nossos recém-chegados. Durante esse tempo, o copo da minha mulher deve ter sido envenenado. Não me pergunte *como*, não deve ter sido nada fácil. Por outro lado, é assustador; se alguém tem coragem de agir abertamente e de modo tão despreocupado, como é que ninguém percebe nada?! O senhor me pergunta se suspeito de alguém; tudo que posso dizer é que umas vinte pessoas *poderiam* ter feito isso. Os convidados estavam se movimentando entre os pequenos grupos, conversando, de vez em quando saindo para dar uma conferida nas mudanças que foram feitas na casa. Havia movimento, movimento contínuo. Pensei, pensei muito, fiz um enorme esforço mental, mas não há nada, absolutamente *nada* que me leve a suspeitar de alguém específico.

Ele fez uma pausa e deu um suspiro de exasperação.

— Entendo — disse Dermot. — Continue, por favor.

— Ouso dizer que já ouviu esta próxima parte antes.

— Gostaria de ouvir de novo do senhor.

— Bem, voltei até a beira da escada. Minha mulher havia se virado para a mesinha e estava pegando seu copo. Houve uma breve exclamação da sra. Badcock. Alguém deve ter dado um encontrão no braço dela, e o copo escorregou dos dedos, espatifando-se no chão. Marina teve a atitude natural de uma anfitriã. A saia dela ficara um pouco molhada do líquido. Ela insistiu que nada fora estragado, usou o próprio lenço para limpar a saia da sra. Badcock e insistiu que a outra ficasse com a bebida dela. Se me lembro bem, disse: “Eu já bebi demais por hoje”. Então foi isso. Mas posso lhe garantir uma coisa. A dose fatal não pode ter sido colocada depois, porque a sra. Badcock começou a beber do copo imediatamente. Como o senhor sabe, uns quatro ou cinco minutos mais tarde, ela morreu. Fico me perguntando... como me pergunto... o que o envenenador deve ter sentido ao perceber que seu plano tinha fracassado...

— Tudo isso lhe ocorreu naquela hora?

— Claro que não. Na hora concluí, naturalmente, que a mulher tinha tido uma espécie de síncope. Talvez cardíaca, uma trombose coronária, algo do tipo. Jamais pensaria que envolvesse *envenenamento*. Ocorreria ao senhor... será que alguém pensaria nisso?

— É provável que não — disse Dermot. — Bem, seu relato é bastante claro e parece seguro dos fatos. Diz não suspeitar de ninguém em particular. Isso não consigo aceitar, sabe.

— Garanto-lhe que é verdade.

— Vamos abordar a questão por outro ângulo. Quem poderia querer prejudicar a sua

esposa? Soa muito melodramático quando colocado deste jeito, mas que inimigos acha que ela tem?

Jason Rudd fez um gesto expressivo.

— Inimigos? Inimigos? É tão difícil de definir o que alguém quer dizer com *inimigo*. Há bastante inveja e ciúme no mundo que eu e minha esposa habitamos. Sempre há pessoas dizendo coisas maliciosas, prontas para dar início a alguma campanha difamatória, que podem passar a perna em alguém de quem têm inveja caso tenham a oportunidade. Mas isso não quer dizer que qualquer uma dessas pessoas é um assassino nem mesmo, de fato, um assassino em potencial. Não concorda?

— Sim, concordo. Tem de existir algo além de picuinhas ou inveja. Há alguém que a sua esposa tenha prejudicado, digamos, no passado?

Jason Rudd não refutou a pergunta com facilidade. Em vez disso, franziu o cenho.

— Honestamente, acho que não — disse ele por fim —, e posso dizer que já pensei muito sobre esse assunto.

— Nada da natureza de um caso amoroso, de um relacionamento com algum homem?

— Claro que já aconteceram relações assim. Poderíamos considerar que Marina algumas vezes tenha tratado mal um homem. Mas nada que fosse causar uma indisposição permanente. Disso tenho certeza.

— E as mulheres? Alguma mulher que tivesse um ressentimento duradouro contra a srta. Gregg?

— Bem — disse Jason Rudd —, a gente nunca sabe sobre as mulheres. Não consigo pensar em nenhuma em especial, assim de cabeça.

— Quem se beneficiaria financeiramente com a morte de sua esposa?

— O testamento dela contempla várias pessoas, mas nenhuma com uma grande soma. Suponho que o maior beneficiado, financeiramente, como o senhor diz, seria eu, na condição de marido. Por outro lado, possivelmente a estrela que poderia substituí-la no filme que estamos fazendo. Embora, é claro, o projeto pudesse ser simplesmente cancelado. Essas coisas são muito incertas.

— Bem, não precisamos entrar nisso tudo agora — disse Dermot.

— Posso contar com suas palavras de que Marina não vai ficar sabendo que está correndo um possível perigo?

— Vamos ter de discutir essa questão — falou Dermot. — Quero frisar para o senhor que está assumindo um risco considerável. Entretanto, a questão não vai surgir nos próximos dias, já que sua mulher ainda está sob cuidados médicos. Agora, há outra coisa que gostaria que

fizesse. Gostaria que anotasse para mim, com a maior precisão possível, cada uma das pessoas que estava naquele recanto no alto da escadaria, ou quem o senhor viu subir as escadas na hora do assassinato.

— Farei o meu melhor, mas tenho minhas dúvidas. O mais fácil seria consultar a minha secretária, Ella Zielinsky. Além de uma memória apuradíssima, ela tem também as listas com os nomes da turma local que estava presente. Se quiser falar com ela agora...

— Gostaria muito de falar com a srta. Ella Zielinsky — afirmou Dermot.

CAPÍTULO 11



I

Examinando Dermot Craddock com frieza através das lentes de seus enormes óculos de armação de tartaruga, Ella Zielinsky parecia quase melhor do que o esperado. Com uma vivacidade serena e profissional, puxou uma folha datilografada de uma gaveta e entregou a ele.

— Tenho quase certeza de que não há nenhuma omissão — disse. — Mas é possível que tenha incluído um ou dois nomes. No caso, nomes de moradores daqui, que não estiveram de fato presentes. Quero dizer com isso que eles podem ter ido embora mais cedo, ou podem não ter sido encontrados e levados lá para cima. Na verdade, estou bem segura de que a lista está correta.

— Um trabalho muito eficiente, se me permite dizê-lo — falou Dermot.

— Obrigada.

— Suponho... sou muito ignorante nestas coisas... que a senhorita precisa atingir um alto grau de eficiência no seu trabalho?

— É necessário ter tudo muito bem organizado, sim.

— O que mais inclui o seu trabalho? Serve também como uma espécie de ponto de contato, digamos, entre os estúdios e Gossington Hall?

— Não. Não tenho qualquer relação com os estúdios. No entanto, é natural que eu anote recados de telefonemas de lá ou repasse uma mensagem para alguém. O meu trabalho é cuidar da vida social da srta. Gregg, seus compromissos públicos e privados, e supervisionar até certo ponto o andamento da casa.

— Gosta do seu emprego?

— É extremamente bem pago e acho razoavelmente interessante. Todavia, um assassinato não estava no contrato — acrescentou com tom seco.

— Parece-lhe algo muito inconcebível?

— Tão inconcebível que estou pronta a lhe perguntar se tem de fato certeza de que foi um assassinato.

— Com seis vezes a dose de dietilmexina etc. etc., fica difícil considerarmos qualquer outra hipótese.

— Pode ter sido algum tipo de acidente.

— E como sugere que um acidente assim possa ter acontecido?

— É mais fácil do que imagina, já que o senhor não conhece as coisas. Essa casa está simplesmente abarrotada de drogas de todos os tipos. Não estou me referindo a narcóticos ao usar a palavra droga. Estou falando de medicamentos devidamente prescritos, mas, pelo que entendo, na maioria deles, a dose letal não é muito diferente da dose terapêutica.

Dermot aquiesceu.

— Esse pessoal de teatro e cinema tem os lapsos mais incríveis de inteligência. Às vezes chega a me parecer que quanto mais genialidade artística, menor o bom-senso nas coisas do dia a dia.

— Isso é bem possível.

— E, com todos estes vidrinhos, cápsulas, pós, comprimidos e caixinhas que carregam; com toda esta história de tomar um calmante aqui, um tônico ali, uma pílula para dar uma animada acolá, o senhor não acha que seria facilímo para alguém confundir as coisas?

— Não vejo como isso se aplicaria a este caso.

— Bem, acho que se aplica. Alguém, um dos convidados, poderia ter precisado de um sedativo ou de um estimulante e puxou do bolso o potinho que sempre leva consigo, mas por não se lembrar da dose certa, pois não tomava aquilo havia algum tempo, pode ter colocado demais dentro do copo. Depois, acabou se distraíndo com alguma coisa e saiu para outro lugar; digamos que essa sra. fulana de tal aparece, pensa que é o copo dela, apanha e bebe. Não é, com certeza, uma ideia tão cabível quanto qualquer outra?

— Não acha que já não levantamos todas essas hipóteses, é isso?

— Não, imagino que sim. Mas havia muita gente lá e muitos copos com drinques por toda parte. É muito comum de acontecer, sabe, de alguém apanhar e beber do copo errado.

— Portanto, não acha que Heather Badcock tenha sido envenenada deliberadamente? Acha que ela bebeu do copo de alguma outra pessoa?

— Não consigo imaginar nenhuma explicação mais plausível.

— Nesse caso — afirmou Dermot, falando com todo o cuidado —, só pode ter sido o copo de Marina Gregg. Está percebendo? Marina entregou a ela seu próprio copo.

— Ou o copo que pensava ser o seu — Ella Zielinsky corrigiu o inspetor. — O senhor

ainda não conversou com Marina, conversou? É extremamente distraída. Pegaria qualquer copo que se parecesse com o dela para beber. Vi isso se repetir mil vezes.

— Ela usa Calmo?

— Ah, sim, todos nós usamos.

— A senhorita também, srta. Zielinsky?

— Sou levada a tomar às vezes — disse Ella. — Essas coisas são bem tentadoras, sabe.

— Ficarei feliz — falou Dermot — quando puder falar com a srta. Gregg. Ela... hã... parece que vai ficar prostrada por um bom tempo.

— Está só dando um chilique — declarou Ella Zielinsky. — Adora ficar dramatizando tudo, sabe. Jamais saberia manter a calma para lidar com um assassinato.

— Do modo como a senhorita consegue, srta. Zielinsky?

— Quando se está cercado de pessoas em estado de agitação contínuo — respondeu Ella em tom seco —, isso faz com que a gente desenvolva um desejo de ir para o extremo oposto.

— Aprendeu a ter orgulho por não se descabelar quando acontece alguma tragédia horrível?

A moça refletiu.

— Talvez não seja um traço muito correto de personalidade. Mas acho que se você não desenvolver essa proteção pode acabar saindo do eixo.

— A srta. Gregg era... a srta. Gregg é uma pessoa difícil em se tratando de trabalho?

Era uma pergunta um tanto pessoal, mas Dermot Craddock a via como uma espécie de teste. Se Ella Zielinsky levantasse as sobrancelhas e tacitamente indagasse o que aquilo teria a ver com o assassinato da sra. Badcock, ele seria forçado a admitir que não tinha nenhuma relação com o caso. Mas ficou imaginando que Ella Zielinsky talvez apreciasse a chance de expor o que achava de Marina Gregg.

— É uma grande artista. Tem um magnetismo pessoal que é transmitido pela tela de forma absolutamente extraordinária. Por causa disso, a gente acha que é um privilégio e tanto trabalhar com ela. De um ponto de vista puramente pessoal, claro, ela é um inferno!

— Ah — disse Dermot.

— Não tem nenhum meio-termo, entende. Ou está lá nas alturas, ou no fundo do poço, tudo é sempre tratado com um exagero terrível, passa mudando de ideia e há um sem-número de coisas que não se pode jamais mencionar ou aludir porque a deixam irritada.

— Como, por exemplo?

— Bem, naturalmente, colapso mental ou sanatórios para doentes mentais. Acho que já está subentendido que ela é sensível a esses assuntos. E nada relacionado com crianças.

— Crianças? De que forma?

— Bem, ela fica incomodada ao ver crianças, ou ao ficar sabendo que as pessoas estão felizes com seus filhos. Se ouvir falar de alguém que vai ter um bebê ou acaba de ter um, isso no mesmo instante a remete a um estado de miséria absoluta. Ela nunca vai poder ter outro filho, sabe, e o único que tem não bate bem. Não sei se o senhor sabia disso.

— Ouvi dizer, sim. É um assunto muito triste e infeliz. Mas depois de tantos anos seria de se esperar que tivesse superado ao menos um pouco.

— Não superou. É uma obsessão dela. É cismada com isso.

— E como o sr. Rudd se sente a respeito do assunto?

— Ah, não era filho dele. Era do marido anterior, Isidore Wright.

— Ah, sim, o marido anterior. Por onde ele anda agora?

— Casou de novo e mora na Flórida — respondeu prontamente.

— Diria que Marina Gregg fez muitas inimizades na vida?

— Nada fora do normal. Não mais do que a maioria, digamos. Há sempre algum desentendimento por causa de outras mulheres, homens, questões de contratos ou ciúme... tudo isso.

— Até onde sabe, ela não tinha medo de ninguém?

— Marina? Com *medo* de alguém? Acho que não. Por quê? Deveria ter?

— Não sei — disse Dermot. Apanhou a lista com os nomes. — Muito obrigado, srta. Zielinsky. Se eu precisar perguntar mais alguma coisa, voltarei aqui. Posso?

— Com certeza. Estou muito ansiosa... estamos todos muito ansiosos para fazer o que estiver ao nosso alcance para ajudar.

II

— Bem, Tom, o que tem para mim?

O sargento-detetive Tiddler abriu um sorriso de apreço. Seu nome não era Tom, era William, mas a tentação de chamá-lo de Tom Tiddler era sempre irresistível aos colegas.[\[1\]](#)

— Que preciosidades conseguiu para mim? — prosseguiu Dermot Craddock.

Os dois estavam hospedados no Blue Boar, e Tiddler acabava de voltar depois de passar o dia nos estúdios.

— A proporção do que vale a pena é ínfima — disse Tiddler. — Não há muita fofoca. Nenhum boato alarmante. Uma ou outra insinuação quanto a suicídio.

— Por que suicídio?

— Acham que ela poderia ter tido alguma briga com o marido e queria fazê-lo se sentir culpado. Algo nessa linha. Mas que não teria tido a intenção de se matar de fato.

— Não vejo por onde essa linha possa nos ajudar — comentou Dermot.

— Não, não pode mesmo. Eles não sabem nada sobre o assunto, entende. Não sabem de nada que não faça parte do trabalho deles. É tudo muito técnico, e há uma atmosfera no estilo “o show deve continuar”, ou talvez eu devesse ter dito que o filme deve continuar, ou que a filmagem deve continuar. Não sei os termos corretos. Só estão preocupados com a data da volta de Marina Gregg para o set. Ela já deu o cano em um ou outro filme antes engendrando um colapso nervoso.

— Em geral, eles gostam dela?

— Diria que a consideram um incômodo dos diabos, mas mesmo assim não conseguem evitar o fascínio que sentem por ela quando está disposta a fascinar as pessoas. O marido é bobo por ela, aliás.

— O que acham dele?

— Acham que é o melhor diretor ou produtor ou qualquer coisa dessas que já existiu.

— Nenhum boato sobre ele estar enrolado com alguma outra estrela ou qualquer outra mulher?

Tom Tiddler arregalou os olhos.

— Não — afirmou —, nenhum. Nenhum indício de nada parecido. Por que, acha que deveria ter?

— Só fiquei pensando — disse Dermot. — Marina Gregg está convencida de que aquela dose mortal era para ela.

— Ah, é? E faz sentido?

— Tenho quase certeza — respondeu Dermot. — Mas essa não é a questão. A questão é que ela não contou isso ao marido, apenas ao médico.

— Acha que ela teria contado a ele se...

— Só fiquei pensando — disse Craddock —, se tem uma ponta de desconfiança de que o marido possa ser o responsável. A atitude do médico foi um pouco peculiar. Posso ter imaginado coisas, mas acho que não.

— Bem, não há nenhum boato desses circulando pelos estúdios — garantiu Tom. — Isso é fácil de ficar sabendo.

— Ela mesma não está enroscada com nenhum outro homem?

— Não, parece ser devotada a Rudd.

— Nenhum detalhe interessante do passado dela?

Tiddler abriu um sorriso.

— Nada que se compare ao que você pode ler qualquer dia da semana numa revista de fofocas.

— Acho que vou ter que ler algumas — disse Dermot —, para embarcar nessa atmosfera.

— As coisas que eles falam e insinuem! — exclamou Tiddler.

— Eu me pergunto — falou Dermot pensativo — se Miss Marple lê as revistas de cinema.

— Essa é aquela velhinha que mora na casa ao lado da igreja?

— Isso mesmo.

— Dizem que ela é perspicaz — relatou Tiddler. — Dizem que nada acontece aqui que a Miss Marple não fique sabendo. Pode não saber muito sobre as pessoas do cinema, mas pode lhe passar a ficha completa dos Badcock.

— Não é mais tão simples como antigamente — arriscou Dermot. — Há uma nova vida social surgindo por aqui. Um condomínio de casas, um grande loteamento de construções. Os Badcock são meio novos e vieram de lá.

— Não encontrei muita coisa sobre as pessoas daqui, claro — disse Tiddler. — Procurei me concentrar na vida sexual das estrelas e coisas desse tipo.

— Não me trouxe muita coisa — grunhiu Dermot. — E sobre o passado de Marina Gregg, descobriu algo?

— Teve uns quantos casamentos, mas não mais do que a média da maioria. O primeiro marido não gostou de ter sido chutado, é o que dizem, mas era um sujeito bem normal. Era um corretor imobiliário ou algo parecido.

— Entendo.

— Bem, ele não era um tipo muito glamoroso, então ela se livrou dele e se casou com um

príncipe ou conde estrangeiro. Aquilo também não durou nada, mas parece não ter causado nenhum constrangimento. Apenas se desvencilhou do conde e se amasiou com o número três. O astro de cinema Robert Truscott. Este parece ter sido um romance dos mais apaixonados. A mulher dele parece não ter gostado muito de ter sido trocada por outra, mas teve de aceitar no final. Uma pensão alimentícia bem polpuda. Até onde consegui entender, todo mundo é meio duro por ter de pagar tanta pensão para todas as ex-esposas.

— Mas não deu certo?

— Não. Foi ela quem ficou com o coração partido, acho. Porém outro grande romance apareceu um ou dois anos mais tarde. Isidore alguma coisa... um dramaturgo.

— É uma vida exótica essa — disse Dermot. — Bom, por hoje é só. Amanhã vamos ter de nos empenhar em tarefas complicadas.

— Tais como?

— Tais como conferir uma lista que tenho em mãos. Dos vinte e poucos nomes, temos de conseguir eliminar pelo menos *alguns*, e, entre os que restarem, vamos procurar pelo X.

— Alguma ideia de quem é o X?

— Não tenho a mínima. Isso se não for Jason Rudd.

Ele completou com um sorriso sarcástico e de canto:

— Terei de fazer uma visita a Miss Marple e me atualizar sobre os acontecimentos locais.

[1] Em referência a Tom Tiddler's Ground, expressão que aparece em vários contos e poemas ingleses, além de ser o nome de uma brincadeira infantil e termo que denota alguém de quem é fácil tirar vantagem. (N.T.)

CAPÍTULO 12



Miss Marple estava utilizando seus próprios métodos investigativos.

— É muita gentileza, sra. Jameson, muita, muita gentileza sua. Nem consigo expressar o quanto estou agradecida.

— Nem diga uma coisa dessas, Miss Marple. É um prazer poder lhe ajudar. Suponho que queira os mais recentes?

— Não, não particularmente — disse Miss Marple. — De fato, acho que prefiro alguns números mais antigos.

— Bem, aqui estão — falou a sra. Jameson —, acho que é uma boa quantidade e posso lhe assegurar que não vamos sentir nem falta. Pode ficar com elas o tempo que for preciso. Mas ficou muito pesado para a senhora levar. Jenny, como está indo seu permanente?

— Está indo bem, sra. Jameson. Ela já enxaguou e agora estão dando uma boa secada.

— Nesse caso, querida, poderia acompanhar a Miss Marple aqui e carregar as revistas para ela. Não, imagina, Miss Marple, não é incômodo nenhum. É sempre um prazer ajudar a senhora.

“Como as pessoas são gentis”, pensou Miss Marple, “sobretudo quando já nos conhecem praticamente por toda uma vida”. A sra. Jameson, depois de muitos anos coordenando seu instituto de beleza, criara coragem de se render ao progresso a ponto de mandar pintar o antigo letreiro e mudar o nome para:

“DIANE. Estilista de cabelos.”

À exceção disso, o negócio permanecia o mesmo de antes e atendia quase da mesma forma às necessidades das clientes. Garantia um permanente firme e bem-feito, aceitava o desafio de cortar e pentear a geração mais jovem, e a bagunça resultante era aceita sem muita recriminação. Mas o grosso da clientela da sra. Jameson era um grupo de senhoras de meia-idade, estoicas e teimosas, que consideravam extremamente difícil conseguir arrumar o cabelo

do jeito que queriam em qualquer outro lugar.

— Bem, quem diria — disse Cherry na manhã seguinte, enquanto se preparava para passar o barulhento aspirador no “estar social”, como mentalmente ainda insistia em chamar aquela sala. — O que significa isso?

— Estou tentando — explicou Miss Marple — me educar um pouco sobre o mundo do cinema.

Ela deixou de lado a revista *Movie News* e apanhou a *Amongst the Stars*.

— É mesmo muito interessante. Lembra a gente de tantas coisas.

— Eles devem levar vidas fantásticas — disse Cherry.

— Vidas especializadas — argumentou Miss Marple. — Altamente especializadas. Lembra muito as coisas que uma amiga costumava me contar. Era enfermeira de hospital. O mesmo ponto de vista simplório, com direito a todas as fofocas e rumores. E os médicos bonitões causando confusão por onde passavam.

— Bastante repentino, não é, este seu interesse? — perguntou Cherry.

— Estou tendo dificuldades para tricotar — disse Miss Marple. — É claro que as letras nessas revistas são bem pequenas, mas sempre posso usar uma lupa.

Cherry continuou com o olhar curioso.

— Está sempre me surpreendendo — comentou. — As coisas pelas quais a senhora se interessa.

— Eu me interesso por tudo — disse Miss Marple.

— Digo, se dedicar a novos interesses na sua idade.

Miss Marple balançou a cabeça.

— Não são novos interesses. Sempre me interessei pela natureza humana, entende, e a natureza humana é muito semelhante, seja no caso de estrelas de cinema, enfermeiras de hospital, pessoas de St. Mary Mead ou — acrescentou após ponderar — que moram no Loteamento.

— Não vejo muita semelhança entre mim e uma atriz de cinema — falou Cherry, rindo —, o que é uma pena. Suponho que seja porque Marina Gregg e o marido vieram morar em Gossington Hall que a senhora começou a se interessar.

— Isso e aquele evento tão trágico que aconteceu por lá — declarou Miss Marple.

— A sra. Badcock? Aquilo foi puro azar.

— O que estão pensando disso lá no... — Miss Marple fez uma pausa já com o “L” entre os lábios. — O que você e suas amigas pensam do assunto? — consertou a pergunta.

— Foi muito esquisito — disse Cherry. — Parece ter sido um crime, não é, embora, claro,

a polícia esteja muito temerosa de declarar isso com todas as letras. Ainda assim, é o que parece.

— Não vejo alternativa.

— Não poderia ser suicídio — concordou Cherry —, não no caso de Heather Badcock.

— Você a conhecia bem?

— Não, na verdade não. Pouquíssimo. Era do tipo abelhuda, sabe. Sempre querendo que a gente participasse disso e daquilo, que aparecesse para os encontros e reuniões e assim por diante. Era enérgica demais. O marido às vezes enjoava daquilo, eu acho.

— Não parece ter tido nenhum inimigo de verdade.

— As pessoas costumavam ficar cheias dela às vezes. A questão é: não vejo quem poderia matá-la a não ser o marido, e ele é um tipo tão bonzinho. Mesmo assim, até um ser insignificante pode reagir, é o que dizem. Sempre ouvi dizer que Crippen era um homem muito bom; e aquele outro, Haigh, que jogou ácido em todo mundo, dizem que ele não poderia ser mais charmoso! Então, nunca se sabe, não é?

— Pobre da sra. Badcock — disse Miss Marple.

— E as pessoas comentam que ele estava irritado e nervoso naquele dia da festa... antes de tudo acontecer. Digo... mas as pessoas sempre falam esse tipo de coisa depois. Se quer saber, há anos não o vejo com uma cara tão boa. Parece ter até dado uma animada nele.

— Ah, é? — perguntou Miss Marple.

— Ninguém *realmente* acha que foi ele — falou Cherry. — Só que, se não foi, então quem? Não consigo deixar de pensar que deve ter sido algum tipo de acidente. Acidentes acontecem. A gente acha que entende tudo de cogumelos e vai lá catar alguns. Basta um fungo se intrometer e lá está você se retorcendo de agonia e sorte sua se o doutor chegar a tempo.

— Coquetéis e copos de xerez não parecem tão suscetíveis a acidentes — comentou Miss Marple.

— Ah, não sei — disse Cherry. — Um vidro de uma ou outra coisa pode ter caído ali por acidente. Alguém que eu conhecia tomou uma dose concentrada de DDT uma vez. Ficou terrivelmente mal.

— Acidente — repetiu Miss Marple pensativa. — É, de fato parece a melhor solução. Devo confessar que, no caso de Heather Badcock, não consigo acreditar que tenha sido um assassinato planejado. Não vou dizer que seja impossível. Nada é impossível, mas não parece plausível. Não, acho que a verdade está em algum lugar por aqui.

Remexeu as revistas e apanhou outro exemplar.

— Quer dizer que está procurando alguma matéria especial sobre alguém?

— Não — disse Miss Marple. — Estou só procurando comentários curiosos sobre as pessoas e o jeito que levam a vida e qualquer, qualquer coisinha que possa ajudar.

Retornou à leitura das revistas, e Cherry carregou o aspirador de pó para o andar de cima. O rosto de Miss Marple estava corado e repleto de interesse e, como ela estava ligeiramente surda, não ouviu os passos que percorreram o jardim em direção à janela da sala. Foi apenas quando uma sombra recaiu de leve sobre a página que Miss Marple levantou a cabeça. Dermot Craddock sorria para ela.

— Fazendo a lição de casa, pelo visto — assinalou.

— Inspetor Craddock, que prazer em vê-lo. E quanta gentileza em dedicar um tempo para vir me visitar. Aceita uma xícara de café, ou quem sabe um cálice de xerez?

— Um cálice de xerez seria esplêndido — disse Dermot. — Não se mexa — completou. — Eu mesmo vou pedir assim que entrar.

Deu a volta pela porta lateral e, em seguida, juntou-se a Miss Marple.

— Bem — disse —, esses periódicos estão lhe dando ideias?

— Ideias até demais — respondeu ela. — Não costumo ficar chocada, você sabe, mas isso aqui me choca um pouco.

— O que, a vida privada das estrelas?

— Ah, não — disse Miss Marple —, de jeito *nenhum*! Essas histórias me parecem as *mais* normais do mundo, dadas as circunstâncias, o dinheiro envolvido e as facilidades da proximidade. Ah, não, isso é bem natural. Estou me referindo à forma com que discorrem sobre essas coisas. Sou bastante antiquada, sabe, e acho que isso não poderia ser permitido.

— É notícia — disse Dermot Craddock —, e certas coisas bem desagradáveis podem ser ditas se fazendo passar por comentários justificados.

— Eu sei — disse Miss Marple. — Fico muito irritada às vezes. Imagino que esteja achando uma bobagem eu ficar lendo tudo isso. Mas a gente quer tanto *participar* dos assuntos e claro que, sentada aqui dentro de casa, não tenho como ficar tão a par deles como gostaria.

— Foi o que pensei — disse Dermot Craddock —, e por isso vim, para lhe pôr a par de tudo.

— Mas meu querido rapaz, com seu perdão, seus superiores realmente aprovariam uma atitude dessas?

— Não vejo por que não — respondeu Dermot. — Veja — continuou —, tenho uma lista. A lista das pessoas que estavam lá naquele patamar de escada durante o curto período entre a chegada de Heather Badcock e sua morte. Já eliminamos uma porção de gente, talvez de maneira muito precipitada, mas acho que não. Eliminamos o prefeito e a esposa, o vereador

fulano de tal, a mulher dele e vários dos moradores daqui, embora tenhamos mantido o marido. Se me lembro bem, a senhora sempre suspeitava muito dos maridos.

— São em geral os suspeitos mais óbvios — disse Miss Marple, desculpando-se — e os óbvios, em geral, são os culpados.

— Concordo plenamente — disse Craddock.

— Mas de qual marido está falando, meu rapaz?

— Qual deles a senhora acha? — perguntou Dermot. Examinou-a com o olhar aguçado.

Miss Marple retribuiu o olhar.

— Jason Rudd? — ela perguntou.

— Ah! — exclamou Craddock. — Seu raciocínio funciona igual ao meu. Não acho que tenha sido Arthur Badcock, porque, a senhora vê, não acredito que tinham a intenção de matar Heather Badcock. Acho que o alvo era Marina Gregg.

— Isso parece fazer mais sentido, não é? — disse Miss Marple.

— E assim — disse Craddock —, como ambos concordamos com isso, o horizonte se alarga. Contar-lhe sobre quem estava lá naquele dia, o que viram ou disseram que viram, onde estavam ou disseram que estavam, é apenas algo que a senhora teria observado por si mesma caso estivesse presente ao evento. Portanto, meus superiores, como a senhora disse, não poderiam fazer nenhuma objeção a que eu discuta esses assuntos, poderiam?

— Muito bem colocado, meu caro rapaz — disse Miss Marple.

— Farei um breve apanhado do que me contaram, e então passaremos à lista.

Ele fez um rápido sumário do que ouvira e então apresentou a relação dos nomes.

— Tem de ser alguma dessas pessoas — disse. — Meu padrinho, Sir Henry Clithering, contou que vocês chegaram a ter um clube aqui. Chamavam de o Clube das Terças-Feiras. Jantavam uns nas casas dos outros e depois alguém contava uma história, uma história de algum acontecimento da vida real que terminava num mistério. Um mistério para o qual apenas o narrador da história saberia a resposta. E, todas as vezes, ao menos foi assim que meu padrinho me contou, a senhora adivinhara a resposta. Logo, pensei em vir aqui para ver se arriscaria algumas adivinhações para mim nesta manhã.

— Acho que esse é um jeito bastante frívolo de tratar o problema — declarou Miss Marple com ar reprovador —, mas há uma pergunta que gostaria de fazer.

— Pois não?

— E os filhos?

— Os filhos? Existe apenas um. Um menino com retardo mental num sanatório dos Estados Unidos. É disso que está falando?

— Não — contestou ela —, não é disso que estou falando. É muito triste, claro. Uma dessas tragédias que parecem acontecer sem haver nenhum culpado. Não, estava me referindo aos filhos que vi serem mencionados em algum artigo aqui.

Ela deu uma batidinha na pilha de papéis.

— As crianças que Marina Gregg adotou. Dois meninos, parece, e uma menina. Em um dos casos, uma mãe, que tinha muitos filhos e pouquíssimo dinheiro para criá-los neste país, escreveu para ela pedindo que ficasse com uma das crianças. Há uma série de artigos tolos e cheios de falso sentimentalismo sobre o assunto, sobre o altruísmo da mãe e o lar, a educação e o futuro maravilhosos que a criança teria. Não consegui descobrir muita coisa sobre as outras duas. Uma, acho que era refugiada de um país estrangeiro, e a terceira era americana. Marina Gregg as adotou em períodos diferentes. Eu queria saber o que aconteceu com elas.

Dermot Craddock olhou para ela com curiosidade.

— É estranho que se preocupe com isso — disse. — Também fiquei pensando vagamente sobre essas crianças. Mas que relação a senhora está fazendo?

— Bem — disse Miss Marple —, até onde soube, ou descobri, esses filhos não estão morando com ela agora, estão?

— Suponho que estejam sendo bem cuidados — respondeu Craddock. — De fato, acho que as leis de adoção insistiriam nisso. Devem ter posto algum dinheiro para eles em um fundo de pensão.

— Então, quando ela ficou... cansada deles — arriscou Miss Marple com uma pausa muito ínfima antes da palavra “cansada” —, foram dispensados! Depois de terem sido criados no luxo e com todas as vantagens. Foi isso?

— É bem provável — disse Craddock. — Não sei dizer com precisão.

Continuou olhando para ela com curiosidade.

— As crianças têm sentimentos, sabe — disse Miss Marple, balançando o queixo. — Sentem mais as coisas do que as pessoas ao redor delas sequer podem imaginar. O sentimento de mágoa, de serem rejeitadas, de não pertencer. Isso é algo que não se supera apenas por causa de uma série de vantagens materiais. A educação não substitui o sentimento, nem uma vida confortável, nem uma renda garantida, nem a oportunidade de iniciar uma vida profissional. É uma ferida que não cicatriza.

— Sim. Mas, mesmo assim, não seria demais pensar que... bem, no que exatamente está pensando?

— Não cheguei a ir assim tão longe — disse Miss Marple. — Só fiquei me perguntando onde é que elas estariam agora e que idade teriam? São adultas, imagino, pelo que li aqui.

— Eu poderia descobrir, suponho — disse Dermot Craddock devagar.

— Oh, não quero lhe causar nenhum incômodo, nem mesmo sugerir que as minhas pequenas ideias têm qualquer valor.

— Não faria mal — disse Dermot — dar uma verificada nisso.

Fez uma anotação em sua caderneta.

— Agora quer dar uma olhada na minha listinha?

— Não acho que poderia lhe ajudar com isso. Veja bem, não saberia quem são as pessoas.

— Ah, mas eu poderia lhe passar todos os detalhes — informou Craddock. — Eis o que temos. *Jason Rudd, marido*, os maridos são sempre muitíssimo suspeitos. Todos dizem que Jason Rudd a adora. Isso por si só já é suspeito, não acha?

— Não necessariamente — respondeu Miss Marple com dignidade.

— Ele tem se empenhado muito em tentar esconder o fato de que a esposa foi o alvo do ataque. Não deixou transparecer nenhuma gota dessa desconfiança para a polícia. Não sei como é que ele acha que somos tão burros a ponto de não chegar a essa conclusão por nós mesmos. Estamos considerando isso desde o princípio. Mas, enfim, essa é a versão dele. Estava receoso que a informação chegasse aos ouvidos da esposa e ela entrasse em pânico por conta disso.

— É do tipo de mulher que entraria em pânico?

— É, é neurastênica, tem chilikues, ataques de histeria, é dada a faniquitos.

— Isso pode não indicar uma falta de coragem — contestou Miss Marple.

— Por outro lado — continuou Craddock —, se ela tem perfeito conhecimento de que foi alvo do ataque, é possível que saiba também quem o planejou.

— Está dizendo que ela sabe quem foi... mas não quer revelar a ninguém?

— Estou dizendo apenas que é uma possibilidade e, se for assim, é de se perguntar por que não? Dá a entender que o motivo, a raiz do problema, seria algo que não queria que chegasse aos ouvidos do marido.

— Esse, com certeza, é um pensamento bem interessante — disse Miss Marple.

— Aqui temos alguns outros nomes. A secretária, Ella Zielinsky. Uma mulher jovem eficaz e competente ao extremo.

— Apaixonada pelo patrão, talvez? — perguntou Miss Marple.

— Definitivamente é o que penso — respondeu —, mas por que a senhora pensaria assim?

— Bem, isso acontece com muita frequência — declarou Miss Marple. — Logo, ela não é muito fã da pobre Marina Gregg, imagino...

— Tendo, portanto, um motivo plausível para cometer um crime — disse Craddock.

— Uma porção de secretárias e funcionárias se apaixonam pelo marido da patroa — disse Miss Marple —, mas poucas, pouquíssimas, tentariam envenená-la.

— Bem, devemos estar abertos às exceções — disse Craddock. — Depois, havia dois fotógrafos daqui e um de Londres, além de duas pessoas da imprensa. Nenhum deles parece muito provável, mas vamos acompanhá-los de perto. Havia uma mulher que foi casada com o segundo ou terceiro marido de Marina Gregg. Não gostou quando Marina tirou o marido dela. Ainda assim, isso foi há onze ou doze anos. Não parece possível que tenha vindo fazer uma visita nesta conjuntura com o propósito de envenenar Marina por causa daquilo. Temos ainda um homem chamado Ardwyck Fenn. Já foi um amigo muito próximo de Marina Gregg. Fazia anos que não a via. Não sabiam que andava por estes lados do mundo, e foi uma grande surpresa para todos quando ele apareceu naquela ocasião.

— Ela tomaria um susto ao vê-lo?

— Podemos presumir que sim.

— Um susto... e ficaria talvez atemorizada.

— “*A desgraça se abateu sobre mim*” — recordou Craddock. — Essa é a ideia. Então, havia o jovem Hailey Preston, cumprindo suas funções do dia, fazendo seu trabalho. Fala bastante, mas definitivamente não ouviu nada, não viu nada e não sabe de nada. É quase ansioso demais ao afirmar isso. Há algo aqui que pareça soar um sinal de alerta?

— Não exatamente — disse Miss Marple. — Um bocado de possibilidades interessantes. Mas ainda quero descobrir mais alguma coisa sobre as crianças.

Ele a observou com o olhar curioso:

— Ficou com a pulga atrás da orelha com isso, não é? — perguntou. — Tudo bem, vou investigar.

CAPÍTULO 13



I

— Suponho que não haja nenhuma chance de ter sido o prefeito? — sugeriu o inspetor Cornish ansioso.

Batia com a ponta do lápis no papel que continha a lista de nomes. Dermot Craddock abriu um sorriso.

— Gostaria que fosse? — perguntou.

— Poderia se dizer que sim — disse Cornish. — É um velho falso, pomposo e hipócrita! — continuou. — Ninguém o suporta. Joga tudo para cima dos outros, é de uma beatice extrema e há anos está metido em sujeiras até o pescoço!

— Não consegue incriminá-lo por isso?

— Não — respondeu Cornish. — É muito escorregadio. Está sempre do lado certo da lei.

— É tentador, concordo — disse Dermot Craddock —, mas acho que vai ter de afastar essa proposta de solução perfeita da sua cabeça, Frank.

— Eu sei, eu sei — disse Cornish. — É possível, mas altamente improvável. Quem mais temos?

Ambos estudaram a lista mais uma vez. Restavam oito nomes ali.

— Estamos em pleno acordo — disse Craddock — que não falta ninguém aqui?

Havia uma insinuação de pergunta no tom dele. Cornish respondeu.

— Acho que pode ficar tranquilo que este é o grupo todo. Depois da sra. Bantry, chegou o vigário e, então, os Badcock. Havia oito pessoas na escada. O prefeito e a mulher, Joshua Grice e a esposa, que vieram de Lower Farm. Donald McNeil do jornal *Herald & Argus* de Much Benham. Ardwyck Fenn e a srta. Lola Brewster, estrela de cinema, ambos dos Estados Unidos. É o que temos. Além desses havia uma fotógrafa meio artista de Londres com a câmara posicionada em um ângulo das escadas. Se, como sugere, essa história da sra. Bantry de que a expressão petrificada de Marina Gregg foi motivada por alguém que ela viu nos

degraus, tem de ser algum desses. Infelizmente, o prefeito está fora. Os Grice, fora... jamais saíram de St. Mary Mead, garanto. Isso nos deixa com quatro. O jornalista local é difícil, a mocinha fotógrafa já estava lá por uma meia hora, então por que Marina reagiria assim tão mais tarde? Quem é que nos resta?

— Uns estranhos sinistros dos Estados Unidos — disse Craddock com um sorriso tímido.

— Você disse tudo.

— São nossos maiores suspeitos até agora, concordo — disse Craddock. — Apareceram de maneira inesperada. Ardwyck Fenn foi uma paixão antiga de Marina, que ela não via há anos. Lola Brewster já fora casada com o terceiro marido de Marina Gregg, que se divorciou dela para poder se casar com Marina. Pelo que sei, não foi um divórcio muito amigável.

— Eu a colocaria como *suspeita número 1* — falou Cornish.

— É mesmo, Frank? Depois de um lapso de quase quinze anos e mesmo ela já tendo se casado mais duas vezes desde então?

Cornish argumentou que com mulheres nunca se sabe. Dermot aceitou aquilo como sendo uma premissa geral, mas alegou que lhe parecia estranho, para dizer o mínimo.

— No entanto concorda que fica entre os dois?

— É possível. Mas não gosto muito. E quanto aos funcionários contratados para servir as bebidas?

—Tirando a “expressão petrificada” de que tanto ouvimos falar? Bem, averiguamos de modo genérico. Uma empresa local de bufês em Market Basing recebeu o contrato... para o evento, digo. Na verdade, dentro da casa, estavam o mordomo, Giuseppe, no comando, e duas mocinhas daqui que trabalham na cantina dos estúdios. Conheço as duas. Não são muito inteligentes, mas inofensivas.

— Está passando a bola de volta para mim, não é? Vou dar uma palavrinha com o camarada que é repórter. Pode ter visto algo que possa ajudar. Depois, para Londres. Ardwyck Fenn, Lola Brewster... e a mocinha fotógrafa... como é mesmo o nome dela?... Margot Bence. Também pode ter visto alguma coisa.

Cornish assentiu.

— Estou apostando em Lola Brewster — disse. Olhou para Craddock com curiosidade. — Você não me parece tão convencido com relação a ela.

— Estou considerando as dificuldades — falou Dermot devagar.

— Dificuldades?

— De colocar veneno no copo de Marina sem ninguém ter visto.

— Bem, isso vale para todo mundo, não é? Foi uma loucura terem feito isso.

— Concordamos que é uma loucura, mas teria sido uma loucura ainda maior para alguém como Lola Brewster do que para qualquer outra pessoa.

— Por quê?

— Porque era uma convidada importante. Ela é alguém, um nome famoso. Todos estariam olhando para ela.

— Isso é verdade — admitiu Cornish.

— O povo daqui estaria se cutucando e cochichando, sem desgrudar os olhos, e, depois que ela fosse recebida por Marina Gregg e Jason Rudd, teria ficado sob o cuidado atento dos secretários. Não teria sido fácil, Frank. Não importa o quanto você seja astuto, não há como ter certeza de que *ninguém* estaria observando. Esse é o xis da questão, e é um grande xis.

— Digo e repito, o problema não seria o mesmo para todo mundo?

— Não — disse Craddock. — Ah, não. Nem de longe. Tome, por exemplo, o mordomo Giuseppe. Está ocupado com os drinques e os copos, em servir as bebidas, em passá-las para as pessoas. Poderia colocar umas gotas ou um par de comprimidos de Calmo numa taça com a maior tranquilidade.

— Giuseppe? — refletiu Frank Cornish. — Acha que ele fez isso?

— Não tenho motivos para acreditar nisso — afirmou Craddock —, mas poderíamos encontrar um motivo. Uma motivação forte e sólida, por exemplo. Sim, ele poderia ter feito isso. Assim como alguém entre os empregados do bufê poderia ter feito... infelizmente não se encontravam no local... é uma pena.

“Alguém poderia ter arranjado um jeito de se infiltrar na empresa deliberadamente com esse propósito.”

— Está dizendo que poderia ter sido assim premeditado e tudo o mais?

— Ainda não sabemos nada sobre isso — disse Craddock, num tom irritado. — Não temos informação nenhuma. Não até que possamos avaliar o que queremos arrancar de Marina Gregg, ou do marido dela. Eles *devem* saber quem foi, ou suspeitam de alguém... mas não estão abrindo a boca. E ainda não sabemos o *porquê* de não estarem abrindo a boca. Temos um longo caminho pela frente.

Fez uma pausa e então retomou:

— Tirando a “expressão petrificada”, que pode ter sido pura coincidência, há outras pessoas que poderiam facilmente ser os responsáveis. A secretária, Ella Zielinsky. Também estava ocupada com os copos, resolvendo as coisas para as pessoas. Ninguém a estaria observando com interesse particular. O mesmo se aplica àquele magricela... esqueci o nome dele. Hailey... Hailey Preston? É isso. Qualquer um deles poderia ter tido uma boa

oportunidade. De fato, se qualquer um deles *quisesse* acabar com Marina Gregg, teria sido muito mais seguro fazer isso numa ocasião pública.

— Mais alguém?

— Bem, há sempre o marido — disse Craddock.

— Mais uma vez voltamos aos maridos — lamentou Cornish com um sorriso apagado. — Achávamos que fosse aquele pobre-diabo, o sr. Badcock, antes de percebermos que Marina era o verdadeiro alvo. Agora transferimos nossas suspeitas para Jason Rudd. No entanto, confesso que parece tão dedicado.

— Tem fama de ser — falou Craddock —, mas nunca se sabe.

— Se quisesse se livrar dela, não seria muito mais fácil com um divórcio?

— Seria muito mais usual — concordou Dermot —, mas pode haver uma série de detalhes específicos deste negócio que a gente ainda não sabe.

O telefone tocou. Cornish atendeu.

— O quê? Como? Pode passar. Sim, ele está.

Ficou escutando por um tempo, depois cobriu o bocal do aparelho com a mão e olhou para Dermot.

— A srta. Marina Gregg — disse — está se sentindo muito melhor. Está pronta para ser interrogada.

— É melhor me apressar — disse Dermot Craddock —, antes que ela mude de ideia.

II

Em Gossington Hall, Dermot Craddock foi recebido por Ella Zielinsky. Ela foi sucinta e eficiente como de costume.

— A srta. Gregg está lhe aguardando, sr. Craddock — avisou.

Dermot a observou com algum interesse. Desde o começo achara que Ella Zielinsky tinha uma personalidade intrigante. Dissera para si mesmo: “Uma cara de paisagem jamais vista”. Ela respondera todas as perguntas com a maior boa vontade. Não demonstrara sinais de estar escondendo qualquer coisa, mas o que ela realmente pensava ou sentia, ou até o que sabia sobre o assunto, ele ainda não fazia ideia. Parecia não haver uma brecha naquela armadura de eficiência exemplar. É possível que soubesse mais do que confessou saber; poderia saber muito. A única coisa de que tinha certeza, e precisava admitir para si mesmo que não tinha motivos que aduzissem a tamanha confiança, era que ela era apaixonada por Jason Rudd. Conforme já dissera, tratava-se de uma doença ocupacional das secretárias. Isso provavelmente não queria dizer nada. Porém o fato ao menos sugeria algum motivo, e ele tinha certeza de que ela estava escondendo alguma coisa. Poderia ser amor, poderia ser ódio. Poderia ser apenas culpa. Ela poderia ter aproveitado a oportunidade que surgiu naquela tarde, ou poderia ter planejado tudo de modo deliberado. Era fácil enxergá-la naquele papel, no que concernia à execução do crime. Os movimentos ágeis, porém sem pressa, indo daqui para ali, dando atenção aos convidados, alcançando as bebidas para uns e outros, retirando os copos, o olhar marcando o lugar onde Marina deixara o seu sobre a mesa. E, depois, talvez no exato instante em que Marina estivesse cumprimentando os recém-chegados dos Estados Unidos, esboçando surpresa e dando gritinhos de alegria, e com os olhos de todos voltados para aquele reencontro, Ella Zielinsky poderia, com toda a calma e discrição, ter depositado a dose fatal naquele copo. Exigiria audácia, firmeza, agilidade. E ela tinha as três qualidades. Não importa o que tivesse feito, não deixaria transparecer o menor sinal de culpa ao fazê-lo. Teria resultado em um crime simples e brilhante, um crime que dificilmente daria errado. Mas o destino não quis que fosse assim. No salão, já bem abarrotado de gente, alguém dera um encontrão no braço de Heather Badcock. A bebida dela fora ao chão, e Marina, com sua elegância natural e impulsiva, depressa oferecera seu próprio copo, até então intocado. E, dessa forma, a mulher errada acabou morrendo.

“Um punhado de simples teorias, provavelmente sem sentido”, pensou consigo Dermot Craddock, enquanto fazia comentários educados a Ella Zielinsky.

— Uma coisa que gostaria de lhe perguntar, srta. Zielinsky. O serviço de bufê foi

organizado por uma firma de Market Basing, está correto?

— Isso.

— Por que escolheram aquela empresa em especial?

— Não sei lhe responder — disse. — Não figura entre as minhas obrigações. Sei que o sr. Rudd pensou que seria mais delicado contratar alguém local do que chamar uma empresa de Londres. Tudo não passava de uma pequena função, do nosso ponto de vista.

— Sei.

Observou-a enquanto ela franzia a testa e olhava para o chão. Uma testa bonita, um queixo decidido, uma silhueta que poderia parecer bem voluptuosa se ela permitisse, uma boca séria, uma boca ambiciosa. E os olhos? Olhou para eles com surpresa. As pálpebras estavam avermelhadas. Ficou pensando. Será que estivera chorando? Era o que parecia. E ainda assim ele podia jurar que não era o tipo de moça que chorava. Ela olhou para ele e, como se tivesse lido seus pensamentos, tirou um lenço e assoou o nariz com toda a força.

— Está resfriada? — ele perguntou.

— Não é um resfriado. É febre do feno. Na verdade algum tipo de alergia, sempre tenho nesta época do ano.

Ouviram um leve zumbido. Havia dois telefones na sala, um sobre a mesa e outro sobre a mesinha de canto. Foi esse último que começou a tocar. Ella Zielinsky foi até o canto e atendeu a chamada.

— Sim — disse —, está. Vou levá-lo agora mesmo.

Recolocou o fone no gancho.

— Marina está pronta para receber o senhor — anunciou.

III

Marina Gregg recebeu Craddock numa sala do primeiro andar, que obviamente se tratava de sua própria saleta privativa, com porta para o quarto de dormir. Depois dos relatos de sua prostração e seu estado nervoso, Dermot Craddock esperava deparar-se com uma figura trêmula e inválida. No entanto, embora Marina estivesse quase reclinada sobre o sofá, a voz dela era vigorosa, e os olhos estavam brilhantes. Usava bem pouca maquiagem, mas apesar disso não aparentava a idade que tinha, e ele ficou muito impressionado por sua beleza suave e radiante. A linha admirável que ia da maçã do rosto ao maxilar, o modo como os cabelos recaíam, emoldurando o rosto de um jeito solto e natural; os vastos olhos verde-mar, as sobrancelhas pintadas, que deviam sua beleza um pouco à arte, mas muito mais à natureza, o calor e a doçura do sorriso dela, tudo era dotado de uma magia sutil. Ela disse:

— Inspetor-chefe Craddock? Estive me comportando de forma vergonhosa. Por favor, aceite minhas desculpas. Simplesmente acabei desmoronando por completo depois deste acontecimento terrível. Poderia ter me forçado a sair daquele estado, mas não o fiz. Estou envergonhada.

O sorriso veio arrependido, doce, levantando os cantos da boca. Ela estendeu a mão e ele a tomou.

— É natural — disse — que a senhorita ficasse desolada.

— Bem, todos nós estávamos desolados — disse Marina. — Não tinha nada que achar que seria pior para mim do que para qualquer outra pessoa.

— Será que não tinha?

Ela o examinou por um instante e depois aquiesceu.

— Sim — desabafou —, o senhor é muito perspicaz. Sim, eu tinha.

Baixou o olhar e com o longo indicador alisou delicadamente o braço do sofá. Era um gesto que ele percebera em um dos filmes dela. Era um gesto banal, entretanto parecia carregado de significado. Tinha uma espécie de suavidade meditativa.

— Sou uma covarde — declarou com os olhos ainda baixos. — Alguém tentou me matar, e eu não queria morrer.

— Por que acha que alguém queria matá-la?

Os olhos dela se arregalaram.

— Porque foi o meu copo... o *meu* drinque... que foi adulterado. Foi apenas por engano que aquela pobre tonta o bebeu. Isso é o mais horrível e o mais trágico. Além disso...

— Pois não, srta. Gregg?

Ela pareceu um pouco indecisa se deveria continuar.

— Teria talvez outros motivos para acreditar que era o verdadeiro alvo?

Ela balançou o queixo.

— Que motivos, srta. Gregg?

Ela segurou a pausa por mais um minuto antes de declarar:

— Jason insiste que devo lhe contar tudo.

— A senhorita então se abriu com seu marido?

— Sim... a princípio não quis fazer isso, mas o dr. Gilchrist me convenceu de que era necessário. E então descobri que Rudd também estava pensando a mesma coisa. Estava pensando nisso o tempo inteiro, mas... é até engraçado — o sorriso pesaroso mais uma vez curvou seus lábios —, ele não queria me alarmar me revelando isso. Francamente! — Marina sentou-se com um movimento súbito e vigoroso. — Meu amado Jinks! Será que acha mesmo que sou completamente tola?

— Ainda não me disse nada, srta. Gregg, de por que acredita que alguém tinha a intenção de matá-la.

Ela ficou em silêncio por um momento, então, com um gesto repentino e brusco, se esticou para pegar a bolsa, abriu, retirou um pedaço de papel e entregou na mão dele. Ele leu. Havia apenas uma linha de texto datilografada.

Não pense que vai escapar da próxima vez.

Craddock falou de modo ríspido:

— Quando foi que recebeu isto?

— Estava na minha penteadeira quando saí do banho.

— Então alguém de dentro da casa...

— Não necessariamente. Alguém poderia ter escalado pela sacada do lado de fora da minha janela e colocado isso ali. Acho que a intenção era me deixar ainda mais amedrontada, mas na verdade não conseguiram. Fiquei apenas furiosa e irritada e mandei pedir que o senhor viesse aqui falar comigo.

Dermot Craddock sorriu.

— Provavelmente foi um resultado bastante inesperado para quem quer que tenha lhe enviado isto. É a primeira mensagem desse tipo que recebe?

Mais uma vez, Marina ficou hesitante. Depois confessou:

— Não, não é.

— Poderia me contar sobre alguma outra?

— Foi há três semanas, quando tínhamos acabado de chegar aqui. Encontrei-a no estúdio,

não em casa. Era bem ridícula. Era só um aviso. Aquela não foi datilografada. Em letras garrafais, dizia: “Prepare-se para morrer”.

Ela riu. Havia talvez uma nuance muito sutil de histeria na risada dela. A hilaridade foi bem genuína.

— Era tão boba — disse. — Lógico que a gente com frequência recebe mensagens doentias, ameaças, coisas assim. Achei que era provavelmente religiosa, sabe. Alguém que não aprovava atrizes de cinema. Rasguei e joguei no lixo.

— Contou a alguém sobre isso, srta. Gregg?

Marina disse que não.

— Não, nunca disse uma palavra a ninguém. A bem da verdade, estávamos um pouco preocupados naquele momento com uma cena que estávamos filmando. Não conseguia pensar em mais nada naquela hora. Enfim, como eu disse, achei que se tratava de uma brincadeira estúpida, ou de um desses fanáticos religiosos que mandam cartas condenando os atores e coisas do tipo.

— E depois daquela, houve mais alguma?

— Houve. No dia da festa. Um dos jardineiros trouxe para mim, acho. Disse que alguém deixara um bilhete e queria a minha resposta. Achei que talvez tivesse algo a ver com os preparativos. Rasguei o envelope. Dizia: “*Hoje será seu último dia na face da Terra*”. Amassei o papel e falei: “*Não dou resposta nenhuma*”. Depois, chamei o homem de volta e perguntei quem tinha entregado aquilo para ele. Falou que fora um homem de óculos numa bicicleta. Bem, digo, o que se poderia pensar daquilo? Achei que era bobagem. Nunca pensei, nunca pensei nem por um instante que fosse uma ameaça real e para valer.

— Onde se encontra aquele bilhete, srta. Gregg?

— Não faço a menor ideia. Eu estava vestindo um daqueles casacos de seda colorida italiana e, até onde me lembro, acho que amassei o papel e enfiei no bolso. Mas não está mais lá. Provavelmente caiu.

— E não tem ideia de quem escreveu esses bilhetes idiotas, srta. Gregg? De quem estaria por trás disso? Nem mesmo agora?

Ela arregalou os olhos. Ele percebeu que havia uma ingenuidade inocente neles. Admirou aquele olhar, mas não acreditou nele.

— Como é que vou saber? Como poderia saber?

— Acho que a senhorita deve ter uma ideia bem clara, srta. Gregg.

— Não tenho. Eu lhe garanto que não tenho.

— É uma pessoa muito famosa — insistiu Dermot. — Teve muito sucesso na vida. Sucesso

na sua profissão e conquistas pessoais também. Há homens que se apaixonaram, que lhe pediram em casamento, que se casaram com a senhorita. Há mulheres que se sentiram enciumadas e invejosas. Há os que se apaixonaram e foram rejeitados. É um campo bem vasto, concordo, mas acho que deve ter *alguma* suspeita de quem possa ter escrito aqueles bilhetes.

— Pode ter sido qualquer um.

— Não, srta. Gregg, não pode ter sido *qualquer um*. Pode ter sido um entre um grande número de pessoas. Pode ser alguém bem humilde, uma costureira, um eletricitista, um criado; ou pode ser alguém que figure entre os amigos, ou os que se dizem amigos. Mas deve ter alguma suspeita. Algum nome, mais de um nome, quem sabe, que possa sugerir.

A porta se abriu e Jason Rudd entrou. Marina virou-se para ele. Esticou o braço, chamando-o.

— Jinks, querido, o sr. Craddock insiste que eu devo saber quem foi que escreveu aqueles bilhetes horríveis. E eu não sei. Você sabe que não sei. Nenhum de nós sabe. Não fazemos a menor ideia.

“Há uma urgência exagerada da parte dela”, pensou Craddock. “Pressa demais. Será que Marina Gregg teme pelo que o marido possa revelar?”

Jason Rudd, com os olhos obscurecidos pela fadiga e com o rosto mais carrancudo do que nunca, foi juntar-se a eles. Tomou a mão de Marina entre as suas.

— Sei que soa inacreditável para o senhor, inspetor — falou —, mas honestamente nem eu nem Marina temos qualquer opinião sobre esse assunto.

— Então vocês estão na feliz posição de não terem nenhum inimigo, é isso?

A voz de Dermot deixou transparecer sua ironia.

Jason Rudd ficou um pouco ruborizado.

— Inimigos? Essa é uma palavra muito bíblica, inspetor. Nesse sentido, posso lhe assegurar, não consigo pensar em nenhum inimigo. Pessoas que não gostem de nós, que gostariam de nos passar para trás, que nos prejudicariam se pudessem com malícia e impiedade, sim. Mas entre isso e colocar uma overdose de veneno num copo de bebida há uma grande distância.

— Agora há pouco, conversando com sua esposa, perguntei quem poderia ter escrito ou estar por trás daquelas cartas. Ela disse não saber. Mas, quando chegamos à ação crucial, as possibilidades se estreitam. *Alguém de fato pôs veneno naquele copo*. E esse é um campo de investigação bastante limitado, entendem?

— Não vi nada — declarou Jason Rudd.

— Eu certamente não vi — disse Marina. — Bem, digo... se tivesse visto alguém colocar

qualquer coisa no meu copo, não teria bebido, teria?

— Vejam, não consigo parar de pensar — falou Dermot Craddock com um tom suave — que sabem um pouco mais do que estão me contando.

— Isso não é *verdade* — contestou Marina. — Diga a ele que isso não é verdade, Jason.

— Eu lhe garanto — declarou Jason Rudd — que estou completa e absolutamente perdido. A história toda é fantástica. Quase poderia acreditar que se trata de uma brincadeira... uma brincadeira que de alguma forma deu errado... que se mostrou perigosa, feita por alguém que jamais sonharia que isso seria perigoso...

A declaração foi feita com uma leve entonação de pergunta, no fim ele meneou a cabeça.

— Não. Pelo que vejo, essa ideia não lhe atrai.

— Há mais uma coisa que gostaria de perguntar — disse Dermot Craddock. — Lembra-se da chegada do sr. e da sra. Badcock, claro. Chegaram logo depois do vigário. A senhorita os cumprimentou, pelo que entendo, srta. Gregg, da mesma maneira encantadora com que recebeu a todos os seus convidados. Mas uma testemunha me relatou que, imediatamente após recebê-los, olhou por cima do ombro da sra. Badcock e viu algo que pareceu lhe deixar alarmada. Isso é verdade e, se for, o que a assustou?

Marina respondeu apressada:

— É claro que não é verdade. Alarmada... o que é que poderia me alarmar?

— É isso que queremos saber — explicou Dermot Craddock com toda a paciência. — Minha testemunha insiste muito nesse ponto, compreende?

— Quem era sua testemunha? O que foi que ele ou ela viu?

— A senhorita estava olhando na direção da escada — relatou Dermot Craddock. — Havia pessoas subindo os degraus. Havia um jornalista, havia o sr. Grice com a esposa, moradores antigos deste lugar, estava lá o sr. Ardwyck Fenn, que acabara de chegar dos Estados Unidos, e havia a srta. Lola Brewster. Foi a visão de alguma dessas pessoas que lhe aborreceu, srta. Gregg?

— Estou lhe dizendo que não estava aborrecida — as palavras soaram quase como um latido.

— E, mesmo assim, sua atenção se desviou da saudação à sra. Badcock. Ela dissera algo que a senhorita deixou de responder porque estava olhando para além dela, para alguma outra coisa.

Marina Gregg se recompôs. Falou de maneira rápida e convincente.

— Posso explicar, posso mesmo. Se você soubesse um pouco de interpretação ficaria fácil de entender. Há um momento, mesmo quando decoramos bem um papel, de fato em geral

acontece quando você conhece bem um papel, em que você vai fazendo tudo de forma mecânica. Sorri, faz os movimentos certos, os gestos, diz as falas com a inflexão habitual. Mas sua mente não está ali. E, muito subitamente, acontece aquele branco terrível, quando não sabe mais onde está, em que ponto a peça está e quais são suas próximas falas! O famoso branco, como costumamos chamar. Bem, foi o que aconteceu comigo. Não estou muito fortalecida, como meu marido pode atestar. Passei por um período bastante complicado e por uma boa dose de apreensão nervosa com relação a este filme. Queria fazer da festa um sucesso e ser simpática e agradável ao receber todos. Mas a gente fala e repete várias vezes as mesmas coisas, mecanicamente, para as pessoas que também estão sempre dizendo as mesmas coisas para nós. O senhor sabe como sempre quiseram lhe conhecer. Como um dia lhe viram em frente a um teatro em São Francisco, ou pegaram um avião com você. Alguma bobagem mesmo, mas a gente tem de ser gentil e responder coisas. Bem, como estou lhe dizendo, fazemos isso de forma automática. Não é preciso pensar no que se vai dizer porque já dissemos isso um milhão de vezes antes. De repente, acho, fui tomada por uma onda de cansaço. Deu um branco na minha cabeça. Então percebi que a sra. Badcock estava me contando uma longa história, da qual eu não ouvira uma palavra, e estava naquele momento me olhando de uma maneira um pouco ansiosa, e que eu não respondera nada para ela nem dissera nada apropriado. Foi apenas cansaço.

— Apenas cansaço — repetiu Dermot Craddock devagar. — Insiste nessa versão, srta. Gregg?

— Sim, insisto. Não entendo por que não acredita em mim.

Dermot Craddock se voltou para Jason Rudd.

— Sr. Rudd — disse —, acredito que o senhor esteja mais preparado do que sua esposa para compreender o que estou dizendo. Estou preocupado, muito preocupado com a segurança de sua esposa. Houve um atentado contra a vida dela, há cartas ameaçadoras. Isso significa, não é, que existe alguém que esteve aqui no dia da festa e é provável que ainda esteja, alguém muito ligado a esta casa e com o que acontece aqui. Essa pessoa, quem quer que seja, pode ser um pouco desequilibrada. Não é apenas uma questão de ameaças. Dizem que os homens que recebem ameaças vivem muito. O mesmo vale para as mulheres. Mas, quem quer que seja, não parou por aí. Foi feita uma tentativa deliberada de envenenar a srta. Gregg. Não percebem que, pela natureza das coisas, é certo que a tentativa vai se repetir? Só há uma forma de garantirmos sua segurança: que me deem todas as pistas que puderem. Não estou dizendo que vocês *sabem* quem é a pessoa, mas acho que devem ser capazes de me informar uma suspeita ou uma vaga ideia. O senhor não pode me dizer a verdade? Ou se, o que é possível, o senhor

mesmo não sabe, não vai insistir para que sua esposa o faça? É pensando na segurança dela que estou lhe pedindo.

Jason Rudd virou a cabeça lentamente.

— Está ouvindo o que o inspetor Craddock está dizendo, Marina? É possível, como ele falou, que você saiba de algo que eu não sei. Se isso for verdade, pelo amor de Deus, não seja tola. Se tiver a menor suspeita sobre *qualquer* pessoa, fale para nós agora.

— Mas não tenho — a voz dela elevou-se num choro. — Precisam acreditar em mim.

— Estava com medo de quem naquele dia? — perguntou Dermot.

— Não estava com medo de ninguém.

— Escute, srta. Gregg, entre as pessoas na escada ou que estavam subindo, havia dois amigos que ficou surpresa em encontrar naquele dia. O sr. Ardwyck Fenn e a srta. Brewster. Sentiu alguma emoção diferente quando se deparou com eles subindo as escadas? Não sabia que eles viriam, sabia?

— Não, não fazíamos ideia nem de que estavam na Inglaterra — disse Jason Rudd.

— Fiquei felicíssima — garantiu Marina —, extremamente feliz!

— Feliz em ver a srta. Brewster?

— Bom... — ela lhe lançou um olhar rápido e com um esboço de desconfiança.

Craddock disse:

— Lola Brewster foi, acredito, casada com seu terceiro marido, Robert Truscott?

— Sim, isso é verdade.

— Ele se divorciou dela para se casar com a senhorita.

— Ah, todo mundo sabe disso — disse Marina Gregg impaciente. — Não precisa achar que isso é algo que vocês acabaram de descobrir. Foi um escândalo na época, mas não ficou nenhum ressentimento no final.

— Ela lhe fez algum tipo de ameaça?

— Bem... de certa maneira sim. Mas, ah, minha nossa, gostaria de poder explicar. *Ninguém* leva a sério ameaças como aquelas. Estávamos numa festa, ela bebera bastante. Poderia ter me dado um tiro à queima-roupa se tivesse uma pistola. Por sorte, não tinha. Mas isso foi há *anos* atrás! Essas coisas não perduram, esse tipo de sentimento! Não perduram, de fato não. É verdade, não é Jason?

— Diria que é bem verdade — afirmou Jason Rudd —, e posso lhe garantir, sr. Craddock, que Lola Brewster não teve a menor oportunidade no dia da festa de colocar veneno na bebida da minha mulher. Eu estava ao lado dela quase o tempo todo. Essa ideia de que Lola, de repente, depois de um longo período de amizade, viria à Inglaterra e viria à nossa casa

preparada para envenenar a bebida da minha mulher... ora, a hipótese é muito absurda.

— Aprecio sua opinião — disse Craddock.

— Não é só opinião, é uma questão de *fatos* também. Ela jamais se aproximou do copo de Marina.

— E seu outro visitante, Ardwyck Fenn?

Sentiu que ocorreu uma pausa muito breve antes de Jason Rudd retomar a palavra.

— É um amigo nosso de longa data — disse. — Não o víamos há uns bons anos, embora ocasionalmente troquemos correspondência. Ele é uma figura importante na televisão americana.

— Era um antigo amigo seu também? — Dermot perguntou para Marina.

Ela respirava quase sem fôlego enquanto respondia.

— Sim, ah, é sim. Ele... foi um amigo muito próximo sempre, mas praticamente o perdi de vista nos últimos anos.

Então, com uma golfada brusca de palavras, prosseguiu:

— Se o senhor acha que ergui os olhos, vi Ardwyck e tive medo dele, isso é absurdo. É uma bobagem absurda. Por que eu teria medo dele, que motivo teria eu para ter medo dele? Éramos grandes amigos. Fiquei muito, muito contente quando me deparei com ele. Foi uma surpresa agradável, como lhe disse. Sim, uma surpresa agradabilíssima.

Ela ergueu a cabeça, olhando diretamente para ele, a expressão era vívida e desafiadora.

— Muito obrigado, srta. Gregg — disse Craddock baixinho. — Se a qualquer momento sentir-se inclinada a confiar um pouco mais em mim, lhe aconselharia convictamente a fazê-lo.

CAPÍTULO 14



I

A sra. Bantry estava de joelhos. Era um dia ótimo para capinar. O solo estava bom e seco. Mas a enxada não daria conta de tudo. Agora eram os cardos e os dentes-de-leão. Fazia um esforço rigoroso para lidar com aquelas pestes.

Levantou-se sem fôlego, mas triunfante, e olhou por cima da cerca viva para enxergar a rua. Ficou um pouco surpresa ao ver a secretária dos cabelos escuros, cujo nome não conseguia recordar, saindo de uma cabine telefônica que ficava próxima do ponto de ônibus do outro lado.

Como era mesmo o nome dela. Começava com B... ou será que era R? Não, *Zielinsky*, esse era o nome. A sra. Bantry lembrou bem a tempo, pois Ella atravessou a rua e passou pela entrada em frente ao Alojamento.

— Bom dia, srta. Zielinsky — chamou num tom amigável.

Ella Zielinsky deu um pulo. Não chegava a ser bem um pulo, era mais como se ela tivesse travado... como um cavalo empacado de medo. A reação surpreendeu a sra. Bantry.

— Bom dia — respondeu Ella, em seguida acrescentando: — Vim até aqui telefonar. Há algo de errado com a nossa linha hoje.

A sra. Bantry ficou ainda mais surpresa. Ficou se perguntando por que Ella Zielinsky se preocupara em explicar o que estava fazendo. Respondeu com toda a civilidade.

— Deve ser um grande incômodo para vocês. Pode entrar para usar o telefone sempre que quiser.

— Oh, muito obrigada...

Ella foi interrompida por um ataque de espirros.

— Está com a febre do feno — disse a sra. Bantry já fazendo o diagnóstico. — Experimente tomar um bicarbonato de sódio fraco com água.

— Ah, está tudo sob controle. Tenho um remédio bem forte num nebulizador. Mesmo

assim, obrigada.

Ela espirrou mais uma vez enquanto se afastava, caminhando a passos rápidos pela estradinha.

A sra. Bantry ficou observando de longe. Depois, sua atenção retornou ao jardim. Contemplou-o insatisfeita. Nenhuma erva daninha à vista.

— Acabou-se a minha ocupação de Otelo — resmungou a sra. Bantry consigo mesma, um pouco atrapalhada. — Ouso dizer que sou uma velha bisbilhoteira, mas gostaria de saber se...

Ficou indecisa por um instante e depois cedeu à tentação. Faria o papel de velha bisbilhoteira, e às favas com aquilo! Entrou em casa e foi até o telefone, tirou-o do gancho e discou. Uma voz clara e com ligeiro sotaque respondeu.

— Gossington Hall.

— Aqui é a sra. Bantry, do Alojamento Leste.

— Ah, bom dia, sra. Bantry. Aqui é Hailey Preston. Nos conhecemos no dia da festa. Que posso fazer pela senhora?

— Achei que talvez eu pudesse fazer alguma coisa por vocês. Se o telefone de vocês está estragado...

A voz espantada do rapaz a interrompeu.

— Nosso telefone estragado? Não há nada de errado com ele. Por que está dizendo isso?

— Deve ter sido algum engano — disse a sra. Bantry. — Nem sempre escuto bem — explicou descaradamente.

Pôs o fone no gancho, aguardou um minuto e, depois, voltou a discar.

— Jane? Aqui é Dolly.

— Oi, Dolly. O que houve?

— Bem, parece muitíssimo *esquisito*. A secretária estava fazendo uma ligação da cabine de telefone público aqui da rua. Deu-se ao trabalho de me explicar, de modo bem desnecessário, que estava fazendo isso porque a linha em Gossington Hall estava com problemas. Mas liguei para lá, e *não* está...

Fez uma pausa e aguardou que a outra se pronunciasse.

— Ah, é? — perguntou Miss Marple pensativa. — Interessante.

— Por que motivo, você acha?

— Bem, é evidente que ela não queria que escutassem a conversa dela...

— Exato.

— E pode haver uma porção de motivos para isso.

— Sim.

— Interessante — repetiu Miss Marple.

II

Ninguém poderia estar mais disposto a conversar do que Donald McNeil. Era um jovem ruivo e muito simpático. Cumprimentou Dermot Craddock com alegria e curiosidade.

— Como está se saindo — perguntou em tom jovial —, tem notícias quentinhas para mim?

— Ainda não. Talvez mais tarde.

— Tudo parado como sempre. Vocês são todos iguais. Calados como uns túmulos! Já chegaram naquele estágio de convidar alguém para vir “assisti-los na investigação”?

— Vim falar com você — respondeu Dermot Craddock com um sorriso largo.

— Há algum duplo sentido maldoso nesse comentário? Suspeita mesmo que eu matei Heather Badcock e acha que foi por engano, pois o alvo era Marina Gregg, ou que meu objetivo sempre foi matar Heather Badcock?

— Não estou sugerindo nada — disse Craddock.

— Ah, não, não faria isso, faria? Faria tudo da forma correta. Muito bem. Vamos direto ao ponto. Eu estava lá. Tive a oportunidade, mas será que teria motivo? Ah, isso é o que deseja saber. Qual era meu motivo?

— Até agora não consegui encontrar nenhum — disse Craddock.

— Isso é muito gratificante. Já me sinto mais seguro.

— Estou apenas interessado no que pode ter visto naquele dia.

— Isso vocês já sabem. A polícia local já pegou a informação depois do ocorrido. É humilhante. Lá estava eu na cena de um crime. Praticamente vi o assassinato ser cometido, devo ter visto, e, no entanto, não faço ideia de quem possa ter sido. Tenho vergonha de confessar que tomei conhecimento do assunto apenas quando vi a pobre coitada daquela mulher sentada numa cadeira sem conseguir respirar e depois batendo as botas. É claro que isso serviu como um ótimo depoimento de testemunha ocular. Foi um furo e tanto para mim... e tudo o mais. Mas lhe confesso que me sinto humilhado de não saber mais. E o senhor não vai conseguir me convencer de que aquela dose era para Heather Badcock. Era uma pessoa boa que falava demais, mas ninguém é assassinado por conta disso; a menos, é claro, que você revele segredos. Mas não acho que alguém jamais se atreveria a contar algum segredo para Heather Badcock. Não era o tipo de mulher que se interessaria por segredos alheios. A imagem que tenho dela é de uma mulher que invariavelmente falava apenas de *si mesma*.

— Essa parece ser a opinião geral — concordou Craddock.

— Então chegamos à famosa Marina Gregg. Estou certo de que deve haver centenas de motivos maravilhosos para alguém matar Marina. Inveja, ciúme e confusões amorosas... todos

os componentes de um bom drama. Mas quem foi? Alguém com um parafuso a menos, presumo. Isso! Já tem a minha valiosa opinião. Era isso que queria?

— Não só isso. Eu soube que você chegou e subiu as escadas quase ao mesmo tempo em que o vigário e o prefeito.

— Está correto. Mas aquela não foi a primeira vez que estive lá em cima. Estivera lá antes.

— Não sabia disso.

— Pois é. Estava numa missão meio ambulante, sabe, perambulava aqui e ali. Tinha um fotógrafo comigo. Desci para tirar algumas fotos do prefeito chegando, fazendo alarde e bravatas, falando de algum tesouro escondido e esse tipo de coisa. Depois, subi de novo, não tanto pelo trabalho, foi mais para pegar um ou dois drinques. A bebida era de boa qualidade.

— Sei. Agora, lembra de quem mais estava na escada quando estava subindo?

— Margot Bence, de Londres, estava lá com a câmera dela.

— Você a conhece bem?

— Ah, apenas esbarramos um no outro com bastante frequência. É uma menina esperta que faz sucesso com as coisas dela. Cobre todos os eventos da moda: as inaugurações, as apresentações de gala; além do mais, é especializada em fotografias de ângulos inusitados. Artísticas! Estava num canto da escada, no meio do patamar, muito bem localizada para pegar tanto quem estivesse subindo quanto os cumprimentos que estavam acontecendo no alto. Lola Brewster estava logo nos degraus mais acima. Demorei a reconhecê-la. Está com um novo penteado vermelho-ferrugem. A última tendência nas ilhas Fiji. Na última vez que a vi, os cabelos ondulados recaíam lânguidos ao redor do rosto e do queixo num tom bonito de castanho-avermelhado. Havia um homem alto e moreno com ela, americano. Não sei quem ele era, mas parecia ser importante.

— Você olhou para a própria Marina Gregg alguma vez enquanto subia?

— Sim, é claro que olhei.

— Não parecia perturbada como se tivesse levado um choque ou um susto?

— É estranho que diga isso. Cheguei *realmente* a achar, num determinado momento, que ela fosse desmaiar.

— Sei — disse Craddock pensativo. — Obrigado. Não há mais nada que gostaria de acrescentar?

McNeil olhou para o outro com ar de completa inocência.

— Que mais poderia haver?

— Não confio em você — declarou Craddock.

— Mas o senhor parece bem certo de que não fui eu. Decepcionante. Imagina se depois descobrem que eu era o primeiro marido dela. Ninguém sabe dizer quem era o sujeito, exceto que era tão insignificante que até seu nome caiu no esquecimento.

Dermot sorriu.

— Casou-se quando estava no jardim de infância? — perguntou. — Ou, quem sabe, ainda de fraldas?! Preciso me apressar. Tenho de pegar um trem.

III

Havia uma pilha organizada e classificada de papéis sobre a escrivãzinha de Craddock na Nova Scotland Yard. Ele deu uma examinada superficial em tudo, depois lançou uma pergunta por cima do ombro.

— Onde é que Lola Brewster está hospedada?

— No Savoy, senhor. Suíte 1800. Está à sua espera.

— E Ardwyck Fenn?

— Aqui no Dorchester. No primeiro andar, 190.

— Que bom.

Apanhou alguns cabogramas, releu o conteúdo deles e enfiou no bolso. Sorriu sozinho ao conferir o último.

— Não vá dizer que não estou fazendo a minha parte, tia Jane — murmurou bem baixinho.

Saiu e fez o trajeto até o Savoy.

Em sua suíte, Lola Brewster fez de tudo para recebê-lo de maneira efusiva. Com o relatório que acabara de ler ainda na cabeça, estudou-a com todo o cuidado. Ainda era bastante bonita, pensou, de um jeito mais voluptuoso — o que alguns chamariam até de um pouco exagerado, talvez, mas mulheres assim ainda eram apreciadas. Claro, era um tipo completamente diferente de Marina Gregg. Terminadas as amenidades, Lola jogou para trás suas madeixas no estilo ilhas Fiji, fez um beicinho provocante com os fartos lábios rebocados de batom e, tremeluzindo as pálpebras azuis sobre os grandes olhos castanhos, disse:

— Veio aqui me fazer mais uma série de perguntas horríveis, como aquele inspetor local fez?

— Espero que não sejam tão horríveis assim, srta. Brewster.

— Ah, mas estou certa de que serão e tenho certeza de que a coisa toda não deve passar de um terrível engano.

— Acha isso mesmo?

— Acho. É tudo tão sem sentido. Estão pensando mesmo que alguém tentou envenenar Marina? Quem no mundo envenenaria Marina? Ela é a doçura em pessoa, sabe. Todo mundo a adora.

— Inclusive a senhorita?

— Sempre fui fã de Marina.

— Ah, convenhamos, srta. Brewster, não tiveram um probleminha qualquer há uns onze ou doze anos?

— Ah, aquilo — Lola fez um gesto na intenção de repelir o assunto. — Estava arrasada e uma pilha de nervos, além do mais, Rob e eu andávamos tendo as brigas mais terríveis. Nenhum de nós estava normal naquele momento. Marina se apaixonou enlouquecidamente por ele e o deixou sem chão, pobre do bichinho.

— E a senhorita ficou muito incomodada?

— Bem, achava que sim, inspetor. Claro que hoje vejo que foi uma das melhores coisas que me aconteceu. Estava mesmo preocupada com as *crianças*, sabe. Em destruir nosso lar. Receio que já tivesse percebido que Rob e eu éramos incompatíveis. Imagino que saiba que me casei com Eddie Groves assim que o divórcio foi concluído. Acho que de fato estava apaixonada por ele já há um bom tempo, mas, é claro, não queria destruir meu casamento, por causa das crianças. É tão importante, não é, que os filhos tenham um *lar*?

— Entretanto as pessoas afirmam que, na verdade, a senhorita estava terrivelmente furiosa.

— Ah, as pessoas sempre falam coisas — comentou Lola com ar superficial.

— A senhorita falou muita coisa na época, não foi, srta. Brewster? Saiu ameaçando dar um tiro em Marina Gregg, ou assim entendi.

— Já lhe disse que as pessoas *falam* coisas. Já é *esperado* que a gente diga coisas desse tipo. Claro que não iria atirar em *ninguém* de verdade.

— Apesar de ter dado um tiro em Eddie Groves alguns anos mais tarde?

— Ah, aquilo foi porque nós tivemos uma discussão — disse Lola. — Perdi a cabeça.

— Tenho a informação, de fonte segura, srta. Brewster, que chegou a dizer, e estas são suas exatas palavras pelo que me relataram — ele leu em sua caderneta: — “Aquela cadela não precisa achar que vai se safar desta. Se não dou um tiro nela agora, vou esperar e me vingar de alguma outra maneira. Não me importa o quanto tenha de esperar, anos, se for preciso, mas vou acertar as contas com ela no final”.

— Ah, tenho certeza de jamais ter dito nada parecido — Lola riu.

— Tenho certeza, srta. Brewster, de que disse.

— As pessoas exageram tanto.

Um sorriso charmoso iluminou o rosto dela.

— Estava furiosa naquela época, sabe — murmurou em tom de confidência. — A gente diz todo tipo de coisa quando está furioso com as pessoas. Mas o senhor não acha mesmo que eu esperaria catorze anos, atravessaria o oceano para vir à Inglaterra e descobriria o endereço de Marina para jogar algum veneno mortal no coquetel dela nos primeiros três minutos do nosso reencontro...

Dermot Craddock de fato não pensava mesmo assim. Aquilo lhe parecia absurdamente improvável. Disse apenas:

— Estou apenas lhe apontando, srta. Brewster, que houve ameaças no passado e que Marina Gregg estava assustada e temerosa ao se deparar com alguém que estava subindo as escadas naquele dia. É natural pensarmos que a pessoa teria sido a senhorita.

— Mas a encantadora Marina adorou me rever! Deu beijinhos e exclamou o quanto era maravilhoso. Ah, realmente, inspetor, acho que está sendo muito, muito tolo.

— Então vocês todos formavam uma grande família feliz?

— Bem, isso corresponde mais à verdade do que todas as coisas que o senhor anda cogitando.

— E a senhorita não tem nenhuma ideia que possa nos ajudar de alguma forma? Nenhuma sugestão de quem poderia ter cometido o crime?

— Insisto que ninguém iria querer matar Marina. Para todos os efeitos, é uma mulher muito tola. Sempre armando uma confusão danada sobre a saúde dela, mudando de ideia, querendo isso, aquilo e mais um pouco e, assim que consegue, ficando insatisfeita! Não sei por que as pessoas gostam tanto dela. O Jason sempre foi completamente louco por ela. Tudo que aquele homem teve de aturar! Mas aí está. Todo mundo atura Marina, se desmancha por ela. E ela lhes retribui com um sorriso triste, doce, e um muito obrigada! Ao que parece, isso basta para que pensem que todo o esforço valeu a pena. De fato não sei como ela faz isso. É melhor arrancar a ideia de que alguém queria matá-la da sua cabeça.

— Bem que eu gostaria — disse Dermot Craddock. — Infelizmente não posso tirar isso da cabeça porque, como vê, isso aconteceu.

— Como assim *aconteceu*, ninguém matou Marina, matou?

— Não, mas fizeram uma tentativa.

— Não acredito nisso nem por um segundo! Imagino que o criminoso tenha tido a intenção de matar a outra mulher o tempo todo; aquela que *foi* morta. Imagino que alguém vá herdar um bom dinheiro com a morte dela.

— Ela não tinha nenhum dinheiro, srta. Brewster.

— Ah, bom, deve ter outro motivo. De qualquer jeito, não me preocuparia com Marina se fosse o senhor. Marina está *sempre* bem!

— Está? Não me parece uma mulher muito feliz.

— Ah, isso é porque ela transforma tudo num drama. Romances infelizes. O fato de não conseguir ter filhos.

— Ela adotou algumas crianças, não adotou? — indagou Dermot com a viva lembrança do

tom de urgência na voz de Miss Marple.

— Acredito que tenha sim. Não deu muito certo, creio. Ela faz essas coisas impulsivas e depois se arrepende.

— O que aconteceu com as crianças que ela adotou?

— Não faço ideia. Elas meio que desapareceram depois de um tempo. Marina cansou delas, acho, como cansa de tudo.

— Sei — disse Dermot Craddock.

IV

A seguir, o Dorchester. Suíte 190.

— Bem, inspetor-chefe... — Ardwyck Fenn consultou o cartão que tinha em mãos.

— Craddock.

— Em que posso ajudá-lo?

— Espero que não se incomode em responder algumas perguntas.

— De modo algum. Foi pelo acontecido em Much Benham. Não... como é mesmo o nome do lugar, St. Mary Mead?

— Sim. Isso mesmo. Gossington Hall.

— Não entendo por que Jason Rudd quis comprar um lugar daqueles. A Inglaterra está cheia de boas casas georgianas... ou mesmo no estilo Queen Anne. Gossington Hall é uma mansão puramente vitoriana. O que há de interessante nisso?

— Ah, mas tem seus atrativos... para algumas pessoas, digo, em termos da estabilidade vitoriana.

— Estabilidade? Bem, talvez o senhor tenha aí uma pista. Marina, suponho, tinha um desejo por estabilidade. É algo que nunca teve, pobrezinha, então imagino que seja por isso que sempre desejou tanto. Quem sabe esse lugar vai satisfazê-la por um tempo.

— A conhece bem, sr. Fenn?

Ardwyck Fenn deu de ombros.

— Bem? Não sei se diria isso. Eu a conheço há muitos e muitos anos. Conheço um pouco daqui e dali, digamos.

Craddock o avaliou com o olhar. Um homem moreno, de estrutura forte, olhos perspicazes por trás das grossas lentes dos óculos, um queixo pesado. Ardwyck Fenn continuou:

— A ideia é, concluindo pelo que li nos jornais, que essa sra. Qualquer Coisa foi envenenada por engano. Que a dose era destinada para Marina. Está correto?

— Sim, está. A dose estava no coquetel de Marina Gregg. A sra. Badcock derramou o seu e Marina entregou o dela para a convidada.

— Bem, isso parece bastante conclusivo. Só não consigo imaginar quem poderia querer envenenar Marina. Especialmente quando Lynette Brown não estava lá.

— Lynette Brown? — Craddock pareceu levemente desorientado.

Ardwyck Fenn sorriu.

— Se Marina romper esse contrato, abandonar o papel... Lynette vai ficar com ele, e isso significaria muito para ela. Mas, mesmo com tudo isso, não imagino que ela mandaria algum

emissário com veneno. É uma ideia muito melodramática.

— Parece um pouco fantasiosa — disse Dermot com um tom seco.

— Ah, ficaria surpreso com o que as mulheres são capazes de fazer quando são ambiciosas — garantiu Ardwyck. — Fique atento, talvez a intenção não tivesse sido matar. Poderia ser apenas para dar um susto... O suficiente para deixá-la fora de combate, mas não para eliminá-la.

Craddock balançou a cabeça.

— Não foi uma dose limítrofe — disse.

— As pessoas cometem equívocos com as doses, às vezes bem grandes.

— É essa realmente a sua teoria?

— Ah, não, não é. É apenas uma sugestão. Não tenho nenhuma teoria. Sou apenas um inocente espectador.

— Marina Gregg ficou muito surpresa ao revê-lo?

— Ficou, foi uma verdadeira surpresa para ela — riu, achando graça. — Mal podia acreditar nos próprios olhos quando me viu subindo as escadas. Confesso que me recebeu de maneira bem calorosa.

— Fazia muito tempo que não a via?

— Diria que fazia uns quatro ou cinco anos.

— E, alguns anos antes disso, houve um período em que o senhor e ela eram amigos muito próximos, creio?

— Está insinuando alguma coisa em especial com esse comentário, inspetor Craddock?

O tom de voz se alterou muito pouco, mas havia algo de novo ali. Um quê de cortante, de ameaçador. Dermot de repente percebeu que aquele homem seria um oponente implacável.

— Ou pode ser também — concluiu Ardwyck Fenn — que tenha perguntado apenas porque deseja saber.

— Estou preparado para isso, sr. Fenn. Preciso investigar as relações passadas de todas as pessoas que estavam lá naquele dia com Marina Gregg. Parece ter sido um boato bem comentado que, na época à qual me referia, o senhor estava loucamente apaixonado por Marina Gregg.

Ardwyck Fenn deu de ombros.

— Uma dessas paixões passageiras, inspetor. Felizmente, elas passam.

— Dizem que ela lhe encorajou e, mais tarde, o rejeitou; e que o senhor ressentiu o fato.

— Dizem que! Dizem que! Suponho que tenha lido tudo isso na *Confidential*?

— Isso me foi relatado por pessoas bem informadas e bastante sensatas.

Ardwyck Fenn jogou a cabeça para trás, revelando a linha do pescoço que lembrava um touro.

— Tive um desejo ardente por ela durante certo período, sim — admitiu. — Era uma mulher linda e atraente, e ainda o é. Mas daí dizer que alguma vez a ameacei é ir um pouco longe demais. Jamais fico feliz em ser contrariado, inspetor-chefe, e a maioria das pessoas que me contrariam tende a se arrepender depois. Mas esse princípio se aplica acima de tudo à minha vida profissional.

— Creio que o senhor usou de sua influência para que a tirassem de um filme que ela estava fazendo?

Fenn encolheu os ombros.

— Não era adequada para o papel. Havia um conflito entre ela e o diretor. Eu investira naquele filme e não tinha nenhuma intenção de botar meu dinheiro em risco. Foi, lhe garanto, uma transação puramente comercial.

— Mas talvez Marina Gregg não tenha encarado dessa forma?

— Ah, naturalmente que não encarou dessa forma. Sempre achou que qualquer coisa assim era uma questão pessoal.

— Ela chegou a comentar com certos amigos que estava com medo do senhor, acredito.

— Foi, é? Que infantil. Tomara que ela tenha gostado da sensação.

— Acha que ela não precisaria ter ficado com medo do senhor?

— É claro que não. Qualquer desilusão pessoal que eu tenha tido logo deixei para trás. Sempre fui fiel à premissa de que, no que se refere às mulheres, sempre restam no mar peixes tão bons quanto os que são pescados.

— É um modo muito satisfatório de encarar a vida, sr. Fenn.

— Sim, acho que é.

— Tem um vasto conhecimento do mundo do cinema?

— Tenho interesses financeiros investidos nisso.

— E, por consequência, entende muito do assunto?

— Quem sabe.

— O senhor é um homem cuja opinião vale a pena ouvir. Poderia me sugerir alguém que possivelmente tivesse um rancor tão profundo com relação a Marina Gregg que estaria disposto a acabar com ela?

— Talvez uma dúzia — disse Ardwyck Fenn —, quer dizer, se não precisassem se envolver pessoalmente. Se fosse apenas uma questão de apertar um botão na parede, arriscaria dizer que haveria uma porção de dedos ávidos pela tarefa.

— O senhor estava presente naquele dia e a viu e conversou com ela. Acha que entre as pessoas que estavam ao seu redor naquele curto espaço de tempo, entre a chegada de vocês até o momento em que Heather Badcock morreu... acha que entre aquelas pessoas poderia sugerir, apenas sugerir, entenda, não estou lhe pedindo nada além de um palpite, alguém que seria capaz de envenenar Marina Gregg?

— Não gostaria de me comprometer — respondeu Ardwyck Fenn.

— Isso significa que tem algum palpite?

— Significa que não tenho nada a dizer sobre o assunto. E isso, inspetor-chefe Craddock, é tudo o que o senhor vai conseguir arrancar de mim.

CAPÍTULO 15



Dermot Craddock conferiu o último nome e endereço que havia anotado na caderneta. Discaram duas vezes para ele o número do telefone, mas não houve resposta. Tentava agora mais uma vez. Deu de ombros, levantou-se e decidiu ir até lá pessoalmente.

O estúdio de Margot Bence ficava numa rua sem saída que dava para a Tottenham Court Road. Além do nome em uma plaquinha ao lado da porta, havia pouco que o identificasse e, com certeza, nenhum tipo de anúncio. Craddock tateou o percurso até o primeiro andar. Havia um painel grande com letras pretas sobre um quadro branco. “Margot Bence. Fotógrafa de celebridades. Entre, por favor.”

Craddock entrou. Havia uma pequena sala de espera, mas ninguém tomando conta do local. Ficou ali parado, hesitante, depois pigarreou num tom alto e teatral. Como também não conseguiu chamar a atenção de ninguém com aquilo, levantou a voz:

— Há alguém aqui?

Escutou o bater de uns chinelos por trás de uma cortina de veludo, a cortina foi empurrada para o lado e um rapaz jovem com cabelos exuberantes e um rosto rosado e branco espiou para fora.

— Sinto muito, meu caro — disse. — Não o ouvi entrar. Tive uma ideia absolutamente nova e estava fazendo uma experiência.

Empurrou a cortina de veludo mais para o lado e Craddock o seguiu para uma sala interna. Esta se provou inesperadamente ampla. Ficou evidente que era um ateliê de trabalho. Havia câmeras, luzes, holofotes, pilhas de tecidos e telas com rodinhas.

— Que bagunça — disse o rapaz, que era quase tão esguio quanto Hailey Preston. — Mas a gente acha tão difícil trabalhar a menos que *faça* uma bagunça, é o que eu acho. Então, o senhor veio falar conosco a respeito do quê?

— Queria falar com a srta. Margot Bence.

— Ah, Margot. É uma pena. Se tivesse chegado há uma meia hora, a teria encontrado aqui.

Deu uma saída para produzir umas fotos de modelos para a *Fashion Dream*. O senhor deveria ter telefonado, sabe, para marcar um horário. Margot anda ocupada demais ultimamente.

— Eu telefonei. Ninguém atendeu.

— É claro — disse o rapaz. — Nós tiramos o fone do gancho. Agora lembrei. Estava nos perturbando.

Alisou uma espécie de guarda-pó lilás que estava usando.

— Posso lhe ajudar em alguma coisa? Marcar uma hora? Organizo vários dos compromissos profissionais de Margot. Gostaria de marcar uma sessão de fotos em algum lugar? É particular ou empresarial?

— Visto por esse ângulo, nenhum dos dois — respondeu Dermot Craddock. Entregou seu cartão para o rapaz.

— Que coisa arrebatadora! — disse o rapaz. — Departamento de Investigação Criminal! Acredito, sabe, que já tenha visto fotos do senhor. Faz parte do Time dos Quatro, ou Time dos Cinco, ou seria agora o Time dos Seis? Tem tanto crime por aí, teriam de aumentar o número de especialistas, não? Ai, nossa, isso foi desrespeitoso? Temo que sim. Não tive a intenção de lhe faltar com o respeito de jeito nenhum. Então, por que precisa de Margot... não seria para prendê-la, espero.

— Apenas queria fazer uma ou duas perguntas.

— Ela não tira fotografias indecentes ou nada parecido — garantiu o rapaz ansioso. — Espero que não haja ninguém lhe contando nenhuma história desse tipo, porque não é verdade. Margot é muito artística. Faz muito trabalho de palco e de estúdio. Mas os ensaios dela são terrivelmente, terrivelmente puros... quase pudicos, eu diria.

— Posso lhe explicar de maneira bem simples o motivo por que desejo falar com a srta. Bence — disse Dermot. — Ela foi uma testemunha ocular de um crime recente, que teve lugar próximo a Much Benham, em um povoado chamado St. Mary Mead.

— Minha nossa, é *claro*! Eu soube *disso*. Margot voltou e me contou tudo. Botaram cicuta num coquetel, não foi? Algo assim. Souu tão *funesto*! E ainda combinado a uma grande festa em prol da St. John Ambulance, que não é uma instituição sombria, não é? Mas o senhor já não questionou Margot sobre isso... ou foi outra pessoa?

— Sempre se descobre que temos mais perguntas, conforme o andamento do caso — disse Dermot.

— Quer dizer que depende do progresso. Sim, isso eu entendo. O assassinato vai se revelando. Sim, como uma fotografia, não é?

— É muito parecido com uma fotografia na verdade — disse Dermot. — Uma bela

comparação.

— Bem, é muita gentileza sua dizer isso, eu sei. Agora, sobre Margot: o senhor gostaria de falar com ela o mais rápido possível?

— Se puder me ajudar a conseguir isso, sim.

— Bem, no momento — falou o rapaz, consultando o relógio de pulso —, no momento ela está no pátio do museu Keats House, em Hampstead Heath. Meu carro está ali fora. Posso levá-lo até lá?

— Seria muita gentileza sua, senhor...

— Jethroe — informou o rapaz —, Johnny Jethroe.

Enquanto desciam as escadas, Dermot perguntou:

— Por que estão na antiga casa de John Keats?

— Bem, o senhor sabe que não se fazem mais fotos de moda em estúdio. Preferimos que fiquem naturais, com o vento soprando. E, se possível, em algum cenário meio inédito. Sabe, tipo um vestido Ascot dentro do presídio de Wandsworth, ou algum terno frívolo em frente à antiga casa de um grande poeta.

O sr. Jethroe dirigiu com velocidade, mas também habilidade, subindo a Tottenham Court Road, passando por Camden Town e chegando por fim no bairro de Hampstead Heath. Na calçada junto ao Keats House, uma cena pitoresca e graciosa estava sendo representada. Uma garota magra, vestindo um traje de organdi diáfano, estava de pé, abraçada a um imenso chapéu preto. Abaixo dela, um pouco atrás, uma segunda garota segurava a saia da primeira, puxando bem, de maneira que o tecido se agarrava aos joelhos e pernas dela. Com uma voz rouca e profunda, outra moça, segurando uma câmera fotográfica, comandava a operação.

— Pelo amor de Deus, Jane, baixe esse *traseiro*. Está aparecendo por trás do joelho direito dela. Deixe mais *plano*. Aí. Não, mais para a esquerda. Isso. Agora você está escondida atrás do arbusto. Agora sim. Segure. Vamos tirar mais uma. Desta vez, ambas as mãos na parte de trás do chapéu. Levante a cabeça. Bom... agora vire-se, Elsie. Pode se abaixar. Mais. Abaixese! *Se abaixe*, você vai ter que pegar aquela cigareira. Isso mesmo. Ficou *divino*! Peguei! Agora um pouco mais para a esquerda. A mesma pose, só vire a cabeça sobre o ombro. Assim.

— Não entendo por que quer tirar fotos do meu traseiro — disse a moça chamada Elsie, muito contrariada.

— É um belo traseiro, querida. É lindo de morrer — respondeu a fotógrafa. — E, quando você vira a cabeça, o seu queixo sobe como a lua nascendo por trás da montanha. Acho que já temos o que precisamos.

— Oi, Margot — disse o sr. Jethroe.

Ela virou para ele.

— Ah, é você. O que está fazendo aqui?

— Trouxe alguém que quer vê-la. O inspetor-chefe Craddock, do Departamento de Investigação Criminal.

Os olhos da moça se voltaram rápidos para Dermot. Ele pensou ter visto um ar de atenção e cautela refletido neles, mas aquilo, sabia bem, não era nada extraordinário. Era uma reação bastante comum aos inspetores-detetives. Era uma moça magra, toda ossuda e angulosa, mas era um tipo interessante mesmo assim. Uma pesada cortina de cabelos negros recaía nas laterais do rosto. Parecia suja e também macilenta, e não particularmente cativante para o gosto dele. Mas reconhecia que tinha personalidade. Ela ergueu as sobrancelhas, que já estavam ligeiramente arqueadas pela maquiagem, e indagou:

— Em que posso lhe ajudar, inspetor-chefe Craddock?

— Como vai, srta. Bence. Gostaria de lhe pedir a gentileza de responder umas poucas perguntas sobre aquele acontecimento trágico em Gossington Hall, próximo a Much Benham. A senhorita estava lá, se me lembro bem, para tirar umas fotografias.

A moça assentiu.

— É claro. Lembro-me muito bem.

Ela dirigiu-lhe um olhar questionador:

— Não o vi por lá. Com certeza era outra pessoa. Inspetor... inspetor...

— Inspetor Cornish? — ajudou Dermot.

— Isso mesmo.

— Fomos chamados mais tarde.

— É da Scotland Yard?

— Sou.

— Vocês se intrometeram e tiraram o caso da polícia local. Foi isso?

— Bem, não se trata ao certo de se intrometer, entende? Cabe ao chefe de polícia do condado decidir se quer manter o caso ou se acha que seria melhor se a investigação fosse conduzida por nós.

— E ele decide com base em quê?

— Em geral depende se o caso tem um âmbito local ou se é mais... universal. Às vezes, talvez, um âmbito internacional.

— E ele decidiu, foi, que este era um caso internacional?

— Transatlântico, talvez, fosse um termo melhor.

— Os jornais andaram insinuando isso, não é? Insinuando que o assassino, quem quer que tenha sido, tinha objetivo de pegar Marina Gregg e acabou acertando uma infeliz qualquer por engano. Isso é verdade ou é uma invenção para dar publicidade para o filme deles?

— Receio que não haja muita dúvida quanto a isso, srta. Bence.

— O que quer me perguntar? Preciso ir até a Scotland Yard?

Ele balançou a cabeça.

— Não, a menos que queira. Podemos voltar ao seu estúdio, se preferir.

— Está bem, façamos isso. Meu carro está perto daqui.

Ela seguiu depressa pelo caminho. Dermot a acompanhou. Jethroe gritou para eles.

— Até logo, querida, não vou me intrometer. Tenho certeza de que você e o inspetor vão trocar grandes segredos.

Ele se aproximou das duas modelos na calçada e se pôs a conversar animadamente com elas.

Margot entrou no carro, destrancou a porta do lado oposto, e Dermot Craddock sentou-se ao lado dela. Ela não disse nada durante o trajeto até Tottenham Court Road. Entrou no beco e, no final dele, atravessou um portão.

— Tenho minha vaga de garagem aqui — explicou. — É um depósito de móveis, na verdade, mas me alugam este pequeno espaço. Estacionar um carro é uma das grandes dores de cabeça de Londres, como provavelmente já sabe muito bem, embora suponho que não se ocupe com questões de tráfego, ou se ocupa?

— Não, essa não é uma das minhas preocupações.

— Acho que assassinatos são infinitamente mais interessantes — disse Margot Bence.

Ela mostrou o caminho de volta ao estúdio, indicou-lhe uma cadeira, ofereceu um cigarro e se afundou no enorme pufe de frente para ele. Por detrás da cortina de cabelos negros, ela o observava com um ar sombrio e perscrutador.

— Vá falando, estranho — disse.

— A senhorita estava tirando fotografias durante o evento em que ocorreu essa morte, pelo que entendi.

— Sim.

— Fora contratada profissionalmente?

— Fui. Queriam que alguém fizesse algumas fotos especializadas. Faço muito desse tipo de coisa. Trabalho para estúdios de cinema às vezes, mas naquela ocasião estava fotografando a festa e depois fiz algumas imagens de pessoas importantes sendo cumprimentadas por Marina Gregg e Jason Rudd. Algumas celebridades locais e outras personalidades. Esse tipo

de coisa.

— Sim, entendo bem. Estava com sua câmera nas escadas, é isso?

— Parte do tempo, sim. Consegui um ângulo ótimo de lá. Pegava as pessoas que estavam subindo, logo abaixo, e bastava virar um pouco para pegar Marina apertando a mão delas. Dava para pegar uma porção de ângulos diferentes sem precisar me mexer muito.

— Sei, claro, que já respondeu algumas perguntas na época para saber se viu algo incomum, algo que pudesse ajudar. Foram perguntas genéricas.

— O senhor tem outras mais específicas?

— Um pouco mais específicas, acho. Tinha uma boa visão de Marina Gregg de onde estava?

Ela assentiu:

— Excelente.

— E de Jason Rudd?

— Às vezes. Mas ele estava se mexendo mais. Pegava as bebidas e tal e apresentava as pessoas umas para as outras. Os moradores e as celebridades. Esse tipo de coisa, imagino. Não vi essa sra. Baddeley...

— Badcock.

— Desculpe, Badcock. Não a vi consumindo o coquetel fatal ou nada parecido com isso. Na verdade, acho que nem sei de fato quem era ela.

— Lembra-se da chegada do prefeito?

— Ah, sim, lembro do prefeito muito bem. Estava usando trajes oficiais. Tirei uma dele subindo as escadas, foi um close bem fechado, tinha um perfil bastante cruel, e depois peguei ele apertando a mão de Marina.

— Então ao menos consegue fixar na memória aquele momento. A sra. Badcock e o marido subiram as escadas até onde estava Marina Gregg, logo na frente do prefeito.

Balançou a cabeça.

— Sinto muito. Ainda não consigo me lembrar dela.

— Isso não importa tanto. Presumo que a senhorita tenha tido uma boa visão de Marina Gregg e que estivesse olhando para ela e apontando a câmera com muita frequência.

— Isso é certo. A maior parte do tempo. Ficava à espera para pegar o melhor momento.

— Conhece de vista um homem chamado Ardwyck Fenn?

— Ah, sim, conheço bem. De programas de TV... e filmes também.

— Tirou alguma foto dele?

— Sim. Peguei ele subindo com Lola Brewster.

— Isso foi logo depois do prefeito?

Ela pensou por um segundo, depois, concordou:

— Sim, foi por aí.

— Chegou a perceber que, por volta daquele momento, Marina Gregg pareceu ter se sentido mal de repente? Chegou a notar qualquer expressão inusitada no rosto dela?

Margot Bence inclinou-se para a frente, abriu uma carteira de cigarros e tirou um. Acendeu. Embora não tivesse respondido, Dermot não a pressionou. Esperou, perguntando-se o que estaria se passando na cabeça da moça. Ela enfim falou, de maneira brusca:

— Por que está me perguntando isso?

— Porque estou muito ansioso por uma resposta a essa pergunta, uma resposta confiável.

— Acha que a minha resposta é passível de confiança?

— Sim, acho, com toda a segurança. Deve ter o hábito de observar o rosto das pessoas muito de perto, aguardando certas expressões, momentos propícios.

Ela fez que sim.

— Viu algo parecido com isso?

— Alguém mais reparou, foi?

— Sim. Mais de uma pessoa, mas já me foi descrito de maneiras diferentes.

— Como foi que as outras pessoas descreveram?

— Uma pessoa contou que ela quase desmaiou.

Margot Bence balançou a cabeça devagar.

— Outra falou que ela tomou um susto.

Ele fez uma pausa, então continuou:

— E outra ainda a descreveu como tendo uma expressão petrificada no rosto.

— Petrificada — disse Margot Bence pensativa.

— Concorda com essa última declaração?

— Não sei. Talvez.

— Foi colocado de maneira ainda mais sofisticada — disse Dermot. — Nas palavras do falecido poeta Tennyson. “O espelho inteiro se partiu;/ ‘A desgraça se abateu sobre mim’, bramiu/A Lady de Shalott”.

— Não havia nenhum espelho — disse Margot Bence —, mas, se houvesse, poderia ter se partido.

Ela se levantou de repente:

— Espere — disse. — Vou fazer algo melhor do que descrever a expressão. Vou mostrá-la.

Puxou para o lado a cortina dos fundos e desapareceu por alguns instantes. Ele podia escutá-la balbuciando e resmungando xingamentos.

— Que inferno — ela disse ao reaparecer —, a gente nunca encontra as coisas quando precisa. Mas consegui achar.

Foi até ele e depositou um papel brilhante em suas mãos. Ele examinou a imagem. Era uma foto muito boa de Marina Gregg. A mão dela estava agarrada à mão da mulher em frente e, portanto, de costas para a câmera. Mas Marina não estava olhando para a mulher. Os olhos estavam fixos não na câmera, mas num ângulo levemente oblíquo para a esquerda. O mais interessante para Dermot Craddock era que o rosto não continha expressão alguma. Não havia medo nem dor. A mulher retratada ali estava fitando *algo*, algo que enxergara, e a emoção que aquilo causou nela foi tão grande que ela ficou impossibilitada de transmiti-la através de qualquer espécie de expressão facial. Dermot Craddock havia visto aquela imagem uma vez estampada no rosto de um homem, um homem que, no momento seguinte, levava um tiro mortal...

— Satisfeito? — perguntou Margot.

Craddock deu um suspiro profundo.

— Sim, obrigado. É difícil, sabe, a gente decidir se as testemunhas estão exagerando, se estão imaginando coisas. Mas não é o caso. *Havia* algo para ver e ela viu. Posso ficar com a foto? — perguntou.

— Ah, sim, pode ficar com ela. Tenho o negativo.

— Não enviou isso para a imprensa?

Margot Bence meneou a cabeça.

— Fico me perguntando por que a senhorita não mandou. Afinal, é uma foto bastante dramática. Algum jornal teria pagado um bom preço por ela.

— Isso não me importa — afirmou Margot Bence. — Se você enxerga dentro da alma de alguém por acidente, fica até constrangido pela invasão.

— Já conhecia Marina Gregg?

— Não.

— A senhorita é dos Estados Unidos, não é?

— Nasci na Inglaterra. Minha formação foi, no entanto, americana. Vim para cá há uns, ah, uns três anos.

Dermot Craddock balançou o queixo. Já sabia as respostas para aquelas perguntas. Estiveram à espera dele entre tantas outras listas de informações na mesa do escritório. A garota parecia bastante direta. Ele perguntou:

— Onde estudou?

— Reingarden Studios. Passei um tempo com Andrew Quilp. Ele me ensinou muita coisa.

— Reingarden Studios e Andrew Quilp — Dermot Craddock de repente ficou mais alerta.

Os nomes tinham um ar de familiaridade.

— Morou em Seven Springs, não morou?

Ela pareceu achar graça.

— O senhor parece saber muita coisa sobre mim. Andou me investigando?

— É uma fotógrafa conhecida, srta. Bence. Há artigos escritos a seu respeito, sabe. Por que foi que veio para a Inglaterra?

Ela encolheu os ombros.

— Ah, gosto de mudar. Além disso, como já lhe disse, nasci na Inglaterra, embora tenha ido para os Estados Unidos ainda criança.

— Quando era bem pequena, presumo.

— Com cinco anos de idade, se estiver interessado.

— Estou interessado. Acho, srta. Bence, que tem condições de me revelar um pouco além do que está dizendo.

O rosto dela endureceu. Ficou encarando o policial.

— O que está querendo dizer?

Dermot Craddock olhou para ela e arriscou. Não tinha muito em que se basear. Reingarden Studios, Andrew Quilp e o nome de uma cidade. Mas sentia como se a velha Miss Marple estivesse colada ao seu ombro, instigando-o.

— Acho que a senhorita conhecia Marina Gregg melhor do que afirma.

Ela riu:

— Prove. Está imaginando coisas.

— Estou? Acho que não. E *poderia* prová-lo, sabe, com um pouco de tempo e paciência. Vamos lá, srta. Bence, não é melhor que confesse logo a verdade? Confesse que Marina Gregg lhe adotou quando a senhorita era criança e que morou com ela durante quatro anos.

Ela inspirou bruscamente, emitindo um chiado.

— Seu canalha intrometido! — exclamou.

Aquilo o assustou um pouco, era um contraste e tanto com o comportamento anterior dela. Ela se levantou, sacudindo a cabeleira negra.

— Tudo bem, tudo bem, é essa a verdade! Sim, Marina Gregg me levou para os Estados Unidos com ela. Minha mãe tinha oito filhos. Vivia num cortiço em algum lugar. Era uma entre as centenas de pessoas, suponho, que escreviam para qualquer atriz de cinema que por acaso

tinham visto ou ouvido falar, despejando uma história de falta de sorte na vida, implorando para que ela adotasse uma criança que a mãe não tinha condições de criar. Ah, é um negócio tão nojento, tudo é nojento.

— Havia três de vocês — disse Dermot. — Três filhos adotados em períodos diferentes e de lugares diferentes.

— Isso mesmo. Rod, Angus e eu. Angus era mais velho do que eu, Rod era praticamente um bebê. Tivemos uma vida maravilhosa. Ah, uma vida maravilhosa! Com todas as regalias! — a voz se elevou num tom de deboche. — Roupas, carros, uma casa fantástica para morar, pessoas para cuidar da gente, boas escolas e professores e uma comida deliciosa. Tudo o que pode imaginar! E ela própria, a nossa “Mamãe”. “Mamãe” entre aspas, fazendo o papel dela, cantarolando para nós, sendo fotografada conosco! Ah, um lindo retrato tão sentimental.

— Mas ela queria tanto ter filhos — disse Dermot Craddock. — Aquilo ao menos era de verdade, não era? Não foi apenas uma jogada publicitária.

— Ah, talvez. Sim, acho que era verdade. Ela queria filhos. Mas ela não nos queria! Não na realidade. Foi apenas o momento glorioso de uma peça teatral. “*A minha família. É tão encantador ter a minha própria família.*” E Izzy deixou com que ela fizesse aquilo. Ele deveria ter calculado.

— Izzy era Isidore Wright?

— Sim, o terceiro ou quarto marido dela, não lembro direito. Era um homem de fato maravilhoso. Ele a compreendia, acho eu, e se preocupava às vezes conosco. Era gentil com a gente, mas não se fazia passar por nosso pai. Não se sentia como um pai. Só se importava de fato com o seu trabalho. Já li algumas coisas dele. São sórdidas e bastante cruéis, mas têm muita força. Acho que algum dia as pessoas dirão que é um grande escritor.

— E isso durou até quando?

O sorriso de Margot Bence se transformou.

— Até que ela cansou de representar aquele papel em particular. Não, isso não é bem verdade... Ela descobriu que ia ter um filho dela.

Ela riu com uma súbita amargura.

— Então acabou para nós! Não éramos mais desejados. Tínhamos servido como um tapaburaco, mas ela realmente não dava a mínima para nós, não dava a mínima. Ah, nos deixou uma pensão muitíssimo boa. Com uma casa, uma mãe de criação, dinheiro para pagar pelos nossos estudos e um belo pequeno montante para começarmos a vida. Ninguém pode dizer que ela não se comportou de forma correta e elegante. Mas ela nunca *nos* quis... tudo o que queria era ter um filho dela.

— Não pode culpá-la por isso — disse Dermot com educação.

— Não a culpo por querer ter uma criança que fosse dela, não! Mas e a gente? Ela nos tirou de nossos pais, nos tirou do lugar ao qual pertencíamos. Minha mãe me trocou por um prato de comida, se quiser pensar assim, mas não me vendeu para tirar alguma vantagem própria. Ela me vendeu porque era uma mulher muito burra que achou que eu teria mais “vantagens” e receberia “educação” e teria uma vida maravilhosa. Achou que estava fazendo o que era melhor para mim. O melhor para mim? Se ela ao menos soubesse.

— Ainda guarda muito rancor, entendo.

— Não, hoje em dia não guardo mais rancor. Já superei. Estou amargurada porque estou relembrando, voltando àqueles dias. Estávamos todos muito infelizes.

— Todos vocês?

— Bem, menos Rod. Rod nunca se importou com nada. Além disso, ele era bem pequeno. Mas Angus se sentiu como eu, só que acho que ele tinha mais desejo de vingança. Disse que, quando ficasse adulto, mataria o bebê que ela estava prestes a ganhar.

— Sabia do bebê?

— Ah, claro que sim. E todo mundo sabe o que aconteceu. Ela enlouqueceu de felicidade quando descobriu que teria um filho e, depois, quando ele nasceu, nasceu retardado! Bem feito. Retardado ou não, ela não *nos* queria de volta.

— Tem muito ódio dela.

— E por que não teria? Ela me fez a pior coisa que uma pessoa pode fazer para outra: fazer com que acredite que é amada e desejada, para depois deixar claro que foi tudo uma farsa.

— O que aconteceu com seus dois... vou chamá-los de irmãos, para facilitar as coisas.

— Ah, a gente acabou se separando mais tarde. Rod tem uma fazenda em algum lugar no Meio-Oeste. É de uma natureza alegre, sempre foi assim. E Angus? Não sei. Perdi de vista.

— Ele seguiu se sentindo melancólico?

— Acho que não — disse Margot. — Não é o tipo de coisa que se pode continuar sentindo para sempre. A última vez que o vi, ele disse que ia entrar para o teatro. Não sei se chegou a fazer isso.

— A *senhorita*, no entanto, guardou a memória — disse Dermot.

— Sim. Guardei a memória — confirmou Margot Bence.

— Marina Gregg ficou surpresa em vê-la naquele dia ou contratou seus serviços de fotografia de propósito para lhe agradar?

— Ela? — a garota sorriu com desdém. — Não sabia de nada sobre a organização. Eu

estava curiosa para vê-la, então fiz um pouco de lobby para pegar o trabalho. Como já disse, tenho certo prestígio com o pessoal dos estúdios. Queria ver como ela estava hoje em dia.

Ela passou a mão pelo tampo da mesa.

— Ela nem sequer me reconheceu. O que acha disso? Morei com ela durante quatro anos, dos cinco aos nove anos de idade, e sequer me reconheceu.

— As crianças mudam — disse Dermot Craddock —, mudam tanto que a gente mal as reconhece. Tenho uma sobrinha que encontrei outro dia e posso lhe garantir que teria passado por ela na rua sem notá-la.

— Está dizendo isso para fazer com que me sinta melhor? Não me importo de fato. Ah, que diabos, sejamos honestos. Sim, me importo. Eu me importei. Ela tinha um encanto, sabe. Marina! Tinha uma magia incrível e maravilhosa que hipnotizava as pessoas. A gente é capaz de odiar uma pessoa e ainda assim se importar.

— Não falou para ela quem era?

Ela meneou a cabeça.

— Não, não contei. Seria a última coisa que iria fazer.

— Tentou envenená-la, srta. Bence?

O humor dela se alterou. Ela levantou e deu uma gargalhada.

— Que coisa mais ridícula de se perguntar! Mas suponho que seja obrigado a fazer isso. É parte de seu trabalho. Não. Posso lhe garantir que não a matei.

— Não foi isso que lhe perguntei, srta. Bence.

Ela ficou olhando para ele, com a testa franzida, intrigada.

— Marina Gregg — ele disse — ainda está viva.

— Por quanto tempo?

— Como assim?

— Não acha muito provável, inspetor, que alguém vai tentar de novo e que, desta vez, desta vez, quem sabe, vai conseguir?

— Há medidas preventivas.

— Ah, estou certa disso. O marido que a venera vai proteger a esposa, não vai, e garantir que nada de mau lhe aconteça?

Ele prestou muita atenção no tom de deboche da voz dela.

— O que quis dizer quando falou que não era isso que havia me perguntado? — indagou ela, voltando de repente ao assunto.

— Eu havia lhe perguntado se tentou matá-la. A senhorita respondeu que não a havia matado. Isso é bem verdade, mas *alguém* morreu, *alguém* foi assassinado.

— Está dizendo que tentei matar Marina e, em vez dela, acabei matando a sra. Fulana Qualquer Coisa. Se prefere que eu deixe bem claro, *não* tentei envenenar Marina e *não* envenenei a sra. Badcock.

— Mas talvez saiba quem foi?

— Não sei de nada inspetor, garanto.

— Mas tem alguma ideia?

— Ah, a gente sempre tem ideias.

Ela abriu um sorriso debochado.

— Entre tantas pessoas podia ser, não é, a secretária robótica de cabelos negros, o elegante Hailey Preston, os criados, as copeiras, uma massagista, o cabeleireiro, alguém dos estúdios, são tantas pessoas... *e uma delas pode não ser quem aparenta ser.*

No momento em que ele deu um passo inconsciente na direção dela, a moça balançou a cabeça com veemência.

— Relaxe, inspetor — disse. — Só estou lhe provocando. *Alguém* está querendo o sangue de Marina, mas não faço ideia de quem seja. Verdade. Não faço a menor ideia.

CAPÍTULO 16



I

No número 16 da Travessa Aubrey, a jovem sra. Baker estava conversando com o marido. Jim Baker, um homem gigantesco, loiro e bonitão, estava concentrado na montagem de um kit de aeromodelismo.

— Vizinhos! — exclamou Cherry. Jogou a cabeleira crespa e negra para trás. — Vizinhos! — repetiu cheia de veneno.

Com cuidado, ergueu a frigideira do fogo, em seguida, com precisão, jogou o conteúdo dividido em dois pratos, um bem mais cheio do que o outro. Ela pôs o prato mais cheio diante do marido.

— Carne grelhada — anunciou.

Jim levantou a cabeça e sentiu o aroma com satisfação.

— Disso eu gosto — disse. — Que dia é hoje? É meu aniversário?

— Tem de se alimentar bem — disse Cherry.

Ela estava muito bonita no avental listrado de branco com vermelho-cereja e babados. Jim Baker moveu os componentes de seu Boeing Stratocruiser 377, abrindo espaço para o prato. Sorriu para a esposa e perguntou:

— Quem disse?

— Para começar, a minha Miss Marple! — respondeu Cherry. — E por falar nisso — acrescentou, sentando-se de frente para o marido e puxando o prato para perto de si — diria que um pouco mais de alimentação consistente também faria bem para *ela*. Aquela bruxa velha da Knight não lhe dá nada além de carboidratos. É só nisso que ela pensa! Um “manjarzinho”, um “pudinzinho de pão”, um “macarrãozinho com queijo”. Uns pudins molengas com molho rosé. E fala, fala, fala o dia inteiro. Aquela lá gasta a língua, vou lhe contar.

— Ah, bem — disse Jim despreocupado —, dieta para inválido, imagino.

— Dieta para inválido! — exclamou Cherry, resfolegando. — Miss Marple não é uma

inválida; ela é apenas *velha*. Sempre se metendo também.

— Quem, a Miss Marple?

— Não, aquela srta. Knight. Me dando ordens de como fazer as coisas! Chega até a querer me dizer como tenho que cozinhar! Entendo muito mais de cozinha do que ela.

— Você é um mestre-cuca na cozinha, Cherry — disse Jim em tom elogioso.

— Há algo no ato de cozinhar — disse Cherry —, algo que a gente pode abocanhar.

Jim riu:

— Estou abocanhando é isto aqui. Por que a sua Miss Marple disse que preciso me alimentar bem? Ela achou que eu estava abatido naquele dia que fui lá consertar a prateleira do banheiro?

Cherry deu uma gargalhada:

— Vou lhe contar o que ela me falou. Disse: “Você tem um marido garboso, minha querida. Um marido *muito* garboso”. Parecia um daqueles livros de época que eles leem em voz alta na televisão.

— Espero que tenha concordado com ela — sugeriu Jim com um sorriso maroto.

— Disse que você dava para o gasto.

— Dou para o gasto! Que coisa sem graça de se dizer.

— E então ela disse: “Deve cuidar do seu marido, minha querida. Certifique-se de *alimentá-lo* direito. Os homens precisam de refeições com muita carne, bem preparadas”.

— Ora veja, ora veja!

— E me aconselhou a cozinhar comida fresquinha para você e a não comprar aquelas tortas prontas e coisas de botar no forno para esquentar. Não que eu faça isso muito seguido — acrescentou Cherry bem orgulhosa.

— Ainda assim, pode fazer menos — disse Jim. — Esse tipo de comida não tem nem de perto o mesmo gosto.

— Contanto que preste atenção no que está comendo — disse Cherry — e não esteja tão mergulhado nesses Stratocruisers e outras coisas que está sempre construindo. E não vá me dizer que comprou aquele kit de presente de Natal para o seu sobrinho Michael. Comprou para você mesmo brincar.

— Ele não tem idade para aquilo ainda — desculpou-se Jim constrangido.

— E aposto que você vai ficar escarafunchando naquilo a noite toda. Que tal um pouco de música? Conseguiu aquele disco novo de que estava falando?

— Sim, consegui. Tchaikovsky, 1812.

— Esse é aquele bem alto, com a batalha, não é? — perguntou Cherry. E fez uma careta.

— Nossa querida sra. Hartwell não vai gostar muito! Vizinhos! Estou cheia dos vizinhos. Sempre reclamando e se lamentando. Não sei quem é pior. Se os Hartwell ou os Barnaby. Os Hartwell começam a bater na parede antes das vinte para as onze, às vezes. É um abuso! Afinal de contas, até a televisão e a BBC vão até mais tarde do que isso. *Por que* não podemos ouvir um pouco de música se quisermos? E sempre nos pedindo para deixar no volume mais baixo.

— Não se pode baixar muito o volume dessas coisas — declarou Jim com autoridade. — Não se escuta o *tom* a menos que tenha volume. Todo mundo sabe disso. É absolutamente reconhecido nos meios musicais. E o que dizer do gato deles... sempre passeando no nosso jardim, arrancando as plantas, justo quando acabei de ajeitar.

— Vou lhe dizer uma coisa, Jim. Não aguento mais este lugar.

— Não se incomodava com os vizinhos lá em Huddersfield — observou Jim.

— Não era a mesma coisa — disse Cherry. — Digo, lá se é totalmente independente. Se você tem alguma dificuldade, alguém pode ajudar e você também o ajuda. Mas ninguém se intromete. Há alguma coisa num distrito novo como este que deixa as pessoas olhando de esguelha para os vizinhos. Porque somos todos novos aqui, imagino. A quantidade de picuinhas, de disse me disse, de cartas para a administração e mais isso e aquilo por aqui me deixa esgotada! As pessoas em cidades de verdade são ocupadas demais para isso.

— Acho que disse uma coisa acertada, minha garota.

— Gosta daqui, Jim?

— O trabalho é legal. E, afinal, é uma casa novinha em folha. Queria que tivesse mais espaço para poder me espalhar um pouco mais. Seria bom se eu pudesse ter uma oficina.

— Achei adorável no começo — disse Cherry —, mas agora não tenho mais tanta certeza. A casa é boa, adoro a pintura azul e o banheiro é confortável, mas não gosto das pessoas e da *sensação* que tenho aqui. Já lhe contei que Lily Price e aquele Harry terminaram? Foi um negócio engraçado que aconteceu naquela casa que foram olhar. Você sabe, quando ela mais ou menos caiu da janela. Contou que Harry ficou lá parado como um cavalo empacado.

— Fico feliz que ela tenha terminado com ele. É um pilantra como nunca vi igual.

— Não é bom se casar com um camarada só porque se está esperando um bebê — disse Cherry. — Ele não queria se casar com ela, sabe. Não é um sujeito muito bacana. A Miss Marple disse que não era — completou pensativa. — Falou com Lily sobre ele. Lily achou que ela era doida.

— A Miss Marple? Nem sabia que ela o conhecia...

— Ah, sim, estava caminhando por aqui no dia que levou o tombo e a sra. Badcock a

ajudou a se levantar e a convidou para entrar. Acha que Arthur e a sra. Bain vão acabar juntos?

Jim franziu a testa ao pegar uma pecinha do Stratocruiser e consultar o manual de instruções.

— Gostaria que me escutasse quando estou falando — reclamou Cherry.

— O que foi que disse?

— Arthur Badcock e Mary Bain?

— Pelo amor de Deus, Cherry, a esposa dele acabou de morrer! Vocês mulheres! Ouvi dizer que ainda está num estado de nervos terrível; leva cada susto quando alguém vai falar com ele.

— Por que será... jamais pensei que ele ficaria desse jeito, você pensou?

— Pode liberar essa ponta da mesa um pouco? — disse Jim, renunciando até mesmo a um interesse passageiro na vida dos vizinhos. — Só para eu poder espalhar essas peças um pouco mais.

Cherry deu um suspiro exasperado.

— Para se conseguir alguma atenção por aqui é preciso ser um superjato ou um turbo-hélice — declarou amargurada. — Você e esses aeromodelos!

Empilhou o resto do jantar na bandeja e levou até a pia. Decidiu não lavar, uma necessidade da vida diária que sempre postergava tanto quanto fosse possível. Em vez disso, amontoou tudo de qualquer jeito, enfiou uma jaqueta de veludo e saiu de casa, só parando para gritar por cima do ombro:

— Só vou dar uma passadinha para falar com Gladys Dixon. Quero pegar um molde da Vogue emprestado.

— Vai lá, garotona.

Jim se debruçou sobre o aeromodelo.

Jogando um olhar venenoso para a porta da frente do vizinho enquanto passava, Cherry dobrou a esquina na Travessa Blenheim e parou no número 16. A porta estava aberta, e ela deu uma batida de leve e entrou pelo corredor, chamando:

— Gladys está?

— É você, Cherry? — a sra. Dixon espiou da cozinha. — Está lá em cima, no quarto, costurando.

— Certo. Vou subir.

Cherry subiu as escadas e chegou a um quartinho. Lá Gladys, uma moça rechonchuda e de rosto comum, estava de joelhos no chão, com as bochechas vermelhas e vários alfinetes na

boca, prendendo um molde de papel.

— Olá, Cherry. Olhe, comprei um tecido lindo na liquidação da Harper em Much Benham. Vou fazer aquele modelo trançado com babados de novo, aquele que fiz em poliéster antes.

— Vai ficar bonito — disse Cherry.

Gladys se levantou um pouco esbaforida.

— Estou com indigestão — comentou.

— Não deveria ficar costurando logo depois do jantar — disse Cherry —, se debruçando desse jeito.

— Suponho que eu precise emagrecer um pouco — declarou Gladys. Ela sentou sobre a cama.

— Alguma novidade dos estúdios? — perguntou Cherry, sempre ávida por notícias de cinema.

— Nada de mais. Ainda estão falando bastante. Marina Gregg reapareceu no set ontem... e fez uma cena tétrica.

— Sobre o quê?

— Não aprovou o gosto do café. Sabe que eles tomam café no meio da manhã. Ela tomou um gole e disse que havia algo errado. O que era bobagem, claro. Não poderia haver. Vem em uma jarra, direto da cantina. É claro que sempre sirvo o dela numa xícara especial de porcelana, bem chique, diferente das outras, mas é o mesmo café. Então não poderia haver nada de errado com ele, poderia?

— Nervos, eu acho — disse Cherry. — O que aconteceu?

— Ah, nada. O sr. Rudd apenas acalmou todo mundo. Ele é assim maravilhoso. Pegou o café dela e derramou na pia.

— Acho que foi burrice — disse Cherry devagar.

— Ora... como assim?

— Bem, se *havia* algo de errado... agora ninguém vai descobrir.

— Acha que poderia mesmo ter havido? — perguntou Gladys com uma expressão alarmada.

— Bem... — Cherry deu de ombros — havia algo de errado com o coquetel dela no dia da festa, não foi, então por que não com o café? Se da primeira vez não dá certo, tente mais uma, duas, três vezes.

Gladys teve um calafrio.

— Não gosto nada disso, Cherry — disse. — Alguém está de olho nela mesmo. Recebeu mais cartas, sabe, com ameaças... e teve a história daquele busto no outro dia.

— Que história de busto?

— Um busto de mármore. No set de filmagem. É o canto de uma sala em algum palácio austríaco ou coisa que o valha. O nome é engraçado, tipo Shotbrown. Há quadros, porcelanas e bustos em mármore. Este busto estava sobre um suporte; talvez não tivesse sido empurrado o suficiente para trás. Enfim, um caminhão pesado passou na rua e estremeceu o negócio até cair... bem na cadeira em que Marina senta para sua grande cena com um tal conde Disso ou Daquilo. Se despedaçou inteirinha! Sorte que não estavam filmando na hora. O sr. Rudd falou que não poderíamos dizer uma palavra para ela e pôs outra cadeira no lugar. Quando Marina veio ontem e perguntou por que a cadeira fora trocada, ele afirmou que a outra era da época errada e a nova dava um ângulo melhor para a câmera. Mas ele não gostou nada... posso dizer com certeza.

As duas garotas se entreolharam.

— De certa forma, é excitante — disse Cherry, falando pausadamente. — E ao mesmo tempo não é...

— Acho que vou desistir de trabalhar na cantina do estúdio — comentou Gladys.

— Por quê? Ninguém quer envenenar você ou derrubar um busto de mármore na sua cabeça!

— Não. Mas nem sempre é a pessoa que querem eliminar que termina mal. Pode acontecer com outra. Como a Heather Badcock naquele dia.

— Bem verdade — disse Cherry.

— Sabe — disse Gladys —, andei pensando. Eu estava no Hall aquele dia, ajudando. Estava bem perto deles naquela hora.

— Quando Heather morreu?

— Não, quando ela derrubou o coquetel inteiro em cima do vestido. Um vestido bem bonito também, um tafetá de náilon em azul-royal. Ela tinha comprado especialmente para a ocasião. E foi engraçado.

— O que foi engraçado?

— Não achei na hora. Mas me parece engraçado quando me lembro.

Cherry olhou ansiosa para ela. Aceitou o adjetivo “engraçado” no sentido em que fora usado. Não fora usado para denotar graça.

— Pelo amor da Virgem, o que foi engraçado? — insistiu.

— Tenho quase certeza de que ela fez de propósito.

— Derramou o coquetel de propósito?

— Sim. E acho que isso é engraçado, não acha?

— Sobre um vestido novinho em folha? Não acredito.

— Agora me pergunto — disse Gladys —: o que Arthur Badcock vai fazer com todas as roupas de Heather? Aquele vestido poderia ser lavado. Ou eu poderia tirar fora uma medida, é uma saia bonita e bem rodada. Acha que Arthur Badcock acharia horrível da minha parte se quisesse comprar dele? Mal precisaria ajustar... e é um tecido tão bonito.

— Você não... — Cherry hesitou — se importaria?

— Me importaria com o quê?

— Bom, em ter um vestido que uma mulher estava usando na hora em que morreu... digo, e morreu daquela maneira...

Gladys fitou a amiga.

— Não tinha pensado nisso — confessou.

Considerou por alguns instantes. Então animou-se:

— Acho que não faz diferença — disse. — Afinal, todas as vezes que a gente compra alguma coisa de brechós, aquilo em geral foi usado por alguém que morreu, não foi?

— Sim. Mas não é bem a mesma coisa.

— Acho que você está fantasiando — cortou Gladys. — É um tom de azul brilhante adorável e um material bem caro. Sobre aquele negócio engraçado — continuou, com ar pensativo —, acho que vou até o Hall amanhã de manhã no caminho do trabalho e vou ter uma palavrinha com o sr. Giuseppe.

— Ele é o mordomo italiano?

— É. É tremendamente charmoso. Os olhos brilhantes. Tem um temperamento horrível. Quando vamos ajudar, ele atazana as meninas com alguma coisa terrível.

Ela deu uma risadinha.

— Mas nenhuma de nós se importa. Ele pode ser gentilíssimo às vezes... Enfim, acho que vou contar para ele e perguntar o que devo fazer.

— Não acho que tem alguma coisa para contar — disse Cherry.

— Bem, foi engraçado — disse Gladys, em tom desafiador, agarrada a seu adjetivo favorito.

— *Eu* acho — disse Cherry — que você está querendo arranjar uma desculpa para falar com o sr. Giuseppe... e que seria melhor ter cautela, minha amiga. Sabe como são esses gringos! Filhos ilegítimos para todos os lados. Têm o sangue quente e são dados a arroubos, assim são esses italianos.

Gladys suspirou em êxtase.

Cherry olhou para o rosto gorducho e ligeiramente manchado da amiga e decidiu que suas

advertências eram desnecessárias. O sr. Giuseppe, pensou, acharia um lugar melhor para jogar a rede.

II

— A-há! — exclamou o dr. Haydock. — Pelo que vejo, está desenredando.

Transferiu o olhar de Miss Marple para a pilha branca da fofa lã angorá.

— O senhor me recomendou que experimentasse desenliçar se não pudesse tricotar coisas — instigou Miss Marple.

— Parece que está indo a fundo na tarefa.

— Cometi um erro no modelo logo no começo, isso fez com que a coisa inteira ficasse fora de proporção, então tive de desfazer tudo. É um padrão bem intrincado, entende?

— Mas o que são esses padrões intrincados para a senhora? Nada de mais.

— Na realidade, com meus problemas de visão, suponho que deveria ficar apenas no simples tricô.

— A senhora acharia aborrecido demais. Bem, fico lisonjeado que tenha seguido meu conselho.

— E não sigo sempre os seus conselhos, doutor Haydock?

— Segue quando eles lhe convêm — afirmou o dr. Haydock.

— Diga, doutor, era de fato tricô o que tinha em mente quando me deu o conselho?

Ele se deparou com a piscada de olho dela e piscou de volta.

— Como está se saindo ao desenredar o assassinato? — perguntou.

— Temo que minhas faculdades não sejam mais as mesmas — respondeu Miss Marple com um suspiro, balançando a cabeça.

— Bobagem — disse o dr. Haydock. — Não me diga que não formulou *algumas* hipóteses.

— Claro que formulei hipóteses. Conclusões bem definitivas.

— Tais como? — inquiriu Haydock.

— Se o copo de coquetel foi adulterado naquele dia... e não vejo como isso poderia ter sido feito...

— Podem ter preparado o negócio dentro de um conta-gotas — sugeriu Haydock.

— É tão profissional — disse Miss Marple admirada. — Mas, mesmo assim, me parece tão peculiar que ninguém tenha visto isso acontecer.

— Um assassinato não deve apenas ser cometido, mas deve ser *testemunhado*! É isso?

— Sabe exatamente do que estou falando — disse Miss Marple.

— Foi um risco que o assassino teve de correr — comentou o médico.

— Ah, isso sim. Não questiono *isso* nem por um momento. Mas, segundo descobri

investigando e somando o número de convidados, havia pelo menos de dezoito a vinte pessoas no lugar. É evidente para mim que, entre vinte pessoas, *alguém* deve ter presenciado aquela ação.

Haydock assentiu.

— É fácil pensar assim, com certeza. Mas, obviamente, ninguém viu.

— Fico me perguntando... — disse Miss Marple pensativa.

— O que exatamente está considerando?

— Bem, há três possibilidades. Presumindo que pelo menos uma pessoa *tenha* visto alguma coisa. Uma em vinte. Acho que seria no mínimo razoável presumir isso.

— Acho que está implorando pela pergunta — disse Haydock — e posso antever um daqueles temíveis exercícios de probabilidade em que seis homens têm chapéus brancos e seis homens têm chapéus pretos, e a gente tem de resolver, através da matemática, qual a probabilidade de que os chapéus vão se misturar e em que proporção. Se começar a pensar sobre coisas assim, vai enlouquecer. Posso lhe garantir!

— Não estava pensando em nada desse tipo — disse Miss Marple. — Estava só pensando no que é mais provável...

— Sim — disse Haydock pensativo —, é muito boa nisso. Sempre foi.

— É *muito* provável, sabe — comentou Miss Marple —, que entre vinte pessoas uma pelo menos seja mais observadora.

— Desisto — disse Haydock. — Vamos às três possibilidades.

— Receio que tenha de apresentá-las de forma muito rudimentar — disse Miss Marple. — Não cheguei a pensar nos detalhes. O inspetor Craddock, e provavelmente Frank Cornish antes dele, teria interrogado todos que estavam lá, então o mais natural seria que quem tivesse visto alguma coisa do tipo tivesse falado naquela ocasião.

— Essa é uma das possibilidades?

— Não, claro que não — respondeu Miss Marple —, porque não aconteceu. O que temos que considerar é que se uma pessoa *viu* alguma coisa, por que não falou nada?

— Estou ouvindo.

— Possibilidade um — começou Miss Marple, as bochechas ficando rosadas de animação. — A pessoa que viu não entendeu o que viu. Isso significaria, claro, que teria de ser uma pessoa bem ignorante. Alguém, digamos, que usa os olhos, mas não o cérebro. O tipo de pessoa que, se lhe perguntassem: “Viu alguém colocar algo no copo de Marina Gregg?”, responderia: “Ah, não”; mas se lhe indagassem: “Viu alguém colocar a mão por cima do copo de Marina?”, responderia: “Ah, sim, claro que vi.”

Haydock riu.

— Confesso — disse — que é difícil a gente pensar que existem ignorantes desse tipo à nossa volta. Muito bem, lhe concedo a possibilidade um. O ignorante viu, mas não entendeu o significado da ação que testemunhou. E a segunda possibilidade?

— Esta é quase inimaginável, mas acredito que seja *apenas* uma possibilidade. Pode ter sido uma pessoa cuja ação de colocar algo em um copo fosse natural.

— Espere, espere, explique isso um pouco melhor.

— Parece que nos dias de hoje — disse Miss Marple — as pessoas estão sempre adicionando coisas ao que comem e bebem. Na minha juventude, era considerado falta de educação tomar remédios durante a refeição. Equivalia a assoar o nariz na mesa do jantar. Simplesmente não se *fazia* isso. Se *tivesse* de tomar pílulas e cápsulas, ou uma colherada de alguma coisa, a pessoa saía do recinto para fazer isso. Não é o caso hoje. Quando estive hospedada com meu sobrinho Raymond, observei que alguns convidados pareciam chegar com uma quantidade de vidrinhos de pílulas e comprimidos. Tomam com, antes ou depois da comida. Levam aspirinas e coisas assim na bolsa e tomam o tempo todo... com xícaras de chá ou com o cafezinho depois do jantar. Entende o que estou dizendo?

— Ah, sim — disse o dr. Haydock —, agora entendo aonde quer chegar e é interessante. Está dizendo que... — interrompeu-se. — Vamos ouvir com suas próprias palavras.

— Estava dizendo que — sugeriu Miss Marple — seria bastante possível... audacioso, mas possível... que alguém pegasse aquele copo e, é claro, uma vez em suas mãos, ele seria considerado como sendo o seu drinque, o que permitiria ao sujeito adicionar qualquer coisa muito *abertamente*. Nesse caso, veja bem, ninguém daria atenção ao fato.

— Ele... ou ela... no entanto, não teria tanta certeza disso — observou Haydock.

— Não — concordou Miss Marple —, seria tentar a sorte, uma jogada arriscada... mas *pode* ter acontecido. E daí — ela continuou — temos a terceira possibilidade.

— Possibilidade um, um ignorante — lembrou o doutor. — Possibilidade dois, um jogador... qual é a possibilidade três?

— Alguém viu o que aconteceu e silenciou de propósito.

Haydock franziu o cenho.

— Por que motivo? — perguntou. — Está sugerindo chantagem? Se for...

— Se for — interveio Miss Marple —, é algo muito perigoso de se fazer.

— Sim, de fato.

Ele olhou de repente para a plácida velhinha, segurando no colo a peça em lã branca angorá.

— Seria essa terceira possibilidade a que considera a mais provável?

— Não — declarou Miss Marple —, não iria tão longe assim. Não tenho base suficiente no momento. A menos que — completou cheia de cautela — mais alguém acabe morto.

— Acha que mais alguém vai acabar morto?

— Espero que não — disse Miss Marple. — Confio e rezo para que não. Mas é tão comum de acontecer, dr. Haydock. Essa é a parte mais triste e assustadora. É tão comum de acontecer.

CAPÍTULO 17



Ella recolocou o telefone no gancho, sorriu sozinha e saiu da cabine do telefone público. Estava satisfeita consigo mesma.

— Inspetor-chefe Deus Todo-Poderoso Craddock! — disse em voz alta. — Sou duas vezes melhor do que ele neste trabalho. Variações sobre o mesmo tema: “Fuja, já sabem de tudo!”.

Recriou, com uma boa dose de prazer, as reações recém-experimentadas pela pessoa do outro lado da linha. O sussurro ameaçador quase inaudível chegando pelo receptor. “*Eu vi você...*”

Deu uma gargalhada silenciosa, os cantos da boca se curvaram para cima formando uma linha ferina e cruel. Qualquer estudante de psicologia a teria observado com algum interesse. Jamais antes desses últimos dias experimentara tal sensação de poder. Mal percebia o quanto essa embriaguez mental a estava afetando...

Passou pelo Alojamento Leste e a sra. Bantry, ocupada como sempre com o jardim, acenou para ela.

“Que droga essa velha”, pensou Ella. Sentia os olhos da sra. Bantry a seguindo enquanto caminhava pela rua.

Lembrou-se de um ditado sem nenhum motivo aparente.

Tantas vezes o balde vai ao poço que um dia quebra...

Bobagem. Ninguém poderia suspeitar que era ela quem sussurrava aquelas palavras ameaçadoras...

Espirrou.

— Que droga esta alergia — disse Ella Zielinsky.

Quando entrou no escritório, Jason Rudd estava de pé junto à janela.

Ele deu a volta na mesa.

— Não fazia ideia de onde você poderia estar.

— Tive de ir falar com o jardineiro. Havia... — ela se deteve ao reparar na expressão dele. Perguntou bruscamente: — O que foi?

Os olhos dele pareciam mais fundos do que nunca. Toda a alegria de palhaço desaparecera. Ali estava um homem sob muita pressão. Ella já o vira sob pressão antes, mas jamais com aquela fisionomia.

Perguntou de novo:

— O que foi?

Ele estendeu uma folha de papel.

— Esta é a análise daquele café. O café de que Marina reclamou e não quis tomar.

— Mandou para análise?

Ela estava surpresa:

— Mas você derramou tudo na pia. Eu mesma vi.

A boca larga se contorceu num sorriso.

— Tenho muita destreza, Ella — explicou. — Não sabia disso, sabia? Pois é, joguei fora a maior parte do líquido, mas guardei um pouco e mandei para a análise.

Ela examinou o papel que estava segurando.

— *Arsênico* — a voz dela demonstrava incredulidade.

— Sim, arsênico.

— Então Marina tinha razão quanto ao gosto amargo?

— Não tinha razão quanto a isso. O arsênico não tem gosto. Mas o instinto dela estava correto.

— E a gente achando que estava simplesmente histérica!

— Ela está histérica! Quem não ficaria? Uma mulher caiu morta praticamente aos seus pés. Recebe bilhetes ameaçadores... um depois do outro... não chegou nenhum hoje, chegou?

A secretária meneou a cabeça.

— Quem é que traz essas porcarias? Ah, bem, suponho que seja bem fácil... com todas essas janelas abertas. Qualquer um pode se esgueirar por elas.

— Está dizendo que deveríamos colocar grades e trancar a casa toda? Mas os dias andam tão quentes. Afinal já temos um homem de guarda no terreno.

— Pois é, e não quero que ela fique mais aterrorizada do que já está. Bilhetes ameaçadores não importam tanto. Mas arsênico, Ella, arsênico é diferente...

— Ninguém poderia envenenar a comida dela aqui dentro da casa.

— Não poderiam, Ella? Será que não poderiam?

— Não sem serem vistos. Nenhuma pessoa não autorizada...

Ele a interrompeu.

— As pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro, Ella.

— Dificilmente isso inclui um assassinato!

— Até isso. E poderiam não se dar conta de que seria assassinato... Os empregados...

— Tenho certeza de que os empregados são inocentes.

— Giuseppe, por exemplo. Não sei se eu confiaria tanto assim em Giuseppe se a questão envolvesse dinheiro... Já está conosco há algum tempo, é claro, mas...

— Realmente precisa se torturar tanto assim, Jason?

Ele se atirou na cadeira. Inclinou-se para a frente, os longos braços enfiados entre os joelhos.

— O que fazer? — disse devagar e em voz baixa. — Meu Deus, o que fazer?

Ella não falou nada. Ficou sentada olhando para ele.

— Ela estava feliz aqui — disse Jason.

Ele estava falando mais para si mesmo do que para a secretária. Fixou o olhar entre os joelhos, na direção do carpete. Se tivesse olhado para cima, talvez a expressão no rosto dela o tivesse surpreendido.

— Estava feliz — repetiu ele. — Tinha esperanças de ser feliz e *estava* feliz. Ela estava repetindo isso naquele dia, o dia em que aquela senhora, como é mesmo o nome...

— Bantry?

— Isso. No dia em que a sra. Bantry veio tomar chá. Disse que era “tão tranquilo”. Disse que enfim encontrara um lugar onde poderia se acomodar, ser feliz e se sentir segura. Minha nossa, segura!

— Feliz para sempre? — a voz de Ella traiu um leve tom de ironia. — Sim, dito dessa maneira soa exatamente como um conto de fadas.

— De qualquer jeito, acreditava nisso.

— E você, não! — afirmou Ella. — Nunca achou que seria *mesmo* desse jeito, não é?

Jason Rudd sorriu.

— Não. Não levei ao pé da letra. Mas achei que por um bom tempo, um ou dois anos, haveria um período de calma e contentamento. Poderia ter se transformado numa nova mulher. Poderia ter conquistado mais autoconfiança. Ela pode ser feliz, sabe. Quando fica feliz, é como uma criança. Igual a uma criança. Mas agora... tinha de acontecer isso com ela.

Ella se remexeu inquieta.

— As coisas acontecem para todos nós — falou bruscamente. — Assim é a vida. Apenas temos de aceitar. Algumas pessoas conseguem, outras não. Ela é do tipo que não.

Espirrou.

— Sua alergia piorou de novo?

— Sim. A propósito, Giuseppe foi para Londres.

Jason pareceu um pouco surpreso.

— Para Londres? Por quê?

— Algum problema de família. Tem parentes no Soho, e um deles está terrivelmente doente. Ele conversou com Marina sobre isso, e ela disse que tudo bem, então eu dei um dia de folga para ele. Vai voltar para cá de noite. Não se incomoda, não é?

— Não — respondeu Jason —, não me importo...

Levantou-se e andou de um lado a outro.

— Se eu pudesse tirá-la daqui... já... imediatamente.

— Fazer de conta que o problema não existe? Mas pense bem...

Ele ergueu a voz.

— Não consigo pensar em mais nada além de Marina. Não entende? Ela está em perigo. É só nisso que consigo pensar.

Ela abriu a boca de um jeito impulsivo, mas a fechou de novo.

Deu mais um espirro abafado e se levantou.

— É melhor buscar meu nebulizador.

Saiu da sala e foi para o quarto. Uma palavra retumbava em sua cabeça.

“*Marina... Marina... Marina... Sempre Marina...*”

Um acesso de fúria começou a se formar. Ela se acalmou. Foi até o banheiro e apanhou o spray que estava usando.

Inseriu o bico em uma das narinas e apertou.

O aviso chegou com um segundo de atraso... O cérebro reconheceu o odor incomum de amêndoas amargas... mas não a tempo de paralisar os dedos que apertavam o recipiente.

CAPÍTULO 18



I

Frank Cornish recolocou o fone no gancho.

— A sra. Brewster está passando o dia fora de Londres — anunciou.

— Está, é? — disse Craddock.

— Acha que ela...

— Não sei. Não teria por que pensar assim, mas não sei. E Ardwyck Fenn?

— Saiu. Deixei um recado para ele lhe telefonar. E Margot Bence, fotógrafa de celebridades, tem um trabalho em algum lugar no interior. O frutinha que é sócio dela não sabia dizer onde... ou pelo menos disse que não sabia. E o mordomo se mandou para Londres.

— Fico pensando — disse Craddock meditativo — se o mordomo teria se mandado de vez. Sempre suspeito de parentes à beira da morte. Por que teria ficado repentinamente ansioso para ir a Londres hoje?

— Pode ter colocado o cianeto no nebulizador com toda a facilidade antes de sair.

— Qualquer um pode.

— Mas acho que ele é o mais indicado. É difícil que tenha sido alguém de fora.

— Ah, mas pode ter sido, sim. Teria de escolher bem o momento certo. A pessoa poderia deixar o carro em alguma das vielas laterais, aguardar até que todo mundo estivesse na sala de jantar, digamos, e se esgueirar por uma janela até o andar de cima. Os arbustos chegam bem perto da casa.

— É arriscado demais.

— Esse assassino não se importa em correr riscos, entende? Isso tem ficado evidente o tempo todo.

— Estávamos com um homem de guarda na propriedade.

— Eu sei. Um não foi suficiente. Enquanto era apenas uma questão de cartas anônimas, não

achei que houvesse tanta urgência. A própria Marina Gregg está bem protegida. Nunca me ocorreu que mais alguém pudesse estar em perigo. Eu...

O telefone tocou. Cornish atendeu.

— É do Dorchester. O sr. Ardwyck Fenn está na linha.

Ofereceu o aparelho para Craddock, que o apanhou.

— Sr. Fenn? Aqui é Craddock.

— Ah, sim. Fiquei sabendo que me procurou. Passei o dia inteiro fora.

— Sinto em lhe informar, sr. Fenn, que a srta. Zielinsky morreu esta manhã... de envenenamento por cianeto.

— É mesmo? Estou chocado com essa informação. Foi acidente? Ou não?

— Não foi acidente. Colocaram ácido prússico no nebulizador que ela tinha o hábito de usar.

— Entendo. Sim, entendo... — houve uma pausa breve. — E por que, se me permite perguntar, o senhor me ligaria para falar sobre essa ocorrência angustiante?

— Conhecia a srta. Zielinsky, sr. Fenn?

— Sem dúvida a conhecia. Conheço há alguns anos. Mas não era uma amiga próxima.

— Achamos que o senhor, quem sabe, pudesse nos ajudar?

— De que maneira?

— Estávamos cogitando se poderia sugerir algum motivo para a morte. Ela é estrangeira neste país. Sabemos muito pouco sobre os amigos, associações ou qualquer circunstância da vida dela.

— Diria que Jason Rudd seria a pessoa indicada para interrogarem a respeito disso.

— Naturalmente. Já o fizemos. Mas poderia haver uma remota chance de que o senhor soubesse algo sobre a vítima que não fosse do conhecimento dele.

— Receio que não seja verdade. Não sei quase nada sobre Ella Zielinsky, exceto que era uma jovem das mais competentes e fazia um trabalho de primeira linha. Sobre a vida privada dela, não sei absolutamente nada.

— Não tem então nenhuma sugestão?

Craddock estava pronto para uma negativa decisiva, mas, para sua surpresa, não foi o que aconteceu. Em vez disso, houve uma pausa. Podia ouvir Ardwyck Fenn respirando pesadamente do outro lado da linha.

— Ainda está aí, inspetor-chefe?

— Sim, sr. Fenn. Estou aqui.

— Decidi lhe contar algo que pode ser útil para os senhores. Quando ouvir o que é, vai

compreender que tenho todos os motivos para guardar isso em segredo. Mas julgo que, no fim das contas, isso não seria inteligente. Os fatos são os seguintes. Uns dois dias atrás, recebi um telefonema. Uma voz falou comigo num sussurro. Dizia, vou repetir exatamente: *“Eu vi você... Vi você colocando os comprimidos no copo... Não sabia que havia uma testemunha ocular, sabia? Por enquanto é só, muito em breve será informado de como deve proceder”*.

Craddock proferiu uma exclamação de puro assombro.

— Espantoso, não é, sr. Craddock? Vou lhe assegurar categoricamente que a acusação era de todo descabida. Não coloquei comprimidos no copo de ninguém. Desafio qualquer um a provar que fiz isso. A acusação é um absurdo tremendo. Mas isso daria a entender, não daria, que a srta. Zielinsky estava embarcando em um esquema de chantagem.

— Reconheceu a voz dela?

— Não se pode reconhecer um sussurro. Mas foi Ella Zielinsky, sem sombra de dúvida.

— Como sabe?

— A pessoa que estava sussurrando espirrou muito antes de desligar. Eu sabia que a srta. Zielinsky sofria de alergias.

— E está achando... o quê?

— Acho que a srta. Zielinsky deu o bote na pessoa errada na primeira tentativa. Está me parecendo possível que tenha tido mais sucesso depois. A chantagem é um jogo perigoso.

Craddock se recompôs.

— Preciso lhe agradecer por seu depoimento, sr. Fenn. Por questões formais, é necessário que eu confirme seus movimentos durante o dia.

— Faz sentido. Meu chofer pode lhe fornecer informações detalhadas.

Craddock desligou e repetiu o que Fenn acabara de contar. Cornish assobiou.

— Isso o deixa completamente de fora. Ou então...

— Ou então é um blefe dos mais magníficos. Pode ser. É do tipo de homem que teria coragem para tanto. Se houver a menor possibilidade de que Ella Zielinsky tenha deixado um registro de suas suspeitas, o fato de ele tomar as rédeas à força é um blefe magnífico.

— E o álibi dele?

— Já encontramos vários ótimos exemplos de álibis falsos no nosso trabalho — disse Craddock. — Ele poderia pagar uma boa quantia para obter um.

II

Já passava da meia-noite quando Giuseppe retornou a Gossington Hall. Tomou um táxi de Much Benham, pois o último trem da linha que ia para St. Mary Mead já havia partido.

Estava de muito bom humor. Pagou a corrida do táxi no portão e tomou um atalho, cruzando por dentro dos arbustos. Abriu a porta dos fundos com a chave. A casa estava escura e silenciosa. Giuseppe fechou a porta e pôs a tranca. Ao virar-se para a escada que levava à sua confortável suíte de quarto com banheiro, reparou que havia uma corrente de ar. Uma janela aberta em algum lugar, talvez. Decidiu não se preocupar com aquilo. Subiu para o andar de cima sorrindo e emfiou a chave na porta. Sempre mantinha a suíte trancada. Ao girar a chave e empurrar a porta, sentiu a pressão de um aro duro e redondo nas suas costas. Uma voz disse: “Ponha as mãos para cima e não grite”.

Giuseppe levantou as mãos depressa. Não arriscaria a sorte. Na verdade, não havia nada para arriscar.

O gatilho foi apertado... uma... duas vezes.

Giuseppe desabou para a frente.

III

Bianca levantou a cabeça do travesseiro.

Fora um tiro... Teve quase certeza de que ouvira um tiro... esperou alguns minutos. Depois decidiu que havia se enganado e voltou a dormir.

CAPÍTULO 19



I

— É medonho demais — concluiu a srta. Knight. Ela depositou os pacotes e tentou recuperar o fôlego.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Miss Marple.

— Não gosto nem um pouco da ideia de lhe contar sobre nada disto, querida, realmente não quero. Pode ser um choque para a senhora.

— Se não me contar — disse Miss Marple —, vou saber por outra pessoa.

— Minha nossa, minha nossa, isso é bem verdade — disse a srta. Knight. — Sim, isso é uma terrível verdade. Todo mundo fala demais, é o que dizem. E imagino que seja bem assim. Jamais repito nada do que escuto. Sou muito cuidadosa.

— Estava dizendo — instigou Miss Marple — que alguma coisa muito horrível havia acontecido?

— Aquilo me afetou de uma maneira... — disse a srta. Knight. — Tem certeza de que não sente a corrente de ar que vem daquela janela, minha querida?

— Gosto de um pouco de ar fresco — respondeu Miss Marple.

— Ah, mas não podemos pegar um resfriado, não é? — disse a srta. Knight, já impondo. — Vamos fazer o seguinte. Vou à cozinha rapidinho e preparo um bom Egnog. Gostaríamos de tomar isso, não gostaríamos?

— Não sei se a *senhorita* gostaria — disse Miss Marple. — Eu adoraria que preparasse o Egnog para si mesma se quiser tomá-lo.

— Ora, ora — disse a srta. Knight, balançando o indicador —, apreciamos tanto a nossa piadinha, não é mesmo?

— Mas estava prestes a me contar alguma coisa — disse Miss Marple.

— Bem, não pode se preocupar com isso — disse a srta. Knight — e não pode permitir

que isso lhe deixe nervosa de jeito nenhum, porque estou certa de que não tem nada a ver *conosco*. Mas com todos esses gângsteres americanos e coisas assim, bem, suponho que não deveríamos nos espantar.

— Alguém mais foi assassinado — disse Miss Marple —, é isso?

— Ah, isso é muita astúcia sua. Não sei o que pode ter levado a senhora a pensar numa coisa dessas.

— Na verdade — falou Miss Marple com ar pensativo —, estava esperando por isso.

— Ah, é mesmo?! — exclamou a srta. Knight.

— Alguém sempre vê alguma coisa — disse Miss Marple —, só que às vezes leva um pouco de tempo para que percebam o que foi que eles viram. Quem foi, quem morreu?

— O mordomo italiano. Levou um tiro na noite passada.

— Sei — disse Miss Marple concentrada. — Sim, muito provável, é claro, mas achava que ele teria percebido muito antes a importância do que viu...

— Francamente! — exclamou a srta. Knight. — A senhora fala como se soubesse tudo sobre o assunto. Por que ele acabaria morto?

— Imagino — disse Miss Marple com cautela — que tenha tentado chantagear alguém.

— Ele passou o dia em Londres ontem, é o que dizem.

— Ele fez isso, é? — indagou Miss Marple. — Isso é muito interessante e sugestivo também, eu acho.

A srta. Knight foi para a cozinha decidida a preparar bebidas nutritivas. Miss Marple ficou sentada, pensando, até ser perturbada pelo zumbido alto e agressivo do aspirador de pó, acompanhado pela voz de Cherry cantando a mais nova eleita das paradas de sucesso: “*I Said to You and You Said to Me*”.

A srta. Knight enfiou a cabeça para fora da porta da cozinha.

— Não faça tanto barulho, por favor, Cherry — disse. — Não quer incomodar a Miss Marple, quer? Precisa ter consideração, sabe.

Ela fechou de novo a porta da cozinha enquanto Cherry advertia, talvez para si mesma, talvez para o mundo:

— E quem disse que você podia me chamar de Cherry, sua panela velha?

O aspirador continuou a gemer enquanto Cherry cantava numa voz mais moderada. Miss Marple chamou num tom alto e bem claro:

— Cherry, venha aqui um instante.

Cherry desligou o aspirador e abriu a porta da sala.

— Não quis incomodá-la com minha cantoria, Miss Marple.

— Sua cantoria é muito mais agradável do que aquele barulho horrendo que o aspirador faz — disse Miss Marple —, mas sei que precisamos nos adaptar aos novos tempos. Não adiantaria nada pedir que vocês, jovens, utilizassem a pазinha e a vassoura, como fazíamos antigamente.

— Como, e me ajoelhar com pазinha e vassoura em punho? — Cherry expressou inquietação e surpresa.

— Algo inimaginável, eu sei — disse Miss Marple. — Entre e feche a porta. Chamei você porque queria conversar.

Cherry obedeceu e foi ao encontro de Miss Marple com ar de interrogação.

— Não temos muito tempo — falou Miss Marple. — Aquela velha... a srta. Knight, digo... vai voltar a qualquer momento com algum tipo de Egnog.

— É bom para a senhora, imagino. Vai lhe deixar animada — disse Cherry, para encorajá-la.

— Já soube — perguntou Miss Marple — que o mordomo de Gossington Hall levou um tiro na noite passada?

— O quê? O gringo? — indagou Cherry.

— Sim. O nome dele é Giuseppe, pelo que sei.

— Não — disse Cherry —, *disso* não estava sabendo. Ouvi dizer que a secretária do sr. Rudd teve um ataque cardíaco ontem, e alguém disse que na verdade ela tinha morrido... mas suspeito que seja apenas um boato. Quem lhe falou do mordomo?

— A srta. Knight voltou para me contar.

— Claro que não encontrei ninguém hoje de manhã para falar das novidades — disse Cherry —, não antes de vir para cá. Imagino que a notícia tenha acabado de se espalhar. Ele foi eliminado?

— É o que todos acham — disse Miss Marple —, agora, se estão certos ou não, não sei direito.

— Esse é um assunto ótimo para se debater — comentou Cherry. — Será que Gladys chegou a falar com ele, ou não? — acrescentou pensativa.

— Gladys?

— Ah, uma amiga que eu tenho. Mora perto na minha rua. Trabalha na cantina dos estúdios.

— E falou com você sobre Giuseppe?

— Bem, aconteceu algo que ela achou um pouco esquisito e ia perguntar a ele o que devia fazer a respeito. Mas, se quiser saber minha opinião, aquilo era só uma desculpa... ela tem

uma quedinha por ele. E claro, ele é bem bonitão, e os italianos têm um jeito charmoso; no entanto, eu disse para ela tomar cuidado com ele. A senhora sabe como são os italianos.

— Ele foi passar o dia em Londres ontem — disse Miss Marple — e só retornou à noite, pelo que entendi.

— Gostaria de saber se ela conseguiu falar com ele antes que partisse.

— Por que ela queria falar com ele, Cherry?

— Foi só algo que ela achou um pouco engraçado — respondeu.

Miss Marple olhou para ela, curiosa. Era capaz de entender “engraçado” na acepção que normalmente a palavra tinha para qualquer Gladys da vizinhança.

— Ela era uma das moças que estava ajudando lá na festa — explicou Cherry. — No dia da festa. A senhora sabe, quando a sra. Badcock bateu as botas.

— E? — Miss Marple parecia mais alerta do que nunca, quase com a mesma expressão de um fox terrier esperando em frente à toca de uma raposa.

— E houve algo que ela viu e achou um pouco engraçado.

— E por que ela não foi falar com a polícia sobre isso?

— Bem, não chegou a pensar que de fato significava alguma coisa, entende? — explicou Cherry. — Enfim, achou que seria melhor perguntar primeiro para o sr. Giuseppe.

— O que foi que ela viu naquele dia?

— Francamente — disse Cherry —, o que ela me contou pareceu uma bobagem sem tamanho! Fiquei pensando se, talvez, estivesse só me enrolando... e que o motivo pelo qual queria ver Giuseppe fosse algo bem diferente.

— Mas o que *foi* que ela disse? — Miss Marple era paciente e perseverante.

Cherry franziu as sobrancelhas.

— Estava falando sobre a sra. Badcock e o coquetel e disse que estava bem perto dela na hora. E disse que ela fez de propósito.

— Fez o que de propósito?

— Derramou o coquetel inteiro e estragou o vestido.

— Está dizendo que foi falta de jeito?

— Não, não falta de jeito. Gladys disse que ela fez aquilo de *propósito*... que teve a *intenção*. Bem, digo, não importa por que lado a gente veja, isso não faz o menor sentido, não é?

Miss Marple balançou a cabeça perplexa.

— Não — respondeu. — Com certeza não faz... não, não consigo ver nenhum sentido nisso.

— Além disso, estava usando um vestido novo — disse Cherry. — Foi por isso que surgiu o assunto. Gladys queria saber se conseguiria comprá-lo. Disse que talvez saísse na lavagem, mas não gostava da ideia de ir perguntar ao sr. Badcock. Gladys é uma ótima costureira e disse que o vestido era lindo. Um tafetá em azul-royal. Ela também falou que, se *estivesse* estragado com a mancha do coquetel, ela poderia tirar um pedaço... meia medida, vai... porque era uma daquelas saias bem rodadas.

Miss Marple ponderou por um momento aquele problema de corte e costura e depois o deixou de lado.

— Mas acha que sua amiga Gladys poderia estar escondendo alguma coisa?

— Bem, só pensei isso porque não vejo, se foi só isso que ela viu, isto é, Heather Badcock deliberadamente derramar o coquetel em cima dela mesma, não vejo por que ela teria algum motivo para perguntar algo para Giuseppe, não acha?

— Acho — disse Miss Marple. Suspirou. — Mas é sempre interessante quando a gente não vê — acrescentou. — Se a gente não entende o significado, é porque devemos estar olhando pelo lado errado, a menos, claro, que não tenhamos a informação completa. O que é bem provável que seja o caso aqui.

Ela suspirou:

— É uma pena que ela não tenha ido direto à polícia.

A porta se abriu e a srta. Knight entrou alvoroçada segurando um copo alto, corado com uma espuma amarelada e deliciosa.

— Bem, aqui está, querida — disse –, um lanchinho bem gostoso. Vamos gostar muito disso.

Puxou uma mesinha e colocou ao lado da patroa. Depois, lançou um olhar para Cherry.

— O aspirador de pó — falou com frieza — foi deixado numa posição das mais dificultosas no corredor. Quase tropecei nele. *Alguém* poderia sofrer um acidente.

— É para já — disse Cherry. — Melhor eu cuidar disso.

Deixou a sala.

— Francamente — disse a srta. Knight –, essa sra. Baker! Tenho sempre que reclamar sobre uma coisa ou outra. Deixando os aspiradores espalhados por aí e entrando aqui para bater papo com a senhora quando quer ficar sossegada.

— Eu a chamei — disse Miss Marple. — Queria falar com ela.

— Bem, espero que tenha mencionado o jeito que ela arruma as camas — disse a srta. Knight. — Fiquei bastante chocada quando fui preparar sua cama ontem à noite. Tive de refazer tudo.

— Foi muito gentil de sua parte — disse Miss Marple.

— Ah, jamais me queixo de poder ajudar — declarou a srta. Knight. — É para isso que estou aqui, não é? Para deixar alguém que conhecemos o mais confortável e feliz possível. Ai, ai, minha nossa — concluiu —, a senhora de novo desfez mais um bocado do seu tricô.

Miss Marple reclinou-se para trás e cerrou os olhos.

— Vou dar uma descansada — anunciou. — Deixe o copo aqui, obrigada. E, por favor, não entre ou me perturbe por pelo menos 45 minutos.

— Com certeza, não vou incomodar, querida — disse a srta. Knight. — E vou pedir à sra. Baker que não faça barulho.

Saiu da sala decidida.

II

O belo rapaz americano olhou ao redor com um ar de quem estava perdido.

As ramificações do bairro residencial o deixaram perplexo.

Dirigiu-se com toda a educação a uma velhinha de cabelos brancos e bochechas rosadas que parecia ser o único ser humano à vista.

— Com licença, senhora, mas poderia me dizer onde posso encontrar a Travessa Blenheim?

A velhinha o observou por um momento. Ele começava a se perguntar se ela seria surda e estava preparado para repetir a pergunta em um tom de voz mais alto quando ela pronunciou:

— Por aqui siga à direita, depois dobre à esquerda, na segunda, à direita, e depois é só seguir em frente. Que número está procurando?

— Dezesseis — consultou um pedacinho de papel. — Gladys Dixon.

— Isso mesmo — disse a velhinha. — Mas acredito que neste horário ela esteja trabalhando nos estúdios Hellingforth. Na cantina. Pode encontrá-la lá se estiver procurando por ela.

— Ela não apareceu para trabalhar esta manhã — explicou o rapaz. — Estou precisando que venha até Gossington Hall. Estamos com problemas de falta de pessoal lá hoje.

— Claro — disse a velhinha. — O mordomo levou um tiro ontem à noite, não foi?

O rapaz cambaleou um pouco de susto com aquele comentário.

— Acho que as notícias se espalham bem depressa por aqui — comentou.

— Se espalham, sim — disse a senhora. — A secretária do sr. Rudd morreu de algum tipo de ataque ontem também, pelo que sei.

Ela balançou a cabeça e continuou.

— Terrível. Terrível demais. Aonde vamos parar?

CAPÍTULO 20



I

Um pouco mais tarde, no mesmo dia, outro visitante foi em busca do número 16 na Travessa Blenheim. O sargento-detetive William (Tom) Tiddler.

Em resposta às fortes batidas, a porta pintada de amarelo brilhante foi aberta por uma garota de uns quinze anos mais ou menos. Tinha cabelos claros, embaraçados e compridos e vestia um par de calças pretas e um suéter laranja.

— A srta. Gladys Dixon mora aqui?

— Está procurando pela Gladys? Que falta de sorte. Ela não está.

— Onde ela foi? Saiu para aproveitar a noite?

— Não. Foi embora. Acho que tirou férias.

— E para onde?

— Não posso dizer — falou a garota.

Tom Tiddler sorriu do jeito mais conciliador possível.

— Posso entrar? Sua mãe está em casa?

— Mamãe está no trabalho, não vai chegar antes das sete e meia. Mas não vai poder lhe dizer nada além do que falei. Gladys viajou de férias.

— Ah, entendo. E quando ela partiu?

— Hoje de manhã. Muito de repente. Disse que teve a oportunidade de fazer uma viagem de graça.

— Quem sabe não se importaria em me passar o endereço dela.

A garota dos cabelos loiros meneou a cabeça.

— Não tem endereço — disse. — Gladys falou que mandaria o endereço assim que soubesse onde iria ficar. Mas é bem provável que não mande nada — concluiu. — No verão passado, foi para Newquay e nunca mandou sequer um cartão-postal. É desleixada desse jeito

mesmo e também sempre repete: “Por que as mães têm que ficar se preocupando o tempo todo?”.

— Alguém ofereceu essa viagem a ela?

— Só pode — respondeu a menina. — Anda bem dura agora, gastou tudo nas liquidações da semana passada.

— E você não faz a menor ideia de quem pode ter dado a viagem ou... pagado para que ela fosse viajar?

A moça de cabelos loiros de repente eriçou-se.

— Não vá tomando conclusões precipitadas. A nossa Gladys não é dessas. Ela e o namorado podem planejar passar as férias juntos em agosto, mas não há nada de errado com isso. Ela paga a parte dela. Então não vá tirando conclusões precipitadas, meu senhor.

Tiddler esclareceu, sem jeito, que não estava tirando nenhuma conclusão, mas gostaria de saber o endereço de Gladys Dixon caso ela viesse a enviar um cartão-postal.

Voltou para a delegacia com o resultado de seus vários interrogatórios. Nos estúdios, descobrira que Gladys Dixon telefonara naquele dia dizendo que não poderia ir trabalhar por uma semana. Também descobriu algumas outras coisas.

— O negócio lá anda um pandemônio sem fim — afirmou. — Marina Gregg tem tido crises histéricas quase que diariamente. Disse que um café que serviram para ela estava envenenado. Falou que tinha um gosto amargo. Um estado de nervos medonho o dela. O marido pegou e jogou o café na pia e disse para ela não criar tanto caso.

— E? — indagou Craddock. Parecia óbvio que a história não acabava ali.

— Correram boatos depois que o sr. Rudd não tinha jogado tudo fora. Guardou um pouco, mandou para a análise e era veneno.

— Está me parecendo — disse Craddock — muito improvável. Vou ter de conversar com ele a respeito.

II

Jason Rudd estava nervoso, irritável.

— Certamente, inspetor Craddock — disse. — Fiz apenas o que tinha o absoluto direito de fazer.

— Se suspeitava que houvesse algo de errado com aquele café, sr. Rudd, seria muito melhor se tivesse entregado para nós.

— A verdade é que não suspeitei por um instante que havia algo de errado com aquilo.

— Apesar de sua mulher ter afirmado que tinha um gosto estranho?

— Ah, isso!

Um discreto sorriso sardônico apareceu no rosto de Rudd.

— Desde o dia daquela festa, tudo que minha mulher come ou bebe tem algum gosto estranho. Isso somado aos bilhetes com ameaças que seguem chegando...

— Apareceram mais bilhetes?

— Mais dois. Um chegou pela janela lá de baixo. O outro foi jogado na caixa de correspondência. Aqui estão se quiser dar uma olhada.

Craddock examinou-os. Eram datilografados, como o primeiro. Um dizia:

Não vai demorar muito. Esteja preparada.

O segundo tinha um desenho tosco de uma caveira com os ossos cruzados e dizia embaixo:

Essa é você, Marina.

As sobrancelhas de Craddock se ergueram.

— Muito infantis — declarou.

— Isso significa que não os considera perigosos?

— De modo algum — disse Craddock. — A mente de um criminoso em geral é infantil. O senhor não tem mesmo nenhuma suspeita de quem possa ter enviado estes bilhetes?

— Nenhuma — respondeu Jason. — Não consigo parar de pensar que está mais para uma brincadeira macabra do que qualquer outra coisa. Pareceu que talvez... — hesitou.

— Pois não, sr. Rudd?

— Que poderia ser alguém desta área, talvez, que... que ficou impressionado com o envenenamento do dia da festa. Alguém que talvez guarde algum rancor com a profissão de ator. Há algumas regiões rurais que consideram os atores instrumentos do diabo.

— Quer dizer que não acredita que a srta. Gregg esteja sendo ameaçada de fato? Mas o que me diz dessa história do café?

— Nem sei como foi que ficou sabendo dessa história — disse Rudd, demonstrando

irritação.

Craddock meneou a cabeça.

— Todo mundo comentou. Sempre chega aos nossos ouvidos, mais cedo ou mais tarde. Mas deveria ter vindo nos procurar. Não nos avisou nada nem mesmo quando recebeu o resultado da análise, avisou?

— Não — admitiu Jason. — Não avisei. Mas tinha outras coisas com que me preocupar. A morte da coitada da Ella, por exemplo. E agora esse caso com Giuseppe. Inspetor Craddock, quando é que posso tirar minha mulher daqui? Ela está quase frenética.

— Entendo. Mas vai haver alguns inquéritos de que ela precisa participar.

— Acredita que a vida dela ainda está em perigo?

— Espero que não. Todas as precauções estão sendo tomadas...

— Todas as precauções! Já ouvi isso antes, acho... preciso arrancá-la daqui, Craddock. Preciso.

III

Marina estava deitada sobre a chaise longue no quarto com os olhos fechados. Parecia esmaecida pelo desgaste e pela fadiga.

O marido ficou ali um momento, olhando. Ela abriu os olhos.

— Aquele homem era o Craddock?

— Era.

— Por que motivo ele veio? Ella?

— Ella... e Giuseppe.

Marina franziu a testa.

— Giuseppe? Descobriram quem foi que atirou nele?

— Ainda não.

— É tudo um pesadelo... Disse que podíamos ir embora?

— Disse que... ainda não.

— Por que não? Nós precisamos. Você não conseguiu fazer com que ele entendesse que eu não posso ficar esperando dia após dia que alguém me mate. É surreal.

— Todas as precauções serão tomadas.

— Já disseram isso antes. Por acaso evitou que Ella fosse morta? Ou Giuseppe? Não vê que querem chegar a mim no final... Havia algo no meu café aquele dia no estúdio. Tenho certeza de que havia... se ao menos não tivesse jogado tudo fora! Se tivéssemos guardado, poderíamos ter mandado para análise, ou como quer que chamem aquilo. Teríamos sabido com certeza...

— Você ficaria mais feliz se soubesse com certeza?

Ela olhou fixo para ele, as pupilas dos olhos amplamente dilatadas.

— Não entendo aonde quer chegar. Se tivessem a certeza de que alguém estava tentando me envenenar, teriam nos deixado ir embora daqui, teriam nos deixado escapar.

— Não necessariamente.

— Mas não posso continuar deste jeito! Não posso... Não posso... Você tem que me ajudar, Jason. Precisa fazer *alguma coisa*. Estou apavorada. Estou terrivelmente apavorada... Há um inimigo aqui. E não sei quem é... Pode ser qualquer um, qualquer um. Nos estúdios, ou aqui em casa, alguém que me odeia; mas por quê?... Por quê?... Alguém que quer me ver morta... Mas quem é essa pessoa? Quem é? Pensei que... cheguei a ter quase certeza de que fosse Ella. Mas agora...

— Achou que pudesse ser Ella? — a voz de Jason demonstrava seu espanto. — Mas por

quê?

— Porque ela me odiava... ah, sim, me odiava. Como é que os homens nunca enxergam essas coisas? Ela era loucamente apaixonada por você. Não acredito que você tivesse a menor noção disso. Mas não pode ter sido Ella porque Ella está morta. Ai, Jinks, Jinks... me ajude... me leve embora daqui... me deixe ir para algum lugar seguro... seguro...

Ela se levantou num pulo e caminhou de um lado a outro, mexendo e contorcendo as mãos.

O lado direito de Jason estava tomado de admiração por aqueles movimentos arrebatados e atormentados. “Preciso me lembrar deles”, pensou. “Para o papel de Hedda Gabler, talvez?” Então, com um choque, lembrou-se de que era a própria esposa que ele estava observando.

— Está tudo bem, Marina, tudo bem. Vou cuidar de você.

— Temos que ir embora desta casa execrável agora mesmo. Odeio esta casa, odeio.

— Escute, não podemos ir embora imediatamente.

— Por que não? Por que *não*?

— Porque — respondeu Rudd — mortes trazem complicações... e há outra coisa que precisamos considerar. Fugir daqui vai trazer algum benefício?

— É claro que vai. Vamos fugir dessa pessoa que me odeia.

— Se existe alguém que a odeia tanto assim, poderia segui-la com facilidade.

— Está dizendo... está dizendo... que eu *nunca* vou conseguir escapar? Nunca mais me sentirei segura?

— Meu bem, vai dar tudo certo. Vou cuidar de você. Vou mantê-la segura.

Ela se agarrou nele.

— Vai mesmo, Jinks? Vai cuidar mesmo para que nada me aconteça?

Ela desfaleceu sobre ele, e o marido a colocou com toda a delicadeza sobre a chaise longue.

— Ai, sou uma covarde — murmurou ela —, uma covarde... se soubesse *quem* é... e por quê?... Pegue meus comprimidos para mim, os amarelos, não os marrons. Preciso tomar algo para me acalmar.

— Não tome muitos, pelo amor de Deus, Marina.

— Está bem, está bem... às vezes eles nem chegam mais a fazer efeito...

Ergueu o rosto para olhar para ele. Sorriu, era um sorriso terno e delicado.

— Vai tomar conta de mim, Jinks? Jura que vai tomar conta de mim?

— Sempre — afirmou Jason Rudd. — Até o fim.

Os olhos dela se arregalaram.

— Você ficou tão... tão esquisito ao dizer isso.

— Foi, é? Que cara eu fiz?

— Não sei explicar. Como... como um palhaço rindo de algo extremamente triste, que ninguém mais viu...

CAPÍTULO 21



I

Foi um inspetor Craddock cansado e deprimido que se encontrou com Miss Marple no dia seguinte.

— Sente-se e fique à vontade — ela disse. — Dá para perceber o quanto está atribulado.

— Não gosto de ser derrotado — disse o inspetor Craddock. — Dois assassinatos em 24 horas. Pois bem, sou pior do que pensava no meu trabalho. Sirva para mim uma xícara de chá, tia Jane, com umas fatias finas de pão com manteiga e me console com suas lembranças mais antigas de St. Mary Mead.

Miss Marple estalou a língua com um jeito compreensivo.

— Não faz bem ficar falando assim, meu querido rapaz, e não acho que pão com manteiga seja *de jeito nenhum* o que você quer. Os cavalheiros, quando sofrem decepções, querem tomar algo mais forte do que um chazinho.

Como de costume, Miss Marple pronunciou a palavra “cavalheiros” como quem descreve uma espécie exótica.

— Recomendaria uma dose bem forte de uísque com soda — ela disse.

— Está falando sério, tia Jane? Bem, não vou recusar.

— E eu mesma vou pegar para você — disse Miss Marple, levantando-se.

— Ah, não, não faça isso. Permita-me. Ou melhor, cadê aquela srta. Fulana de Tal?

— Não queremos a srta. Knight fuxicando por aqui — declarou Miss Marple. — Vai trazer meu chá só daqui a uns vinte minutos, isso nos dá um pouco de calma e sossego. Muito inteligente ter entrado pela varanda e não pela porta da frente. Assim podemos ter uns minutos de tranquilidade a sós.

Ela foi até o armário de canto, abriu e retirou uma garrafa, um sifão de soda e um copo.

— A senhora é cheia de surpresas — disse Dermot Craddock. — Não fazia ideia de que era isso que guardava no armário de canto. Tem certeza de que não é dessas pessoas que bebe

às escondidas, tia Jane?

— Ora essa — Miss Marple o repreendeu. — Jamais fui uma defensora da abstenção. É sempre recomendável ter à mão um pouco de bebida bem forte, para casos de choque ou acidente. É de um valor inestimável nesses casos. Ou, é claro, no caso de um cavalheiro aparecer de surpresa. Pronto! — exclamou Miss Marple, entregando a ele o remédio preparado com um ar de discreto triunfo. — E pode deixar os gracejos de lado. Apenas se sente aí quieto e relaxe.

— Que maravilhosas deviam ser as esposas nos seus tempos de juventude — comentou Dermot Craddock.

— Tenho certeza, meu querido, de que acharia essa mesma juvenzinha que acaba de descrever uma companheira muito despreparada para os dias de hoje. As moças não eram encorajadas a ser intelectuais e pouquíssimas tinham diploma universitário ou qualquer formação acadêmica.

— Há coisas mais importantes do que distinções acadêmicas — disse Dermot. — Uma delas é saber quando um homem precisa de um uísque com soda e servi-lo a ele.

Miss Marple abriu um sorriso afetuoso:

— Vamos — disse —, conte-me tudo. Ou, ao menos, o quanto tem permissão para me contar.

— Acho provável que saiba tanto quanto eu. E muito possivelmente tem algo escondido na manga. E esse seu cão de guarda, sua querida srta. Knight? Que tal se foi ela quem cometeu o crime?

— Ora, e por que a srta. Knight teria feito uma coisa dessas? — indagou Miss Marple surpresa.

— Porque é a pessoa mais improvável — disse Dermot. — Na maioria das vezes, isso faz tanto sentido quando a senhora apresenta sua solução.

— De jeito nenhum — falou Miss Marple com veemência. — Já afirmei reiteradas vezes, não só para você, meu querido Dermot, se me permite chamá-lo assim, que é sempre a pessoa mais *óbvia* que cometeu o crime. A gente pensa com tanta frequência na esposa ou no marido e, com muita frequência, foi *mesmo* a esposa ou o marido.

— Neste caso, Jason Rudd? — Dermot balançou a cabeça. — Aquele homem tem adoração por Marina Gregg.

— Eu estava falando em termos gerais — esclareceu Miss Marple com dignidade. — Primeiro, tivemos a sra. Badcock, aparentemente assassinada. A gente se perguntou quem poderia ter feito uma coisa dessas, e a primeira resposta seria, como é natural, o marido.

Então tivemos de explorar aquela possibilidade. Depois, decidimos que o verdadeiro alvo do crime fora Marina Gregg e, aí, de novo, temos de averiguar a pessoa mais intimamente ligada a Marina Gregg, começando, como eu digo, pelo marido. Porque não há dúvidas de que os maridos, muitas vezes, querem se livrar das esposas, embora algumas vezes, é claro, apenas *desejem* se livrar das esposas e não tomem nenhuma atitude de fato. Mas concordo com você, meu caro, que Jason Rudd realmente quer bem Marina Gregg, de todo o coração. *Poderia* se tratar de uma encenação muito bem-feita, ainda que eu dificilmente acredite nisso. E, com certeza, não se consegue achar um motivo qualquer para que ele quisesse se livrar dela. Se desejasse se casar com outra, eu diria que não haveria nada mais simples. O divórcio, se me permite, parece algo tão natural para as estrelas de cinema. Uma vantagem de ordem prática também não se sustenta. Não é, de jeito nenhum, um homem pobre. Tem sua própria carreira e, pelo que entendo, obtém muito sucesso naquilo que faz. Então devemos ir além em nosso campo de estudos. Mas é com certeza difícil. Sim, muito difícil.

— Sim — concordou Craddock —, sobretudo para a senhora, porque, claro, esse mundo do cinema lhe é inteiramente novo. A senhora não sabe dos escândalos locais e todo o resto.

— Sei um pouco mais do que imagina — disse Miss Marple. — Estudei com muita atenção vários exemplares de *Confidential*, *da Film Life*, *da Film Talk* e *da Film Topics*.

Dermot Craddock deu uma gargalhada. Ele não conseguiu segurar.

— Preciso confessar — disse — que acho muito engraçado ver a senhora, sentadinha aí, me contando sobre seu recente material de leitura.

— Achei muito interessante — disse Miss Marple. — Não são particularmente bem escritas, se me permite dizer. Mas é mesmo muito decepcionante no sentido de serem tão idênticas ao que eram nos meus tempos de juventude. *Modern Society* e *Tit Bits* e todas as outras revistas. Uma porção de fofocas. Uma porção de escândalos. Uma grande preocupação com quem está apaixonado por quem, e por aí vai. Na realidade, sabe, é praticamente o mesmo tipo de coisa que ocorre em St. Mary Mead. E no Loteamento também. A natureza humana, digo, é a mesma em qualquer lugar. Voltando então à questão de quem poderia ter desejado matar Marina Gregg: alguém que queria tanto que, tendo fracassado da primeira vez, passou a enviar cartas ameaçadoras e fez novas tentativas para alcançar seu objetivo. Alguém talvez um pouco... — deu umas batidinhas leves com o dedo na testa.

— Isso — disse Craddock —, com certeza parece apontar para isso. E, claro, nem sempre é evidente em alguém.

— Ah, eu sei — concordou Miss Marple com fervor. — O segundo menino da velha sra. Pike, Alfred, *aparentava* ser perfeitamente racional e normal. Chegava a ser quase que

dolorosamente prosaico, se é que me entende, mas na realidade parece que tinha uma psicologia das mais anormais, ou foi isso que entendi. De fato era muito perigoso. Hoje parece estar bem feliz e contente, foi o que a sra. Pike me disse, agora que ele está internado no Fairways Mental Home. Lá ele se sente compreendido, e os médicos acham que é um caso interessantíssimo. Isso, claro, deixa o menino muito satisfeito. Sim, a história teve um final bastante feliz, mas ela passou por um ou dois momentos bem arriscados.

Craddock revirou seus pensamentos buscando a possibilidade de um paralelo entre alguém no entourage de Marina Gregg e o segundo filho da sra. Pike.

— O mordomo italiano — continuou Miss Marple —, aquele que foi assassinado. Se entendi direito, foi a Londres no dia da sua morte. Alguém sabe o que ele foi fazer lá?... Isto é, se puder me contar — acrescentou conscienciosa.

— Ele chegou a Londres às onze e meia da manhã — informou Craddock —, e o que fez lá ninguém sabe, ao menos até as quinze para as duas, quando foi ao banco e fez um depósito de quinhentas libras em dinheiro. Posso afirmar que não há nenhuma confirmação da história que ele contou sobre ir a Londres para visitar um familiar doente ou um parente que estivesse metido em alguma encrenca. Nenhum dos parentes o viu.

Miss Marple balançou o queixo em sinal de apreciação.

— Quinhentas libras — disse. — Sim, essa é uma soma bem interessante, não é? Daria para imaginar que seria a primeira de várias outras parcelas da mesma quantia, não acha?

— É o que parece — respondeu Craddock.

— Provavelmente era todo o dinheiro disponível que a pessoa chantageada podia levantar de imediato. Ele pode ter fingido estar satisfeito com aquilo ou pode ter aceitado como entrada, e a vítima então prometeu obter valores maiores num futuro próximo. Isso derruba a ideia de que o assassino de Marina Gregg seja alguém de origem humilde e que tenha alguma vingança pessoal contra ela. Também derrubaria a hipótese de alguém que teria conseguido trabalho como assistente ou atendente do estúdio, ou como criado ou jardineiro. A menos que — Miss Marple destacou — a tal pessoa tenha sido o mandatário, ao passo que o mandante não passou nem perto da vizinhança. Por isso a visita a Londres.

— Exato. Em Londres nós temos Ardwyck Fenn, Lola Brewster e Margot Bence. Os três estavam presentes na festa. Qualquer um deles poderia ter se encontrado com Giuseppe, em local previamente combinado em algum canto de Londres, entre onze da manhã e quinze para as duas. Ardwyck Fenn estava fora do escritório durante esse período. Lola Brewster deixara a suíte para ir fazer compras. Margot Bence não estava no estúdio dela. A propósito...

— Pois não? — indagou Miss Marple. — Tem algo para me contar?

— A senhora me perguntou — disse Dermot — sobre os filhos. Os filhos que Marina Gregg adotara antes de saber que poderia engravidar.

— Sim, perguntei.

Craddock contou a ela o que descobrira.

— Margot Bence — pronunciou Miss Marple com doçura. — Tive um pressentimento, sabe, de que tinha algo a ver com os filhos...

— Não posso acreditar que depois de todos esses anos...

— Eu sei, eu sei. A gente nunca acredita. Mas, meu caro Dermot, entende mesmo muito de crianças? Pense na sua própria infância. Não consegue se lembrar de algum incidente, algum acontecimento que lhe trouxe mágoa ou uma ira quase desproporcional frente à importância real daquilo? Alguma tristeza ou ressentimento fervoroso que de fato nunca se comparou a outro? Havia um livro sobre isso, sabe, escrito por aquele autor brilhante. O sr. Richard Hughes. Esqueci o nome, mas era sobre umas crianças que sobreviveram a um furacão. Ah, sim, um furacão na Jamaica. O que mais as impressionara era o gato delas correndo desesperado pela casa. Era a única coisa de que se lembravam. Mas a amplitude do horror, do nervosismo e do medo que haviam experimentado estava resumida naquele único incidente.

— É estranho que tenha mencionado isso — disse Craddock pensativo.

— Por quê? Fez com que se lembrasse de algo?

— Estava pensando em quando a minha mãe morreu. Eu tinha uns cinco anos, acho. Cinco ou seis. Estava lanchando na creche, comendo um rocambole com recheio. Adorava rocambole recheado. Uma das funcionárias entrou e disse para a governanta da creche: “Não é trágico? Houve um acidente e a sra. Craddock morreu...”. Todas as vezes que me lembro da morte da minha mãe, sabe o que vejo?

— O quê?

— Um pratinho com rocambole recheado, e eu olhando fixo para aquilo. Olhando sem pestanejar, e a imagem é tão clara hoje quanto naquele momento, o modo como o recheio escorria mais por um dos lados. Não chorei nem disse nada. Lembro só de ficar sentado ali, como se eu estivesse duro e petrificado, olhando para o rocambole. E sabe que, ainda hoje, se vejo uma fatia de rocambole recheado em uma confeitaria, em um restaurante, ou na casa de alguém, sou tomado por uma onda imensa de horror, miséria e desespero. Às vezes por um instante não consigo me lembrar do porquê. Isso lhe parece uma loucura?

— Não — disse Miss Marple –, me parece muito natural. Isso é interessantíssimo. E me deu uma espécie de ideia...

II

A porta se abriu e a srta. Knight apareceu carregando a bandeja de chá.

— Ai, minha nossa — exclamou ela —, então recebemos uma visita, não recebemos? Que simpático. Como vai, inspetor Craddock. Já vou buscar mais uma xícara.

— Não se incomode — Dermot chamou, quando ela já ia saindo. — Já tomei um drinque.

A srta. Knight introduziu a cabeça pelo vão da porta.

— Será... que o senhor poderia vir aqui um minuto, sr. Craddock?

Dermot foi falar com a srta. Knight no corredor. Ela entrou na sala de jantar e fechou a porta.

— Vai tomar cuidado, não vai? — perguntou.

— Cuidado? Em que sentido, srta. Knight?

— A nossa querida velhinha ali na sala. Sabe, é tão interessada em tudo, mas não faz muito bem para ela se excitar por causa de assassinatos e coisas horríveis desse tipo. Não queremos que fique remoendo aquilo e depois tenha pesadelos. É muito velha e fraquinha e de fato precisa levar uma vida muito reclusa. Sempre viveu assim, sabe. Estou certa de que toda essa conversa sobre assassinatos e bandidos e coisas do tipo faz muito, muito mal para ela.

Dermot olhou para a mulher achando um pouco de graça.

— Não acho — disse com delicadeza — que haja qualquer coisa que eu ou a senhora possamos dizer sobre algum assassinato que vá excitar ou chocar indevidamente Miss Marple. Posso lhe assegurar, minha cara srta. Knight, que Miss Marple é capaz de contemplar um assassinato ou uma morte súbita, na verdade crimes de qualquer espécie, com a mais profunda moderação.

Voltou para a sala de estar, e a srta. Knight, batendo os saltos de maneira indignada, o seguiu. Ela conversou alegremente durante o chá, dando ênfase para notícias políticas do jornal e para assuntos mais animados que podia introduzir. Quando por fim retirou a bandeja de chá e fechou a porta atrás de si, Miss Marple deu um suspiro profundo.

— Enfim, um pouco de paz — disse. — Espero que eu não mate essa mulher um dia desses. Agora escute, Dermot, há algumas coisas que gostaria de saber.

— Sim? Quais são elas?

— Quero repassar com todo o cuidado a ordem dos acontecimentos no dia da festa. A sra. Bantry chegou, e o vigário veio logo em seguida. Então chegaram o sr. e a sra. Badcock, e, nas escadas naquele momento, estava o prefeito com a mulher, além de Ardwyck Fenn, Lola Brewster, um repórter do Herald & Argus de Much Benham e essa moça fotógrafa, Margot

Bence. Margot Bence, o senhor disse, estava com a câmera apontada de um certo ângulo na escada e fotografava tudo que acontecia. Viu alguma dessas fotos?

— Na verdade, trouxe uma para lhe mostrar.

Retirou do bolso a fotografia. Miss Marple examinou-a resoluta. A foto mostrava Marina Gregg com Jason Rudd, um pouco mais atrás e para o lado dela; Arthur Badcock, com a mão no rosto e parecendo um pouco constrangido, parado mais ao fundo, enquanto a esposa segurava a mão de Marina Gregg e olhava e falava com ela. Marina não estava olhando para a sra. Badcock. Tinha os olhos fixos por cima da cabeça da outra, ao que parecia em direção à lente da câmera, ou quem sabe apenas um pouco à esquerda.

— *Muito* interessante — disse Miss Marple. — Ouvi me descreverem, entende, o que havia sido essa expressão no rosto dela. Uma expressão petrificada. Sim, isso a descreve muito bem. Uma expressão de ruína, condenação. Disso não tenho tanta certeza. É mais uma espécie de paralisia de sentimento, em vez da compreensão de uma tragédia. Não acha? Não diria que parece de fato medo, não é, embora o medo, claro, possa se apoderar da gente dessa maneira. Pode paralisar a pessoa. Mas não acho que tenha sido medo. Acho, no entanto, que foi um choque. Dermot, meu caro rapaz, quero que me conte, se tiver alguma anotação a respeito, o que exatamente Heather Badcock estava dizendo para Marina Gregg naquela ocasião. Sei em linhas gerais, claro, mas o quanto pode conseguir em termos *literais*? Suponho que tenha ouvido relatos de pessoas diferentes.

Dermot assentiu.

— Pois é. Deixe-me ver. Sua amiga, a sra. Bantry, depois Jason Rudd e acho que Arthur Badcock. Como a senhora disse, eles variavam um pouco na terminologia, mas a essência era a mesma.

— Eu sei. São as variações que eu quero. Acho que isso vai nos ajudar.

— Não vejo como — disse Dermot —, embora talvez a senhora veja. Sua amiga, a sra. Bantry, fez provavelmente o relato mais rigoroso. Do que consigo recordar, ela... espere... carregue comigo muitas das minhas anotações.

Tirou do bolso um bloquinho de notas, deu uma olhada breve para refrescar a memória.

— Não tenho aqui as palavras exatas — disse —, mas fiz um rascunho por cima. Aparentemente a sra. Badcock estava muito animada, bastante impositiva e satisfeítissima consigo mesma. Disse algo do tipo: “Não consigo expressar o quanto isso é maravilhoso para mim. Não vai se lembrar, mas anos atrás, nas Bermudas, fugi da cama em que eu estava com catapora e fui conhecê-la, e você me deu um autógrafo, e foi um dos dias mais felizes da minha vida, jamais esqueci”.

— Sei — disse Miss Marple –, ela mencionou o lugar, mas não a data, mencionou?

— Não.

— E o que foi que Rudd disse?

— Jason Rudd? Disse que a sra. Badcock contou para a esposa que havia levantado da cama quando estava gripada, fora encontrar Marina e que ainda guardava aquele autógrafo dela. Foi um relato mais curto do que o da sua amiga, mas a essência é a mesma.

— Mencionou o lugar e a data?

— Não. Não me lembro de ter mencionado. Acho que contou, assim por cima, que foi há uns dez ou doze anos.

— Sei. E o sr. Badcock?

— O sr. Badcock disse que Heather estava extremamente excitada e ansiosa para encontrar Marina Gregg, que era uma grande fã de Marina e contara a ele que, ainda moça, uma vez estivera doente e dera um jeito de sair da cama para ir conhecer a srta. Gregg e pegar um autógrafo dela. Não entrou em nenhum dos pormenores, pois, claro, foi num período anterior ao casamento dele e da esposa. Passou a impressão de não considerar o incidente como sendo de grande importância.

— Entendo — disse Miss Marple. — Sim, estou entendendo...

— E o que a senhora está entendendo? — perguntou Craddock.

— Ainda não tanto quanto gostaria — disparou Miss Marple, com sinceridade –, mas tenho uma espécie de sensação, se ao menos soubesse por que ela arruinou o vestido novo...

— Quem, a sra. Badcock?

— Sim. Parece uma coisa tão estranha, tão inexplicável, a menos que... claro... Ai, minha nossa, acho que sou *muito* tonta!

A srta. Knight abriu a porta e entrou, acendendo a luz ao fazê-lo.

— Acho que gostaríamos de um pouco de luz aqui — disse com um ar radiante.

— Sim — respondeu Miss Marple –, tem toda a razão, srta. Knight. É exatamente disso que estávamos precisando. Um pouco de luz. Acho, sabe, que enfim conseguimos.

O tête-à-tête parecia ter chegado ao fim, e Craddock levantou-se.

— Ficou faltando só uma coisa — disse ele –, que a senhora me conte que memória tão especial do seu passado está agora agitando seus pensamentos.

— Todo mundo sempre brinca comigo a respeito disso — comentou Miss Marple –, mas devo confessar apenas que me fez lembrar por um instante da criada de quarto dos Lauristons.

— A criada dos Lauristons? — Craddock parecia totalmente embasbacado.

— Ela tinha, claro, que anotar os recados ao telefone — disse Miss Marple — e não era

muito boa nisso. Costumava acertar na ideia *geral*, se é que me entende, mas a forma com que anotava costumava não fazer sentido nenhum às vezes. Suponho que tinha a ver com a gramática dela, que era péssima. O resultado foi que alguns incidentes muito infelizes aconteceram. Lembrei-me de um em especial. Um certo sr. Burroughs, acho que era esse o nome, ligou e disse que fora falar com o sr. Elvaston sobre a cerca que estava quebrada, mas ele falou que não era obrigação sua consertar a cerca. Ficava do outro lado da propriedade e disse que gostaria de saber se aquele era mesmo o caso antes de dar continuidade, porque dependeria se ele era responsável ou não, e que era importante para ele saber do tamanho certo do terreno antes de sair dando instruções aos funcionários. Uma mensagem muito obscura, como pode ver. Causava mais confusão do que esclarecia qualquer coisa.

— Se está falando em criadas de quarto — disse a srta. Knight com uma risadinha —, isso deve ter sido há *muito* tempo. Faz muitos anos que não escuto ninguém falar em criadas de quarto.

— Faz mesmo um bocado de tempo — concorda Miss Marple —, mesmo assim a natureza humana era praticamente a mesma dos dias de hoje. As pessoas cometiam erros pelos mesmos motivos. Ai, minha nossa — acrescentou —, estou *tão* aliviada que aquela moça está segura em Bournemouth.

— Moça? Que moça? — perguntou Dermot.

— Aquela moça que fazia costuras e foi lá se encontrar com Giuseppe naquele dia. Como era o nome dela... Gladys alguma coisa.

— Gladys Dixon?

— Isso, esse é o nome dela.

— Está dizendo que ela está em *Bournemouth*? Como diabos sabe disso?

— Eu sei — respondeu Miss Marple — porque a mandei para lá.

— Como? — Dermot ficou encarando a velhinha. — A senhora? Por quê?

— Dei uma saída para me encontrar com ela — disse Miss Marple —, lhe dei um dinheiro e disse para que tirasse umas férias e não mandasse notícias.

— Ora essa, e por que fez isso?

— Porque não queria que ela acabasse morta, é claro — respondeu Miss Marple e piscou para ele placidamente.

CAPÍTULO 22



— Uma carta tão doce de Lady Conway — disse a srta. Knight dois dias depois, ao servir a bandeja de café da manhã de Miss Marple. — Lembra de quando lhe contei sobre ela? É apenas um pouco, sabe... — deu batidinhas na testa — perdida às vezes. E a memória vai mal. Nunca consegue reconhecer os parentes e manda-os embora.

— Isso na realidade pode ser esperteza — comentou Miss Marple –, e não perda de memória.

— Ora, ora — falou a srta. Knight –, não estamos sendo maldosas ao sugerir coisas assim? Está passando o inverno no Hotel Belgrave em Llandudno. É um hotel residencial, tão fino. Os jardins são esplêndidos e tem um terraço envidraçado muito bonito. Está muito ansiosa para que eu vá ficar lá com ela.

Ela suspirou.

Miss Marple sentou-se ereta na cama.

— Mas, por favor — declarou –, se estão pedindo por você, se estão precisando de você lá, e gostaria de ir...

— Não, não. Não posso nem ouvir falar nisso — gritou a srta. Knight. — Ah, não, jamais quis aludir a algo do tipo. Ora, e o que o sr. Raymond West iria dizer? Ele me explicou que minha temporada aqui poderia se tornar permanente. Jamais *sonharia* em deixar de cumprir com minhas obrigações. Foi apenas uma menção casual, portanto não se preocupe, querida — arrematou, dando uma palmadinha no ombro de Miss Marple. — Não vamos ficar desamparadas! Não, não, de fato não ficaremos! Vamos ser bem cuidadas e mimadas e estaremos sempre felizes e confortáveis.

Saiu da sala. Miss Marple ficou sentada com um ar de determinação, com os olhos fixos na bandeja, mas sem comer nada dali. Por fim, tirou o telefone do gancho e discou com vigor.

— Dr. Haydock?

— Pois não?

— Aqui é Jane Marple.

— E o que há de errado com a senhora? Está precisando de orientação médica?

— Não — respondeu Miss Marple. — Mas quero vê-lo assim que possível.

Quando o dr. Haydock chegou, encontrou Miss Marple ainda na cama à sua espera.

— Está vendendo saúde — reclamou ele.

— É por isso que queria vê-lo — disse Miss Marple. — Para lhe contar que estou me sentindo perfeitamente bem.

— Um motivo muito incomum para mandar chamar o médico.

— Estou bastante forte, estou bem de saúde, e é absurdo ter uma pessoa morando aqui comigo. Contanto que alguém venha todos os dias, cuide da limpeza e tudo o mais, não vejo nenhuma necessidade de ter alguém morando aqui permanentemente.

— Teimo em dizer que a senhora não vê, mas eu vejo — disse o dr. Haydock.

— Acho que está se tornando um velho enxerido — disse Miss Marple, sendo indelicada.

— E não venha me chamar de enxerido! — reclamou o dr. Haydock. — A senhora é uma mulher muito saudável para sua idade; ficou um pouco abatida pela bronquite, que não faz bem aos idosos. Mas ficar sozinha numa casa na sua idade é um risco. Suponhamos que leve um tombo nas escadas uma noite dessas, ou caia da cama, ou escorregue no banho. Ficaria lá jogada e ninguém saberia do acontecido.

— A gente pode imaginar de tudo — disse Miss Marple. — A srta. Knight pode levar um tombo nas escadas, e posso cair por cima dela me apressando para ver o que aconteceu.

— De nada adianta ficar me intimidando — disse o sr. Haydock. — É uma senhora idosa e precisa receber cuidados da maneira correta. Se não gosta dessa mulher que está aqui, troque e arranje outra.

— Nem sempre é assim tão fácil — disse Miss Marple.

— Procure alguma empregada antiga, alguém de quem goste e que já morou aqui antes. Dá para ver que essa bruxa velha lhe deixa irritada. Deixaria a mim irritado. Deve haver alguma antiga empregada por aí. Aquele seu sobrinho é um dos melhores autores do momento. Ele faria valer a pena para ela, se encontrasse a pessoa certa.

— É claro que meu querido Raymond faria qualquer coisa assim. É muitíssimo generoso — comentou Miss Marple. — Mas não é tão fácil encontrar a pessoa certa. As mais jovens têm suas vidas para viver, e tantas das minhas antigas e leais empregadas, sinto em dizer, estão mortas.

— Bem, a senhora não está morta — disse o dr. Haydock — e vai viver um bocado mais se souber se cuidar.

Ele se pôs de pé.

— Pois bem — disse. — Não serviu para nada eu ter passado aqui. Está mais afinada que um violino. Não vou perder tempo tirando sua pressão, tomando seu pulso ou fazendo perguntas. Está vicejante com toda esta excitação local, mesmo que não consiga ficar saindo para enfiar o nariz em tudo que gostaria. Adeus, estou de saída, vou atender pacientes de verdade. De oito a dez casos de rubéola, meia dúzia de coqueluches e também uma suspeita de escarlatina... Aí estão meus fregueses habituais!

O Dr. Haydock saiu às pressas, mas Miss Marple ficou franzindo a testa... Algo naquilo que ele tinha acabado de dizer... o que foi mesmo? Pacientes para ver... as doenças comuns do povoado... Doenças do povoado? Miss Marple empurrou a bandeja de café ainda mais longe com um gesto decidido. Então, telefonou para a sra. Bantry.

— Dolly? Aqui é Jane. Quero lhe perguntar uma coisa. Agora preste atenção. É verdade que disse ao inspetor Craddock que Heather Badcock contou para Marina Gregg uma longa história sem cabimento sobre como ela tivera catapora e saiu da cama, apesar da doença, para ir conhecer Marina e pedir um autógrafo?

— Foi mais ou menos isso.

— *Catapora?*

— Bem, algo parecido. A sra. Allcock estava falando comigo sobre vodca bem na hora, então não estava ouvindo com muita atenção.

— Tem certeza — Miss Marple inspirou profundamente — de que ela não disse coqueluche?

— Coqueluche? — a sra. Bantry pareceu espantada. — É claro que não. Ela não precisaria ter tapado o rosto de pó e se maquiado por causa de coqueluche.

— Entendo... e foi por isso que você se guiou... por ela ter mencionado especificamente o uso de maquiagem?

— Bem, ela fez questão de frisar aquilo... que não era do tipo que se maquiava. Mas acho que tem razão, não era catapora... urticária, quem sabe.

— Só está dizendo isso — Miss Marple falou com frieza — porque uma vez você mesma teve urticária e não pôde ir a um casamento. É incorrigível, Dolly, muito incorrigível.

Ela pôs o fone no gancho com uma batida forte, cortando o protesto aturdido da amiga que começava com: “Francamente, Jane”.

Miss Marple deu um gemido bem-comportado de irritação, como um gato espirrando para expressar seu profundo desgosto. A mente dela retornou ao problema de seu próprio conforto doméstico. A fidelíssima Florence? Será que a fidelíssima Florence, aquele exemplo da antiga

criadagem, poderia ser persuadida a abandonar o conforto de sua pequena casa e voltar a St. Mary Mead para cuidar de sua patroa de outrora? A fiel Florence sempre fora muito dedicada a ela. Mas a fiel Florence era muito apegada à sua própria casinha. Miss Marple balançou a cabeça com irritação. Ouviu um alegre toque-toque na porta. Ao ouvir a voz de Miss Marple dizendo “Entre!”, Cherry entrou.

— Vim buscar a bandeja — disse. — Aconteceu alguma coisa? Parece estar bastante aborrecida, não está?

— Estou me sentindo tão inválida — respondeu Miss Marple. — Velha e inválida.

— Não se preocupe — disse Cherry, apanhando a bandeja. — Está longe de ser inválida. Não sabe as coisas que escuto sobre a senhora neste lugar! Ora, praticamente todo mundo no Loteamento já ouviu falar da senhora agora. De todas as coisas extraordinárias que já fez. Eles não acham que faz o tipo velha e inválida. É ela quem põe essas coisas na sua cabeça.

— Ela?

Cherry fez um gesto vigoroso com a cabeça apontando para a porta atrás dela.

— A bruxa velha aí — disse. — A sua srta. Knight. Não deixe que ela lhe ponha para baixo.

— Ela é muito gentil — defendeu Miss Marple —, de fato, *muito* gentil — acrescentou, no tom de alguém que quer convencer a si mesmo.

— O seguro morreu de velho, dizem — provocou Cherry. — Não vai querer que lhe empurrem essa gentileza goela abaixo, por assim dizer, vai?

— Ah, bem — suspirou Miss Marple. — Suponho que todos tenhamos nossos próprios problemas.

— Diria que sim — concordou Cherry. — Eu não deveria reclamar, mas às vezes sinto que, se continuar morando do lado da sra. Hartwell mais um dia, vai acontecer um incidente lamentável. Uma bruxa velha e azeda, sempre fofocando e reclamando. Jim também está cheio. Teve uma grande briga com ela ontem à noite. Só porque estávamos ouvindo o *Messias* um pouco alto! Ninguém pode se opor ao *Messias*, pode? Digo, é religioso.

— Ela se opôs?

— Ela criou uma situação horrível — disse Cherry. — Batia na parede e gritava muitas coisas.

— Vocês precisam ouvir música num volume tão alto? — perguntou Miss Marple.

— Jim gosta desse jeito — respondeu Cherry. — Diz que não há como se ouvir o tom a menos que esteja a todo o volume.

— Isso pode ser — sugeriu Miss Marple — um *pouco* penoso para qualquer um que não

goste de música.

— São essas casas geminadas — explicou Cherry. — As paredes são mais finas do que nunca. Não sou lá uma grande fã de fato dessas construções novas quando a gente para e pensa. Parece muito luxuoso e fino, mas não se pode expressar a nossa personalidade sem alguém cair em cima com uma tonelada de pedras.

Miss Marple sorriu para ela.

— Você tem um bocado de personalidade para expressar, Cherry — comentou.

— Acha mesmo? — Cherry ficou contente e deu risada. — Gostaria de saber... — começou.

De repente, ficou encabulada. Baixou a bandeja e voltou até a cama:

— Gostaria de saber se acharia um abuso se eu lhe pedisse algo... Digo... basta apenas dizer “nem pensar”, e fica por isso.

— É algo que quer que eu faça?

— Não é bem isso. É sobre aqueles quartos em cima da cozinha. Hoje em dia não são nunca usados, são?

— Não.

— Antigamente tinha um jardineiro e a esposa que ficavam lá, foi o que ouvi. Mas isso faz muito tempo. O que estava pensando, o que Jim e eu estávamos pensando é se poderíamos ficar com eles. Viríamos morar aqui, digo.

Miss Marple ficou boquiaberta de espanto.

— Mas e a sua linda casa nova lá no Loteamento?

— Nós dois estamos cheios de lá. Gostamos de aparelhos, mas podemos levar os aparelhos para qualquer lugar... comprar à prestação, e aqui teria um bom espaço, especialmente se o Jim pudesse ficar com o quarto de cima dos estábulos. Ele reformaria e deixaria o espaço como novo, poderia ter todos os aeromodelos dele lá e não teria de tirá-los do caminho o tempo inteiro. E, além disso, se instalássemos nosso som estéreo lá, a senhora mal escutaria.

— Está falando sério sobre isso, Cherry?

— Sim, estou. Jim e eu andamos conversando bastante sobre isso. Jim poderia consertar as coisas para a senhora sempre que precisasse... sabe, encanamento, ou um pouco de marcenaria, e eu cuidaria da senhora tão bem quanto a sua srta. Knight cuida. Sei que acha que sou um pouco destrambelhada, mas me esforçaria para melhorar com as camas e a louça... e estou ficando com uma mão bem boa para a cozinha. Fiz um estrogonofe de carne ontem à noite, é bem fácil, na verdade.

Miss Marple ficou contemplando a moça.

Cherry parecia um filhotinho de gato animado; irradiava vitalidade e alegria de viver. Miss Marple pensou mais uma vez na fidelíssima Florence. A fidelíssima Florence, é claro, cuidaria muito melhor da manutenção da casa. (Miss Marple não levava fé na promessa feita por Cherry.) Mas ela tinha pelo menos 65 anos, se não fosse mais. E será que aceitaria de fato ser arrancada de seu canto? Poderia aceitar por verdadeira devoção a Miss Marple. Mas será que Miss Marple queria mesmo algum sacrifício feito em seu nome? Já não estava sofrendo com a devoção conscienciosa da srta. Knight para com suas obrigações?

Cherry, embora inadequada em relação aos seus talentos domésticos, *queria* vir. E tinha qualidades que, para Miss Marple, naquele momento, pareciam de suma importância.

Tinha bondade, vitalidade e um profundo interesse em tudo que estava acontecendo.

— Não quero, claro — completou Cherry —, fazer nada pelas costas da srta. Knight. De jeito nenhum.

— Não se preocupe com a srta. Knight — disse Miss Marple, chegando a uma decisão. — Ela vai trabalhar com uma pessoa chamada Lady Conway num hotel em Llandudno e vai aproveitar muitíssimo. Teremos de acertar um bocado de detalhes, Cherry, e vou precisar conversar com seu marido... mas se de fato acha que seria feliz...

— Seria perfeito demais para nós dois — disse Cherry. — E pode mesmo contar comigo para fazer as coisas do jeito certo. Vou até usar a vassoura e a pá se a senhora quiser.

Miss Marple gargalhou ao ouvir aquela proposta extraordinária.

Cherry apanhou novamente a bandeja.

— Preciso tocar o serviço. Cheguei atrasada hoje de manhã... quando fiquei sabendo sobre o pobre Arthur Badcock.

— Arthur Badcock? O que houve com ele?

— Não soube? Está na delegacia de polícia agora — contou Cherry. — Pediram para ele ir até lá para “colaborar com as investigações” e a senhora sabe o que isso sempre significa.

— Quando foi que isso aconteceu? — perguntou Miss Marple.

— Hoje de manhã — respondeu Cherry. — Suponho — completou — que ficaram sabendo que ele um dia fora casado com Marina Gregg.

— O quê?! — Miss Marple sentou-se outra vez. — Arthur Badcock já foi casado com Marina Gregg?

— Essa é a história — disse Cherry. — Ninguém fazia nenhuma ideia disso. Foi o sr. Upshaw quem espalhou. Esteve nos Estados Unidos uma ou duas vezes a negócios para sua empresa e por isso sabe de muitas fofocas de lá. Foi há muito tempo, sabe. Na verdade antes

de ela começar a carreira de atriz. Estavam casados há apenas um ou dois anos quando ela recebeu um prêmio de cinema e, é claro, ele não serviu mais para ela depois daquilo, então conseguiram um daqueles divórcios simplificados dos americanos, e ele sumiu do mapa, como a gente diz. É do tipo que some do mapa, Arthur Badcock. Não ia criar caso. Mudou de nome e voltou para a Inglaterra. Tudo isso faz tanto tempo! Ninguém pensaria que uma coisa assim importaria nos dias de hoje, pensaria? Porém, aí está. É o que basta para a polícia se basear, imagino.

— Ah, não! — exclamou Miss Marple. — Ah, *não!* Isso não pode acontecer. Se ao menos eu pudesse pensar no que fazer... Agora, deixe-me ver.

Ela fez um gesto para Cherry.

— Leve esta bandeja embora, Cherry, e mande a srta. Knight vir até aqui. Vou levantar.

Cherry obedeceu. Miss Marple se vestiu com os dedos um pouco trêmulos. Ficava irritada quando percebia que qualquer excitação a estava afetando. Estava começando a abotoar o vestido, quando a srta. Knight entrou:

— A senhora me chamou? Cherry disse...

Miss Marple interrompeu de forma incisiva.

— Chame Inch — disse.

— Perdão? — indagou a srta. Knight assustada.

— Inch — repetiu Miss Marple –, chame Inch. Telefone para ele vir imediatamente.

— Ah, sim, entendo. Está falando do pessoal do táxi. Mas o nome dele é Roberts, não é?

— Para mim — disse Miss Marple –, ele é e sempre vai ser Inch. Mas, enfim, chame esse senhor. Ele precisa vir aqui agora mesmo.

— Quer sair para dar um passeio?

— Faça o favor de chamá-lo, está bem? — disse Miss Marple. — E se apresse, por favor.

A srta. Knight olhou para ela hesitante e prosseguiu para fazer o que lhe foi pedido.

— Estamos nos sentindo bem, não é mesmo, querida? — perguntou ansiosa.

— Nós duas estamos nos sentindo muito bem — disse Miss Marple –, e eu estou me sentindo *ótima*. A inércia não combina comigo e nunca combinou. Uma sequência de ações de ordem prática era o que estava esperando faz um bom tempo.

— Aquela sra. Baker andou lhe dizendo algo que lhe aborreceu?

— Nada me aborreceu — declarou Miss Marple. — Estou me sentindo ótima. Estou incomodada comigo mesma por ser tão tonta. Mas, de fato, até atinar para a pista do dr. Haydock hoje de manhã... agora, fico me perguntando se lembro direito. Onde é que está aquele meu livro de medicina?

Fez um gesto para a srta. Knight sair da frente e caminhou com firmeza em direção às escadas. Encontrou o livro que procurava em uma estante da sala de visitas. Quando o retirou, percorreu o índice, resmungou “página 210”, foi até a página em questão, leu por alguns instantes e então assentiu com a cabeça satisfeita.

— Que coisa extraordinária, muitíssimo curiosa — disse. — Imagino que ninguém teria pensado em uma coisa dessas. Eu mesma não pensava até que as duas coisas se encaixaram, digamos.

Depois balançou a cabeça, e uma leve ruga apareceu entre seus olhos. Se ao menos houvesse *alguém* que...

Repassou mentalmente os diversos relatos dados em uma cena específica.

Seus olhos se arregalaram com o pensamento. Havia alguém.. mas será que ele, ela questionava, daria conta? Nunca se podia saber com o vigário. Era um tipo bem imprevisível.

Mesmo assim, foi até o telefone e discou.

— Bom dia, vigário, aqui é Miss Marple.

— Ah, sim, Miss Marple... posso lhe ajudar em alguma coisa?

— Gostaria de saber se poderia me ajudar numa pequena questão. Diz respeito ao dia da festa, quando a pobre sra. Badcock faleceu. Acredito que o senhor estava bem próximo da srta. Gregg quando o senhor e a senhora Badcock chegaram.

— Ah, sim... pois é... estava um pouco à frente deles, acho. Um dia tão trágico.

— Sim, pois é. E acredito que a sra. Badcock estava relembrando a srta. Gregg de que já haviam sido apresentadas antes, nas Bermudas. Ela estivera de cama e havia se levantado especialmente para a ocasião.

— Sim, sim, me recordo.

— E o senhor lembra se a sra. Badcock chegou a mencionar a doença da qual estivera sofrendo?

— Agora pensando... deixe-me ver... sim, foi sarampo... não, não era sarampo de verdade... rubéola... uma doença bem menos grave. Algumas pessoas nem chegam a se sentir mal com isso. Lembro-me de minha prima Caroline...

Miss Marple interrompeu as reminiscências da prima Caroline dizendo com toda a firmeza:

— Muitíssimo obrigada, vigário — e recolocou o fone no gancho.

Havia uma expressão de admiração no rosto dela. Um dos grandes mistérios de St. Mary Mead era o que fazia com que o vigário se lembrasse de certos detalhes, ultrapassado apenas por um mistério ainda maior: aquilo que o vigário conseguia se esquecer!

— O táxi chegou, querida — anunciou a srta. Knight, entrando de supetão. — É um carro muito velho e não muito limpo, eu diria. Não gosto mesmo de ver a senhora andando por aí numa coisa daquelas. Pode apanhar um vírus ou outra coisa.

— Bobagem — garantiu Miss Marple. Ajeitando o chapéu firmemente na cabeça e abotoando seu casaco leve de verão, saiu e foi até o táxi que a aguardava.

— Bom dia, Roberts — cumprimentou.

— Bom dia, Miss Marple. Está saindo cedo hoje. Onde deseja ir?

— Para Gossington Hall, por favor — disse Miss Marple.

— Seria melhor que eu fosse com a senhora, não seria, querida? — perguntou a srta. Knight. — Não leva nem um minutinho para eu trocar os sapatos.

— Não, obrigada — respondeu Miss Marple, com segurança. — Vou até lá sozinha. Adiante, Inch. Digo, Roberts.

O sr. Roberts tocou adiante, apenas comentando:

— Ah, Gossington Hall. Tem havido grandes mudanças por lá e em toda a parte hoje em dia. Todo esse progresso. Nunca pensei que uma coisa assim chegaria a St. Mary Mead.

Ao chegarem a Gossington Hall, Miss Marple tocou a campainha e pediu para falar com o sr. Jason Rudd.

O sucessor de Giuseppe, um homem de idade com aparência bastante amedrontada, expressou dúvida.

— O sr. Rudd — afirmou — não recebe ninguém sem hora marcada, madame. E hoje, em especial...

— Não tenho hora marcada — disse Miss Marple —, mas vou esperar aqui — completou.

Passou apressada por ele hall adentro e sentou-se em uma cadeira do corredor.

— Receio que vá ser quase impossível falar com ele hoje pela manhã, madame.

— Nesse caso — anunciou Miss Marple —, terei de aguardar aqui até a tarde.

Desconcertado, o novo mordomo se retirou. Em seguida, um jovem rapaz veio falar com Miss Marple. Tinha um jeito agradável, uma voz alegre e o sotaque ligeiramente americano.

— Já vi você antes — disse Miss Marple. — No Loteamento. Parou para me perguntar o caminho para a Travessa Blenheim.

Hailey Preston abriu um sorriso sincero:

— Acho que a senhora se esforçou bastante, mas acabou me mandando para um lugar completamente errado.

— Ai, minha nossa, eu fiz isso? — disse Miss Marple. — São tantas travessas, não são? Posso falar com o sr. Rudd?

— Ora, bem, é uma pena — falou Hailey Preston. — O sr. Rudd é um homem ocupado e está... hã... completamente atarefado esta manhã e, de fato, não pode ser perturbado.

— Tenho certeza de que é muito ocupado — disse Miss Marple. — Cheguei aqui preparada para esperar.

— Ora, gostaria de sugerir — começou Hailey Preston — que a senhora me contasse o que deseja com ele. Resolvo todas essas coisas para o sr. Rudd, entende? Todo mundo tem de primeiro passar por mim.

— Receio — disse Miss Marple — que precise falar com o próprio sr. Rudd. E — concluiu ela — esperarei aqui até conseguir isso.

Ela se acomodou com ainda mais obstinação na enorme cadeira de carvalho.

Hailey Preston hesitou, começou a dizer algo, por fim virou-se e subiu as escadas.

Retornou com um homem grandalhão vestindo um tweed.

— Este é o dr. Gilchrist. Senhora... hã...

— Miss Marple.

— Ah, então é a Miss Marple — disse o dr. Gilchrist. Examinou-a com uma boa dose de interesse.

Hailey Preston escapou dali com celeridade.

— Já ouvi falar da senhora — declarou Gilchrist. — Através do dr. Haydock.

— Dr. Haydock é um velho amigo meu.

— Sim, com certeza. Agora, a senhora deseja falar com o sr. Jason Rudd? Por quê?

— É necessário que eu faça isso — disse Miss Marple.

O Dr. Gilchrist a avaliou com o olhar.

— E não vai arredar o pé daqui até conseguir isso? — perguntou.

— Exatamente.

— Sei que faria isso — disse o dr. Gilchrist. — Neste caso, vou lhe dar um motivo perfeitamente plausível de por que não pode ver o sr. Rudd. A esposa dele morreu na noite passada, enquanto dormia.

— Morreu! — exclamou Miss Marple. — Como?

— Uma overdose de remédio para dormir. Não queremos que a notícia se espalhe para a imprensa pelas próximas horas. Portanto, no momento, vou pedir que guarde essa informação consigo.

— É claro. Foi um acidente?

— Definitivamente, essa é minha opinião — disse o dr. Gilchrist.

— Mas poderia ter sido suicídio.

— Poderia... mas é uma possibilidade remota.

— Ou alguém poderia ter dado isso para ela.

Gilchrist deu de ombros.

— Uma probabilidade ainda mais remota. E uma coisa — acrescentou sem hesitar — que seria quase impossível de provar.

— Entendo — disse Miss Marple. Ela respirou profundamente. — Lamento, mas agora é mais necessário do que nunca que eu consiga falar com o sr. Rudd.

Gilchrist olhou bem para ela.

— Espere aqui — disse.

CAPÍTULO 23



Jason Rudd levantou a cabeça quando Gilchrist entrou na sala.

— Há uma dama idosa lá embaixo — disse o doutor —, parece ter uns cem anos. Quer falar com o senhor. Não aceita um não como resposta e disse que vai esperar. Vai esperar até a tarde, pelo que entendi, ou vai esperar até a noite, e é bem capaz, eu diria, de passar a noite aqui. Tem algo urgente que precisa lhe dizer. Eu a receberia se fosse você.

Jason Rudd ergueu o olhar sobre sua escrivania. O rosto dele estava pálido e tenso.

— Ela é louca?

— Não. Nem um pouco.

— Não entendo por que eu... Ah, está bem... mande-a subir. Que diferença faz?

Gilchrist assentiu, saiu da sala e chamou Hailey Preston.

— O sr. Rudd dispõe de alguns minutos agora, Miss Marple — anunciou Hailey Preston, reaparecendo ao lado dela.

— Obrigada. É muita gentileza dele — disse Miss Marple ao colocar-se de pé. — Trabalha há muito tempo para o sr. Rudd? — perguntou.

— Bom, estou trabalhando com o sr. Rudd nos últimos dois anos e meio. Meu trabalho em geral é de relações-públicas.

— Sei.

Miss Marple olhou para ele pensativa.

— Você me lembra muito — disse — alguém que conheci, chamado Gerald French.

— Ah, é mesmo? E o que esse Gerald French fazia?

— Nada de mais — respondeu Miss Marple —, mas era um bom conversador.

Ela suspirou:

— Ele tivera um passado muito infeliz.

— Não diga — disse Hailey Preston, um pouco desconfortável. — Que espécie de passado?

— Não posso comentar — alegou Miss Marple. — Ele não gostava que falassem disso.

Jason Rudd levantou-se da escrivania e olhou com alguma surpresa para a senhora idosa e magrinha que avançava em sua direção.

— Disse que queria falar comigo? — perguntou. — Em que posso ajudá-la?

— Sinto muito pelo falecimento de sua esposa — declarou Miss Marple. — Entendo que esteja passando por um momento de dor muito grande e gostaria que acreditasse que não o importunaria agora nem ofereceria minhas condolências, a menos que fosse absolutamente necessário. Porém há coisas que precisam ser esclarecidas com urgência senão um homem inocente vai acabar sofrendo.

— Um homem inocente? Não estou entendendo.

— Arthur Badcock — disse Miss Marple. — Está agora com a polícia, sendo interrogado.

— Interrogado por ligação com a morte de minha esposa? Mas isso é absurdo, um absurdo sem tamanho. Ele jamais chegou nem perto deste lugar. Sequer a conhecia.

— Acho que a conhecia — disse Miss Marple. — Chegou a ser casado com ela.

— Arthur *Badcock*? Mas... ele era... era o marido de Heather Badcock. A senhora não estaria quem sabe... — ele falou com educação e constrangimento — cometendo um pequeno deslize?

— Foi casado com ambas — explicou Miss Marple. — Foi casado com a sua mulher quando ela era muito jovem, antes de ir trabalhar no cinema.

Jason Rudd balançou a cabeça negativamente.

— O primeiro marido da minha mulher foi um homem chamado Alfred Beadle. Trabalhava com imóveis. Os dois não se acertaram e se separaram logo em seguida.

— Então Alfred Beadle mudou seu nome para Badcock — disse Miss Marple. — Trabalha em uma imobiliária daqui. É estranho como algumas pessoas parecem nunca gostar de trocar de emprego e querem continuar fazendo sempre a mesma coisa. Suspeito que tenha sido por isso que Marina Gregg pressentiu que ele não servia para ela. Não poderia acompanhar seu ritmo.

— O que acaba de me contar é muito surpreendente.

— Posso lhe garantir que não estou romanceando ou imaginando coisas. O que estou lhe contando são fatos idôneos. Essas coisas se espalham por um povoado com muita rapidez, sabe, embora possam levar um pouco mais de tempo — acrescentou — para chegarem às autoridades.

— Bem — Jason Rudd titubeou, incerto do que dizer, então aceitou a proposta —, e o que deseja que eu faça pela senhora, Miss Marple? — perguntou ele.

— Gostaria, se possível, de ficar no mesmo ponto da escadaria onde o senhor e sua esposa estavam recebendo os convidados no dia da festa.

Ele lhe lançou um olhar rápido e duvidoso. Seria essa, no fim das contas, apenas mais uma caçadora de emoções? Mas a expressão de Miss Marple era grave e contida.

— Ora, certamente — disse —, se deseja fazer isso. Pode me acompanhar.

Ele a conduziu até o alto da escadaria e parou na área do recôncavo escavado ali.

— Vocês fizeram umas boas mudanças na casa desde que os Bantry saíram daqui — comentou Miss Marple. — Gostei disso. Agora, deixe-me ver. As mesas deveriam estar por aqui, suponho, e o senhor e sua esposa estariam parados...

— Minha esposa estava parada aqui — Jason mostrou-lhe o local. — As pessoas subiam as escadas, ela apertava a mão delas e as passava para mim.

— Ela estava parada aqui — repetiu Miss Marple.

Deu um passo e se posicionou no ponto onde Marina Gregg estivera originalmente. Permaneceu ali muito quieta, quase imóvel. Jason Rudd a observava. Estava perplexo, mas interessado. Ela ergueu a mão direita um pouco, como se estivesse cumprimentando alguém, olhou uns degraus para baixo, como se estivesse vendo os convidados que vinham subindo. Depois olhou diretamente para a frente. Na parede, no meio do lance de escadas, havia uma enorme pintura, uma réplica de um grande mestre italiano. De cada lado do quadro, havia janelas estreitas: uma dava para o jardim, a outra, para a ponta dos estábulos e do cata-vento. Porém, Miss Marple não estava olhando para nenhuma delas. Seus olhos estavam fixos na pintura em si.

— É claro que a gente sempre escuta a coisa certa já na primeira vez — declarou. — A sra. Bantry me contou que sua esposa fitou a pintura e seu rosto se “petrificou”, foi assim que ela descreveu.

Observou a madona com suas vestes suntuosas em vermelho e azul, uma madona com a cabeça pendendo um pouco para trás, sorrindo com o Deus menino abrigado em seus braços.

— A madona sorridente de Giacomo Bellini — disse ela. — Uma pintura religiosa, mas ao mesmo tempo a pintura de uma mãe feliz com seu filho. Não é mesmo, sr. Rudd?

— Diria que sim, é.

— Agora entendo — disse Miss Marple. — Estou entendendo muito bem. Este caso todo é realmente muito simples, não é?

Ela virou-se para Jason Rudd.

— Simples?

— Acho que sabe o quão simples é — afirmou Miss Marple.

A campanha soou lá embaixo.

— Não acho que — disse Jason Rudd — estou entendendo direito.

Ele olhou para baixo pela escada. Ouviram-se várias vozes.

— Conheço essa voz — disse Miss Marple. — É a voz do inspetor Craddock, não é?

— É, parece ser do inspetor Craddock.

— Ele também quer falar com o senhor. Ficaria incomodado se ele viesse se juntar a nós?

— Não me importo nem um pouco. Agora, se ele vai concordar...

— Acho que vai — falou Miss Marple. — Não podemos perder muito tempo agora, podemos? Chegamos ao momento em que precisamos entender como foi que tudo aconteceu.

— Achei que tinha dito que era muito simples — disse Jason Rudd.

— Foi tão simples — explicou Miss Marple — que ninguém conseguiu enxergar.

O mordomo decrépito chegou naquele instante ao alto das escadas.

— O inspetor Craddock está aqui, senhor — anunciou.

— Peça para que ele venha nos encontrar aqui, por favor — disse Jason Rudd.

O mordomo desapareceu novamente e, alguns instantes mais tarde, Dermot Craddock subia os degraus.

— A senhora! — disse ele, dirigindo-se a Miss Marple. — Como foi que chegou aqui?

— Vim de Inch — respondeu ela, deixando seus interlocutores confusos, como sempre acontecia ao fazer aquele comentário.

Ligeiramente atrás dela, Jason Rudd bateu na testa em um gesto de interrogação. Dermot Craddock respondeu balançando a cabeça de maneira negativa.

— Estava explicando ao sr. Rudd... — começou Miss Marple. — O mordomo já se foi?

Dermot Craddock deu uma olhada para baixo nas escadas.

— Ah, sim — afirmou —, ele não está escutando. O sargento Tiddler vai cuidar disso.

— Então está tudo certo — continuou Miss Marple. — Nós poderíamos, é claro, ter entrado em alguma sala para conversar, mas prefiro assim. Aqui estamos no local exato onde tudo aconteceu, o que facilita muito o entendimento.

— Está falando — disse Jason Rudd — do dia da festa aqui em casa, o dia em que Heather Badcock foi envenenada.

— Isso — confirmou Miss Marple —, e estou explicando que é tudo muito simples se examinarmos a questão do jeito certo. Tudo começou, entendam, com Heather Badcock sendo o tipo de pessoa que era. Era inevitável, na verdade, que algo dessa natureza fosse acontecer com Heather um dia.

— Não entendo do que está falando — disse Jason Rudd. — Não estou entendendo nada.

— É preciso que explique um pouco. Vejam os senhores, quando minha amiga, a sra. Bantry, que estava aqui, descreveu a cena para mim, recitou um poema que era um dos favoritos da minha juventude, um poema do caríssimo Lord Tennyson. “Lady de Shalott” — ela subiu um pouco a voz:

O espelho inteiro se partiu;

“A maldição se abateu sobre mim”, bramiu

A Lady de Shalott.

— Foi isso o que a sra. Bantry viu, ou pensou ter visto, embora na realidade tenha recitado errado e falado desgraça em vez de maldição, que é talvez uma palavra mais adequada às circunstâncias. Ela viu sua esposa conversando com Heather Badcock, ouviu Heather falando com sua esposa e constatou essa expressão de desgraça no rosto da sua mulher.

— Já não repassamos isso milhares de vezes? — perguntou Jason Rudd.

— Sim, mas teremos de repassar uma vez mais — afirmou Miss Marple. — Havia aquela expressão no rosto de sua esposa, e ela estava olhando não para Heather Badcock, mas para aquele quadro. O retrato de uma mãe feliz, sorridente, segurando uma criança contente. O engano foi que, embora *houvesse* um presságio de desgraça no rosto de Marina Gregg, não era sobre *ela* que a desgraça viria a se abater. A desgraça viria para Heather. Heather estava condenada desde o primeiro momento em que começou a tagarelar e se exhibir sobre um incidente do passado.

— A senhora poderia ser um pouco mais clara? — pediu Dermot Craddock.

Miss Marple voltou-se para ele.

— Lógico que sim. Isso é algo sobre o qual o senhor não tinha conhecimento. Não haveria como ter, porque ninguém lhe contou o que foi que Heather Badcock disse exatamente.

— Mas me contaram — protestou Dermot. — Me contaram mais de uma vez. Várias pessoas me contaram o que ela disse.

— Sim — concordou Miss Marple —, mas não tem conhecimento porque, entenda, a própria Heather Badcock não contou a história para o *senhor*.

— Dificilmente ela teria como me contar considerando-se que estava morta quando cheguei aqui — disse Dermot.

— Muito bem — prosseguiu Miss Marple. — Tudo o que se sabe é que ela estava doente, levantou-se da cama e foi para alguma comemoração qualquer onde conheceu Marina Gregg, falou com ela, pediu e recebeu um autógrafo.

— Eu sei — afirmou Craddock com uma leve impaciência. — Já ouvi tudo isso antes.

— Mas não ouviu a única frase essencial, porque ninguém achou que fosse importante —

explicou Miss Marple. — Heather Badcock estava de cama... com *rubéola*.

— Rubéola? O que afinal isso tem a ver com qualquer coisa?

— É uma doença bem leve, de fato — disse Miss Marple. — Dificilmente faz com que a pessoa se sinta muito mal. Causa umas erupções cutâneas, fáceis de esconder com pó de arroz, e um pouco de febre, mas não muito. O doente se sente bem o suficiente para sair e encontrar pessoas se quiser fazer isso. E, é claro, quando a sra. Badcock repetiu tudo isso, o fato de que se tratava de rubéola não chamou a atenção de ninguém em particular. A sra. Bantry, por exemplo, apenas contou que Heather estivera doente de cama e mencionou catapora e urticária. O sr. Rudd aqui disse que era gripe, mas claro que fez isso de propósito. Mas, para mim, o que Heather Badcock contou para Marina Gregg foi que estava com rubéola e levantou-se da cama e foi conhecer Marina. E essa é a chave de todo o enigma, porque, compreendam, rubéola é extremamente contagiosa. As pessoas pegam isso com muita facilidade. E há um detalhe que precisa ser lembrado. Se uma mulher contrair a doença nos primeiros quatro meses de... — Miss Marple pronunciou a palavra seguinte com um leve decoro vitoriano — de... hã... gravidez, isso pode ter um efeito terrível. Pode fazer com que o feto nasça cego ou com problemas mentais.

Ela virou-se para Jason Rudd.

— Acho que estou correta em afirmar, sr. Rudd, que sua esposa teve um filho que nasceu com problemas mentais e que ela jamais se recuperou daquele choque. Sempre desejara ter um filho e, quando enfim a criança nasce, acontece aquela tragédia. Uma tragédia que ela jamais esqueceu, que nunca se permitiu esquecer e que a devorou como uma espécie de ferida profunda, uma obsessão.

— É bem verdade — disse Jason Rudd. — Marina teve rubéola no início da gravidez e o médico lhe disse que os problemas mentais do filho dela aconteceram por causa da doença. Não foi um caso de insanidade hereditária ou qualquer coisa parecida. Ele estava tentando ajudar, mas não acho que a tenha ajudado muito. Ela nunca soube como, quando, ou de quem contraíra a doença.

— Justamente — concordou Miss Marple. — Nunca soube até uma bela tarde neste lugar, quando uma completa estranha subiu aqueles degraus e lhe revelou o fato, contando, ainda por cima, com uma tremenda dose de satisfação! Com uma atitude de orgulho pelo que tinha feito! Ela pensava que tinha sido habilidosa, valente, e demonstrado muita coragem ao levantar da cama, cobrir o rosto de maquiagem e acompanhar as pessoas para cumprimentar a atriz de quem era fã e conseguir um autógrafa dela. Era algo de que ela se orgulhara a vida inteira. Heather Badcock não teve a intenção de fazer mal a ninguém. Nunca teve a intenção de

prejudicar, mas não há dúvida de que pessoas como Heather Badcock e como a minha velha amiga Alison Wilde são capazes de prejudicar muito aos outros porque lhes falta... não gentileza, gentileza elas têm... mas uma verdadeira consideração pela maneira como suas atitudes podem afetar os outros. Elas sempre pensavam no que uma ação significaria para *elas*, jamais parando para pensar no que significaria para outra pessoa.

Miss Marple balançou o queixo suavemente.

— Portanto ela morreu, entendam, por um motivo simples lá de seu passado. Precisam imaginar o que aquele momento significou para Marina Gregg. Acho que o sr. Rudd compreende muito bem. Acho que ela nutriu durante todos aqueles anos uma espécie de ódio pelo desconhecido que fora a causa de sua tragédia. E eis que, de repente, encontra aquela pessoa frente a frente. E é uma mulher alegre, divertida e toda prosa. Foi demais para ela. Se tivesse tido tempo de pensar, de se acalmar, de ser persuadida a relaxar... mas não se permitiu esse tempo. Ali estava a pessoa que destruíra sua felicidade e destruíra a sanidade e a saúde de seu filho. Quis puni-la. Quis matá-la. E, infelizmente, tinha os meios bem à mão. Tinha consigo aquele medicamento bem conhecido, Calmo. Uma droga um tanto perigosa porque exigia cuidado com a dosagem exata. Era muito fácil. Colocou a substância no seu próprio copo. Se por acaso alguém tivesse percebido o que estava fazendo, estaria provavelmente tão acostumado a vê-la pôr algo para se animar ou se acalmar em qualquer líquido que tivesse à mão que dificilmente perceberia. É possível que alguém tenha visto, mas duvido muito. Acho que a srta. Zielinsky não fez mais do que adivinhar. Marina Gregg deixa seu copo sobre a mesa e, em seguida, dá um jeito de esbarrar no braço de Heather Badcock, de modo que Heather derrama seu coquetel inteiro sobre o vestido novo. E foi então que entrou o elemento confuso, tudo porque as pessoas nunca se lembram de usar os pronomes corretamente.

“Isso me faz lembrar tanto daquela empregada sobre a qual estive lhe falando — comentou com Dermot. — Só ouvi o relato, entendam, sobre o que Gladys Dixon contara para Cherry, isto é, que estava preocupada com o estrago feito no vestido de Heather Badcock por causa do coquetel derramado. O que pareceu mais engraçado, ela disse, era que ela tinha feito aquilo de propósito. Mas “ela” a quem Gladys estava se referindo não era Heather Badcock, e sim Marina Gregg. Como Gladys dissera: ela fez de propósito! Esbarrou no braço de Heather. Não por acidente, mas porque tivera a *intenção* de fazer aquilo. Sabemos que ela deveria estar muito perto de Heather porque ouvimos a parte de que limpou tanto o vestido de Heather quanto o dela própria antes de empurrar seu copo de coquetel para a outra. Foi de fato — disse Miss Marple com ar meditativo — um assassinato muito perfeito; porque, entendam, foi cometido no impulso do momento, sem um tempo para pensar ou refletir. Queria Heather

Badcock morta e, poucos minutos depois, Heather Badcock estava morta. Marina não percebeu, quem sabe, a gravidade do que havia feito e sem dúvida não viu o perigo daquilo até mais tarde. Mas então voltou a si. Teve medo, um medo terrível. Medo de que alguém a tivesse visto dopar seu próprio copo, que alguém a tivesse visto esbarrar deliberadamente no cotovelo de Heather, medo de que alguém fosse acusá-la de ter envenenado Heather. Só enxergou uma saída. Insistir que o verdadeiro alvo do assassinato fora ela, que ela era a vítima desejada. Testou aquela ideia primeiro com o médico. Recusou-se a deixar que ele contasse para o marido, pois acho que ela sabia que o marido não se deixaria enganar, ela era capaz de coisas fantásticas. Escrevia bilhetes para si mesma e dava um jeito de encontrá-los em lugares extraordinários e em momentos extraordinários. Adulterou seu próprio café nos estúdios um dia. Fazia coisas que de fato poderiam tê-la exposto com facilidade, se alguém estivesse por acaso vendo por esse ângulo. Apenas uma pessoa conseguiu enxergar.”

Ela olhou para Jason Rudd.

— Essa é apenas uma teoria sua — disse ele.

— Pode colocar as coisas dessa maneira, se preferir — disse Miss Marple –, mas sabe muito bem, não sabe, sr. Rudd?, que estou dizendo a verdade. Sabe, porque sabia desde o início. Sabia porque ouviu aquela menção à rubéola. Sabia e entrou em desespero para protegê-la. Mas não compreendeu o quanto precisaria protegê-la. Não percebeu que não era apenas uma questão de abafar uma morte, a morte de uma mulher que, podemos dizer, foi justamente responsável pelo próprio fim. Mas ocorreram outras... a morte de Giuseppe, um chantagista, verdade, mas um ser humano. E a morte de Ella Zielinsky, de quem, imagino, o senhor gostava bastante. Estava frenético para proteger Marina e também para evitar que ela prejudicasse mais alguém. Tudo o que queria era levá-la em segurança para outro lugar. Tentou vigiá-la o tempo inteiro, para garantir que nada mais acontecesse.

Ela fez uma pausa e, então, se aproximando de Jason Rudd, encostou suavemente a mão no seu braço.

— Sinto muito pelo senhor — ela disse –, sinto muito. Entendo mesmo a agonia que tem passado. Gostava demais dela, não é?

Jason Rudd distanciou-se um pouco.

— Isso — respondeu –, acredito, é de conhecimento público.

— Era uma criatura tão linda — disse Miss Marple com doçura. — Tinha um dom tão maravilhoso. Tinha uma grande capacidade para amar e odiar, mas nenhuma estabilidade. Não conseguia deixar o passado para trás e não conseguia ver o futuro como de fato era, apenas como imaginava que fosse. Era uma grande atriz e uma mulher linda, mas muito infeliz. Que

maravilhosa Maria, rainha da Escócia, ela foi! Jamais vou me esquecer dela.

O sargento Tiddler apareceu subitamente na escada.

— Senhor — disse —, posso falar com o senhor um instante?

Craddock virou-se.

— Já volto — disse para Jason Rudd, depois foi em direção à escada.

— Lembre-se — Miss Marple falou alto para ele —, o pobre Arthur Badcock não tem nada a ver com isso. Veio até a festa porque queria ver de relance a garota com quem se casara tantos anos antes. Acho até que ela nem o reconheceu. Reconheceu? — perguntou para Jason Rudd.

Jason Rudd meneou a cabeça.

— Acho que não. Garanto que nunca comentou nada comigo. Não acho — acrescentou pensativo — que ela o reconheceria.

— Provavelmente não — concordou Miss Marple. — Enfim — concluiu —, ele é inocente quanto a querer matá-la ou qualquer coisa assim. Lembre-se disso — acrescentou para Dermot Craddock, enquanto este descia os degraus.

— Não está correndo nenhum perigo real, posso lhe garantir — disse Craddock —, mas é claro que, quando descobrimos que ele fora na verdade o primeiro marido da srta. Marina Gregg, naturalmente tínhamos de interrogá-lo sobre o assunto. Não se preocupe com ele, tia Jane — arrematou num murmúrio, depois se apressou em descer.

Miss Marple voltou-se para Jason Rudd. Ele estava parado ali como num torpor, com o olhar distante.

— Permitiria que eu a visse? — pediu Miss Marple.

Ele ponderou por alguns segundos, depois consentiu.

— Sim, pode vê-la. Parece... entendê-la muito bem.

Virou-se e Miss Marple o seguiu. Ele entrou primeiro no quarto grande e abriu um pouco as cortinas.

Marina Gregg estava deitada na imensidão branca da cama, tinha os olhos fechados, as mãos justapostas.

Era assim, pensou Miss Marple, que a Lady de Shalott deveria estar deitada no barco que a levou até Camelot. E lá, de pé, perdido em pensamentos, estava um homem com traços toscos e feios, que poderia se passar por um Lancelot mais moderno.

Miss Marple disse com delicadeza:

— Foi uma sorte para ela que... tenha tomado uma overdose. A morte era realmente a única saída que lhe restava. Sim... foi uma sorte que ela tenha tomado essa overdose... ou...

será que lhe foi dada?

Os olhos deles se encontraram, mas ele não disse nada.

Falou, então, de um jeito entrecortado:

— Ela era... tão adorável... e já sofrera tanto.

Miss Marple olhou mais uma vez para a figura imóvel.

Recitou docemente as últimas linhas do poema:

Ele disse: “Ela tem um rosto fascinante;

Deus em sua misericórdia conceda-lhe sua graça,

A Lady de Shalott”.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *The Mirror Crack'd from Side to Side*

Tradução: Petrucia Finkler

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd. 2008

Preparação: Gustavo de Azambuja Feix

Revisão: Simone Diefenbach

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479m

Christie, Agatha, 1890-1976

A maldição do espelho / Agatha Christie ; tradução de Petrucia Finkler. — Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

(Coleção L&PM POCKET, v. 1085)

Tradução de: *The Mirror Crack'd from Side to Side*

ISBN 978.85.254.2778-6

1. Ficção policial inglesa. I. Finkler, Petrucia. II. Título. III. Série.

12-7454. CDD: 823

CDU: 821.111-3

The Mirror Crack'd from Side to Side Copyright © 1963 Agatha Christie Limited. All rights reserved.

Agatha Christie, MARPLE are registered trademark of Agatha Christie Limited in the UK and/or elsewhere. All rights reserved.

www.agathachristie.com

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 — Floresta — 90220-180

Porto Alegre — RS — Brasil / Fone: 51.3225.5777 — Fax: 51.3221.5380

Pedidos & Depto. Comercial: vendas@lpm.com.br

Fale conosco: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[I](#)

[II](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[I](#)

[II](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[I](#)

[II](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[Capítulo 9](#)

[I](#)

[II](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[I](#)

[II](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[Capítulo 14](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

I

II

Capítulo 17

Capítulo 18

I

II

III

Capítulo 19

I

II

Capítulo 20

I

II

III

Capítulo 21

I

II

Capítulo 22

Capítulo 23